

JAQUELINE DE OLIVEIRA BRANDÃO

**A PRESENÇA DE EÇA DE QUEIRÓS E DE FRADIQUE MENDES
NO JORNAL PAULISTANO *O PIRRALHO* (1911-1918)**

ASSIS

2018

JAQUELINE DE OLIVEIRA BRANDÃO

**A PRESENÇA DE EÇA DE QUEIRÓS E DE FRADIQUE MENDES
NO JORNAL PAULISTANO *O PIRRALHO* (1911 – 1918)**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Mestra em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosane Gazolla Alves Feitosa

Bolsista: CNPq

ASSIS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

Brandão, Jaqueline de Oliveira
B817p A Presença de Eça de Queirós e de Fradique Mendes no
Jornal Paulistano *O Pirralho* (1911 – 1918) / Jaqueline de
Oliveira Brandão. Assis, 2018.
294 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr^a Rosane Gazolla Alves Feitosa

1. Literatura brasileira 2. Literatura portuguesa. 3. Quei-
roz, Eça de, 1845-1900. 4. Fradique, Mendes, 1893-1944. 5.
Periódicos brasileiros. I. Título.

CDD 809

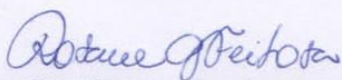
JAQUELINE DE OLIVEIRA BRANDÃO

**A PRESENÇA DE EÇA DE QUEIRÓS E DE FRADIQUE
MENDES NO JORNAL PAULISTANO 'O PIRRALHO' (1911-
1918)**

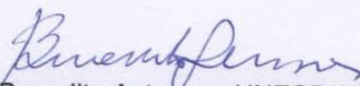
Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em LETRAS (Área de Conhecimento: LITERATURA E VIDA SOCIAL)

Data da Aprovação: 02/02/2018

COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: Profa. Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa - UNESP/ASSIS



Membros: Prof. Dr. Benedito Antunes - UNESP/ASSIS



Profa. Dra. Regina Célia dos Santos Alves - UEL/Londrina

À minha mamãe, que Deus recolheu.

Ao filho, que Deus me presenteou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

a Deus pela vida, sustento e sabedoria.

à minha mãe, que incessantemente pediu a Deus que me amparasse e hoje encontra-se junto d'Ele.

ao meu pai, que sempre sonhou em ter seus filhos formados.

ao meu esposo, que muito me ajudou, à sua maneira amorosa, me dando o apoio tão necessário.

ao meu filho, que no momento final da escrita desta dissertação o qual culminou com a descoberta de sua existência, me motivou a prosseguir e almejar um futuro ainda melhor.

aos meus irmãos Mauro Cezar de Oliveira, por não medir esforços em me assistir e Agnaldo de Oliveira pela torcida, assim como minhas cunhadas e sobrinhos.

à professora Rosane Gazolla Alves Feitosa por gentil e pacientemente ter orientado essa “eciana” principiante.

aos professores Álvaro Santos Simões Junior e Benedito Antunes pelas riquíssimas contribuições no Exame de Qualificação, que sem dúvidas foram cruciais para o curso desta dissertação - os eventuais equívocos que persistem aqui são de total responsabilidade desta que vos fala.

ao CNPq, cujo auxílio financeiro tornou possível esta pesquisa.

à equipe da Biblioteca “Acácio José Santa Rosa”, da UNESP de Assis, pela assistência sempre solícita, bem como aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, por proporcionarem preciosos ensinamentos e aos funcionários da seção de Pós-Graduação.

aos amigos que acompanharam a trajetória desta pesquisa: Juliane Luzia Camargo, Daniela de Oliveira Lima, Kézia Deyziele de Fátima Nogueira, Lurdes Micaelly Neris Ferreira, Aline de Oliveira Correia, Renata Jesreela de Oliveira Veneruci e por último, mas igualmente relevante, ao meu aluno Pedro Henrique Vaz de Almeida.

aos amigos “de infância” feitos no XXVI Congresso Internacional da ABRAPLIP.

àqueles que não citei aqui, mas que direta ou indiretamente me ajudaram através de palavras de ânimo e desejos sinceros de sucesso.

*“Adeus, minha amiga. Pela felicidade
incomparável que me deu – seja perpetuamente
bendita.”*

Eça de Queirós

BRANDÃO, Jaqueline de Oliveira. **A presença de Eça de Queirós e de Fradique Mendes no jornal paulistano *O Pirralho* (1911 - 1918)**. 2018. 294 f. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

RESUMO

A partir da fonte primária *O Pirralho* (1911-1918) podemos verificar a presença de Eça de Queirós (1845-1900) e, sobretudo, de sua personagem, Fradique Mendes, já que lhe foi reservado espaço expressivo em uma de suas enquetes literárias, que foi levada a cabo de dezembro de 1914 a maio de 1915 em dezesseis artigos-resposta. Nesse sentido, nossa dissertação objetiva confirmar a relevância da presença de Fradique Mendes, tal como de todo universo queirosiano no âmbito paulista, especialmente ao buscarmos comprovar a importância da enquete sobre a personagem realizada pelo periódico para a história da literatura luso-brasileira. Pretendemos, então, comentá-la sob a perspectiva da influência e permanência de Eça de Queirós entre nós. Sobre isso, nosso apoio teórico é respaldado em textos que versam sobre o período, especialmente *A vida literária no Brasil – 1900*, de Brito Broca. Sendo assim, nosso primeiro capítulo é o espaço destinado às contextualizações. Destacamos as principais facetas da cidade de São Paulo que vivia o auge da *belle époque*, marcada também pelo surgimento de uma “literatura de tonalidade paulistana” (CANDIDO, 2000), o que nos leva ao período literário comumente denominado de Pré-Modernismo. Além disso, preocupamo-nos em detalhar as gêneses d’*A correspondência de Fradique Mendes*, assim como a de seu protagonista, destacando especialmente o momento histórico e a fase literária em que foram concebidos. Para tanto, adotamos uma abordagem relacionada à obra considerada a bíblia do Decadentismo, *As avessas*, de J. K. Huysmans (1848-1907). No segundo e último capítulo, comentaremos *enquête* em pauta fundamentando as observações dos artigos-respostas que a compõem, com o propósito de avaliarmos Fradique Mendes por meio dos destaques de cada apreciação, sem deixar de levar em conta o contexto social em que ele se deu. Os dados biográficos dos respondentes também serão ponderados, visto que tais informações valorizam e singularizam a pesquisa, na medida em que interferem, estilisticamente, em suas respostas às enquetes.

Palavras-chave: Fradique Mendes. *O Pirralho*. Eça de Queirós. Enquete.

BRANDÃO, Jaqueline de Oliveira. **The presence of Eça de Queirós and Fradique Mendes in the paulistano newspaper *O Pirralho* (1911 – 1918).** 2018. 294 p. Dissertacion (Masters in Languages). São Paulo States University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2018.

ABSTRACT

Based on the primary source, the weekly, *O Pirralho* (1911-1918), we can verify the presence of Eça de Queirós (1845-1900) and, above all, his character, Fradique Mendes, since he was given significant space in one of its literary polls, which was carried out from December 1914 to May 1915 in sixteen articles-answer. In this sense, our dissertation aims to confirm the relevance of the presence of Fradique Mendes, as of all the Queirosian universe in the São Paulo context, especially as we try to prove the importance of the poll about the character performed by the periodical for the history of portuguese-brazilian literature. We intend, then, to comment on it from the perspective of the influence and permanence of Eça de Queirós among us. On this, our theoretical support is supported in texts that deal with the period, especially *A vida literária no Brasil -1900* by Brito Broca. So, our first chapter is the space for contextualization. We highlight the main facets of this city that lived the peak of *belle époque*, also marked by the emergence of a “literature of tonality from São Paulo” (CANDIDO, 2000), which brings us to the literary period commonly called Pre-Modernism, we consider that it was necessary to demonstrate the influence of Eça de Queirós and even of his character, Fradique Mendes, among the men of letters of the time in question. In addition, we are concerned with detailing the genres of *A correspondência de Fradique Mendes*, as well as that of its protagonist, especially highlighting the historical moment and the literary phase in which they were conceived. To do so, we adopt a work-related approach considered the bible of the Decadentism, *As avessas*, by J. K. Huysmans (1848-1907). In the second and last chapter, we will analyze the poll based on the observations of the articles-answer that compose it, with the purpose of evaluating Fradique Mendes through the highlights of each assessment, while taking into account the social context in which it occurred. The biographical data of the respondents will also be weighted, since such information values and singles out the research, as they stylistically interfere with their responses to poll.

Keywords: Fradique Mendes. *O Pirralho*. Eça de Queirós. Poll.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Capa da primeira edição - <i>O Pirralho</i> - 12 ag. 1911, n. 1, p. 1.....	31
Figura 2- <i>O Pirralho</i> - 12 ag. 1911, n.1, p. 3.....	32
Figura 3- <i>O Pirralho</i> - 14 nov. 1914, n. 161, p. 12.....	40
Figura 4- <i>O Pirralho</i> - 5 dez. 1914, n. 164, p. 12.....	41
Figura 5- <i>O Pirralho</i> - 2 jan. 1915, n. 168, p.5.....	43
Figura 6- <i>O Pirralho</i> - 23 jan. 1915, n.171, p. 16.....	44
Figura 7- <i>O Pirralho</i> - 9 jan. 1915, n.169, p. 6.....	45
Figura 8- <i>O Pirralho</i> - 23 jan. 1915, n. 176, p. 12.....	46
Figura 9- <i>O Pirralho</i> – 27 fev. 1915, n. 176, p. 3.....	49
Figura 10- <i>O Pirralho</i> -13 mar. 1915, n. 178, p. 6.....	50
Figura 11- <i>O Pirralho</i> - 5 jun. 1915, n. 190, p. 6.....	51
Figura 12- <i>O Pirralho</i> - 15 mai. 1915, n. 187, p. 7.....	52
Figura 13- <i>O Pirralho</i> - 15 mai. 1915, n. 187, p. 8.....	53
Figura 14- <i>A Semana</i> - 23 set. 1893, n. 7 e 8, p. 3.....	55
Figura 15- <i>A. B. C.</i> - 7 set. 1918, n. 183, p. 8.....	56
Figura 16- <i>A Notícia</i> - 31 dez. 1902, n. 310, p.3.....	57
Figura 17- <i>A Notícia</i> - 6 jan. 1904, n.5, p. 3.....	58
Figura 18- <i>Gazeta de Notícias</i> - 26 ago. 1888, n. 238, p. 1.....	63
Figura 19- <i>O Pirralho</i> - 30 set. 1916, n. 223, p.7.....	118
Figura 20- <i>O Comércio de São Paulo</i> - 17 jan. 1898, n. 1421, p. 1.....	119
Figura 21- <i>O Pirralho</i> - 4 out. 1913, n. 111, p. 6.....	131
Figura 22- <i>Correio Paulistano</i> - 17 de jul. 1907, n. 15776, p. 1.....	150
Figura 23- <i>Correio Paulistano</i> - 4 abr. 1940, n. 25791, p. 2.....	152
Figura 24- <i>O Pirralho</i> - 20 maio 1917, n. 238, p. 12.....	158
Figura 25- <i>O Pirralho</i> - 12 ago. 1911, n.1, p. 4.....	162

Figura 26- <i>O Estado de S. Paulo</i> - 29 jun. 1958, n. 25508, p. 9.....	166
Figura 27- <i>O Pirralho</i> - 28 fev. 1914, n. 132, p. 6.....	173
Figura 28- <i>A Cigarra</i> - último volume de 1918, n. 102, p.17.....	192
Figura 29- <i>O Pirralho</i> - 4 dez. 1911, n. 13, p. 6.....	197
Figura 30- <i>O Pirralho</i> - 10 out.1914, n. 156, p.5.....	199

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
CAPÍTULO PRIMEIRO - SÃO PAULO, O PIRRALHO, EÇA DE QUEIRÓS E FRADIQUE MENDES: INTER-RELAÇÕES.....	19
1.1- São Paulo: o tempo da inovação.....	19
1.1.1- São Paulo: o centro irradiador da modernidade.....	26
1.1.2- São Paulo e sua imprensa.....	28
1.2- <i>O Pirralho</i>	30
1.2.1- <i>As enquetes d'O Pirralho</i>	35
1.2.2- “A nossa <i>enquête</i> sobre Fradique Mendes”	39
1.3- Eça de Queirós: uma moda literária entre nós.....	55
1.3.1- Carlos Fradique Mendes.....	61
1.3.2- Fradique Mendes e o Decadentismo.....	66
1.3.3- <i>Às avessas</i> : uma novidade.....	71
1.3.4- <i>Às avessas</i> e <i>A correspondência de Fradique Mendes</i> : aproximações.....	73
CAPÍTULO 2 - O HERÓI D'A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES NA MIRA DE INTELLECTUAIS.....	85
2.1- Sr. Gomes dos Santos.....	85
2.2- Dr. Mello Nogueira.....	91
2.3- Amadeu Amaral.....	100
2.4- Octavio Augusto.....	112
2.5- Jacomino Define.....	118
2.6- Nuto Sant'Anna.....	125
2.7- Cláudio de Souza.....	129

2.8- G. de Andrade e Almeida.....	136
2.9- Pedro Rodrigues de Almeida.....	144
2.10- Ricardo Severo.....	149
2.11- Moacyr Pisa.....	156
2.12- Plínio Barreto.....	164
2.13- José Agudo.....	172
2.14- Monteiro Lobato.....	178
2.15- Adalgiso Pereira.....	190
2.16- Juó Bananére.....	196
2.17- Apanhado dos pareceres.....	209
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 216
 REFERÊNCIAS.....	 219
 ANEXOS.....	 224

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A proposta desta dissertação é a divulgação e o comentário dos textos escritos como resposta à enquete literária sobre Fradique Mendes realizada pelo jornal *O Pirralho*, em 1914-15, por jornalistas e escritores de relevo na imprensa paulistana, e assim evidenciar a importância de tais pareceres para a literatura luso-brasileira, já que, a partir deles, é-nos permitida a constatação e a confirmação da presença de Eça de Queirós através de sua personagem no âmbito brasileiro do período comumente denominado de *belle époque*.

Intencionando legitimar a afirmativa de que Eça de Queirós ainda mantinha o *status* de autor influente no Brasil durante as duas primeiras décadas do século XX, nos fundamentamos no texto de Brito Broca, *A vida literária no Brasil – 1900*, o qual declara que o escritor português, nessas décadas, era muito lido no Brasil.

Prova disso está exatamente no jornal paulistano, *O Pirralho*, que em suas páginas promoveu um inquérito literário, respondido por várias personalidades, que deram sua opinião sobre a personagem Fradique Mendes e assim nos permitiram perceber a recepção e o impacto do texto de Eça de Queirós por aqui.

Ainda em 1915, na revista *O Pirralho*, publicada em São Paulo, encontramos uma das últimas manifestações da moda de Eça de Queirós, num inquérito promovido por Oswald de Andrade, em que eram dirigidas aos escritores as seguintes perguntas: Acha Fradique Mendes um tipo representativo de vida superior? Em caso contrário, qual na sua opinião o tipo perfeito? Responderam, entre outros, Amadeu Amaral, Claudio de Sousa e Guilherme de Almeida – que então se assinava G. de Andrade e Almeida – todos enchendo mais de uma página da revista. (BROCA, 1956, p. 125)

Para que as considerações a respeito da enquete fosse mais significativa, percebemos a necessidade de fazer contextualizações dos principais elementos que permeiam a situação em que ela se deu, ou seja, a cidade de São Paulo dos anos finais do século XIX e iniciais do século XX, o jornal *O Pirralho*, a presença de Eça de Queirós na literatura brasileira e a origem d'*A correspondência de Fradique Mendes*, bem como de seu protagonista.

Sendo assim, para o desenvolvimento dessa dissertação optamos pela divisão em dois capítulos, que foram estruturados com base em uma sequência que parte do geral para o particular. A ordem que elegemos para a abordagem dos itens é exatamente a mesma que nos fez chegar ao tema, por essa razão nos parece mais coerente adotá-la.

O primeiro capítulo, à vista disso, será o espaço em que concentramos todas as questões contextuais. A cidade de São Paulo será aludida com base em seu aspecto histórico-cultural, o

que nos leva à imprensa paulista e, conseqüentemente, a' *O Pirralho*, já que tal periódico é tido como um dos mais significativos da época; nele constatamos a presença de Eça de Queirós, por meio de sua personagem Fradique Mendes, uma vez que ela havia sido objeto de uma das enquetes literárias do jornal, assim como mencionado.

Os pormenores de cunho genérico da cidade de São Paulo que, então, serão destacados, vão desde sua economia, política, cultura até literatura, visto que as transformações ocorridas na cidade nesse período foram expressivas em relação ao quadro geral da sociedade brasileira, uma vez que foi regido por elas.

A princípio, as transformações se deram em relação à cultura do café e, posteriormente, a tudo que a ela se referia, como a industrialização e o processo de urbanização, marcado pelo surto imigratório e formação de bairros operários, por exemplo. Além disso, a imprensa igualmente passa por mudanças e adquire um novo caráter, que esteve particularmente atrelado à literatura.

Nesse período, a literatura brasileira transita por transformações notáveis e a cidade de São Paulo contribuiu consideravelmente também para essa esfera. Ao explorar tal momento literário, adotaremos o termo Pré-Modernismo - apesar das controvérsias em torno dele - pelo simples fato de ser ele mais habitual em nosso meio acadêmico.

A apresentação do jornal *O Pirralho* também é assunto para o primeiro capítulo desta dissertação. Ocupamo-nos em esboçar suas especificidades, oriundas de seu caráter heterogêneo e inovador, que lhe rendeu *status* de um dos jornais mais influentes do momento.

Destacamos, inclusive, seu vínculo com a literatura, uma vez que tal periódico rompeu com as convenções e os valores formais num momento em que a nossa literatura superava um estágio de relativa inércia.

Dentre os formatos comuns de textos de imprensa, a enquete era um dos que adquiria mais repercussão n' *O Pirralho*; por isso, adentrarmos as características do modelo enquete em si, ao comentarmos a conceituação do gênero em concordância com os parâmetros jornalísticos.

Em seguida, dedicamo-nos especificamente à enquete sobre Fradique Mendes, ao apontarmos as intervenções realizadas sobre ela n' *O Pirralho*, que sucederam antes, durante e após a sua efetivação.

Ao tomarmos ciência de que as enquetes literárias eram práticas comuns na imprensa jornalística brasileira desse período, (como podemos comprovar o uso desse recurso em um dos jornais mais relevantes da época, a *Gazeta de Notícias*, em que João do Rio promoveu um dos

inquéritos mais expressivos, denominado “Momento literário”) tentamos, nessa etapa do trabalho, responder a uma indagação própria: Por que a personagem Fradique Mendes foi tomada como referência na enquete literária d’*O Pirralho*?

Dentre as várias possibilidades de resposta, encontramos nas próprias palavras do narrador-biógrafo de Fradique Mendes as melhores justificativas: “Fradique possuía esta superioridade inestimável, quase única na nossa geração - uma alma extremamente sensível, servida por um corpo extremamente forte.” (QUEIRÓS, 2012, p. 102); “Homem tão superiormente interessante em todas as suas manifestações de pensamento, de paixão, de sociabilidade e de ação” (idem, p. 120); “A superior inteligência de Fradique tinha o apoio duma cultura forte e rica” (idem, p. 81) e “Ninguém está mais superiormente apetrechado para triunfar na Arte e na Vida” (idem, p. 65).

Por essa perspectiva, podemos compreender o critério de seleção ponderado por Oswald de Andrade, especialmente porque Fradique Mendes pode ser apontado como o modelo perfeito do ser que carrega em si todos os atributos edificantes de um cosmopolita europeizado.

Fradique Mendes era o detentor das inúmeras condições tão cobiçadas entre as figuras que viam na beleza, no luxo e na modernidade um modo de vida a ser conquistado e usufruído. Tais indivíduos são os mesmos que dispunham das benesses da *belle époque*, que tinha como um de seus fundamentos a conquista de elementos tidos como civilizatórios.

Além disso, podemos verificar que a presença de Eça de Queirós foi marcante no Brasil e que ainda se fazia notável num momento em que a nossa literatura estava começando a exteriorizar mudanças, especialmente com a efetivação da Semana de Arte Moderna. Por isso, percorremos algumas evidências que comprovam a constante frequência do escritor português até chegarmos ao ponto que nos interessa - a enquete d’*O Pirralho*.

Como a enquete, que tinha na figura de Fradique Mendes o seu objeto de discussão, foi considerada uma das últimas manifestações da moda queirosiana que marcou tendência na literatura brasileira, priorizamos a necessidade de explorar as circunstâncias da criação dessa personagem, que não teve sua primeira aparição na obra *A correspondência de Fradique Mendes*.

No tocante a esse texto, comentamos sua natureza de obra semipóstuma, que teve sua publicação original dispersa através de anos, tanto em jornais de Portugal quanto do Brasil e, pelo motivo de tal narrativa apresentar um elo importante com o nosso país, em especial com a nossa imprensa, a revisitação de sua presença n’*O Pirralho* se faz pertinente.

Para suscitar as características d’*A correspondência de Fradique Mendes*, bem como de seu protagonista, fizemos um panorama sobre os princípios essenciais que marcam a gênese de

ambos. Preferimos adotar uma abordagem pautada no momento da composição da obra, circunscrito ao movimento Decadentista, especialmente através de aproximações com a composição que foi considerada a bíblia dessa corrente filosófica e artística - *Às avessas*, de J. K. Huysmans (1848-1907), publicada em 1884.

No segundo capítulo, enfocamos não somente aos comentários de cada artigo-resposta que compôs o inquérito literário que tomou por marco de referência o protagonista d'*A correspondência de Fradique Mendes*, mas também os colaboradores do jornal que atenderam ao convite para participarem dele. Esses intelectuais, além de emitirem opinião sobre Eça de Queirós, também contribuíram para a formação da crítica dessa obra.

Fez-se relevante o apontamento básico dos dados biográficos de cada um dos inquiridos para termos indícios de quem eram essas personalidades, que não foram exatamente críticos literários, mas tiveram papel semelhante, pois participaram da divulgação da literatura, da constituição da crítica daquele período em São Paulo e, de uma maneira ou de outra, contribuíram para as nossas Letras.

Em sua maioria, o conjunto de colaboradores que responderam à enquete eram escritores afamados e prestigiados em vida. Hoje em dia, no entanto, por mais que suas produções se mostrem singulares e fascinantes, passam despercebidos aos olhos da nova geração.

Em pesquisas realizadas sobre a vida e representatividade dos dezesseis participantes da enquete em questão, em especial no Dicionário de autores paulistas (1954) e no Dicionário literário brasileiro (1969), além dos jornais da época, escassos resultados foram encontrados; por isso, enxergamos nessa deficiência de informação uma oportunidade de divulgar alguns nomes de colaboradores da imprensa paulista, assim como suas atividades principais, já que, em sua maioria, tais jornalistas não mantinham nessa atividade a sua única e/ou principal profissão.

Para finalizar o capítulo, fizemos um apanhado geral baseado no exame das respostas à enquete, buscando destacar os aspectos que mais sobressaíram aos nossos olhos e que consideramos mais importantes para registrar a presença de Eça de Queirós nas primeiras décadas do século XX e todo seu legado através da representatividade de sua personagem Fradique Mendes.

Nossa dissertação é repleta de imagens que foram retiradas das fontes primárias para, entre outros motivos, ilustrar, esclarecer e comprovar nossas ponderações. Tais imagens sofreram algumas edições, quando necessário, (em seu tamanho, formato e cor) de modo a alcançar um nível de leitura satisfatório.

Além do mais, encontram-se anexas as imagens das páginas que contém os artigos-resposta à enquete retiradas d'*O Pirralho* para mostrarmos, assim, além de sua estruturação, o espaço de destaque atribuído pelo veículo a ela, já que sempre teve o mesmo lugar garantido em suas páginas e, ainda, proporcionar o contato, mesmo que através da reprodução, com essa fonte primária.

Optamos, também, por anexar tais respostas que compuseram a enquete de forma digitada, uma vez que as imagens digitalizadas das páginas do jornal podem não oferecer legibilidade proveitosa. Ademais, preferimos fazer as adequações e atualizações ortográficas, sempre que possível, de acordo com as regras vigentes.

CAPÍTULO PRIMEIRO

SÃO PAULO, O PIRRALHO, EÇA DE QUEIRÓS E FRADIQUE MENDES: INTER-RELAÇÕES

1.1 - São Paulo: o tempo da inovação.

A cidade de São Paulo, no preâmbulo do século XX, passa por transformações rumo à urbanização e industrialização, principalmente pelo fluxo imigratório ali instalado em decorrência da ascensão da produção agrícola-cafeeira, que favoreceu o advento comercial e econômico não só do estado, mas de todo o Brasil.

A exportação dos grãos por preços altos contribuiu para o fortalecimento da economia agroexportadora nacional que, agregada à criação de gado, atividade de destaque de Minas Gerais, instaurou o sistema designado como “política do café com leite”, que impactou todo o país.

A influência generalizada da política do café com leite proveio do princípio político conhecido como “a política dos governadores”, que foi um tratado entre os governos estadual e o federal, que intencionavam a supremacia no poder sem que sofressem qualquer tipo de oposição.

Os governos estaduais, especialmente os de São Paulo e Minas Gerais, que eram os grandes polos eleitorais do país e dominavam o setor agrário e pecuário, contribuíram para a eleição de bancadas pró-governo, através da fraude eleitoral presente nas ações dos líderes políticos do interior - os coronéis - e em troca recebiam o apoio irrestrito do governo federal.

A República Velha (1894-1930) assentava-se na hegemonia dos proprietários rurais de São Paulo e Minas Gerais, regendo-se pela política dos governadores, o café com leite, fórmula que reconhecia a lavoura cafeeira somada à pecuária o devido peso nas decisões econômicas e políticas do país. A solidez do regime dependia do equilíbrio entre produção e exportação de café. (LIMA, 1956, p. 303)

Com o advento do café, a variação em relação à densidade demográfica da cidade de São Paulo na passagem do século XIX se tornou considerável, já que entre 1890 e 1910, “a cidade é outra. Tem 70.000 habitantes naquela data; 240.000 nesta” (CANDIDO, 2010, p. 157).

Salvo a imigração e o impacto cultural já resultante, os produtores de café deixaram o interior para residirem na capital do estado e começaram a transformá-la conforme a vida

elitizada das famílias cafeeiras, que buscavam o decalque dos valores europeus, uma verdadeira cópia do velho mundo em tudo, desde o modo de falar e vestir, até o comer, beber e principalmente ostentar, demonstrando o caráter da nova São Paulo: egocêntrica e preconceituosa; enquanto o interior sofria intensamente por ser apartado das evoluções, explicitando a grave desigualdade social que se instalava:

Nos primeiros anos do século XX há [...] a tragédia do choque de culturas, graças à conjunção do acontecimento dramático da fervida imigração, [...] a opinião pública sentiu que a sociedade brasileira repousava sobre a contradição entre o progresso material das áreas urbanizadas e o atraso que marginalizava as populações isoladas do interior [...] se tratava de algo tão grave quanto a escravidão, que tinha sido abolida pouco antes. [...] A sociedade brasileira é assustadoramente desigual quanto aos níveis econômicos e aos graus do progresso técnico. (CANDIDO, 2010, p. 80)

Como suscitado por Candido, lembramos que a abolição da escravatura e o surto imigratório estão diretamente associados à lavoura cafeeira, tendo em vista que as leis escravagistas, como a “lei do ventre livre” e do “sexagenário”, coincidem com as transformações econômicas advindas da decadência da produção açucareira e o impulso do cultivo do café.

Ao ser expandida a produção do grão, os cafeicultores se viram com um *déficit* de mão de obra, já que a compra de escravos oriundos dos engenhos de açúcar não bastava. A questão se agravou assim que finalmente a abolição da escravatura foi efetivada.

Em função disso, o advento da imigração agrega-se ao cultivo do café, visto que os cafeicultores paulistas promoveram um regime de incentivo à imigração europeia, ao estipularem um acordo com os imigrantes, propondo-lhes acomodações e emprego no cultivo do grão, além da participação nos lucros obtidos das colheitas, as quais prometiam ser rentáveis por se tratar de terras férteis e contar com um clima favorável.

Esse tratado foi denominado como “sistema de parceria” e dava indícios de que seria um negócio justo para ambas as partes, até os colonos chegarem e se depararem com a árdua exploração de seus serviços por baixa remuneração, acharam-se, então, em condições de trabalho semelhantes aos dos escravos. Assim como já comentado, a segregação dessa nova camada, formada pelos trabalhadores envolvidos no cultivo do café, foi tão intensa quanto a ocorrida no período escravagista.

O cenário da cidade de São Paulo da época é marcado pelos intensivos contrastes culturais, uma vez que se transforma, de súbito, num dos núcleos urbanos mais desenvolvidos,

desde que a sociedade agrária abriu as portas para a industrialização - e muitas outras atividades ligadas a ela.

É o domínio comercial desempenhado no mercado internacional do café que incitou a vinda de pessoas de várias regiões do Brasil e do mundo em busca de uma melhor condição de vida, já que a cidade lhes proporcionava meios para conseguirem atingir seus objetivos. Esses contrastes têm como síntese contradições inusitadas, que moldaram a vida paulistana.

Em fins do século XIX, antes mesmo de abolida a escravidão, a imigração estrangeira passou a convergir de forma extraordinária para São Paulo. As condições climáticas, a penetração ferroviária, a fertilidade da terra atraíam singularmente o braço alienígena. No trabalho do sol, no rasgar estradas, no assentamento dos trilhos, na diversificação das atividades do comércio e da indústria, confundiram-se povos oriundos de numerosos países e também brasileiros de outras regiões. (DAMANTE, 1971, p.20)

Na capital paulista, os processos de industrialização e urbanização se acentuavam cada vez mais, principalmente com novas instalações de fábricas e indústrias e a partir dessas transformações o número de emprego gerado aumenta consideravelmente, formando mais uma fração da amálgama precursora das mazelas da modernidade instaurada na cidade de São Paulo, uma vez que tais processos trouxeram consigo um fluxo acentuado de operários, que formaram uma classe nova em bairros precários.

Essa recém camada populacional encontrou-se desorientada, pois, em busca de uma vida melhor, se viu frustrada ao ter de trabalhar exaustivamente e receber salário baixo, sem garantias pautadas em leis trabalhistas, por isso saíram à luta por melhores condições de trabalho e salário.

Lima (1956) também menciona a batalha dos operários, marcada pelas constantes greves, nesse período de avanço industrial, ao dizer que “os movimentos operários em São Paulo, durante a primeira guerra mundial e logo depois, eram sintomas de uma classe nova que já se debatia em angustiantes problemas de sobrevivência em fase de industrialização.” (LIMA, 1956, p. 305)

Sob essa perspectiva, a fisionomia da cidade de São Paulo começa a se transformar, não apenas pelo surgimento dos bairros operários, mas também porque recebe uma estrutura inédita de urbanismo por intermédio de planos inovadores, que partiam da rejeição de traços da arquitetura colonial, visando a regeneração do espaço por meio das eliminações dos ícones do colonialismo e implantações de elementos modernos.

À medida que as novidades tomavam conta do centro, a camada menos favorecida era empurrada para as periferias, onde já se encontravam os operários. O resultado de toda essa transfiguração foi um espaço híbrido, em que o antigo e o contemporâneo se mesclavam e o que sobressaía era a discrepância em todas as dimensões.

Enquanto a população carente era aglomerada num ambiente escasso, do outro lado a elite paulistana - em sua grande maioria os fazendeiros enriquecidos pela exportação de café - edificava um ambiente que emanava luxo, opulência e prestígio: mansões particulares, parques, teatros, ruas, bondes, viadutos de metal, enfim uma arquitetura urbana à moda europeia.

Nesse universo se manifestam as vanguardas artísticas e literárias, financiadas por essa pequena parcela erudita e abastada, que também se tornam símbolos nessa nova concepção de São Paulo:

Típico da nova era, São Paulo se caracteriza pela massa de imigrantes recebidos desde os anos de 1880 e por um setor culto da oligarquia, que patrocinou as manifestações da vanguarda artística e literária, de que foi um dos centros dominantes. (CANDIDO, 2010, p. 86)

Todas essas transformações e conquistas contribuíram para a construção de uma cidade que jamais seria a mesma, em que os velhos costumes eram trocados por outros que carregavam consigo a marca do progresso e da modernidade. Nesse contexto de tensão entre o legado colonial e o dinamismo cosmopolita caracteriza-se o que hoje chamamos de *belle époque* paulistana.

Pródiga em novidades técnicas gerando um clima de euforia, a Belle Époque pode ser localizada num quadrante de relativa paz social e prosperidade econômica, situado entre fins do século XIX e a Primeira Guerra Mundial, cujas proporções devastadoras viriam, de modo trágico, encerrar a idade da inocência. O brilho dessa fase anunciava-se por meio de mutações, multiplicação das inovações e metamorfoses que desenhavam os contornos da modernidade. (CAMARGOS, 2011, p. 21)

Apesar de todo o conforto usufruído pela camada abastada que desfrutava das benesses da *belle époque*, havia, por outro lado, os desfavorecidos, por isso cabe dizer que toda a opulência do período mascarava a verdadeira condição do progresso da sociedade.

Nesse período de relativo progresso, destacam-se as mansões particulares que agora contavam com os mais inovadores utensílios, como a lâmpada, almejados e adquiridos por todos da fina flor paulistana; além disso, possuíam salões próprios para danças e músicas

eruditas, onde se reunia a *high society*. Todos esses benefícios só foram possíveis pela exportação do café e pelo desenvolvimento industrial.

Essa época era desfrutada por aqueles que dispunham de privilégios financeiros e tempo disponível, no caso, pelos dândis. A figura do dândi - na qual nos deteremos com profundidade mais adiante - é representada por aqueles que sentem a necessidade de se sobressair, através de modos e gostos requintados, e em especial pelo visual, tão singular e característico, que os fazem se destacar do resto da população. No intuito de se sentirem únicos e a par com a modernidade, eles esculpam a própria imagem de forma tão exuberante que acabavam por ditar moda.

Ao mesmo tempo, diante de um processo avassalador de homogeneização social, trazido pela paulatina emergência da sociedade de massas, o próprio indivíduo passava a se preocupar com a aparência, assinalando os traços característicos capazes de distingui-los da multidão. Ser moderno era poder modelar o próprio corpo, transfigurando a própria natureza. Nas novas formas de sociabilidade urbana, as referências da identidade pessoal contavam muito. Roupas bordadas com as iniciais, joias personalizadas, guardanapos e louças com inscrição dos nomes, diários íntimos, álbuns de fotografia compõem um vasto campo de sinais e emblemas que dão destaque à individualidade, assim como ao nome da família. Se a vontade de se distinguir do outro, de marcar sua diferença contrariava o esquadrinhamento homogeneizante do poder, ao mesmo tempo tornava-se parte de uma nova sensibilidade urbana, onde os cuidados de si exigiam novos modos de elaboração da própria subjetividade. O dandy tornava-se uma referência fascinante também em São Paulo. (RAGO, 2004, p.405)

Hauser (1972) esclarece que os trajes elegantes e os modos requintados de um dândi não são o que realmente interessa, mas por contar com a opulência e manter uma postura frívola, o importante, na verdade, é a sua “superioridade íntima e a independência, a inobjetividade prática e o desinteresse da vida e da ação”. Para isso utiliza-se das explicações de Baudelaire para evidenciar as singularidades da filosofia do dandismo:

Para Baudelaire, o dandy é a acusação viva de uma democracia estandardizada. Reúne em si todas as virtudes do cavalheirismo ainda hoje possíveis; está sempre a altura de qualquer situação e nada o assombra; nunca é vulgar e conserva sempre o sorriso frio e estoico. (HAUSER, 1972, p. 1087).

Portanto, os hábitos e costumes requintados característicos da *belle époque* eram bem desfrutados por aqueles que possuíam características semelhantes às dos dândis, assim como evidencia Marcia Camargos: “Era uma época inegavelmente interessante, mas vantajosa, sobretudo, para a parcela da população que dispunha de tempo ocioso e rendimento farto para

usufruir as benesses materiais, intelectuais e artísticas proporcionadas pelo desenvolvimento industrial de um capitalismo em seus primórdios.” (CAMARGOS, 2011, p. 21)

A desigualdade na cidade de São Paulo já vigorava, as discrepâncias em relação às camadas populacionais desfavorecidas que foram empurradas para os subúrbios, o grande volume de imigrantes acolhido e também a classe operária que crescia excessivamente, quando comparadas principalmente às riquezas dos senhores do café, demonstram um resultado negativo perante as modificações ocorridas nesse âmbito, que já dava sinais do seu caráter irreversível.

São Paulo se torna uma cidade construída a partir de ambiguidades, já que o centro do progresso e do trabalho em processo acelerado de industrialização e modernização é também, para além do desenvolvimento socioeconômico, uma cidade que produzia conflitos, tensões, repressões e resistências.

Das autoridades públicas, os flagelados só recebiam indiferença, como se o caos envolvesse apenas pessoas distantes e estranhas, nesse caso, o processo de metropolização trazia consigo um estranhamento inerente:

De tal modo o estranhamento se impunha e era difuso, que envolvia a própria identidade da cidade. Afinal, São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros, nem de brasileiros; nem americana, nem europeia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente das fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância crucial do café; não era tropical, nem subtropical; não era ainda moderna, mas já não tinha passado. Essa cidade que brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-lo como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados. (SEVCENKO, 1992, p.31)

Desde a imposição de padrões considerados civilizados de condutas adotadas pelo sistema patriarcal da elite cafeicultora, até a tentativa de eliminar as diferenças culturais oriundas do encontro de várias regiões e nacionalidades com o fluxo de imigrantes europeus, de ex-escravos e de operários, que muitas vezes eram os migrantes rurais, demonstram que os sinais do êxito urbano não encobrem os altos custos pagos pelas transformações marcadas também por hostilidades e práticas nocivas voltadas a algumas parcelas da sociedade provenientes da racionalidade burguesa, nem mesmo o título de “Capital artística do Brasil”.

A diversificação do elemento étnico teve, forçosamente, considerável influência na modificação dos usos e costumes da sociedade patriarcal de antanho, contribuindo notavelmente a certa altura, para a elevação dos padrões culturais. Em princípios deste século, São Paulo foi chamada “a Capital

artística do Brasil” e produziu em 1922, a Semana de Arte Moderna, um típica reação nacionalista. (DAMANTE, 1971, p. 20)

Quando o assunto é arte, especialmente a literatura, o sistema patriarcal, além de constatar a necessidade de se distinguir do resto da sociedade buscando nas artes a elevação intelectual, acabava por promover o progresso dos princípios culturais da cidade.

Nota-se também, entre os literatos, que houve em São Paulo um constante duelo entre os que defendiam as tendências conservadoras e outros que propunham uma ação renovadora e que criavam abundantemente, chegando a encurralar a “literatura oficial no academismo mais estéril, e abrir caminho para a literatura nova, que dominaria completamente nossos dias.” (CANDIDO, 2000, p.161)

O primeiro delineamento de uma literatura paulistana surge nesse contexto em que a cidade conta apenas com anseios de algumas pessoas em demonstrar os valores locais. Pouco mais tarde, um conjunto, que apesar de pertencer à cidade, é “espiritualmente alheio” a ela, começa a desenvolver uma atividade literária, porém não com a força necessária, já que não conta com uma expressão literária original, mas que tem sua significância, visto que “dá lugar a certas tendências que floresceriam mais tarde”. (idem, p. 166)

“Surge pela primeira vez uma literatura de tonalidade paulistana” a partir do momento em que um grupo organizado de estudantes e “solidariamente justaposto à cidade” alcança uma “atmosfera espiritual altamente condutora, que o segrega da comunidade”, (idem, p. 166).

Essa nova dinâmica já pode ser considerada uma expressão precursora da literatura paulistana, posto que abriu caminhos para novas tendências literárias, não apenas no âmbito acadêmico, uma vez que possibilitou a associação de vários outros escritores nessa comunidade.

A arte literária, a princípio, era adaptada aos padrões da classe dominante, mas posteriormente, com sua aceitação e notoriedade, atinge as outras camadas e passa a ser um elemento da ordem social, na medida em que a literatura é fundida à vida da sociedade. Como evidencia Candido:

Um grupo virtual, bruxuleando na cidade indiferente; um grupo ordenado, estabelecendo a tradição literária; um grupo ordenado e vivo, criando uma expressão à margem da cidade; a cidade absorvendo este grupo e chamando a si a atividade literária, que se ordena pelos padrões eruditos da burguesia culta; da cidade surgindo um grupo que rompe esta dependência de classe e, quebrando as barreiras acadêmicas, faz da literatura um bem de todos. Há uma história da literatura que se projeta na cidade de S. Paulo; e há uma história da cidade de S. Paulo que se projeta na literatura. (CANDIDO, 2000, p. 167)

Nesse frenesi todo, a imprensa jornalística é aprimorada, passa a ter feições de grande empresa e demonstra uma solida aliança com a literatura, uma vez que os escritores se refugiavam nos jornais e revistas para garantirem, até mesmo, o sustento, já que a publicação em livro não era uma prática vantajosa.

1.1.1- São Paulo: centro irradiador da modernidade

Desde a proclamação da república já se inaugurava uma concepção de vida arrojada, visto que instaurou-se um modo de pensar e agir inéditos, pois sendo a I República “fundada por uma mentalidade positivista, agnóstica e liberal” (BOSI, 1969, p. 12) o comportamento da sociedade é transformado conforme os novos ideais, os mesmos instauradores do Pré-Modernismo.

Portanto, a consolidação do regime político republicano não tem apenas uma interferência acerca dos princípios políticos, como também no domínio cultural, pois há a insistência em prosseguir desfrutando da mentalidade das quatro décadas finais do século XIX, ou seja, dos fundamentos parnasianos, visto que a corrente simbolista não havia se aprofundado no âmago dos intelectuais. Talvez por isso a literatura brasileira aparentava viver momentos de prostração.

Tal condição começou a se transformar em torno da Semana de Arte Moderna, conforme pondera Bosi ao dizer que “[...] só por volta de 1922, quando as várias tendências do pensamento e da arte europeia afetaram a consciência brasileira, é que será compreendida e assimilada a verdadeira revolução espiritual e estética que trazia em seu bojo o Simbolismo”. (BOSI, 1969, p. 12)

A literatura começa a passar, nesse período, por momentos decisivos e profícuos. São Paulo começa a se inserir decisivamente nesse ramo, já que o Rio de Janeiro ainda é o centro irradiador de grande parte do que há de novo.

Esses primeiros anos do século XX (momento de grandes transformações materiais e sociais) foram fecundos e desiguais na literatura. A vida literária [...] conheceu um período de grande sociabilidade, com a moda das conferências, a multiplicação de jornais e revistas, o número crescente de poetas, narradores, ensaístas. (CANDIDO, 2010, p. 82)

Esse efêmero, mas singular momento da história da literatura brasileira ficou conhecido como Pré-Modernismo. A expressão foi originalmente criada pelo pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, Tristão de Ataíde para designar esse período literário composto por muita

heterogeneidade de pensamentos, tendências e doutrinas; por isso, adquire um caráter complexo.

Contudo, ao salientar suas relações com o Modernismo, que é mais reconhecido e valorizado pelas inovações instauradas a partir da Semana de Arte Moderna, o Pré-Modernismo acaba por ser caracterizado apenas como seu precursor.

José Paulo Paes (1985), no texto “O *art nouveau* na literatura brasileira”, percorre os conceitos retomados por alguns historiadores literários relativos ao termo “Pré-Modernismo”, na intenção de sintetizar e estabelecer uma definição através do que já foi dito sobre tal período da nossa literatura.

Para isso, propõe a transposição do conceito *art nouveau* (ou arte nova) oriundo das artes visuais, para a seara da arte literária e justifica sua aplicabilidade à parcela significativa da produção literária brasileira entre os anos de 1890 e 1920. Paes evidencia, ainda, que o estilo artenovista é partilhado em diferentes artes e aspectos da vida desse período conhecido como *belle époque*.

O surgimento do *art nouveau* não se deu através de manifestos e teorias radicais “afirmou-se, antes, pela silenciosa mas eloquente atividade criadora de artistas de vários países europeus que, sem estar propriamente arregimentados num movimento ou escola, tinham em comum o empenho de reagir contra o academicismo” (PAES, 1985, p. 65) e produziam em harmonia, no tocante aos princípios estilísticos.

O *art nouveau* é a expressão artística mais representativa da vida da *belle époque*, uma vez que o período emanava a opulência proveniente do estilo de vida da camada burguesa, que a cada dia se tornava mais próspera, o que explica a inclinação ao ornamento:

Embora não seja fácil destacar características comuns na grande variedade de manifestações da arte nova, pode-se dizer que foi a arte típica da chamada *belle époque*, isto é, daquele longo interregno de paz que se estendeu de 1870 até a Primeira Guerra Mundial e durante o qual prosperou uma rica sociedade burguesa, brilhante e fútil, amante do luxo, do conforto, dos prazeres, em cujas camadas mais cultas os artífices do *art nouveau* encontram os seus clientes de eleição. (PAES, 1985, p. 67)

O momento histórico brasileiro correspondia consideravelmente a esse novo estilo de vida e de arte em voga na Europa, uma vez que, também por aqui, verificava-se uma espécie de *belle époque*.

O *art nouveau*, então, foi importado e logo se difundiu pelo nosso país, já que “imitado por toda parte, marcou indelevelmente a nossa paisagem urbana e a nossa vida mundana,

artística e literária, definindo o *Zeitgeist* do Pré-Modernismo” (PAES, 1985, p. 70). Assim como já assinalou Flávio L. Motta, ao dizer que:

[O *art nouveau*] compôs grande parte da nossa paisagem e dos nossos ambientes; esteve nas salas de refeições, nos escritórios, nas praças, nos cemitérios, nas ferrovias, nos costumes e nas revistas tipo *Seleta*, *Careta*, *Fonfon*, *Vida Moderna*, *Kosmos*, *Pirralho* etc. (MOTTA, 1957 apud PAES, 1985, p. 70)

Por esses motivos e demonstrando seu dinamismo e força, São Paulo começa a se tornar o centro mais significativo de referência social e cultural do país, levando em consideração sua presença na literatura e se destacando como cenário de momentos de avanços marcantes na história do país.

Assim sendo, desde o ciclo do café, sua composição heterogênea, a intensa industrialização e o fastígio artístico a cidade de São Paulo atinge seu ápice, ao ser elevada ao posto de maior cidade do país, tanto demográfica e econômica quanto culturalmente.

1.1.2- São Paulo e sua imprensa

Nesse momento de modernização da cidade, de surgimento de novos hábitos, inclusive literários, a imprensa jornalística tem papel primordial, pois, nessa passagem de século, ela também se transforma, passando da pequena à grande imprensa, uma vez que conquista o aprimoramento em termos técnicos e editoriais, deixando de ser simples folhas tipográficas para tornarem-se grandes empresas jornalísticas.

Sendo assim, “os fatores comunicacionais [...] também funcionaram como alavancas do desenvolvimento” (MELO, 2007, p. 13) de São Paulo, que a essa altura conquistava a hegemonia em todos os setores, especialmente no econômico, posto que “a acumulação capitalista, responsável pela aceleração industrial [...] transformou esta região no maior pólo econômico da América Latina” (idem, p.13).

O plano da circulação é positivamente afetado, uma vez que as relações entre os jornais e seus anunciantes - em sua maioria os comerciantes em ascensão - tomaram proporções mais significativas para ambas as partes.

O vínculo com leitores também foi aperfeiçoado, dado que a vida da burguesia na metrópole que crescia era focada e a política começava a ser amplamente abordada; no entanto, é ao avanço das relações capitalistas que se deve toda essa transformação.

A imprensa começa a apresentar seu traço burguês e harmonizar-se com o poder político, já que é possível a compra de sua opinião. Sendo assim, ela toma partido e faz campanhas, porém surgem jornais de áspera oposição, que confrontam aqueles que são subordinados ao poder.

Além do mais o comércio se fortalece, uma vez que, fora a política do café com leite, é no comércio que ocorrem as principais relações pré-capitalistas. “Assim, as forças que dominavam a imprensa do tempo eram o Estado e o capital comercial” (SODRÉ, 1966, p. 321).

No começo do século XX, a literatura e a imprensa se emaranhavam, por esse motivo os jornais são precários e inexpressivos, uma vez que “o noticiário era redigido de forma difícil, empolada. O jornalismo feito ainda por literatos é confundido com literatura, e no pior sentido” (idem, p. 323).

Ademais, a literatura cor de rosa desponha, fazendo sucesso perante o público, especialmente o feminino; no entanto, os anúncios publicitários evoluíam, eram bem elaborados, pois recebiam qualidade literária, já que eram produzidos por alguns escritores, dos quais se destaca Olavo Bilac.

Uma vez consolidada a República e definitivamente extinta a Monarquia, surge, entretanto, o domínio das oligarquias; por outro lado o país já apresentava sinais de estagnação, pois houve uma significativa pausa em seu desenvolvimento econômico.

Além disso, ainda era possível vislumbrar “uma fase de repouso, de empobrecimento, de esterilidade em nossas letras” e “o que caracteriza a época, no domínio da literatura, é a alienação” (idem, p. 330-1), já que o máximo que os intelectuais faziam para aprimorar as manifestações literárias era se inspirarem nas produções europeias, na verdade realizavam uma imitação deliberada delas, tendo como exemplo grande parte da criação Naturalista brasileira, que adquiriu o aspecto de puro anacronismo.

Muitos escritores, de então, afundavam-se no bizantinismo e o esgotamento próprios de sociedades decadentes, demonstrando mais uma vez a importação de preceitos, dessa vez dos traços decadentistas.

A publicação em livro não era uma atividade lucrativa, tampouco delegava notabilidade, por isso muitos escritores buscavam nos jornais o que não encontravam nos livros. Assim, nesse período, a “imprensa [...] vive tanto da literatura, como esta vive da imprensa” (idem, p. 336).

No entanto, as relações capitalistas começam a exigir ainda mais transformações na imprensa, que aos poucos são introduzidas, como a extinção do folhetim e a ascensão do

colunismo, substituído, em seguida, pela reportagem, além dos destaques aos assuntos esportivos, policiais e mundanos.

Nesse caso, “aos homens de letras, a imprensa impõe, agora, que escrevam menos colaborações assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagens, entrevistas, notícias.” (Idem, p.340)

No decurso desse processo, alastram-se as revistas ilustradas, com uma vertente mais inovadora, nas quais os letrados se refugiam e aplicam a elas um caráter essencialmente literário, mas que mantinham o cunho crítico e o mundano.

Nesse contexto, surgem, na segunda década do século, as revistas mais influentes, como “*O Pirralho*, dirigida por Dolor de Brito e Oswald de Andrade, de tom humorístico, social e político, além de literário e em que Alexandre Marcondes Machado celebra o pseudônimo de *Juó Bananére*”. (Idem, p. 342-3)

1.2- *O Pirralho*.

O Pirralho foi um jornal, mas também pode ser considerado como revista ilustrada, que perdurou durante pouco mais de sete anos da segunda década do século XX, mais especificamente, de 12 de agosto de 1911 a 23 de fevereiro de 1918. Seu primeiro número foi lançado tendo como seus fundadores e diretores Dolor de Brito Franco e Oswald de Andrade, o verdadeiro idealizador do jornal.

Com certa dificuldade financeira, diga-se de passagem, foi que o jovem Oswald de Andrade conseguiu fundar tal revista; para isso contou com o apoio financeiro de seu pai, além do incentivo e da inventividade de sua mãe.

Na tentativa de garantir o sucesso de seu jornal, Oswald desfrutou da habilidade de um dos maiores caricaturistas da época, Voltolino, e dispôs da colaboração de alguns letrados com os quais tinha vínculo:

Foi o semanário paulista *O Pirralho*, que fundei e dirigi sob a égide financeira de meu pai. Mamãe, com sua imaginação amazônica, pôs lenha na fogueira. Tendo um caricaturista de primeira ordem, Voltolino, e ligando-me a um grupo de “literatos”, lancei o semanário com êxito. *O Pirralho* teve sua redação à Rua 15 de Novembro, 50B, sobrado. Era uma simples sala ao fundo de um corredor, para onde minha mãe fizera transferir uma escrivaninha, um sofá e parte das cadeiras de casa. (ANDRADE, 1990, p. 64)

O surgimento d’*O Pirralho* está estritamente atrelado às transformações que proporcionaram a entrada da cidade de São Paulo na modernidade, já que nesse período único,

denominado de *belle époque* paulistana, as concepções europeizadas eram importadas e inseridas no ideário de seus cidadãos e, nesse quesito, as publicações desse jornal, desde seu início, já mostravam ser uma ampla porta de acesso.

O Pirralho é um jornal voltado para a classe média alta, a dita elite paulistana. Simbolicamente sua redação fica no centro de São Paulo, espécie de Broadway paulistana; tipicamente conservador, está sintonizado com a literatice que se praticava na época. A preocupação do período era muito mais apresentar o Teatro Municipal e o centro do que os bairros operários, a periferia, onde os imigrantes construíam a indústria de São Paulo.

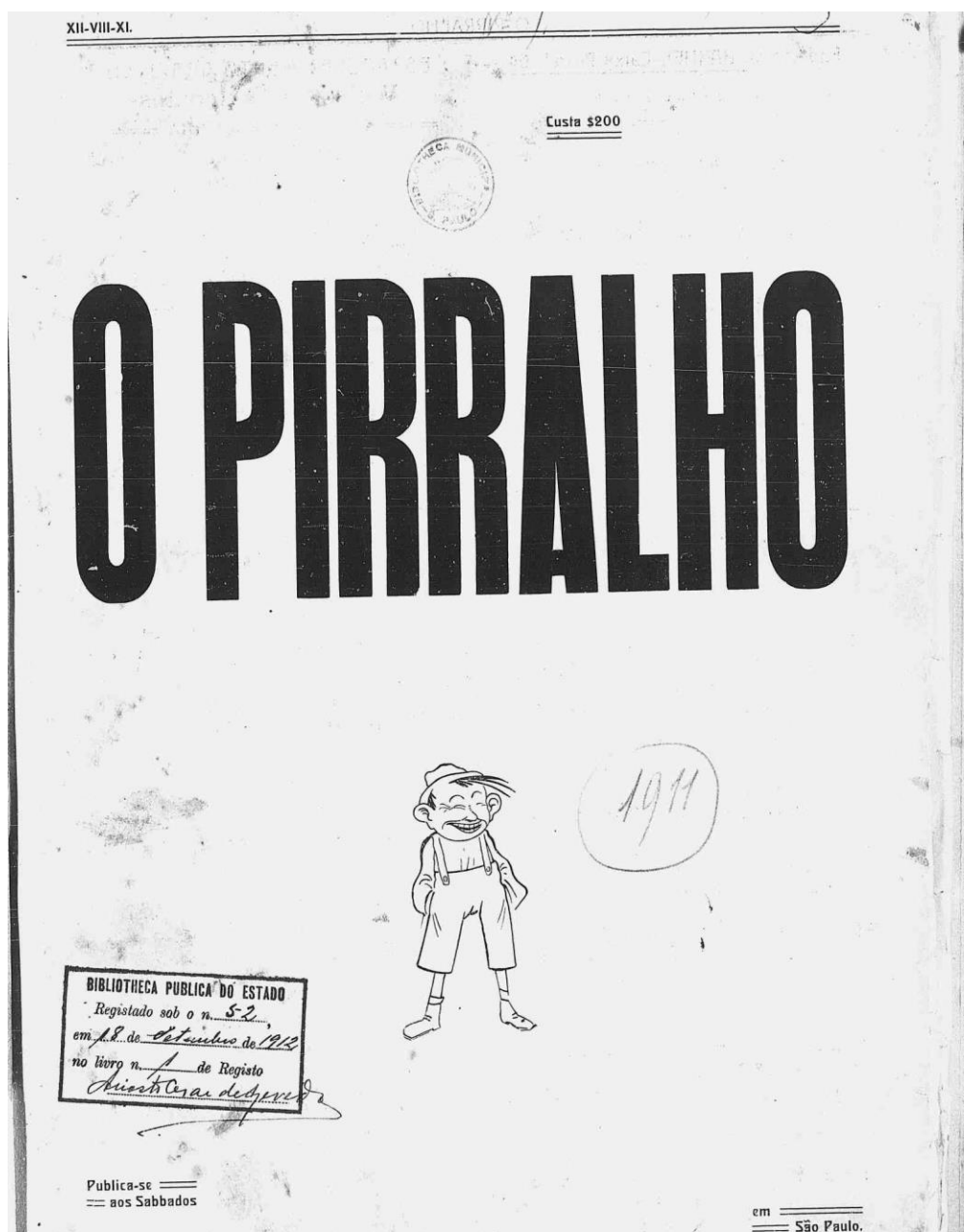


Figura 1 - Capa da primeira edição - *O Pirralho*- 12 ag. 1911, n. 1, p. 1.



Figura 2 - *O Pirralho* - 12 ag. 1911, n. 1, p. 3.

Nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX, a imprensa se tornava a melhor alternativa frente à fragilidade da indústria livreira para os escritores da época. Em função disso, *O Pirralho*, assim como outros periódicos, foi uma opção significativa para os literatos divulgarem seus trabalhos e também uma fonte de sustento.

Além disso, *O Pirralho* contribuiu demasiadamente para os jovens precursores no domínio da literatura terem suas publicações nos mesmos veículos onde escreviam ilustres da literatura nacional e internacional. Portanto, jornais e revistas desse período tiveram um papel importante no suporte aos escritores consagrados e na formação de precursores no mundo das letras dessa geração.

Esse foi um dos motivos pelos quais *O Pirralho* possuía a peculiaridade de ser literário, uma vez que dispunha de colaborações de inúmeros escritores, que tinham suas vidas vinculadas ao jornalismo, assim como era de costume na época. Mas com o passar do tempo, a vertente literária se torna cada vez mais inovadora e forte nesse jornal, principalmente por quebrar os paradigmas convencionais.

Seu reconhecimento literário se daria, então, especialmente pelos méritos alcançados por Alexandre Marcondes Machado, que através de seu pseudônimo, Juó Bananére, criou um universo autônomo, que consagrou as páginas d'*O Pirralho*.

Esse semanário adota, a partir de então, certa postura ambígua; a voz de Juó Bananére é dissonante mesmo estando dentro d'*O Pirralho*, embora Alexandre Machado fosse uma pessoa elegantíssima, amigo de Oswald de Andrade, ele cria uma persona que era a figura do imigrante. É curioso que Bananére começa a escrever para *O Pirralho* enviando cartas d'*Abax'o Piques*, ou seja, até geograficamente rebaixado.

Sua presença n’*O Pirralho* era tão dissonante que chega a ser expulso por atacar violentamente Olavo Bilac - tido como o príncipe dos poetas, o grande militante da identidade brasileira, - não apenas através de suas paródias poéticas, mas especialmente ao empregar a ironia no discurso de Bilac na Faculdade de Direito. Sendo assim, cria uma situação que é muito contraditória com a proposta do jornal.

Nesse sentido, o próprio *Pirralho* tem essa tensão entre autores. Há aqueles que tentam quebrar um clima mais sério que pairava em suas páginas, especialmente através das crônicas macarrônicas, com linguajar caipira, ou que imitava o sotaque lusitano; tais posturas ficavam um pouco a margem e de alguma forma questionável dentro daquele ambiente mais sério, já que a postura d’*O Pirralho* era mais tradicional, mesmo porque muitos dos seus colaboradores eram Simbolistas e era a *belle époque* que estava sendo apresentada.

O período do Pré-Modernismo igualmente é ambíguo, já que não é apenas o momento que antecede o Modernismo de uma forma tranquila. A vista disso, a discussão que Paes levanta sobre tal fase é mais complexa, porque de fato se tem a literatura chamada de “sorriso da sociedade”, reconhecida pelo modismo em que cabe a discussão do Decadentismo, mas se tem também a literatura de outra vertente, que é a regionalista, aquela mais social.

O próprio Bosi destaca que o Pré-Modernismo pode ser um conceito cronológico, que antecipa o Modernismo, que surgirá a partir de 1922, mas também destaca que há uma novidade em termos temáticos e formais, especialmente os temáticos que podemos encontrar em Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Lima Barreto, João do Rio e Juó Bananére, que estão questionando essa ideologia da literatice.

A postura única tomada pelo jornal permitiu que as portas para o inovador fossem abertas; dessa maneira, os elementos paródicos e satíricos das crônicas de Juó Bananére prenunciavam o Modernismo, assim como lembra Broca ao dizer que suas crônicas “preparavam terreno para o Modernismo, ridicularizando muitos dos valores formais, em que repousava então a nossa literatura” (BROCA, 1954, p. 240).

O caráter ambivalente d’*O Pirralho* acabou fazendo com que a imprensa periódica fosse inovada, pois, diferentemente dos outros veículos de vertentes tradicionais, *O Pirralho* contava com uma linguagem informal e irreverente, repleta de abordagens satíricas, principalmente através de textos paródicos que tinham como embasamento os mais variados aspectos da vida paulistana, o que lhe conferia o caráter humorístico.

Dentre os assuntos englobados em suas páginas estavam os que mais movimentavam o contexto da *belle époque* paulistana, ou seja, os esportivos, os políticos, os sociais, os mundanos e os literários.

Sendo assim, *O Pirralho*, desde sua origem, já dava sinais de sua grande relevância no domínio literário, porque, além de contar com a colaboração de literatos em todos os tipos de publicações, em suas páginas, nunca deixou de haver espaço reservado para folhetins, poemas, crônicas, teatro, críticas e enquetes literárias.

Apesar de seu caráter literário, *O Pirralho* não mantinha apenas os robustos e sisudos padrões formais da cultura letrada, já que a irreverência e a linguagem coloquial tomavam conta das suas publicações.

Além disso, os elementos visuais, que eram tão característicos (como as caricaturas), asseguravam um aspecto mais leve, calcado especialmente na sátira, na paródia e na ironia, mas também garantiam, em termos de linguagem visual, a popularização do que era divulgado.

Por conter características de revista ilustrada e contar desde o princípio com a parceria de “um dos caricaturistas mais típicos da vida paulistana, então lançado pelo ‘Pirralho’” (BROCA, 1956, p. 228) e reconhecido como Voltolino (João Paulo Lemmo Lemmi, 1884-1926), esse jornal possuía uma forte tendência humorística; no entanto, a mesma intensidade jocosa, da mesma forma, era encerrada na esfera do literário, social e até político.

Portanto, não há dúvidas de que *O Pirralho* inaugurou uma nova visão do criar jornalístico na imprensa paulistana e, por esse motivo, deve ser considerado um relevante veículo das modificações ocorridas nas várias áreas, inclusive cultural, do Brasil nas primeiras décadas de século XX.

A política sempre teve seu espaço assegurado na imprensa paulistana e n’*O Pirralho* não foi diferente; no entanto, seu tom irreverente e por vezes galhofeiro fez com que se distinguisse da abordagem adotada pelos outros veículos da época.

Por outro lado, *O Pirralho* jamais deixou de imprimir seu senso crítico aos assuntos políticos; tal postura lhe garantiu a importância, que “foi logo reconhecida, devido sobretudo à sistemática campanha que encetou contra o militarismo, nas figuras do presidente Hermes da Fonseca e de seu braço direito Pinheiro Machado” (ANTUNES, 1998, p. 421-22).

A reputação d’*O Pirralho* alcançou dimensões tão amplas que deixou sua marca histórica a nível nacional, visto que sua expressiva contribuição, além de envolver o âmbito das décadas iniciais do século XX, também plasmava o Modernismo, assim como relata Broca a seu respeito ao dizer: “sendo a revista mais típica e importante do 1900 paulistano, seria também a mais representativa do nosso Pré-Modernismo” (BROCA, 1956, p. 228).

O Pirralho, além de contribuir para a novidade, a ponto de antecipar aspectos modernos em suas páginas, também tem um vínculo totalmente intrincado com o processo de transformações ocorridas em São Paulo, pois nele é reproduzida a latente vida social e cultural da cidade.

E, da mesma forma, *O Pirralho* usufrui da renovação, especialmente no que diz respeito ao seu caráter técnico, posto que o processo de produção e impressão, que eram cada vez mais inovadores, também foram aderidos pelo jornal, isso é claramente perceptível na confrontação entre os primeiros e últimos números de suas publicações. Desta maneira, *O Pirralho* pode, perfeitamente, ser considerado a síntese da vida paulistana moderna do início do século XX em todos os aspectos.

O Pirralho possuía os vários tipos de textos de imprensa periódica comum, porém as enquetes literárias garantiam parte importante do êxito da revista, principalmente pela participação dos leitores, que apreciavam as opiniões dadas pelos colaboradores e faziam parte do intercâmbio de opiniões.

1.2.1- As enquetes d’*O Pirralho*.

A palavra “enquete” é de origem francesa e possui o mesmo significado de inquérito. Podemos entendê-la como um gênero jornalístico, que, a partir de relatos e pontos de vistas, nos possibilita inferir o posicionamento do autor do texto sobre as questões feitas; sendo assim, este gênero permite total liberdade estilística e alto grau de interatividade com os leitores.

Tal ponto é perceptível nas leituras dos dezesseis artigos-resposta que compuseram a enquete sobre Fradique Mendes realizada n’*O Pirralho* de 19 de dezembro de 1914 a 1º de maio do ano seguinte.

Tania Regina de Luca, em seu artigo *O inquérito da Revista do Brasil (1940) sobre os rumos da literatura brasileira*, faz um panorama da origem das enquetes. Conforme seus estudos, tal formato surgiu no contexto europeu em meados do século XIX e “remete às ações de inquerir, investigar, apurar fatos opiniões por meio de procedimentos diversificados, dentre os quais se destacam a entrevista, a aplicação de questionários, com diferentes graus de estruturação, a observação e a pesquisa” (LUCA, 2016, p. 65)

A princípio, as enquetes eram motivadas especialmente pelo interesse das várias instituições pelas questões da classe operária. No entanto, o movimento operário também se dispôs a realizar seus próprios inquéritos; coube a Marx elaborar o primeiro questionário, que

foi publicado na *Revue Socialiste* e se tornou célebre como a enquete operária de 1880. Desde então, a enquete estendeu-se também aos pleitos eleitorais.

A imprensa, a partir desse momento, não só difundia os pareceres, sugestões e diagnósticos, mas também promoviam inquéritos. Os próprios colaboradores das revistas e jornais começaram a se pronunciar quando convidados, como aconteceu na *Enquête sur l'évolution littéraire*, por exemplo, que foi publicada no *L'Echo de Paris*, em 1891.

Os inquéritos começaram a ser difundidos nos periódicos brasileiros “numa sincronia que torna obsoleta a ideia de atraso e tampouco pode ser apreendida a partir da noção de cópia” (idem, 68), graças a rapidez da difusão dos impressos em várias partes do mundo, possíveis pela revolução e aprimoramento dos meios de transporte e de comunicação.

Conforme os estudos de Lailton Alves da Costa, em seu artigo denominado *Jornalismo brasileiro: a teoria e a prática dos gêneros jornalísticos nos cinco maiores jornais do Brasil*, o autor tece algumas considerações sobre enquete, pautando-se na visão do professor Marques de Melo¹ estabelecidas em sala de aula, ao considerar que as modalidades enquete, entrevista e depoimento “baseia[m]-se no código de expressão da mensagem ou são apenas recursos de captação e não gêneros.” E propõe, para os jornais, a classificação em gêneros informativos e opinativos.

Posteriormente, os estudos revelaram que apenas os gêneros informativos e opinativos não eram suficientes, sendo assim, é acrescentado o gênero interpretativo; nele figura o formato enquete.

O jornalismo interpretativo é, então, definido como “um modo de aprofundar a informação” com o fim principal de “relacionar a informação da atualidade com seu contexto temporal e espacial”, tendo “um sentido conjuntural”, não se limitando a “dar conta do que acontece, já que o jornalista interpreta o sentido dos acontecimentos” (DIAS et. al., 1998, p.8, apud COSTA, 2008, p. 19).

Seguindo esse ponto de vista, em *Gêneros jornalísticos no Brasil*, de 2010, José Marques de Melo faz uma reclassificação de tais gêneros ao notar que suas ponderações realizadas nos anos 1980, em função da elaboração de sua tese de livre docência, não dava conta

¹ **José Marques de Melo** é jornalista, professor universitário, pesquisador científico e consultor acadêmico. Coordenador do grupo de trabalho realizado na década de 1990 com Paulo Rocha Dias e os outros componentes do grupo, que desenvolveram a definição de jornalismo interpretativo, sendo publicado em 2008 sob o nome *Gêneros e formatos na Comunicação massiva periodística: um estudo do jornal Folha de São Paulo e revista Veja*.

da dinâmica de tais gêneros e uma delas refere-se especificamente à enquete, que a partir de suas novas observações, “se desgarrava dos formatos entrevista ou reportagem, denotando o reflorescimento do gênero interpretativo” (MELO, 2010, p. 27).

Portanto, em seus últimos estudos, Marques de Melo distribuiu os gêneros jornalísticos brasileiros em cinco: “além dos gêneros informativo e opinativo [...], aparecem agora o interpretativo com os formatos: dossiê, perfil, enquete e cronologia, além do utilitário com os formatos indicador, cotação, roteiro e serviço, e também o diversional, composto por história de interesse humano e história colorida” (grifos nossos) (idem, p. 66).

Nesse sentido, a enquete estabelecida como um dos formatos do jornalismo interpretativo e a definida como um “relato das narrativas ou pontos de vista de cidadãos aleatoriamente escolhidos. Tanto pode ser restrita aos ‘olimpianos’ quanto abrangente, incluindo os ‘cidadãos comuns’. Destina-se a acionar os mecanismos psicológicos de ‘projeção’ ou ‘identificação’” (idem, 68).

Camila Escudero (2013), em seu trabalho denominado *A construção dos gêneros jornalísticos a partir das sequências e marcas textuais*, traz a classificação mais recente sobre a divisão dos gêneros jornalísticos realizadas por Marques de Melo; porém, desta vez, os cinco gêneros são analisados levando em consideração a aparição deles na imprensa paulista contemporânea:

O gênero informativo aparece de corpo inteiro, representado por todos os seus formatos: nota, notícia, reportagem, entrevista. O gênero opinativo flui através de cinco formatos convencionais: a resenha, a coluna, o comentário, a caricatura e a crônica [...]. Somente um formato de gênero interpretativo figura nos cadernos de cultura dos jornais paulistanos hoje em dia: o dossiê. Os demais — análise, perfil, enquete, cronologia — deixaram de ser cultivados no período. Apesar da diminuta incidência, o gênero diversional começa a ser valorizado, tanto a história de interesse humano quanto a histórica colorida. O gênero utilitário ganha fôlego na mídia impressa de São Paulo, ocupando o terceiro lugar no âmbito espacial e compreendendo quatro formatos bem definidos: indicador, cotação, roteiro e serviço. (Grifos nossos) (ESCUDEIRO, 2013, p. 4).

Sendo assim, fica perceptível que a enquete era prática recorrente nos jornais paulistanos dos anos iniciais do século XX, como no caso d’*O Pirralho*; atualmente ela deixou de ser amplamente desenvolvida nos jornais impressos, porém, é encontrada na imprensa digital, como em programas de TV e *sites* da internet.

Além de rotineiras na época, as enquetes causavam grande furor e entusiasmo não só nos intelectuais incumbidos de respondê-las, mas também nos leitores que similarmente poderiam participar tecendo comentários na seção de cartas de leitores.

As enquetes literárias d'*O Pirralho* tinham como conteúdo perguntas realizadas pela sua equipe de redatores, as quais eram respondidas em forma de artigo por personalidades de alguma forma ligadas à literatura.

O teor desses inquéritos era sempre vinculado ao momento vigente, portanto, tratava-se de um “grande programa de inquéritos literários, em que eram ouvidos tanto escritores do Rio como de São Paulo. Ao lado de perguntas bem à moda do 1900 [...]” (BROCA, 1956, p. 229). O melhor exemplo desses inquéritos foi o organizado por Oswald de Andrade sobre a elegância e superioridade de Fradique Mendes, ao qual nos ateremos, neste trabalho.

A enquete que teve Fradique Mendes como assunto principal, de certa maneira, se distanciou do teor convencional dos inquéritos já promovidos; mas, na sua totalidade, os inquéritos desenvolvidos pel'*O Pirralho* tinham como assunto principal os temas que permeavam os pensamentos e imaginários de todos e, por essa razão, chamavam a atenção da sociedade paulistana, e, hoje em dia, tornam-se materiais interessantes e valiosos para voltarmos nossas atenções.

A equipe do jornal, através dessas enquetes, tinha a intenção de atingir todo o tipo de leitor; uma delas, por exemplo, foi intitulada “*Enquête elegante*” e tinha como alvo o público feminino; nela foi discutida a importância d'*O Pirralho* entre as mulheres - uma forma também de descobrir o que a elas interessava ver nas páginas do jornal.

Outro inquérito abordou a seguinte pergunta: “Será possível, nos nossos tempos, um suicídio verdadeiramente original e belo?”, demonstrando a peculiaridade dos temas levantados.

As enquetes d'*O Pirralho*, até mesmo as literárias, rompem com a formalidade que muitas vezes o assunto exigia, pois, a partir de uma linguagem coloquial e irreverente, os idealizadores se dirigiam aos intelectuais - vários deles renomados, inclusive membros da Academia - e pediam suas opiniões; sendo assim, esse tom de informalidade demandava dos entrevistados uma postura menos inflexível e sisuda.

Nesse sentido, o jornal representava uma excelente alternativa de aproximação entre os leitores e os principais escritores daquela interinidade, e até mesmo daqueles principiantes no

mundo das letras, que ainda se destacariam por suas produções, mas já tinham a oportunidade de serem consultados e conhecidos através das páginas do jornal.

1.2.2 “A nossa *enquête* sobre Fradique Mendes”.

A vida dos paulistanos estava sendo marcada pelas constantes revoluções e avanços significativos em todas as esferas. As perguntas realizadas no inquérito d’*O Pirralho*, no qual a personagem Fradique Mendes figurou, representavam muito bem o pensamento em voga naquele período de transição.

Esse período foi designado como *belle époque* paulistana, que tinha no modo de vida levado por Fradique Mendes uma das melhores representações de sucesso e, certamente, por isso seu nome foi escolhido por Oswald de Andrade para que assim as atenções fossem voltadas ao ideal de personagem criado por um dos mais influentes escritores da época.

Por isso, os vocábulos perfeito, representativo, superior, ideal e elegante permeiam as perguntas, pois faziam parte do interesse, do imaginário e das aspirações de um público amplo.

O intento das figuras que desfrutavam da *belle époque* era introduzir os princípios do cosmopolitismo europeizado na sociedade paulistana e nesses pormenores Fradique Mendes representava perfeitamente os quesitos. E assim sendo, os respondentes tiveram a oportunidade de discorrer sobre assuntos peculiares e originais da época, pautados nesse modelo ideal.

As perguntas da enquete foram três: 1ª- “*Será Fradique Mendes um tipo representativo da vida superior?*”; 2ª- *Será Fradique um elegante perfeito?* e 3ª- *Em caso de resposta negativa, qual o tipo ideal de homem?*.

O anúncio realizado dias antes do lançamento do inquérito sobre Fradique Mendes, além de apresentar tais questões e deixar patente que seria possível que os inquiridos discorressem sobre as questões para além da personagem de Eça, também revela os nomes de vinte e três personalidades, todas ligadas ao jornalismo e à literatura, que ficaram incumbidas de responder à enquete.

Certamente os nomes sinalizados nesse anúncio são os que foram convidados por Oswald de Andrade a responder ao inquérito, mas de todos os nomes que compunham a primeira lista, apenas sete atenderam ao pedido, foram eles: Amadeu Amaral, dr. Mello Nogueira, Jacomino Define, Plínio Barreto, Nuto Sant’Anna, Pedro Rodrigues de Almeida e Guilherme de Andrade e Almeida.

No entanto, o anúncio diz que os nomes apontados fazem parte da lista inicial dos requisitados, deixando claro que haveria mais intelectuais convocados. A finalização desse anúncio proclama que a próxima publicação já contará com o artigo-resposta à enquete.

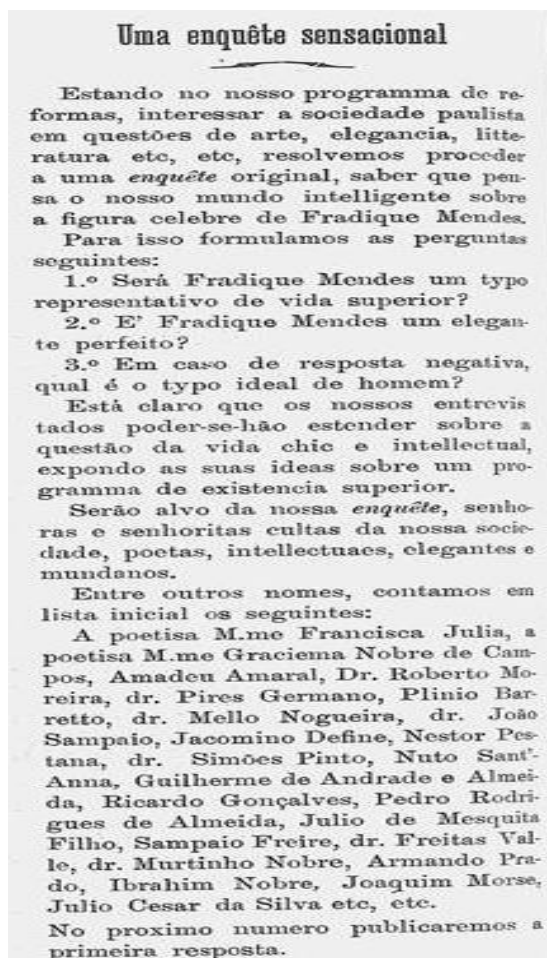


Figura 3 - *O Pirralho*- 14 nov. 1914, n. 161, p. 12.

Entretanto, o número da semana seguinte não traz a primeira resposta, ao contrário do prometido; contudo é advertido, mais uma vez sobre a existência da enquete que, segundo a nota, obteve “inteira adesão nos meios intelectuais e chiques”, com o intuito de chamar a atenção do público leitor sobre o fato.

Além disso, são relacionados outros nomes que possivelmente responderiam ao inquérito, para que assim os leitores percebessem, através dos nomes famigerados, a relevância e a proporção da enquete.

Entre os novos nomes listados estão: Madame Presciliana Duarte de Almeida, *Mademoiselle* Edith Capote Valente, dr. Ricardo Severo, Gelasio Pimenta, Gomes dos Santos, dr. Luiz Silveira e dr. Antonio Covello. Contudo, dessa nova lista, os nomes que realmente deram seus pareceres foram apenas os senhores Gomes dos Santos e Ricardo Severo.

O nome de Francisca Júlia já havia sido indicado como um dos cotados a responder à enquete; não há como comprovar se realmente a célebre colaboradora atendeu ao pedido d’*O Pirralho*, já que conforme o aviso publicado no dia 21 de novembro de 1914, o artigo-resposta da poetisa não havia chegado a tempo ao jornal e, sendo assim, seu parecer seria publicado no número seguinte. Mas, na verdade, sua apreciação jamais figurou entre o conjunto de artigos-resposta da enquete sobre Fradique Mendes.

A expectativa do jornal para iniciar a enquete era grande, porém, ao que tudo indica, os colaboradores estavam postergando a entrega de suas respostas. Podemos comprovar tal situação na edição de número 164, do dia 5 de dezembro, ou seja, dois números depois em que o jornal dizia trazer a resposta de Francisca Júlia; o que, como sabemos, nunca aconteceu. Então nesse dia publicaram outra nota; dessa vez, o anúncio era diferente e proclamava que a próxima edição traria a primeira resposta e que provavelmente seria de Gomes dos Santos.

Ainda na edição do dia 5 de dezembro foi publicada uma charge, a qual continha uma caricatura de um senhor que, certamente foi requisitado a responder ao inquérito sobre Fradique Mendes, mas, ao que parece, tal convite não lhe agradou, talvez porque se viu obrigado a ler a obra protagonizada pelo objeto da enquete.

Portanto, fica manifesto o descontentamento do indivíduo representado pela caricatura, mesmo porque a legenda da charge traz - como se fosse a fala ou o pensamento do caricaturado - os seguintes dizeres: “Aqueles infames são capazes de me entrevistar...”. Dessa forma, temos mais uma comprovação do caráter satírico, paródico, irônico e humorístico d’*O Pirralho*.



Figura 4 - *O Pirralho* - 5 dez. 1914, n. 164, p. 12

Publicado o número seguinte, mais uma vez a resposta à enquete sobre Fradique Mendes não se encontra, ao contrário do que fora anteriormente anunciado; a justificativa, agora, foi que tendo a resposta de Gomes dos Santos em mãos, não havia sido possível publicá-la, porque não possuíam a fotografia do “ilustre jornalista”, a qual só teria sido entregue na tarde do dia anterior, “quando já não havia mais tempo para se aprontar o clichê”². Dessa forma, comunicam a inauguração da enquete ainda na publicação subsequente, o que finalmente acontece.

Desse modo, em 19 de dezembro de 1914, o Sr. Gomes dos Santos estreou a enquete sobre Fradique Mendes, na edição de número 166 d’*O Pirralho*, diferente do que afirma Wilson Martins ao dizer, equivocadamente, que tal enquete havia sido inaugurada no primeiro mês do ano seguinte, como podemos comprovar: “Oswald de Andrade, [...] em janeiro de 1915, lançou, com o número 168 de *O Pirralho*, um inquérito literário sobre Fradique Mendes [...]” (MARTINS, 1978, p.17).

A data e, portanto, o número da publicação mencionados por Martins foram, na verdade, o terceiro que continha a resposta à enquete sobre Fradique Mendes e não o primeiro; logo, a edição número 168 não foi a de seu lançamento, mas a de número 166.

Ao todo foram dezesseis pessoas a responderem às questões da enquete, as opiniões são variadas, ou seja, alguns demonstram uma admiração pela personagem e também pela produção de Eça de Queirós, enquanto outros não manifestam tal entusiasmo.

Contudo, o fato de *O Pirralho* dedicar uma seção sobre Fradique Mendes comprova a influência de Eça de Queirós e a recepção crítica positiva de suas obras, especialmente nas décadas iniciais do século XX no Brasil.

A enquete d’*O Pirralho* desfrutou de participações valiosas de inúmeros colaboradores e exímios convidados; são eles: Sr. Gomes dos Santos, Dr. Mello Nogueira, Amadeu Amaral, Octavio Augusto, Jacomino Define, Nuto Sant’Anna, Claudio de Souza, C. de Andrade e Almeida, Pedro Rodrigues de Almeida, Ricardo Severo, Moacyr Pisa, Plinio Barreto, José Agudo, Monteiro Lobato, Adalgiso Pereira e Juó Bananére, que ao contribuírem compondo verdadeiras relíquias para os dias atuais, acabaram por conquistar notoriedade e prestígio junto ao público da época.

Os artigos-resposta à enquete sobre Fradique Mendes enchiam uma página do jornal (geralmente a 5ª), por vezes, uma página e meia (5ª e 6ª), que era composta por três colunas; na

² *O Pirralho* 12 dez. 1914, n. 165, p. 3

parte superior estava o título *A nossa enquête sobre Fradique Mendes*, além do subtítulo *Fala-nos "Amadeu Amaral"*, por exemplo, (nome do responsável pelo artigo-resposta do dia).

As respostas à enquete contavam, ainda, com a fotografia, ao centro da página, da pessoa incumbida de responder, exceto pela resposta de José Agudo, que, nem ao menos, havia sido convidado para contribuir para o inquérito, reconhecidamente por discórdia com a equipe d'O Pirralho, em especial com Oswald de Andrade.




O PIRRALHO

A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS O DR. AMADEU AMARAL

Será Fradique Mendes um tipo representativo de vida superior?

Se me fizessem esta pergunta de viva voz e a queima-roupa, eu responderia, provavelmente, sem hesitar: — «Claro! Pois não foi Fradique um brilhante e nobre *intelectual*, um homem que organizou e regulou a sua vida pelos impulsos e necessidades de uma profunda avidez de ciência e de beleza? Pois não é isso a vida superior — viver intensamente pelo espírito, acima da vida apagada e estreita em que vegeta o maior número, sumido na sombra crepuscular dos instintos? — Mas, como a pergunta veio por escrito, e como me dava tempo para reflectir, entrei a examiná-la e a revolvê-la, e a desconfiar de que a resposta que ela pedia não podia ser tão simples.

A solução que espontaneamente me ocorreu no primeiro instante presupunha um certo acôrdo entre mim e vocês sobre o que se devesse entender por «vida superior». Admitido, porém, esse acôrdo, a questão seria ociosa, e equivaleria pouco mais ou menos a perguntar — se um homem superior teria vivido superiormente. Então, o que os amigos queriam não podia ser isso. O que os amigos queriam era, em última análise, pôr em questão o próprio conceito de vida superior, servindo-se de Fradique Mendes como de um simples ponto de referência comum, em torno do qual circulasse a diversidade das opiniões.

Mas, nesse caso, a pergunta deixa de ser ociosa para ser terrivelmente indiscreta! Lançar por esta forma, de brusco, á boa fé de um sujeito desprevenido, na desordem e na flutuação habitual das suas ideias, uma questão assim complicada e grave, é o mesmo que agarrar um indivíduo que passa pacatamente pela rua, distraído e incauto, com o guarda-chuva suspenso do braço e o cigarro pendente do beijo, travar-lhe do cotovelo, e desfechar-lhe esta intimação fulminante: — Venha daí, fazer uma dissertação acerca do futuro cultural do Occidente!

* * *

Que é que se deve entender por vida superior? Eis uma pergunta que eu teria feito, a mim mesmo, se ha muito não esperasse de outrem, dos que revolvem e clarificam ideias, a solução desse problema tremendo.

Para os homens de uma doutrina ou de uma fé delimitada e assente, a questão está resolvida: vida superior é aquela que serve de lides confirmar e ilustrar a sua filosofia, a sua moral, a sua crença. Para um cristão, seria a vida impregnada de santidade; para um positivista, a que reunisse á maior junça de bom senso a maior capacidade

de acção social, dentro da Ordem; para um nietzscheano, a que exprimisse com mais impetosa e fulgurante veemência a vontade de domínio, que é a própria alma da vida; para um tainizante, a que se ritmasse pela ância constante de conhecer; para um cidadão abeberado em Rousseau, a vida clara e sã das almas simples, dos corações amáveis e dos espíritos limpidos, no seio maternal da natureza... Mas, fora do âmbito fechado de uma doutrina, onde a gente se haja instalado, e arrumado a bagagem das suas convicções, para o que der e vier, já não me parece tão singelo o problema.



Qual o critério certo que nos guie, se esse critério constitui justamente a grande questão, sempre aberta?

Entanto, ponderando as coisas, vemos que as diversas opiniões, por diversas que sejam, parecem assentar num terreno comum e tocar-se pelas bases. Todas colocam a vida superior na alta esfera do espírito, acima dos impulsos vagos, das paixões cegas, das ideias recebidas, dos actos imitados, dos instintos de rebanho. Todas elas presumpem, portanto, nos que vivem superiormente uma alta dose de originalidade, o forte desenvolvimento de uma consciencia superior. A partir daqui começam as divergencias; mas até aqui parece que todas se conciliam. Pois bem. Aqueles que se não fecham numa doutrina, e não pretendem impôr á confusa e fugitiva complexidade dos fenómenos os seus quadros inutáveis, podem ficar em que a vida superior, presupondo um notável alargamento da actividade consciente, — é a que por ela se rege e se coordena e delas recebe clareza e relevo.

Este é um ponto de vista psicológico, de mera observação, imparcial e amplo, e não, propriamente, uma «opinião». Abrange todos os que vivem sob um alto e acentuado predomínio do espírito — santos e sábios, guerreiros e poetas, estadistas e homens do mundo, Francisco de Assis e Pascal, Goethe e Pasteur, Platão, o divino, e Diógenes, o cínico. Os proprios «porcos de Epicuro», desde que fruem todos os regalos grosseiros da vida material em consequencia de uma maneira filosófica de compreender a vida, de alguma sorte vivem, — repugnantemente, é certo, — uma vida superior... E' claro que nos fica sempre de reserva o direito e mesmo o dever de optar, pessoalmente, pela forma de vida superior que se nos afigure mais bela — como somos capazes de a compreender e praticar, com a «nossa» intelligencia, o «nosso» temperamento, a «nossa» vontade, as possib lidades contidas na «nossa» organização.

Nestes termos, de certo que a encantadora criatura de Eça de Queiroz é um tipo representativo de vida superior...

* * *

Não direi que seja o «tipo ideal» para que devam tender os nossos esforços de aperfeiçoamento! Não sei qual seja, nem percebo qual possa ser o tipo de «homem ideal» por que vocês perguntam. Sei que ha figuras humanas, reais, que sao fulgurantes e magnificas: não me consta que haja alguma perfeita. Não ha duas iguais. Ha — as flagrantemente diversas entre si. Tipos ideais, completos e acabados, só na literatura ou no sonho. Podem ser muito belos, podem resplender como catálogos luminosos de virtudes e de dons; faltar-lhes-há sempre alguma coisa: ter vivido.

Essa «alguma coisa» é tudo. Construir pela imaginação heroica que sejam ao mesmo tempo santos, e pensadores, e artistas, fulgindo em cada um dos seus aspectos como um diamante de primeira agua em cada uma das suas facetas, é relativamente fácil. Dificil é encontrar na realidade viva uma dessas construcções supremamente harmoniosas na sua suprema grandeza. O homem, sejam quais forem as alturas a que se eleve, é sempre homem, e leva consigo a fragilidade do barro terreno, outrado de contradições, varado de falhas. Não ha tipos ideais. E o mais que podemos razoavelmente fazer — é dar o máximo desenvolvimento ás nossas boas forças interiores, com sincero e incessante esforço...

Realizar o máximo de elevação dentro dos limites e das condições da nossa natureza individual — é o que de melhor se pode pretender. Feliz de quem atinge essa meta — de quem se realiza a si proprio, sem sonhar em realizar, violentando e torturando a individualidade, num trabalho desesperado de cópia, um perfeito modelo imaginário!

Qui veut faire l'ange fait la bête...

Figura 5 - O Pirralho - 2 jan. 1915, n. 168, p.5

No segundo capítulo, nos deter-nos-emos na descrição biográfica de cada um dos respondentes e comentaremos as respostas dadas por eles. No entanto, por ora, salientaremos as intervenções feitas sobre a enquete que se deram paralela ou intercaladamente às publicações dos artigos-resposta.

Um dos exemplos são as seis ocorrências³ - nas últimas páginas d'*O Pirralho*, que eram destinadas aos anúncios publicitários - de um reclame desse jornal. Nele estava expresso o programa de reformas para o ano de 1915; dentre elas, a promoção de novas enquetes, tendo em vista o grande sucesso que vinha obtendo aquela destinada a Fradique Mendes; apesar de tantas mudanças prometidas, *O Pirralho* garante conservar “o seu caráter de revista leve, literária e humorística”.

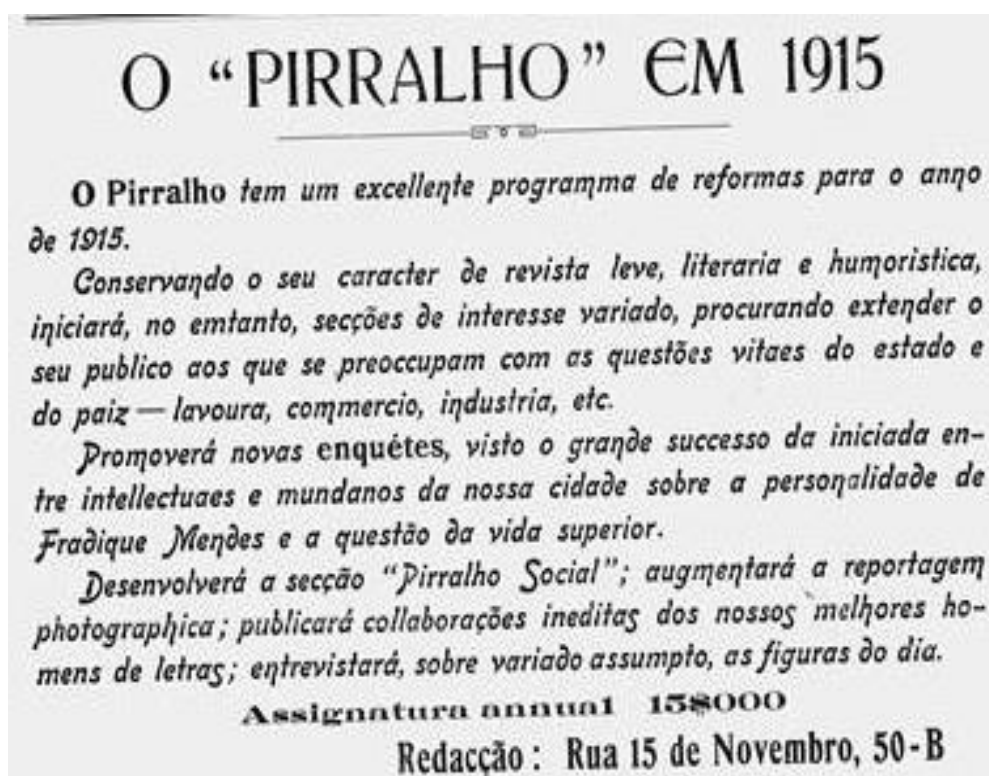


Figura 6 - *O Pirralho* - 23 jan. 1915, n.171, p. 16

No dia 9 de janeiro de 1915, a enquete sobre Fradique Mendes trouxe o artigo-resposta de Octavio Augusto. Parece-nos legítimo afirmar que o público leitor d'*O Pirralho* não tinha familiaridade com o escritor, mesmo tendo ele contribuído para os primeiros números publicados pelo jornal.

³ Edições de números: 167, 168, 169, 171, 173 e 175

Por isso, assim que concluído o parecer de Octavio Augusto, a revista trouxe uma nota de esclarecimento sobre o motivo da ausência de tal célebre colaborador em suas páginas, uma vez que havia ele percorrido por vários países e instalado residência no Rio de Janeiro assim que retornara das viagens. No entanto, sua atividade como literato foi deixada de lado para que pudesse se dedicar apenas à engenharia, mas com essa participação na enquete sobre Fradique Mendes e com sua prevista conferência sobre Araripe Junior, anunciada também nessa nota, podemos perceber que Octavio Augusto voltava a se aproximar da esfera literária.

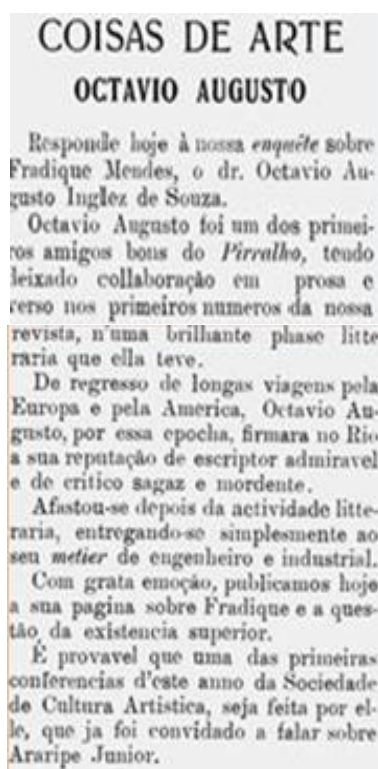
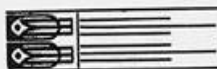


Figura 7 - *O Pirralho* - 9 jan. 1915, n. 169, p. 6

Na publicação do dia 23 de janeiro de 1915, portanto, no mesmo número em que foi divulgado o artigo-resposta de Nuto Sant'Anna, também foi reproduzido um parecer assinado por Stiunirio Gama, pseudônimo do crítico literário Alfredo Mário Guastini (1884-1949)⁴, conhecido, posteriormente, pelas suas críticas mordazes e irônicas aos ideais e idealizadores da Semana de 22.

⁴<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/-A-hora-futurista-traz-textos-de-Alfredo-Mario-Guastini-o-grande-critico-do-Modernismo/12/12276>



Novas enquetes

Do nosso presado collaborador Stiunirio Gama recebemos com data de 14 deste, as seguintes itens sobre enquetes:

A proposito de Fradique — Euzebio Macario e José Fistula —

Interessante, útil e instructiva a enquete do «Pirralho» sobre a personalidade de Fradique Mendes — a extraordinaria figura creada pelo não menos extraordinario Eça. Quatro literatos, Amadeu Amaral, Gomes dos Santos, Mello Nogueira e Octavio Augusto, responderam ao appello, embora fugindo ás perguntas formuladas, divagaram muito, fizeram considerações philosophicas, citavam nomes difficeis de autores respeitadoss, esquecendo-se da figura principal: — Fradique. Octavio Augusto, porém, foi mais positivo do que os outros.

Affirmou cathegoricamente que Fradique não é o typo representativo da vida superior, mas sim um typo representativo da vida ficticia, futil apezar de erudita. Negou tambem que fuisse um elegante perfeito e isso porque a erudição tira o dom supremo da elegancia perfeita, que é a ignorancia.

Não concordo com a ultima parte. A erudição não impede que o individuo seja elegante, refinadamente elegante. Eduardo Prado, Eça, Ramalho Ortigão, Rostand, João do Rio, Joaquim Nabias, Roberto Moreira, Mello Nogueira e muitos outros, nacionaes e estrangeiros, vivos ou mortos, foram e são elegantes e ninguém, apezar disso, poderá, em consciencia, affirmar que os cavalleiros citados são ignorantes.

Referindo-me á resposta de Octavio Augusto — o mais positivo, repito, de todas os literatos que até agora responderam — não tenho a pretensão de criticar o seu trabalho, que, a meu ver, é perfeito, ou quasi perfeito, porque a perfeição, é tambem opinião minha, não existe.

Alludi á enquete exclusivamente para dizer que a individualidade de Fradique é por demais completa para o nosso meio literario, ainda em embrião.

Teria sido outro o successo se o Pirralho, ao em vez de desencavar um typo complicado, tivesse escolhido outro mais accessivel ao nosso talento e á nossa cultura literaria. Existe por ahí uma infinidade de typos simples e modestos, dignos de estudo e de uma enquete. Porque não lançar sobre elles a nossa attenção? Deixemos aos nossos netos a opinião sobre os super-homens; procuremos, nós, os burguezes.

Será um triumpho para o Pirralho.

Encerrada a de Fradique, abra o symphatico organ nova enquete sobre dois typos creados pelo grande Camillo:

É Euzebio Macario, o typo completo do orador politico-popular?

É José Fistula, o typo perfeito do boticario pratico?

STIUNIRIO GAMA

Espera o nosso caro Stiunirio e verá como só Fradique é capaz de movimentar o nosso preguiçoso meio litterario e mundano.

A politica nos bairros

Bella Vista

Dialogo entre dois *Brazileiros*, (!) que dezejavam alistar-se eleitores para votar com o Capitão da gravata amarella (o Bernardo).

— Indó, agora é qui nu si arrangia nata; O Curunello Niculai du Sandu, nu descia passá ninnuno taliano, na giundo littorale.

— Esto e una cumbersa, ieu vai allá e endreco os papellos e si o Curunello dice quarquere cosa dico pra ello che io sape a donde ello nasceu. Ello e taliano també!?

— Cumo pote essere taliano si ello e du Sandu?

— Ahi e che a mulhere do Porco, storse achillo chi a genti sape!!!...

— Indó dice bé o dittato — «che chi tene tigliato di vitros nu deve pingia petra pri incima na aria».

Está havendo um trabalhinho para derrubar um chefe do partido extinto — Hermista, e as cousas andam ás mil maravilhas. —

O alferes Hernani, pleiteará sua eleição para Juiz de Paz da Saracura Grande, attendendo aos rogos do Dr. Vianna: Os votos serão todos de côr... escura.

As conferencias do Coronel Pedro Reis e o seu Capitão ajudante, tem dado o que pensar ao Niculau que está por um fio.

Cuidado seu Nicolau, lembre-se que esse pessoal não dorme e a bomba estoura e é logo...

Um Coroné, chefe do... partido da Zona Bixiga está apertado; deve dividir-se — metade p.^a o Raul e outra metade para o Commandante superior; este ao ter conhecimento da divisão exclama: — Iago, non sei piú Capitano! (*Otello*) e lá se vai a brigada para o esquecimento.

Porque será que de alguns tempos a esta parte, certos empregados do Correio, visitam muito amiudadamente o Cartorio de Paz?

Será para registrar creanças... ou pedidos de cartuchos?

“E” chi lo sá!

CABO ELEITORAL.

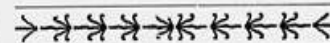
Villa Cerqueira Cesar

— Então, dizem tanta coisa a respeito do Eiras.

— Nada ha de certo, meu caro, sinão que o Eiras é independentissimo.

— Mas de que partido?

— De nenhum, é franco atirador e como tal as suas attitudes serão francas.



Carnaval 1915

Casa Mascarini

Variado e Rico Sortimento de Phantasias

Domínos de Grande Luxo

Phantasias para crianças

Executa-se qualquer Encomenda

Vende-se e Aluga-se

CASA MATRIZ

Rua S. Bento, 85 sobrado

Telephone N. 754

CASA FILIAL

Rua Barão Itapetininga, 13

Telephone N. 548

SÃO PAULO

Figura 8 - O Pirralho - 23 jan. 1915, p. 12.

Stiunirio Gama demonstra-nos sua capacidade de ironia ao dar sua opinião acerca do inquérito sobre Fradique Mendes, mais especificamente sobre os pareceres dos quatro primeiros respondentes dela.

O crítico tece elogios à iniciativa d'*O Pirralho* em abordar a “extraordinária figura criada pelo não menos extraordinário Eça” em sua enquete que, então, é considerada “interessante, útil e instrutiva”. No entanto, também aponta o que para ele seriam irregularidades nas respostas de Gomes dos Santos, Amadeu Amaral, Mello Nogueira e Octavio Augusto.

Para ele, a resposta de Octavio Augusto, “o mais positivo” beirou a perfeição, não fosse o comentário do inquirido de que a erudição impede o indivíduo de ser elegante. Ao dizer que discorda dessa consideração, Stiunirio justifica que pessoas como “Eduardo Prado, Eça, Ramalho Ortigão, Rostand, João do Rio, João Nabuas, Roberto Moreira, Mello Nogueira e muitos outros [...] foram e são elegantes e ninguém, apesar disso, poderá, em consciência, afirmar que os cavalheiros citados são ignorantes”.

Quanto aos outros pareceres - no caso de Gomes dos Santos, Amadeu Amaral e Mello Nogueira - o crítico diz que, embora tenham respondido ao inquérito, fugiram às perguntas realizadas, uma vez que “divagaram muito, fizeram considerações filosóficas, citaram nomes difíceis de autores respeitados, esquecendo-se da figura principal: - Fradique.”.

E finaliza sua opinião dizendo que para o meio literário que se encontra “ainda no embrião”, falar sobre uma personalidade tão completa quanto Fradique é algo exorbitante para a sua capacidade.

Além disso, Stiunirio propõe uma outra enquete à equipe do jornal; nessa os nomes que devem ser discutidos são os de Euzébio Macário e José Fistula, personagens da novela de Camilo Castelo Branco, escrita em 1879, também intitulada de *Euzébio Macário*, que nada mais é do que uma paródia das correntes literárias do Realismo, e sem dúvida, tida por Stiunirio como uma obra precária, já que estaria a altura do domínio incipiente dos literatos de então.

Concluídas as observações de Stiunirio Gama, a redação d'*O Pirralho* já traz uma posição perante a sugestão de lançamento de uma nova enquete, que conforme supõe o proponente, deveria conter perguntas tolas sobre personagens singelos como Euzébio Macário e José Fistula.

À vista disso, *O Pirralho* defende a escolha de Fradique Mendes para figurar como referência de sua enquete, pois somente ele seria capaz de movimentar o “preguiçoso meio

literário e mundano” em que se encontravam. Deixando transparecer que os literatos de então, na verdade, eram competentes, o que lhes faltavam era o vigor, o empenho.

Além dessas ocorrências, por inúmeras vezes a enquete que tinha por referência Fradique Mendes figurou como assunto em uma das seções mais ativas e dinâmicas do jornal intitulada de “Pirralho carteiro”.

Por meio dessa seção, os leitores remetiam à redação certas observações (que nem sempre vinham a público), podendo ser elogios ou críticas, sugestões ou reclamações, enfim comentários de várias ordens, que tinham como propósito ser respondidos pelos redatores d’*O Pirralho*; as respostas eram bem peculiares e repletas de ironia; às vezes em tom de mexerico contra quem submetia sua carta, mas sempre acometidas por feições burlescas.

Um exemplo interessante constatado no “Pirralho carteiro” foi a resposta à *Mlle. Ninon*, que provavelmente, havia sugerido à equipe d’*O Pirralho* que também desse o parecer à enquete; a resposta foi a seguinte: “Daqui ninguém escreverá sobre Fradique... Não temos competência. Gostou da modéstia?...”; nem mesmo “o nosso novo sócio Cornélio Procópio de Carvalho, fino ‘gentleman’, Fradique II, muito e muito inteligente⁵.”

Como dito anteriormente, a enquete sobre Fradique Mendes foi publicada de 19 de dezembro de 1914 a 1º de maio de 1915. Contudo, houve quatro hiatos durante esse período; o primeiro deu-se na edição de número 175, do dia 20 de fevereiro de 1915, na qual não há a justificativa da ausência da resposta ao inquérito; apenas se informa que nos próximos números as respostas à enquete continuarão sendo publicadas.

Na edição seguinte, ao invés da resposta, foi publicado uma nota, presumivelmente escrita por Oswald de Andrade, onde é externada toda a revolta e incompreensão pelo fato dos intelectuais não aderirem à enquete e acabarem causando a sua interrupção. Além disso, agradece aos parceiros que já contribuíram e se compromete a publicar tantas respostas quantas forem possíveis.

⁵ *O Pirralho* – 23 jan. 1915, n. 171, p. 4.

A nossa Enquête



Todo mundo sabe que *O Pirralho* abriu um inquerito meio litterario e meio mundano para saber o que se pensava em São Paulo da questão da vida superior e elegante e que por marco de referencia tomou a figura de Fradique Mendes.

Responderam-nos nove intellectuaes, uns mundanos, outros burguezes, outros solitarios.

Foram os srs. Gomes dos Santos, Mello Nogueira, Amadeu Amaral, Octavio Augusto Inglez de Souza, Nuto Sant'Anna, Jacomino Define, Claudio de Souza, Guilherme de Andrade e Almeida e Pedro Rodrigues de Almeida.

A estes que com o *Pirralho* cumpriram a palavra dada, só temos que agradecer e louvar pela maneira intelligente com que se desempenharam da tarefa.

Outros, porém, por não terem tempo para ler Fradique ou para escrever as respostas aos quesitos do *Pirralho* obrigaram-nos a estacar em meio.

Isto é francamente lamentavel, porque uma iniciativa de moços no sentido de dar incremento ao nosso meio intellectual, devia ser acolhida com muito mais entusiasmo do que o foi de facto.

Entretanto empregaremos ainda todos os nossos esforços para conseguir as respostas de todos quantos foram incluídos na nossa lista, e, queremos crêr que deante do nosso appello, infelizmente muito triste, os retardatarios estugarão os passos.

Na edição de número 181, do dia 3 de abril de 1915, a interrupção volta a acontecer, no entanto, não há nenhuma nota justificando a ausência do artigo-resposta sobre o inquérito, assim também acontece no dia 24 do mesmo mês e ano, edição 184, em cuja publicação se deu o último hiato, mesmo porque a enquete já dava sinais de sua conclusão.

Finalizada a resposta de Moacyr Pisa, publicada no dia 13 de março de 1915, o jornal traz, na página seguinte, um comentário sobre a resposta dada pelo escritor, que é considerado “vivo”, “malicioso” e “irrequieto”, destacando suas qualidades e atributos como jornalista, que apesar de muito jovem se destaca “pela espontaneidade do seu humorismo sempre pronto e afiado”. E ainda faz um anúncio divulgando antecipadamente a publicação de um livro de sátiras, que estava sendo feito por Nuto Sant’Anna (que também respondeu à enquete) e Moacyr Pisa.

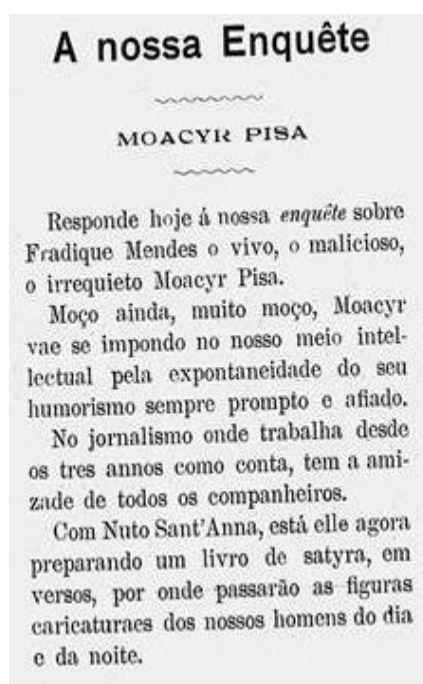


Figura 10 - *O Pirralho* -13 mar. 1915, n. 178, p. 6

No transcorrer do inquérito literário sobre Fradique Mendes, a equipe do jornal, encarnando o “espírito de condescendência”⁶ para com o sr. José Agudo, publica o “seu calhamaço” contendo as respostas da enquete.

José Agudo não deixa transparecer a rixa entre a edição d’*O Pirralho*, especialmente entre Oswald de Andrade e ele; mas, nem por isso, sua contribuição ao inquérito não surtiu

⁶ *O Pirralho* – 4 abr. 1916, p. 4.

polêmica, tudo porque era de costume nas publicações das respostas à enquete a inclusão de uma fotografia do respondente, mas por não ter enviado seu retrato, José Agudo, mais uma vez, atíça os ânimos da redação d'O Pirralho.

É possível que a intenção de José da Costa Sampaio fosse manter seu sigilo e apenas ser reconhecido por meio de sua *persona* satírica; mesmo porque não há indícios de que sua verdadeira identidade fosse conhecida por todos. Portanto, o fato de não ter enviado sua fotografia pode ter sido um modo de se proteger atrás de seu alter ego e assim continuar expondo e criticando vários costumes, além de provocar inúmeras polêmicas, sem que fosse íntima e propriamente atingido.

Alguns números posteriores à publicação do parecer de José Agudo na enquete sobre Fradique Mendes é divulgada, em resposta a uma suposta carta de Agudo, uma carta aberta, que foi assinada, possivelmente por outro pseudônimo de Oswald de Andrade, no caso, Frei Caneca e não o Joaquim da Terra de sempre, na qual é exposta a mais nova confusão.

O PIRRALHO

A PARTIDA DOS RESERVISTAS ITALIANOS



ANTES DE PARTIR OS RESERVISTAS VISITAM O BUSTO DE GARIBALDI

contas do mez com os recibos e os poeticos espirros, a tal carta nossa pedindo-lhe a carona. Publique-a, divulgue-a, seja leal pois que o repto o obriga a isso ou a se confessar um calumniador esfalfado de tundas.

Claro, que o tom de ironica affabilidade com que o tratamos era armadilha intencional para obtermos não só a burocratica effigie como mais algum erro de grammatica que se fatalisaria na dedicatória.

Guarde para o seu passado de imigrante anonymo, as ideas de compra e venda que por suggestões do seu officio não lhe sahem mais da cabeça.

E até logo, obtuso José Agudo.

FREI CANECA

Resposta aberta

á carta fechada do sr. José Agudo

Imbecil.

Começa você por uma mentira cynica dizendo que mendigamos o seu retrato.

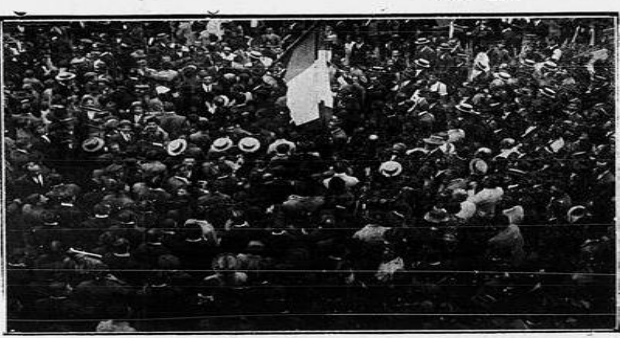
O que se passou entre nós foi apenas o seguinte: aberta a *enquete* sobre Fradique e vingada, mandou-nos você, de offerecido sem vergonha que é, uma carta pedinchona que demos á publicidade e com ella a tal indecencia sobre o Eça que publicamos por dois motivos: falta de materia na semana e desejo de desmoralisal-o mais ainda nas letras — se era possivel! — idealistas que fomos!

Ora, para a desmoralisação ser completa, queriamos publicar com a pasmosa burrada que você arranjou em meses de tragica locubração sobre Fradique, a sua cara commercialissima, enrugada das intrigas de numeros que são o seu officio.

Tire pois o cavallo da chuva (fosse o proverbio de burro e mandavamos a você que se tirasse) e não forjique mentiras que já bastam as mil e tantas que vão por volume dos seus.

Facil é a você, guarda livros e necessariamente, pois, homem de ordem e assentamento se bem que desvairado no intellecto, facil é a você ter no seu archivio, onde guarda decerto as

A PARTIDA DOS RESERVISTAS ITALIANOS



O IMponentissimo cortejo

E' hoje que se realiza no cinema dos Campos Elysseos o primeiro espectáculo da troupe Cornelio Pires.

Constará de uma conferencia feita pelo poeta espiro e de cantos e bailados pelos seis caboclos que Cornelio Pires conseguiu arrancar do interior.

Será sem duvida uma festa de arte interessantissima a que ninguem deve faltar, pois nem sempre se tem o ensejo de saborear coisas tão originas e tão nossas.

Figura 11 - O Pirralho - 5 jun. 1915, n. 190, p. 6

Em tom exaltado, Frei Caneca explica a origem do conflito, dizendo que José Agudo, “oferecido e sem vergonha que é”, pede que seja publicado seu parecer na enquete sobre Fradique Mendes e mesmo sendo uma “indecência sobre o Eça”, o pedido foi aceito por dois motivos: a “falta de matéria na semana e o desejo de desmoralizá-lo ainda mais nas letras”, recorrendo ao erro gramatical cometido na dedicatória de *Gente audaz*.

Com relação à apreciação de José Agudo sobre Fradique Mendes, é possível perceber sua reserva ou até mesmo prudência quanto à desavença com a equipe d’*O Pirralho*, que sequer é mencionada, assim como sua ponderação no tocante a Fradique Mendes, uma vez que esperamos dele ironias exorbitantes referentes ao seu modo de vida, já que suas obras são destinadas a satirizar os costumes da sociedade.

E apesar de Frei Caneca dizer que José Agudo escreveu “indecência sobre o Eça”, na verdade o inquirido, o que de mais severo fez foi atribuir a este a “fútil preocupação das gravatas”, intencionando demonstrar que o escritor possuía o cuidado excessivo com seu modo de se vestir e por isso transmitiu tal obsessão ao seu protagonista, assim como todas as outras características.

Após o encerramento da enquete destinada à representatividade de Fradique Mendes, exatamente no dia 15 de maio de 1915, *O Pirralho* publicou, na seção “Pirralho social”, uma carta, cuja remetente declarou ser Antonieta Alves de Vasconcellos; dizemos declarou ser, pois é provável que se trate de um pseudônimo, (hipoteticamente do idealizador da enquete) assim como já suscitou a possibilidade *O Pirralho*.

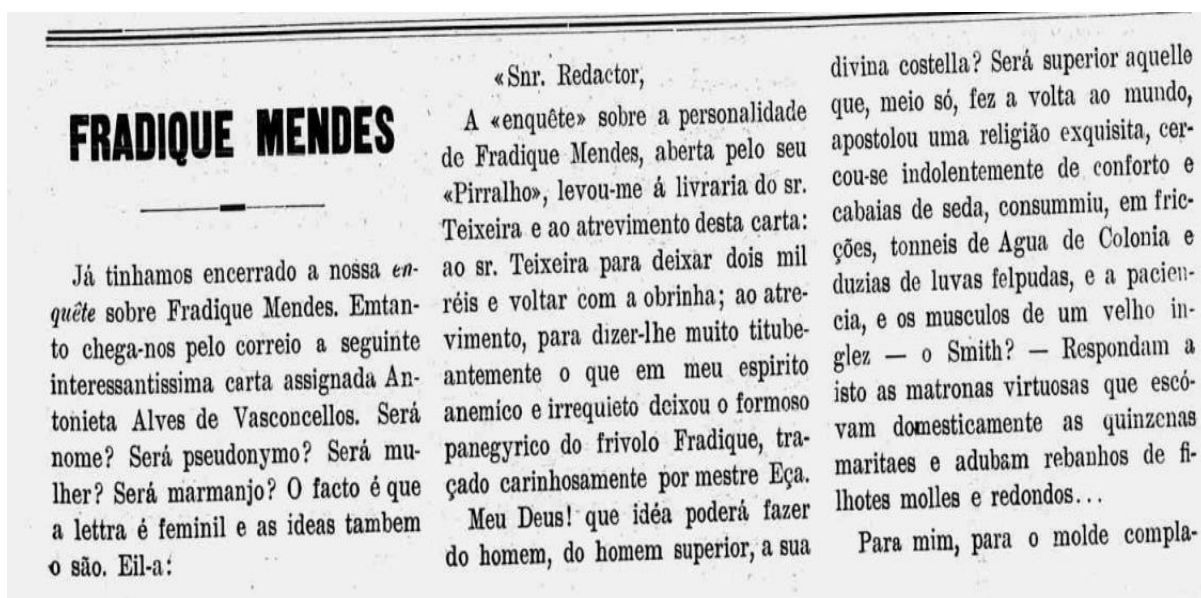


Figura 12 - *O Pirralho* - 15 mai. 1915, n. 187, p. 7.

cente da minha phantasia, bastava-me (e era o idéal) o Fradique, o bom Fradique, bem portuguez, bem casado por notario e padre, sem a caricia das cabaias, nem a vertigem do «tourisme», nem as preocupações dogmaticas do babismo, nem a volupia das massagens...

Porque, meu caro sr. Redactor, será possível que o bisbilhoteiro Fradique, esse que passou pela vida «infinitamente curioso e attento», não tivesse a curiosidade bem humana de experimentar, ao menos uma vez, a delicia de ser pae, nem fizesse attenção a que, debaixo da sua casaca do Thomas Cook, arfava um thorax falho de uma costella — a costella?!

Nem eu, bôa filha do Occidente, gostaria de vêr a meu lado um mandarim farfalhando em sedas, num baralhar de côres. E tampouco me faria prazer ser levada tumultuosamente pelo mundo, em mornas villegiaturas, de hotel em hotel, pelo braço forte de um homem em calções de velludo, a perna «bandée» e, no chapéo tyrolez, uma penna de codorna! E ainda menos me agradaria um senhor europeu, de perola rosea na gravata e gardenia fresca na lapella, a pregar, pelas extensões arenosas de um paiz barbaresco, as bellezas sonhadas de uma religião embryonaria. E muito menos toleraria um «magnifico varão» que, mergulhando em Agua de Colo-

nia, sacrificasse o odor natural e são da sua masculinidade ás excentricidades de um droguista!

Assim, o Carlos, para mim, mulher, não é um homem superior. Sel-o-ia, si tivesse sabido expandir seus apreciaveis dons de intelligencia, coração e virilidade num meio razoavel, que não a athmosphera lunatica em que viveu.

Embora mettido nas pantalonas de xadrez do Smith, mas homem de familia e coração, tal é que eu desejaria, para mim, o decantado Fradique.

Nós as mulheres somos assim fab surdas e caprichosas...

Com muito respeito e sympathia

ANTONIETA ALVES DE VASCONCELLOS

Figura 13 - *O Pirralho* - 15 mai. 1915, n. 187, p. 8.

A leitora fez suas ponderações a respeito de Fradique, dizendo que este não poderia ser considerado superior, visto que ele apenas usufruiu da vida dando volta ao mundo e desfrutando de regalias, inclusive da “paciência e músculos” de Smith, e o que é pior: não se preocupou em formar família, motivos pelos quais, Fradique como homem, não chama a atenção dela, sendo mulher.

Diz ainda que, caso Fradique Mendes tivesse disseminado sua inteligência, seus sentimentos fraternais e sua virilidade, portanto, fosse purgado, aí sim ele poderia ser considerado superior e desejado por ela.

Após a leitura dos textos que compuseram a enquete, é perceptível que a (suposta) leitora baseou sua resposta em elementos anteriormente suscitados pelos intelectuais que já haviam dado seus pareceres ao inquérito, já que alguns dos argumentos são equivalentes.

Ela, que poderia ser na verdade um “marmanjo”, mencionou as características de Fradique, que possivelmente mais incomodariam as mulheres a partir de uma visão estereotipada, como por exemplo, a falta de “curiosidade bem humana de experimentar, ao menos uma vez, de ser pai”; dessa forma também toca na questão de que Fradique é uma criação

ficcional, caso contrário, sendo ele um ser humano, teria outras atitudes e poderia, assim, ser considerado superior.

Fica evidente que Oswald de Andrade gostaria de ter opiniões femininas em sua enquete, tanto que incluiu na lista de seus convidados alguns nomes de mulheres, como as poetisas Francisca Júlia e Graciema Nobre de Campos, além da Madame Presciliana Duarte de Almeida e da *Mademoiselle* Edith Capote Valente; no entanto, nenhuma delas deu suas contribuições, talvez por isso, quis incluir a opinião - bem estigmatizada, diga-se de passagem, - de uma mulher.

Apesar das comprovações de que a enquete realizada n’*O Pirralho* sobre Fradique Mendes tenha sido um sucesso, cujas provas são os dezesseis artigos-resposta escritos por alguns dos mais influentes intelectuais da época, há também indícios que demonstram que para atingir esse triunfo a equipe d’*O Pirralho* teve muito trabalho.

A começar pelo atraso da publicação inaugural do inquérito, fato que pode determinar que nenhum dos convidados havia acatado ao pedido d’*O Pirralho*; além do mais, houve algumas interrupções na sequência das publicações dos pareceres, o que forçou *O Pirralho* a emitir a nota de descontentamento para com os “retardatários”.

Além disso, mesmo sendo anunciado que a contribuição de Francisca Júlia à enquete já estava no prelo, sua publicação nunca chegou a ser efetivada, o que porventura, pode significar que a poetisa jamais tenha escrito sua apreciação.

Adentrando aos pareceres, também foi possível perceber certa pressão, por parte da equipe do jornal, aos convidados a participarem da enquete. Dr. Mello Nogueira, por exemplo, deixa subjacente em seu parecer que foi estimulado insistentemente a responder ao inquérito, ou ainda Ricardo Severo, que foi muito mais categórico e pautou todo seu artigo-resposta na ríspida intimação que diz ter recebido d’*O Pirralho*.

1.3- Eça de Queirós: uma moda literária entre nós.

Em sua obra *A vida literária no Brasil – 1900*, Brito Broca reserva um capítulo para apontar os principais autores da literatura universal que influenciaram diretamente a literatura brasileira, entre eles está Eça de Queirós, que foi considerado tendência entre artistas e sua presença se tornou constante nos principais periódicos da época, em especial aqueles que mantinham inclinação literária, como a *Gazeta de Notícias* e *O Pirralho*.

Eça de Queirós não foi somente uma grande influência na literatura brasileira, foi também uma moda literária, que se iniciou por volta de 1878, quando se divulgou aqui o *Primo Basílio* – implantando o que os cronistas da época chamavam de “basilismo” – até a guerra de 1914, mais ou menos. No começo do século Eça continuava a ser uma obsessão para muitos intelectuais brasileiros. [...] Parece-me que até a guerra de 1914 o culto de Eça de Queirós foi maior no Brasil do que em Portugal. (BROCA, 1956, p.122-24)

Como forma de comprovar o prestígio de Eça de Queirós é interessante relembrar o concurso denominado “Plebiscito Literário”, promovido por *A Semana* (Rio de Janeiro) em 1893, que tinha a intenção de elencar “os seis melhores romances escritos em língua portuguesa” e três dos seis romances mencionados são do autor português.

Os Maias conquistou o primeiro lugar, com 94 votos; *O Primo Basílio*, por sua vez, ocupou a segunda colocação, com 81 votos e *A Relíquia*, com 50 votos, figurou em quarto lugar. Portanto, em segundo plano, figuraram os brasileiros Machado de Assis com *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que ficou em terceiro lugar, com 68 votos e Raul Pompeia com *O Ateneu*, que ocupou a sexta e última colocação, certamente com 41 votos e não com 51, como equivocadamente publicou o jornal.

Apuração final :		
1º lugar:	<i>Os Maias</i> , Eça de Queiroz	94 “
2º lugar:	<i>Primo Basílio</i> , do mesmo.....	81 “
3º lugar:	<i>Memórias Posthumas de Brás Cubas</i> , de Machado de Assis.....	68 “
4º lugar:	<i>A Relíquia</i> , de Eça de Queiroz.....	50 “
5º lugar:	<i>A Mão e a Luva</i> , de Machado de Assis.....	49 “
6º lugar:	<i>Athenau</i> , de Raul Pompeia.....	51 “

Figura 14 - *A Semana* - 23 set. 1893, n. 7 e 8, p. 3

A presença de Eça de Queirós e de suas criações no círculo cultural brasileiro era tamanha que os intelectuais da época utilizavam citações das personagens do romancista português, recitando versos que aludiam a eles: “essa simples brincadeira de poetas e escritores,

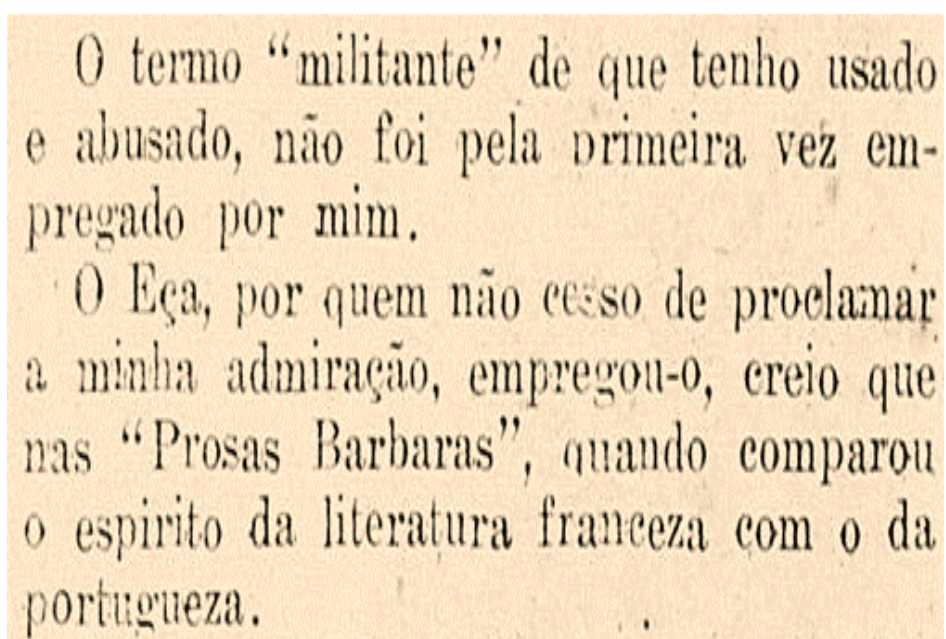
bem no tom da época, testemunha o importante papel que os personagens de Eça desempenhavam no convívio dos grupos literários” (BROCA, 1956, p. 122).

Desta maneira é que a literatura brasileira das duas primeiras décadas do século XX demonstrava a interferência que sofrera dos escritos de Eça de Queirós, que nesse momento era conhecida por *basilismo*.

A presença de Eça de Queirós também pode ser constatada na troca de correspondências entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, onde os amigos cambiavam lampejos acerca do criar literário. Na ocasião, ambos pertenciam a um círculo de acadêmicos em Direito principiando na vida literária, por isso contavam com o papel significativo que a imprensa jornalística operava para contribuir para seus primeiros passos como literatos.

Nesse período, “a presença de Eça de Queirós era muito mais viva e os nomes dos seus heróis aparecem constantemente nessas cartas, como se tratasse de pessoas de relações dos dois amigos” (idem, p. 122-23), uma vez que o escritor português e suas personagens representavam o ideal a ser atingido pelos, então, iniciantes no mundo das letras.

Lima Barreto, em seu artigo denominado “Literatura Militante” no jornal carioca A. B. C. atesta ser um exímio leitor de Eça e revela que jamais deixaria de declarar seu encanto por ele; além disso, deixa clara a influência exercida pelo romancista português em suas criações.



O termo “militante” de que tenho usado e abusado, não foi pela primeira vez empregado por mim.

O Eça, por quem não cesso de proclamar a minha admiração, empregou-o, creio que nas “Prosas Barbaras”, quando comparou o espirito da literatura franceza com o da portugueza.

Figura 15 - A. B. C. - 7 set. 1918, n. 183, p. 8

No jornal vespertino *A Notícia*, Medeiros e Albuquerque, através da seção “Crônica Literária” escreve semanalmente, com o pseudônimo J. dos Santos, sobre lançamentos de livros. Suas resenhas tinham como propósito a divulgação dos livros para que o público leitor se sentisse persuadido a adquiri-los, para isso fazia uma apreciação sensível acerca de seus conteúdos.

Eça de Queirós figurou por pelo menos duas vezes em tal seção do jornal carioca, a primeira, no ano de 1902, com o livro *Contos*, sobre o qual o resenhista opina “ter graça, ter o mesmo encanto dos outros livros do escritor português”, ainda menciona um dos contos “*Civilização*, que é o resumo do último romance *A cidade e as serras*”. (SANTOS, 1902, p. 3)

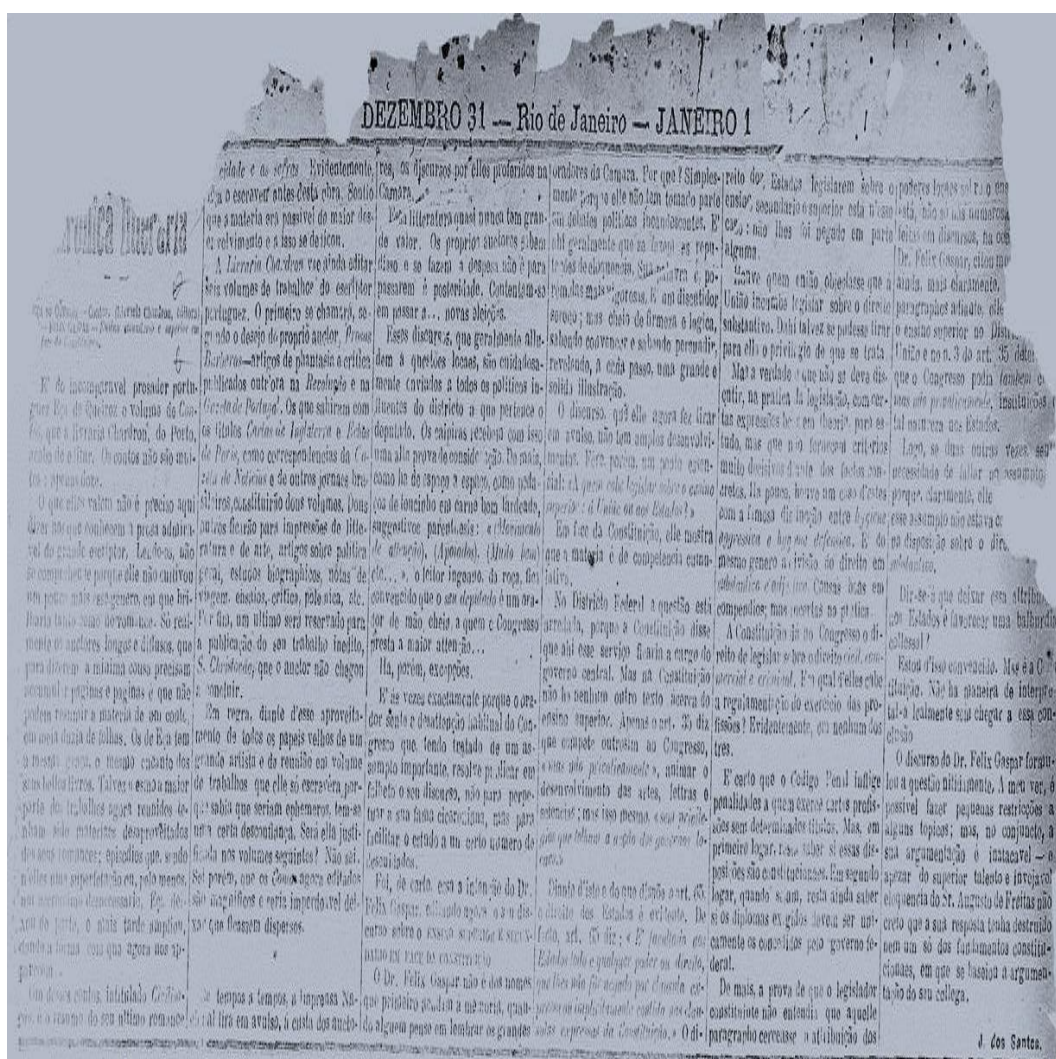


Figura 16 - *A Notícia* - 31 dez. 1902, n. 310, p.3.

Já em 1904, a obra resenhada é *Prosas bárbaras*, outro livro de contos; porém, dessa vez o resenhista não demonstra a mesma admiração, uma vez que transparece seu tom irônico ao dizer que a obra possui um “alto sopra lírico e romântico”.

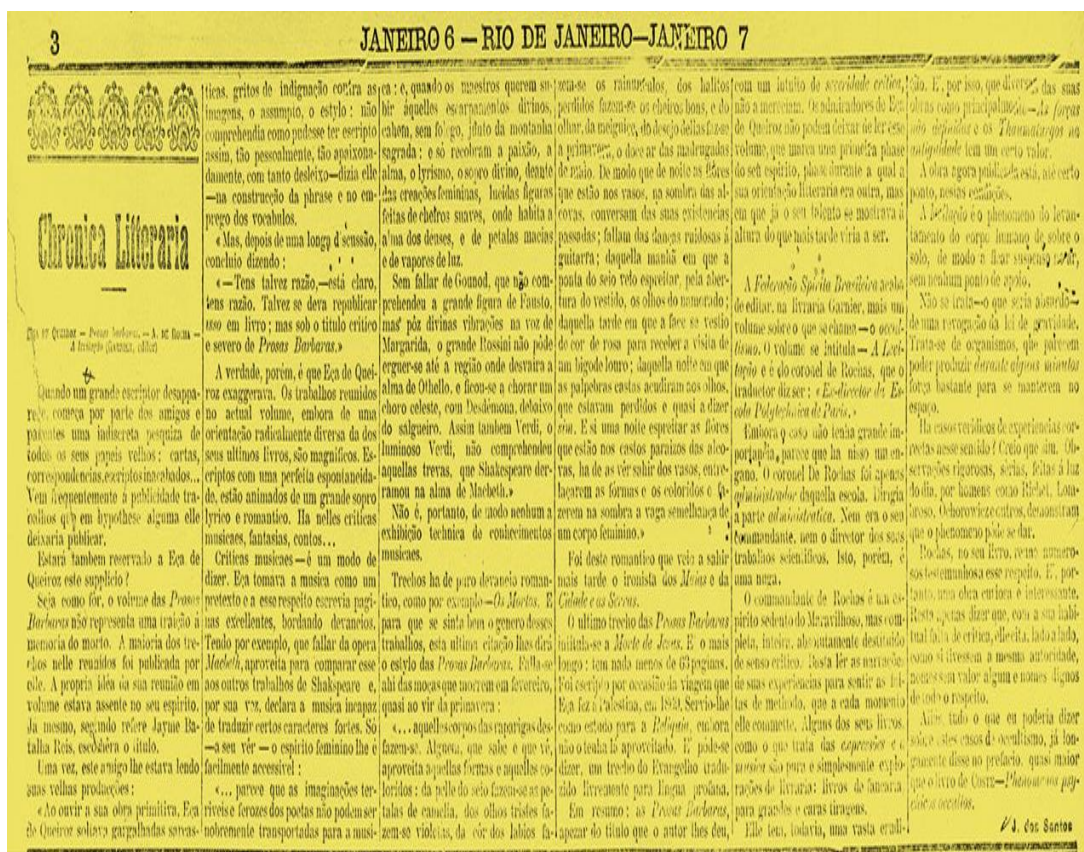


Figura 17 - A Notícia - 6 jan. 1904, n. 5, p. 3.

O artigo traz uma breve reflexão sobre o estilo empregado por Eça em seus escritos e, em especial, as *Prosas bárbaras*. O resenhista reconhece que o escritor português por vezes exagerava e, sem pudor algum, declara que os textos reunidos em tal volume são “magníficos”, mas deixa claro que não ao ponto de receberem esse título: “as *Prosas bárbaras*, apesar do título que o autor lhes deu, com um intuito de *sinceridade crítica*, não a mereciam” (SANTOS, 1904, p.3).

A justificativa de J. dos Santos é que *Prosas bárbaras* apenas dava indícios do que viria a ser a orientação literária de Eça de Queirós, já que a obra nada mais é do que a reunião de textos que foram publicados originalmente em forma de folhetins nos jornais *Revolução de Setembro* e *Gazeta de Portugal*, tais textos pertencem a primeira fase da vida literária do escritor.

Wilson Martins (1978) recorda que Jackson de Figueiredo, em seu livro sobre Xavier Marques - tanto no ano da primeira publicação, em 1913, quanto na segunda edição, em 1916 -, apontava Eça de Queirós como “o maior romancista que escreveu em nossa língua nestes últimos anos”. (FIGUEIREDO, 1913 e 1916 apud MARTINS, 1978, p. 17).

Martins também menciona o capítulo “As idolatrias literárias” da obra *Estudos Críticos* (1917) de José Maria Belo, no qual reconhecia não haver escritor “mais lido e mais querido no Brasil do que Eça de Queirós” e com essa parte de seu livro ele intencionava travar um combate aos julgamentos daqueles que viam as obras de Eça de Queirós como céticas e, seguindo essa perspectiva, aproveita para expor seu raciocínio sobre tais julgadores:

O seu sarcasmo dissolve, se é que não corrompe. A sua ligeireza e a sua ironia de mundano habituam-nos aos julgamentos fáceis e aos desprezos injustos. Não conseguindo extinguir os Acácios, os Palmas Cavalões, os Pachecos, concorrem para a proliferação da raça impertinente e estéril dos falsos Joãos da Ega e dos falsos Fradiques Mendes. É evidente que num país novo, entre uma mocidade descuidada, sem cultura cívica, habituada a desprezar a própria pátria, sem regra, incapaz de altos pensamentos, só as leituras sérias dos grandes pensadores, filósofos e literatos, a preocupação constante das ideias gerais e das coisas nacionais, poderiam preparar a elite intelectual, que é a maior glória de um povo [...] A hora do ceticismo foi vivida; destruiu-se muito, destruiu-se quase tudo. Tornar-se-ia necessário construir agora. (BELO, 1917 apud MARTINS, 1978, p. 17)

E Wilson Martins ainda aponta as considerações de Rui Ribeiro Couto em sua obra *Sentimento Lusitano* sobre a influência de Eça para ele e seus contemporâneos:

Para mim e para os rapazes do meu tempo, da minha roda, primeiro em Santos, nos bancos de humanidades e de iniciação literária, depois sob as arcadas do velho convento de São Francisco, por volta de 1915, na Faculdade de Direito de São Paulo, ele [Eça de Queirós] foi uma grande janela aberta para mundo vivo [...] Não era só em nossa formação literária e em nosso próprio estilo que Eça de Queirós influía. Influía em nossos projetos de andar pelo mundo, em nossos hábitos, gestos e atitudes [...] (COUTO, 1964 apud MARTINS, 1978, p.18)

Conforme as ponderações realizadas, podemos perceber que Eça de Queirós é uma das expressões maiores da literatura de língua portuguesa e, por obter uma recepção crítica positiva no Brasil, seu nome - juntamente com o de sua personagem mais representativa nos primórdios do século XX, Fradique Mendes - estava em voga, tanto que ocupava lugar de destaque n’*O Pirralho*, sendo o motivo de uma enquête literária, assim como destaca Brito Broca e sobre a qual centraremos nossa atenção no capítulo seguinte.

Talvez não com a mesma intensidade e preceitos do ocorrido com a obra *O primo Basílio*, que originou a moda do *basilismo* entre os brasileiros, surge também o termo *fradiquismo* trazido de Portugal, oriundo da personagem Fradique Mendes.

Por manter o *status* de homem real e pelo fato de sua existência ser desvinculada de um ser puramente ficcional, Fradique Mendes alcançou o estatuto de personalidade com identidade própria. O protagonista foi capaz de difundir seus ideais, que eram seguidos como doutrina na época pelos portugueses e europeus, de forma geral, assim como pondera Carlos Reis:

[...] Fradique assume uma autonomia ideológica que permite dizer dele que possui um pensamento próprio: chamamos precisamente fradiquismo a esse pensamento e podemos entendê-lo como mais um dos ismos que proliferam na nossa cultura e na cultura europeia de fim de século. O fato de este ismo pode ser motivado por um propósito crítico, relativamente a essa prolixidade de movimentos e modas culturais, não lhe retira legitimidade; por outro lado, o fradiquismo pode ser entendido como alternativa ideológica ao pensamento da geração de 70, de que o Eça dos anos 80 se ia distanciando, sem assumir claramente esse distanciamento como ruptura: em certa medida, é ao fradiquismo que cabe cumprir essa função. (REIS, 2005, p. 94).

Nota-se que na sociedade paulistana a tentativa de imitar as concepções, os gostos e os modos de Fradique Mendes também era constante, apesar de inúmeras demonstrações apontarem que essa tal tentativa era vã. Portanto, é possível afirmar que a moda do *fradiquismo* também vigorou por aqui.

Constatamos vários indícios que confirmam essa afirmação a partir da leitura realizada das apreciações concedidas à enquete d'*O Pirralho*, em que alguns dos inquiridos reconhecem a influência de Fradique Mendes a partir das ações de uma boa parcela dos indivíduos que tinham nele o ideal de vida, assim como veremos no último capítulo desse trabalho.

A ideologia do *fradiquismo* possui um caráter crítico que se espalhou por onde ela interveio. E em relação a esse aspecto inerente ao *fradiquismo*, - ao qual coube o afastamento das concepções da geração de 70, que também foram tão influentes por aqui - percebemos que seja possível aproximá-lo das atitudes dos nefelibatas brasileiros que, a essa altura, deixavam se levar pelos sintomas decadentistas, que já havia permeado a literatura ocidental.

Nesse sentido, lembramos que a personagem Fradique Mendes tem sua existência circunscrita às décadas finais do século XIX, o que o transforma numa personagem finissecular, e por isso, também, aproxima-se das tendências dos homens deste período, que se caracteriza por ser arraigado a um sentimento de pessimismo, tendo sua melhor representação na figura do dândi, que como citado anteriormente, marcou o período das grandes transformações da cidade de São Paulo.

1.3.1- Carlos Fradique Mendes.

Carlos Fradique Mendes é uma personagem concebida no ano de 1868/69 por Jaime Batalha Reis, Antero de Quental e Eça de Queirós; a intenção deles era criar um poeta que representasse uma provocação à burguesia.

Tal conjunto, através das palavras de Eça de Queirós, explicou a criação da personagem da seguinte forma: “pensamos em suprir uma das muitas lacunas lamentáveis criando, ao menos, um poeta satânico. Foi assim que apareceu Carlos Fradique Mendes” (QUEIRÓS, apud SIMÕES, 1978, p.181) no jornal lisboeta, *Revolução de Setembro* e n’*O Primeiro de Janeiro*, jornal da cidade do Porto, com alguns poemas satânicos reunidos e denominados *Lapidárias*.

O grupo de amigos elaborou algumas estratégias no momento da criação dessa personagem para que ela adquirisse o *status* de homem real, entre elas, como mencionado, a autoria de alguns poemas.

De acordo com Joel Serrão (1985, p. 204), dentre os poemas que compunham as *Lapidárias*, constavam dois de autoria de Antero de Quental, um de Eça de Queirós e mais um de Jaime Batalha Reis. E em fins de 1869, surgiram mais outros quatro poemas, sob o título de *Poemas de Macadam*, no jornal *O Primeiro de Janeiro*, que também foram atribuídos a Fradique Mendes.

Sua primeira aparição como personagem, porém secundária, foi em uma das cartas do romance policial, *O mistério da estrada de Sintra*, de autoria conjunta entre Eça de Queirós e Ramalho Ortigão em 1870, no jornal *Diário de Notícias*, de Lisboa, em forma de folhetim.

Fradique aparece na parte VI intitulada “A confissão dela”, no capítulo 5, na sala de música da casa da protagonista, onde se reuniam pessoas ilustres como marqueses e viscondes, estava lá também Fradique Mendes, que é dessa maneira caracterizado pela anfitriã:

Mas ao pé de mim, sentado num sofá com um abandono asiático, estava um homem verdadeiramente original e superior, um nome conhecido – Carlos Fradique Mendes. Passava por ser apenas um excêntrico, mas era realmente um grande espírito. Eu estimava-o, pelo seu caráter impecável, e pela feição violenta, quase cruel, do talento. Fora amigo de Carlos Baudelaire e tinha como ele o olhar frio, felino, magnético, inquisitorial. Como Beaudelaire, usava a cara toda rapada; e a sua maneira de vestir, de uma frescura e de uma graça singular, era como a do poeta seu amigo, quase uma obra de arte, ao mesmo tempo exótica e correcta. Havia em todo o seu exterior o que quer que fosse da feição romântica que tem o Satã de Ari Shefer, e ao mesmo tempo a fria exatidão de um gentleman. Tocava admiravelmente violoncelo, era um terrível jogador de armas, tinha viajado no Oriente, estivera em Meca, e contava que fora corsário grego. O seu espírito tinha um imprevisto profundo

e que fazia cismar: fora ele que dissera da pálida duquesa de *Morny*: *elle a la bêtise mélancolique d'un ange*. O imperador citava muitas vezes este dito, como sendo conjuntamente a crítica profunda de uma fisionomia e de um caráter.

Carlos Fradique tinha por mim uma amizade elevada e sincera. Chamava-me seu querido irmão. Conhecia-me desde pequena, andara comigo ao colo. Em Paris tornou-se celebre; era o que se poderia chamar um filósofo do *boulevard*. Tinha sido *l'amy de coeur de Rigolboche*, e quando ela rompeu por se ter apaixonado por *Capoul*, Carlos Fradique deixou-lhe no álbum uns versos quase sublimes, de um desdém cruel, de um cómico lúgubre, uma espécie de Dies Irae do dandismo... (QUEIRÓS, p. 268 - 269)

Tais características elencadas na descrição de Fradique por Luísa já suscitavam sua singularidade, através de adjetivos como: original, superior, exótico, *gentleman* e célebre; que permaneceu ao ser completamente explorada a seguir, em *A correspondência de Fradique Mendes*.

Carlos Reis (1999, p. 138) salienta que a personagem que apareceu n' *O mistério da estrada de Sintra* mantinha características de sua primeira apresentação, como por exemplo “a amizade com Baudelaire, um certo toque de exotismo e dandismo”, contudo, agora, o acesso a Fradique se dava a partir de relatos sobre ele, não mais através de sua poesia.

Os atributos destacados pela amiga de Fradique demonstram que os autores do primeiro romance policial da literatura portuguesa possivelmente sofreram a interferência da ideologia do poeta e teórico Charles-Pierre Baudelaire (1821 – 1867) ao adotarem tais características e fazerem uso da palavra dandismo, estilo de vida a que Fradique está associado. Além do mais, na mesma citação, é exposto que Fradique Mendes é amigo de “Carlos Baudelaire” e possui certos comportamentos semelhantes a ele.

Após alguns anos postergada, só em 1885, esta personagem é lembrada por Eça de Queirós, que em uma carta ao amigo Oliveira Martins, expõe o desejo de retomá-la e em 1888 cumpre seu anseio. Surge, então, a obra que tinha a personagem criada nos anos finais da década de 1860 como protagonista.

As cartas de Fradique Mendes só apareceram a partir de 1889 com o propósito de revelar as incríveis reflexões do seu (suposto) autor após a sua morte, efetivando com ele o que era de costume realizar na época com as grandes figuras que haviam morrido: publicar suas cartas particulares. Desta maneira a obra que temos hoje foi esboçada.

A correspondência de Fradique Mendes escrita pelo então renomado escritor português, foi inicialmente publicada, de forma seriada, entre os dias 22 de agosto e 4 de outubro, com um hiato no dia 27 de setembro do ano de 1888 no jornal da capital portuguesa *O Repórter* com o

subtítulo "Memórias e recordações"; tratava-se da apresentação do protagonista feita pelo narrador, que confessa grande admiração pelo poeta de Lapidárias

No jornal carioca *Gazeta de Notícias*, poucos dias depois do início da publicação n' *O Repórter*, mais precisamente no dia 26 de agosto, começou a ser divulgado o mesmo texto, pelo que indicava o título e subtítulo.

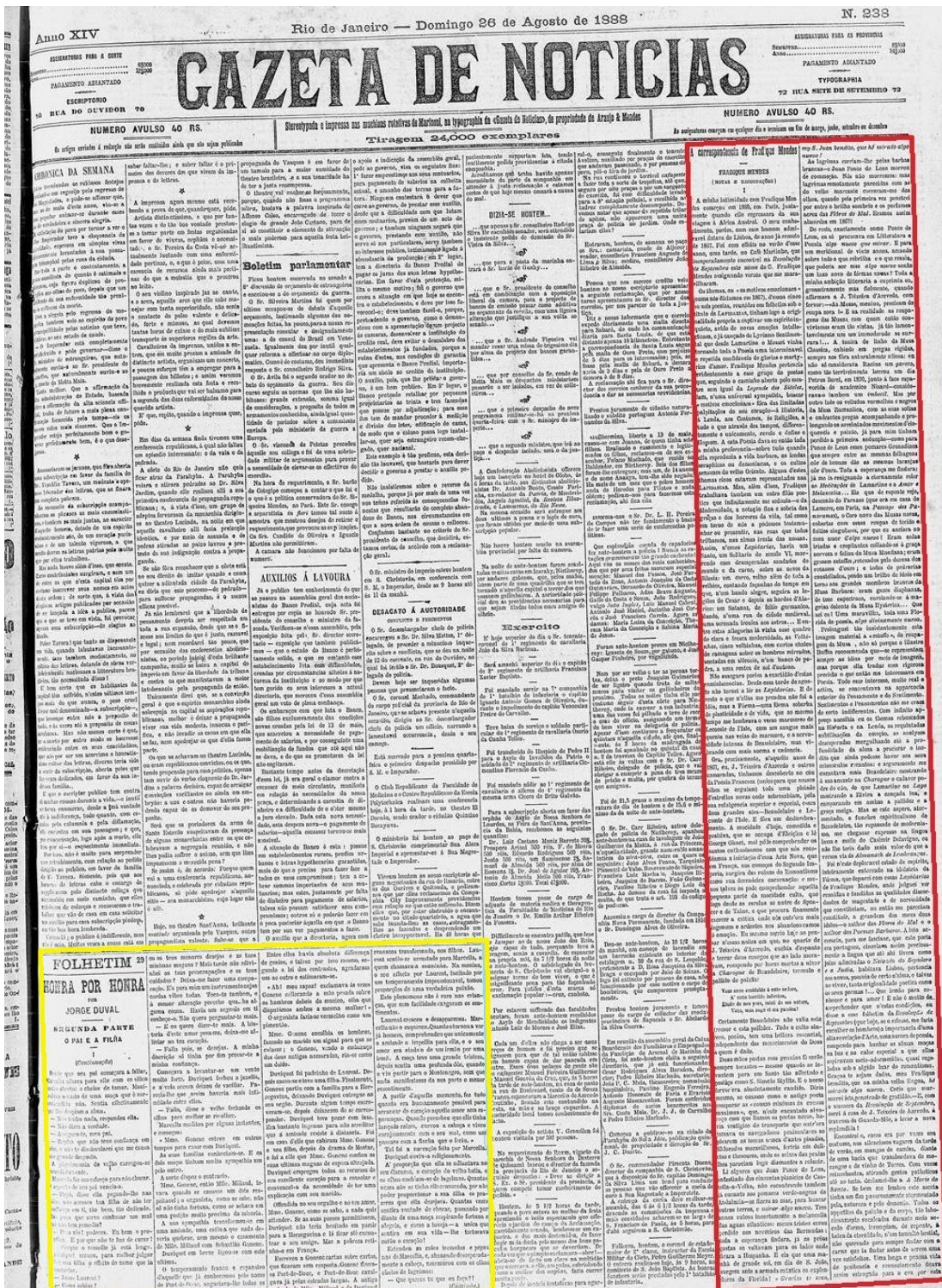


Figura 18 - *Gazeta de Notícias* - 26 ago. 1888, n.238, p. 1

Enquanto no jornal brasileiro a publicação era diária, no português era feita semanalmente, provável motivo pelo qual a *Gazeta de Notícias* foi mais adiante no texto, mesmo sendo publicado apenas até 9 de setembro do mesmo ano, quando inexplicavelmente parou de ser difundido.

Em 1889, na *Revista de Portugal* encontrava-se a versão mais ampla e portanto mais próxima do que seria a edição em livro (realizada pouco tempo após a morte de Eça de Queirós no ano de 1900) d'*A correspondência de Fradique Mendes* com os oito capítulos de “Memórias e notas” e oito cartas.

Mesmo que o tempo de sua circulação tenha sido breve, a *Revista de Portugal* marcou época e sobre isso é interessante destacar que ela foi dirigida por Eça de Queirós; portanto, as publicações eram controladas, organizadas e decididas por ele, evidenciando, assim, que o escritor escolheu publicar *A correspondência de Fradique Mendes* nesse veículo de importância inegável para a cultura portuguesa.

Finalmente, em 20 de agosto de 1890 a revista parisiense *A Illustração* recebeu a carta de Fradique a Ramalho Ortigão, que já havia sido publicada em março deste ano na *Revista de Portugal*. Apenas em 1897 a *Revista Moderna* publicou a carta destinada a Bento, que outrora também havia sido inserida na *Gazeta de Notícias* no ano de 1894.

Sendo assim, na publicação em livro d'*A correspondência de Fradique Mendes* foi composto um *corpus* com oito capítulos na parte introdutória denominada “Memórias e notas” e dezesseis cartas compondo o epistolário.

Como é possível observar na imagem da publicação inaugural de *A correspondência de Fradique Mendes* na *Gazeta de Notícias*, reproduzida na página anterior, o texto de Eça encontra-se nas sétima e oitava colunas da primeira página (bordas vermelhas), além das duas primeiras colunas da página seguinte (não está representada aqui), onde o autor conclui para o dia e assina; portanto, não é publicado no espaço reservado ao folhetim (bordas amarelas), já que “aparentava ser um despretenso relato memorial” (REIS, 2014, p. 15) e não um romance folhetinesco.

O texto publicado na *Gazeta de Notícias* passou por várias modificações até que chegasse a ser publicado em livro, visto que o próprio autor, ao enviá-lo para outro jornal, fazia algumas alterações. Além disso, por se tratar de uma obra semipóstuma, ela possivelmente passou por interferências, em especial na ordem das cartas, que podem ter alterado o produto que seria considerado original.

Como já comentado, *A correspondência de Fradique Mendes* foi dividida em duas partes. A primeira, tida como introdutória, denomina-se “Memórias e notas”, ela é composta por oito capítulos e considerada memorialista, já que se trata de uma espécie de biografia idealizada, engendrada numa situação narrativa testemunhal, comum desse gênero de relato. Ramos pondera a respeito de tal parte do livro.

Ora o livro traz o seguinte sub-título, muito significativo: Memórias e Notas, que aproxima-nos de um memorialista de ideias, de impressões literárias e de gostos estéticos [...] trata-se agora de fazer principalmente a biografia intelectual de Carlos Fradique Mendes, “verdadeiro grande homem, pensador original, temperamento inclinado às ações fortes, alma requintada e sensível”. (RAMOS, 1945, p 181)

A segunda parte é composta pela recolha das cartas particulares escritas pelo protagonista e enviadas aos seus destinatários, alguns reais, como Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e Oliveira Martins; outros fictícios, como sua madrinha, Madame de Jouarre e Clara, a mulher com quem tem um relacionamento.

Nas cartas, ele expõe muitos de seus pensamentos a respeito de fatos da época, com os quais ele mostrava suas inquietações diante do esfacelamento da sociedade lusitana causada pelas constantes transformações políticas e sociais, chegando a criticar seu país e tudo o que lhe pertence, ao dizer, logo em sua segunda carta: “Tudo tende a ruína num país de ruínas” (carta a Madame de Jouarre, p.49), além de tecer considerações sobre religião e literatura.

A primeira parte “Memórias e notas” tem papel importante no direcionamento da leitura das cartas, principalmente pelo fato de nos ser nela apresentada a personagem central através de um narrador admirador de Fradique Mendes, que nos evidencia suas principais características e molda nosso imaginário para que possamos ler suas correspondências tendo em mente toda a sua singularidade. Sendo assim, as cartas são recebidas de forma muito mais significativa.

Ao fazermos considerações a respeito das partes que compõem a obra, se faz necessário destacar que a leitura dela no seu desdobramento pautado na intertextualidade é completamente possível e profícuo. Portanto, é perceptível que as duas partes dialogam principalmente pelas alusões que as cartas fazem a “Memórias e notas”, além das relações existentes entre as próprias cartas.

Um exemplo da relação intratextual entre “Memórias e notas” e as cartas pode ser encontrada no segundo capítulo da primeira parte, na ocasião em que Vidigal apresenta o narrador a Fradique Mendes.

Este possui uma carta e após lê-la percebe que se trata de um problema com a Alfândega, já que um caixote contendo uma múmia egípcia havia sido embargado, Fradique então pede ajuda de Vidigal para acabar com o transtorno. Já na terceira carta de Fradique Mendes destinada a Oliveira Martins, o remetente narra o episódio conturbado da múmia.

Essa obra, cuja edição o escritor português se dedicou durante os anos finais de sua vida, além de representar, de forma irônica, a decepção com a nação portuguesa, também produz um efeito singular na sociedade paulistana, para a qual esse trabalho se volta, pois é através dela que percebemos a presença de Eça de Queirós, que durante as primeiras décadas do século XX, ainda mantinha a posição de um dos escritores mais lidos e sustentava seu prestígio ao ser considerado como moda literária.

1.3.2 Fradique Mendes e o Decadentismo.

Eça de Queirós utiliza-se da personagem principal da obra *A correspondência de Fradique Mendes*, numa época em que a Europa passava por uma crise especialmente no âmbito cultural e espiritual. No entanto, a situação de Portugal atingia matizes ainda mais acentuados, já que era o último país da Europa, por seu atraso e ineficácia em todas as instituições.

Eça de Queirós também deixa transparecer alterações significantes em seu estilo de escrita. Para alguns estudiosos da sua literatura, ao menos sua ousadia crítica pode ter sido abalada, o que, eventualmente, pode configurar a decadência do autor. Assim como pondera João Gaspar Simões:

Em maio de 88 já se vislumbravam os primeiros sintomas de uma decadência que, se não atingia a virilidade estilística do grande romancista, pelo menos lhe afetava seriamente o desassombro e a irreverência críticas. Com efeito, por essa altura concebia Eça de Queirós a *Correspondência de Fradique Mendes*, primeiro passo para a entronização da figura agora, por assim dizer, o avesso da personalidade modelada pelo Cenáculo. (SIMÕES, 1945, p.77).

O que podemos afirmar com certeza é que seus últimos escritos - categoria a qual *A correspondência de Fradique Mendes* pertence - demarcam a fase final de sua produção literária, conforme seu estilo de escrita. Assim como pondera Carlos Reis, ao dividir a produção de Eça de Queirós em três fases:

[...] a que vai dos seus primeiros escritos na *Gazeta de Portugal* (Mar. 1866 – Dez. 1867), postumamente reunidos sob o título *Prosas bárbaras*, até a publicação de *O mistério da estrada de Sintra* (1870); a que se inicia com a participação nas Conferências do Cassino e a colaboração n' *As farpas* (1871 – 1872), da qual *O crime do padre Amaro* (1880) e *O primo Basílio* (1878) são romances exemplares; e, finalmente, a que se anuncia com a carta-prefácio de *O Mandarim* (1884) [...] para mostrar-se em pleno n' *A correspondência de Fradique Mendes* (1888, ed. em livro: 1900), n' *A ilustre casa de Ramires* (1900) e n' *A cidade e as serras* (1901). (REIS, 2000, p. 183-184)

No entanto, entendemos que o senso crítico de Eça de Queirós permanece o mesmo em suas fases de escrita. O que modificou foi a sua maneira de escrever; sua crítica já não é tão explícita na terceira e última fase, ela é mais velada e sutil, já que sua preocupação estilística é outra e seu característico trabalho com a ironia se torna mais engenhoso, inusitado e apurado.

Talvez por esse motivo a personagem Fradique Mendes ganha características físicas, mas principalmente ideológicas conforme o momento histórico e o estilo de Eça exigiam, deixando de carregar suas características originais.

Sendo assim, a vida de Fradique Mendes transcorre num período marcante, que além de caracterizá-lo como personagem finissecular, termo adjacente ao conceito de Decadentismo, também o faz representativo da figura icônica do dândi neste ínterim.

Eça de Queirós produzia suas composições a partir desses elementos vigentes, podendo ser encontrados em *A cidade e as serras*, obra póstuma de Eça de Queirós, tida como uma espécie de subsequência do conto “Civilização” publicado em 1892 e, ainda, em seus textos de imprensa, tal como “Decadência do riso”, publicado na *Gazeta de Notícias* em 1892.

Como marca característica nas literaturas do século XIX, o intento em reconstruir a identidade nacional, ou pelo menos reafirmá-la faz com que os escritores retomem antigos paradigmas para engendrar e recuperar elementos da cultura contidos pelos fatos históricos recorridos no momento.

Tal período, como comentado anteriormente, culmina com a última fase da vida literária de Eça de Queirós. Em *O último Eça*, Miguel Real (2006) afirma que nessa fase o escritor demonstra revisitar e revisar, com intenção de melhorar, toda sua criação literária.

Para isso, Eça de Queirós passa a alicerçar sua estratégia discursiva em três pontos centrais, basicamente voltados às revisões subjetivas das impressões psicológicas; à revisitação de cada momento e tema e, por fim, se vale do método comparativo para a composição de suas últimas obras que, agora, apresentam fontes de inspiração diferenciadas e uma maior preocupação estilística, sem jamais abandonar o emprego da ironia, tão típico de sua linguagem.

Deste modo, podemos notar que *A correspondência de Fradique Mendes* não privilegia apenas a realidade social exterior, como a fase realista de Eça, mas sua realidade interior, adotando principalmente o método comparativo, que conforme Miguel Real é “a comparação entre tempos diversos, entre civilizações diversas e entre fases diversas de uma mesma civilização”. (REAL, 2006, p. 133)

Eça de Queirós, ao aproximar Fradique Mendes das tendências dos homens desse período Decadentista, que se caracteriza por estar arraigado a um sentimento de pessimismo, assim como do dandismo, cujo adepto se distinguia pela postura destoante na sociedade e adotar estes paradigmas em outras obras, demonstra sua reflexão concomitante e ademais inovadora sobre os dilemas existentes.

O movimento Decadentista, ou seja, “no sentido mais restrito, a ‘decadência’ é, no plano estético, uma corrente da literatura francesa desde meados do século XIX com seu apogeu nos anos 80” (José António Costa Ideias⁷), especialmente com a obra *À rebours* do parisiense J. – K. Huysmans⁸. Os efeitos desta tendência são intensamente vivenciados pelos dândis e estão intimamente ligados à boêmia.

No caso de Portugal, o período foi marcante, especialmente para alguns intelectuais, do grupo conhecido como Cenáculo, impulsionados pelo escritor Antero de Quental (1842 – 1891), que decidiram refletir sobre os possíveis fundamentos para a decadência da sociedade. Às reverberações do grupo, que transcorreram numa sala de um cassino, se deu o nome de “Conferências Democráticas do Casino Lisbonense”, ou simplesmente “Conferências do Casino”.

Já os principais países da Europa passavam por incidentes políticos relevantes, que contribuíram para o sentimento decadente, assim como pondera José António Costa Ideias no verbete “Decadentismo” do E-Dicionário de termos literários.

De facto, as análises pessimistas foram, em grande parte, confirmadas por acontecimentos políticos: a França perde a guerra de 1870/71 contra a Prússia-Alemanha, Portugal sofre a “vergonha” do Ultimatum inglês de 1890 (incidente diplomático com profundas repercussões no imaginário colectivo da época). A Espanha perde, em 1898, a guerra contra os Estados-Unidos. Apenas a Itália parece viver um eufórico sentimento de união política, com a conversão de Roma, em 1870, como capital de um país unificado.

⁷ José António Costa Ideias. Decadentismo. In: CEIA, Carlos (ed. e org.). E-Dicionário de termos literários. < <http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6077/decadentismo/>> acesso em 12/10/2016.

⁸ Joris-Karl Huysmans (1848-1907) foi um escritor francês e crítico de arte, primeiramente associado a Émile Zola e ao grupo de naturalistas. Depois, juntou-se ao Movimento Decadente Francês.

O Decadentismo, claramente, resulta de uma visão pessimista, extremamente negativa em relação ao momento que se vivia a evolução histórica contemporânea, já que a despeito do progresso tecnológico e científico, foi nesse período que ocorreram os grandes desenvolvimentos na produção em larga escala no mercado, das melhorias técnicas no campo da saúde, transporte e comunicações, que se alastraram de maneira praticamente total na Europa.

No entanto, esses são avanços principalmente materiais que vão trazer conforto, às vezes a solução para os problemas e até mesmo a riqueza para algumas pessoas, contudo não é essa a perspectiva que acaba prevalecendo principalmente nos círculos intelectuais e artísticos, mas sim a visão pessimista em relação ao período que seria decadente do ponto de vista do espírito, da arte e da moral; portanto, seria esse o sentido da decadência ocidental para os artistas e intelectuais.

O mundo é árido e empobrecido cultural e espiritualmente; essa é a avaliação feita por muitos escritores como Huysmans e artistas de modo geral a respeito do século XIX, uma vez que o Decadentismo está ligado a uma sensibilidade própria do final desse século, mas que não chega a ser uma doutrina completa como o Simbolismo, que envolve a literatura e uma concepção geral do homem e do universo; tanta consistência não se encontra no âmbito do Decadentismo.

Os limiares entre os dois movimentos são de certo modo indefinidos, por motivos recorrentes como “a confusão de sistemas estéticos, o atropelo de períodos literários, a situação inexata de autores”. Pereira tenta delimitar esses dois conceitos e de forma sintética diz que o Decadentismo “foi sobretudo um estado de sensibilidade cristalizado em mensagem artística”, já o Simbolismo “se apresenta como sistematizável doutrina” (PEREIRA, 1975, p. 3 - 4).

O Decadentismo é mais bem classificado como um movimento de rebelião ao marasmo que a literatura estava vivendo, do que propriamente uma escola literária. Tal movimento configurava-se pela pretensão de encontrar e seguir um novo caminho, rompendo com aquele (Naturalismo) que tanto foi percorrido e por isso exaurido, sobretudo pelo fato de verem a necessidade de resgatar o lirismo tão abandonado e substituído pela aridez da vida.

O Decadentismo é mais fragmentário, difuso, heteróclito e diluído do que o Simbolismo, que, por outro lado, é mais coeso e consistente; no caso, é uma doutrina sistematizada, todos os aspectos do Simbolismo estão articulados, do ponto de vista do estilo, das imagens, dos temas, da concepção de literatura e de arte, além do fundamento filosófico, sendo assim mais completo.

Todavia, o Decadentismo não cai em demérito, especialmente por ter dado vazão e incorporar uma sensibilidade própria do homem do final do século XIX, do intelectual que já não estava satisfeito, como ser pensante e espiritual, porque ele tem permanentemente a ânsia do espírito, da transcendência, do metafísico; por isso, sente-se sufocado por esse predomínio do pensamento e concepções materialistas.

Assim sendo, decadência não é um termo que designa e caracteriza a obra de arte decadentista, a decadência é do que se passa à volta do artista, que faz um diagnóstico do momento, nesse âmbito da moral, dos costumes, da arte, da filosofia.

Nesse sentido, a decadência está fora do artista, não nele; embora, os críticos acusassem as primeiras produções desses artistas como produções decadentes, ou seja, com a ideia de desagregação, degeneração e perda dos valores estéticos, que eram, até então, respeitados e considerados.

Portanto, *a priori*, as obras inaugurais foram chamadas de decadentes, num sentido claramente pejorativo e que deveria ser combatido. Apenas mais tarde a tendência foi ganhando nuances mais consistentes.

Muitos dos autores decadentistas são aqueles que optam por uma existência à margem da sociedade, uma espécie de fuga da realidade por esgotamento e cansaço; sendo assim, os artistas passam suas elucubrações aos seus personagens. E já que viam a realidade como muito frustrante, a intenção de cultivar a arte (arte pela arte) se faz necessária.

A reação do decadentista diante do mundo é ímpar, uma vez que não é impelido à ação, ele se retrai. Sua postura básica é a inibição prostrada, justamente pela propensão ao pessimismo em relação à evolução histórica contemporânea.

O sujeito é totalmente recolhido, imerso no seu mundo e sem energia para agir; possui um sentimento de impotência, seja ela uma impotência real, ou um sentimento de impotência, ou seja, imaginar não ser capaz de, ou que não tem forças para, nesse caso, a pura e simples desistência.

O movimento traduz a perplexidade do homem do final do século XIX, que não se sente representado nas suas angústias, na sua sede de conhecimento e sublimação pelo pensamento vigente, que é marcado pelo positivismo e pelo cientismo (que nada mais é do que a entronização da ciência, como meta final do conhecimento humano, que quer conhecer de modo cabal tudo e dar uma explicação definitiva).

Segundo um dos principais estudiosos do movimento decadentista em Portugal, José Carlos Seabra Pereira (1975, p. 23), em sua tentativa de designar tal movimento, pondera que:

O que parece caracterizar primeiramente o Decadentismo é um estado de sensibilidade. Este é, em simultâneo, o próprio do homem finessecular desgostoso de si mesmo e de uma civilização em crise aberta. Em França, como por toda a Europa, de Portugal à Rússia, agudiza-se a consciência de um estado de decadência social e cultural: a vida materializada, a sociedade injusta, a destruição da beleza, a limitação e a vulgaridade ou formalismo em arte; e o pensamento sente-se, também já, aprisionado num beco-sem-saída de um imanentismo absurdo.

Este movimento não só se concretiza pelas obras de artes, mas também está marcado como um modo de vida, por uma postura diante do mundo, que é da contestação que passa até pelo comportamento (comportamento marginal, desafio ao burguês bem pensante). Ao que tudo indica para produzir uma obra literária independente é preciso desafiar as convenções, as ideias feitas e muitos artistas seguiram esse caminho.

Como Eça de Queirós utiliza-se da personagem Fradique Mendes num período em que aflora o Decadentismo, ele faz em *A correspondência de Fradique Mendes* o que apenas escritores singulares se preocupavam em abordar. Sempre atento ao que se passa a sua volta, demonstra em sua criação grande capacidade artística e inovadora voltada ao momento histórico vigente.

1.3.3- Às avessas: uma novidade.

A obra de Eça de Queirós estabelece uma relação intertextual com *Às avessas* de Huysmans, especialmente na medida em que se vale de tal texto de diversas maneiras. Por vezes, o efeito é observado em momentos de aproximações entre as características das personagens, ou ainda quando os elementos representativos de des Esseintes são exagerados em Fradique, inclusive também nas ocasiões em que o autor concede um antagonismo exacerbado entre elas, a partir de distanciamentos e até mesmo distorções. Todas essas situações geram efeitos irônicos.

Há para ambos os textos fontes comuns: a tomada de posição estética, o engajamento no contexto do apogeu do Decadentismo, a essência das personagens, sendo notada a permanência arquetípica do dândi, entre outros aspectos, que tornam válido o paralelo entre as obras, já que elas se situam dentro de uma tradição.

Na virada do século XIX para o XX, grande parte da literatura, especialmente a francesa, estava imersa no movimento decadentista, corrente cujos representantes mais enérgicos se apraziam num esteticismo não só literário, mas também comportamental, representado pela figura do dândi, principal expoente da sensibilidade decadente.

A sensibilidade decadentista estava presente na década de 1880 e é cristalizada de uma forma plena na personagem des Esseintes, de Huysmans, que em seu romance, publicado em 1884, alcançou a inovação, ao ser considerado uma reação ao Naturalismo. Representando, dessa forma, uma ruptura com modelo narrativo de Zola, curiosamente mestre de Huysmans e Eça de Queirós.

Des Esseintes é a personagem que encarna o espírito decadentista por excelência, no que tange sua dificuldade de se inserir no mundo, de se relacionar com as pessoas e pela fuga que busca um tempo através de evasões, curiosamente artificiais, além de encarnar perfeitamente o espírito do dândi e por isso pode ser visto como o precursor desta efígie emblemática da literatura.

Portanto, a personagem principal está em busca do escapismo, lançando mão de vários métodos de procurar fugir do mundo, visto como enfadonho e material, que proporcionava pouco espaço para a sensibilidade artística, o espírito e o pensamento dependente.

Através do gosto refinado do dândi, encheu-se de perfumes, pedras preciosas, bebidas de sabor apurado, pinturas delicadas, poesias escolhidas, poucos romances lidos e relidos, plantas com cores e formatos perfeitos, cômodos adaptados e transformados em ambientes exteriores e, enfim, uma vida reclusa na qual sobejava tempo e espaço para os devaneios do duque. (VIEIRA, 2016, p. 29)

Os traços desse dândi são marcados pelos gestos requintados e pelo culto ao esteticismo - por isso vive rodeado por artifícios exuberantes, além de sua imersão profunda no tédio, provável causa de sua fragilidade e hiperestesia.

Des Esseintes, a princípio, vivencia experiências excêntricas regadas a bebidas e mulheres, proporcionadas por muito dinheiro. Porém, a reclusão em sua casa de campo nos mostra a aversão que sentia pela classe burguesa e a penetração em seu mundo artificial - já que o mundo real, por assim dizer, não lhe oferecia requisitos para suas obstinações - o caracteriza como “anti-social, nobre delicado e deslocado, recluso e bizarro, que cria paisagens artificiais [...]”. (CATHARINA, 2005, p.85)

Com uma sensibilidade à flor da pele, des Esseintes se entrega à vida reclusa, experimenta todas as sensações a partir de seus sentidos apurados, ao saborear vinhos finos e inalar perfumes de flores e plantas exóticas. Toda essa preocupação em contemplar harmonicamente seus sentidos, o leva a uma hipersensibilidade que é levada ao ponto de atingir um colapso nervoso.

Já que o pensamento e as tendências prevaletentes do século XIX, como brevemente aludido, mostram que o homem está não só condicionado, mas também restrito ao universo da materialidade e ao mundo da natureza física, o intelectual se vê desgostoso com as certezas e convicções advindas da ciência e da filosofia (positivista), que teria explicações definitivas sobre o homem, a sociedade e a natureza, porém, não concebiam as respostas almejadas por ele, por isso as buscam para traduzir em mensagem artística.

É o Naturalismo, no plano do romance, que compreende o homem como condicionado pelo meio, ou resultante dele, através de sua visão materialista. Provavelmente seria essa a causa da revolta dentro de certos grupos, que começam a se manifestar. Toda a revolta é oprimida em pessimismo, o que causa inquietação e ceticismo aos preceitos que tentavam propiciar respostas que não alcançavam o desejado.

Dentro desse ponto de vista, *Às avessas* de Huysmans acaba sendo a bíblia do Decadentismo, como é amplamente distinguida, tendo como personagem principal um aristocrata, que se isola do mundo e se transforma numa espécie de corporificação do Decadentismo e, portanto, pode ser visto como paradigma do homem decadentista.

1.3.4- *Às avessas* e *A correspondência de Fradique Mendes*: aproximações.

Eça de Queirós demonstra utilizar-se de recursos que contribuem para o inovador e o diferente, assim como o uso da intertextualidade, que é sempre inauguradora de um novo paradigma.

Na medida em que a personalidade de Fradique Mendes é construída em seus pormenores por Eça, muitas de suas características são eleitas a partir do ideal decadentista; por isso possui traços do dândi e por assim dizer, uma aproximação do estilo de Huysmans, criador de des Esseintes, considerado a personificação do pensar do dândi e decadentista.

Percebemos que os diálogos entre *Às avessas* e *A correspondência de Fradique Mendes* nem sempre é explorada por intermédio de aproximações, mas também por contradição e por

vezes através de deslocamentos completos e, dessa forma, o discurso irônico de Eça de Queirós é delineado tendo como referência não só a obra *Às avessas*, mas também o contexto histórico.

Ambos autores escrevem suas obras num momento em que a literatura vivia o auge do Decadentismo e apesar de serem discípulos de Zola, pertencentes à geração naturalista, rompem em grau significativo com o movimento, que começava a ser configurado como dogmático. E, presumivelmente, seus heróis são revestidos pelo figurino do dândi, que se torna uma moda condizente com este período de transição.

Como considera Pereira (1975, p.18) a respeito do período decadentista em que “torna-se patente uma valorização das formas artísticas geradas, de modo específico, como adequada tradução daquele modo de sentir a vida” e esta é uma das idiossincrasias que des Esseintes segue, tendo em vista que somente “o artifício parecia outrossim a des Esseintes a marca distintiva do gênio humano” (HUYSMANS, 1987, p. 54).

Além disso, podemos destacar o episódio que demonstra esse elemento do período decadentista através da ponderação feita pelo narrador de *Às avessas* a respeito da avaliação da personagem des Esseintes em relação à obra *Salomé* de Gustave Moreau, transparecendo que, sobretudo, no momento decadentista, e não em outra época, tal obra ganha nuances tão surpreendentes:

Como des Esseintes costumava dizer, jamais, em época alguma, a aquarela pudera atingir tal brilho de colorido; jamais a pobreza das cores químicas fizera jorrar sobre o papel semelhantes coruscações de pedras, tais clarões de vitrais feridos por raios de sol, faustos assim tão fabuloso, tão ofuscantes, de tecidos e de carne” (HUYSMANS, 1987, p. 89)

Como des Esseintes via no artifício o seu modo de vida, uma vez que se encontrava numa tensão social tão aguda, que “a circular na sociedade francesa em vias de industrialização, prefere o isolamento e a companhia dos objetos caros ou raros” (CATHARINA, 2005, p.35), Fradique Mendes também possui perspectivas semelhantes, já que discute a arte, ama o luxo, decora sua moradia de forma refinada, busca e realiza prazeres requintados.

Portanto, essa existência pautada na tensão entre natural e artificial é configurada no modo de vida de personagens representantes da ideologia dos dândis, assim como des Esseintes e Fradique.

Os dandys são figuras de exclusão que se encontram paradoxalmente à margem e dentro de uma aristocracia ou alta burguesia e exigem seu direito à futilidade e ao artifício. Eles se postam contra a massa e a massificação da sociedade industrial e burguesa. São figuras que jamais fariam uma revolução

coletiva, mas servem de contraponto ao coletivo, teatralizam a decadência das sociedades e o direito à individualidade e à diferença. (CATHARINA, 2005, p. 85, 86)

Entretanto, uma das peculiaridades que Fradique Mendes possui que pode ser caracterizada como oposta à de des Esseintes é o gosto pela viagem. Neste ponto a ironia se configura pela oposição de vontades, gostos e até mesmo personalidade entre as personagens centrais de *Às avessas* e *A correspondência de Fradique Mendes*. A coluna vertebral do arquétipo dândi é mantida, porém Eça prefere conferir um interesse exatamente antagônico a Fradique em relação a des Esseintes.

Ao longo de “Memórias e notas” o narrador-biógrafo elenca inúmeros lugares visitados pela personagem, situações que podemos comprovar também pela localidade de onde são enviadas suas cartas, demonstrando, desta forma, seu lado cosmopolita.

Por ser um viajante incansável, sempre por onde quer que ele fosse, portanto, em todo e qualquer país que frequentasse, ele se adaptava e era bem recebido, tornava-se quase nativo, parte integrante e atuante dos principais fatos ocorridos no país visitado:

Com um ímpeto de ave, viajara logo por todo o mundo, a todos os sopros de vento, desde Chicago até Jerusalém, desde a Islândia até o Saara. Nestas jornadas, sempre empreendidas por uma solicitação da inteligência ou por ânsia de emoções, achara-se envolvido em feitos históricos e tratara altas personalidades do século. (QUEIRÓS, 2012, p. 43)

Ao passo que, des Esseintes realiza suas viagens apenas no campo da imaginação, para isso, decora sua sala de estar de maneira a se assemelhar com uma cabine de navio, para que, de maneira simbólica, pudesse vislumbrar novos horizontes.

O esforço feito na montagem do cenário perfeito que lhe proporcionasse a sensação de estar viajando, afinal, é tido como recompensador, uma vez que suas viagens acontecem no conforto de sua casa. Essa situação nos permite perceber que o natural se confunde com artificial; no entanto, a exaltação do artifício se sobressai.

Além das “viagens” realizadas dentro de sua sala, no capítulo XI é relatada outra, dessa vez ocorrida metonimicamente em um restaurante inglês, situado próximo à estação ferroviária em Paris.

Des Esseintes sentiu a necessidade de viajar para Londres, na intenção de acalmar os nervos. Arrumou suas malas e partiu para estação, chegando lá, decidiu ir a um restaurante, que

estava repleto de clientes ingleses, onde se sentou e começou a se lembrar das leituras recentes das obras de Dickens⁹.

O simples fato de ver-se rodeado de ingleses e a lembrança dos conceitos do escritor inglês, o transferiram para uma atmosfera londrina, justamente onde gostaria de estar; por isso, tais condições foram o suficiente para comprazer sua vontade de visitar Londres.

Sendo assim, sua viagem imaginária ocorreu em apenas pequena parte do dia; mas ainda assim, sentiu-se completamente exausto, como se realmente tivesse viajado. O narrador dá voz a des Esseintes que conclui seu pensamento sobre viajar da seguinte maneira:

Para que movimentar-se se se pode viajar tão magnificamente sentado numa cadeira? - Pois já não estava ele em Londres, cujos odores, cuja atmosfera, cujos habitantes, cujas comidas, cujos utensílios o rodeavam? - [...] Em suma, experimentei e vi o que queria experimentar e ver. Estou saturado da vida inglesa desde a minha partida [...] e regressou, com suas malas, seus pacotes, suas valises, seus estojos, seus guarda-chuvas e suas bengalas, a Fontenay, sentindo o esfalfamento físico e a fadiga moral de um homem que retorna ao próprio lar ao cabo de uma longa e perigosa viagem. (HUYSMANS, 1987, p. 170)

Através desta consideração, podemos supor que ambas as personagens possuem características semelhantes na medida em que tanto des Esseintes, quanto Fradique Mendes possuem o mesmo desejo de se evadirem do ambiente em que se encontram, já que não satisfaz suas aspirações, chegando ao ponto de sentirem a necessidade de experimentar impressões novas e cada um, à sua maneira, cumpre suas necessidades.

Des Esseintes refugia-se na imaginação e se insere dentro da arte para vivê-la, enquanto Fradique busca em suas viagens pelo mundo seu modo de vida. Assim são manifestadas as evasões do tédio de ambos, que são realizadas através da busca do novo e místico.

Mas o que deve ser notado é o emprego da ironia na produção de Eça de Queirós, que, ao expandir o gosto da personagem pela viagem, acaba por adotar o extremo oposto de uma personalidade marcada pelo espírito decadentista, tão bem representada por des Esseintes, que se reprime, odeia ruas, pessoas, cidades e também a fadiga.

Sendo assim, *As avessas* e *A correspondência de Fradique Mendes* possuem relações entre si, que podem ser estabelecidas até mesmo através de situações opostas, o que se configura na medida em que Eça realiza um distanciamento absoluto entre as predileções das personagens,

⁹ Charles John Huffam Dickens (1812 – 1870) considerado um dos romancistas ingleses mais populares da era vitoriana.

incorporando ao seu texto a inversão dos gostos a partir de um deslocamento completo e assim alcançando o efeito irônico desejado.

Por outro lado, as fases das vidas das personagens de cada obra se assemelham, caracterizando uma clara aproximação entre elas, o que não deixa de contribuir também para o discurso irônico por parte de Eça de Queirós.

Ambos protagonistas nasceram em famílias abastadas, ficaram órfãos, possuíam tutores e se tornaram herdeiros de grande fortuna, que lhes proporcionam o desfrute do conforto e dos caprichos.

Toda abundância acabava por exaurir suas almas e, por isso, se tornaram pessoas extremamente ociosas. Porém, toda esta ociosidade contribuiu para o gosto pela leitura e, deste modo, para acumularem uma cultura considerável, produto desses “vinte séculos de literatura” (QUEIRÓS, 2012, p. 35).

A família da personagem central de *Às avessas* “se compusera, outrora, de atléticos soldados da velha guarda, de rudes veteranos”, mas com o passar de dois séculos os Floressas des Esseintes “casaram seus filhos entre si, exaurindo-lhes o resto de vigor em uniões consanguíneas” e o resultado foi o acentuado “efeminamento dos varões” (HUYSMANS, 1987, p.31).

Assim como des Esseintes, Fradique também pertencia a uma família tradicional, composta de homens másculos e aguerridos, ligados à atividades bravias. No caso, “Carlos Fradique Mendes pertencia a uma velha e rica família dos Açores; e descendia por varonia do navegador Dom Lopo Mendes, filho segundo da Casa de Troba e donatário de uma das primeiras capitânicas criadas nas ilhas por começos do século XVI” (QUEIRÓS, 2012, p.26).

Como o intento de Eça de Queirós era enfatizar a existência de Fradique Mendes, para que ele não fosse identificado como uma personagem de ficção, escolhe Dom Lopo Mendes, capitão e esposo de uma das irmãs de Vasco da Gama, D. Teresa da Gama, para serem ascendentes de sua personagem e com isso imprimir à obra certa veracidade e credibilidade quanto à existência de Fradique.

Os pais dos dois personagens morreram cedo, des Esseintes ficou órfão aos dezesseis anos: “a mãe dele, uma mulher alta, silenciosa e branca, morreu de prostração; por sua vez, o pai faleceu de uma vaga moléstia” (HUYSMANS, 1987, p. 32). Fradique com apenas seis anos já havia perdido os pais e foi criado por sua avó materna, Dona Angelina Fradique:

Seu pai, homem magnificamente belo, mas de gestos rudes, morrera (quando Carlos ainda gatinhava) de um desastre, na caça. Seis anos depois sua mãe, senhora tão airosa, pensativa e loura, que merecera de um poeta da Terceira o nome de “Virgem de Ossian”, morria também de uma febre trazida dos campos, onde andara bucolicamente num dia de sol forte cantando e ceifando feno. Carlos ficou em companhia e sob a tutela de sua avó materna, Dona Angelina Fradique, velha estouvada, erudita e exótica que colecionava aves empalhadas, traduzia Klopstock e perpetuamente sofria dos “dardos de amor”. (QUEIROZ, 2012, p. 26)

A “infância de des Esseintes havia sido fúnebre” (HUYSMANS, 1987, p.32), já que sempre foi frágil de saúde, sofria de um tipo de tuberculose, além de clorose, conhecida anemia frequente em jovens meninas, uma vez que é associada a distúrbios menstruais.

Além do mais, sua família se preocupava pouco com ele, raramente estavam juntos, a mãe desde sempre sofria de crises de nervos, vivia acamada e “mal se dava conta dele”; o pai, sempre indiferente, preferiu morar em Paris a ter que conviver com a família, por isso des Esseintes “mal chegou a conhecê-lo” (idem, p. 33).

Des Esseintes teve sua educação no colégio de jesuítas, sempre se destacou por sua surpreendente inteligência, motivo pelo qual cativou os padres; “contudo, a despeito de seus esforços, não lograram conseguir que ele se entregasse a estudos disciplinados” (p.33).

Passava as férias em casa e a cada retorno des Esseintes se tornava ainda mais teimoso; os jesuítas, percebendo que ele não contribuiria para trazer mais notoriedade à instituição, desistiram de instruí-lo, “deixaram-no aplicar-se aos estudos que lhe interessavam e negligenciar os demais”, até atingir a maioridade e deixar de frequentar o colégio. (idem, p. 34)

Fradique Mendes, da mesma forma, teve sua infância marcada pela saúde debilitada; no caso, a patologia era apenas anemia. A forma pela qual des Esseintes e Fradique se curaram é oriunda da natureza; o primeiro, das escrófulas “logrou, no entanto, com o auxílio do ar livre e de cuidados, franquear a rebentação da nubilidade, quando então os nervos se impuseram, corrigiram os langores e abandonos da clorose” (idem, p. 32).

Já Fradique foi salvo pelo “sopro fresco dos montados e a natural pureza dos regatos em que bebia” (QUEIRÓS, 2012 p.27). Portanto o elemento da natureza que libertou ambos das moléstias foi o ar, contudo Fradique desfrutou também do auxílio das benesses da água.

A primeira educação de Fradique foi de certa maneira embaraçada, registrando, mais uma vez, a ironia por parte do autor, que, ao delegar à personagem estudos rigorosos, pautados

na educação religiosa católica, como des Esseintes, preferiu fazer dos estudos dele um emaranhado de concepções e princípios, já que:

[...] o capelão de Dona Angelina, antigo frade beneditino, ensinou-lhe o latim, a doutrina, o horror à maçonaria e outros princípios sólidos; depois um coronel francês, duro jacobino [...] veio abalar estes alicerces espirituais fazendo traduzir ao rapaz a “Pucelle” de Voltaire e a Declaração dos Direitos do Homem; e finalmente um alemão que [...] se dizia parente de Emanuel Kant, completou a confusão, iniciando Carlos, ainda antes de lhe nascer o buço, na Crítica da razão pura e na heterodoxia metafísica dos professores de Tubingen. (QUEIROZ, 2012, p.27)

Aos dezesseis anos Fradique foi estudar em Coimbra, onde vivenciou novas experiências como tocar guitarra, apaixonar-se, embebedar-se, inclusive publicar alguns sonetos, até a morte de sua avó que o teria mandado para lá, para se casar com um cocheiro. À espera da maioridade, Fradique foi “estudar Direito nas cervejarias que cercam a Sorbonne” (idem, p.28) na cidade de Paris.

Assim como des Esseintes, a quem lhe restou um primo e também tutor, conde de Montchevrel, a Fradique apenas um ente familiar próximo remanesceu, Tadeu Mendes, homem idealista, que vivia em Paris e que também se tornou seu tutor; além de Marcos Vidigal, parente distante, já que este era filho de uma sobrinha de Dona Angelina.

Ao tornarem-se maiores de idade e terem a liberdade de usufruir as heranças que lhes pertenciam, tanto Fradique Mendes, quanto des Esseintes buscaram maneiras de se encaixarem na nova vida.

Enquanto Fradique, ao encontrar-se livre e rico, abandona a faculdade, “começa uma existência soberba e fogosa” (idem, p.35) e sai para suas imensuráveis viagens, des Esseintes, por outro lado, tentava inutilmente interagir, procura se relacionar com seus parentes, considerados “velhos catarrentos e maníacos”, (HUYSMANS, 1987, p.35) todavia não suporta a situação.

Além disso, des Esseintes tenta se aproximar dos jovens, que assim como ele tiveram educação em internatos religiosos, mas não se adequa; se esforça para conviver com outros jovens educados em liceus acostumados com operetas e apostas, no entanto sente lassidão; busca aproximar-se dos homens letrados, entretanto não se adapta; se entrega à paixões, mas até mesmo as mulheres deixaram de o empolgar, mesmo porque “o dândi não visa o amor como um fim em si” (BAUDELAIRE, 1996, p. 48), o amor é tido como uma ocupação natural dos ociosos.

A partir do momento em que des Esseintes começou a sentir-se desalentado, “pôs reparo nos livres-pensadores, nos doutrinários da burguesia [...] cuja educação ele estimava inferior à do sapateiro da esquina”; foi, então, que “seu desprezo pela humanidade aumentou” (HUYSMANS, 1987, p. 36) e um tédio descomunal o arrebatou, fazendo com que sua saúde se debilitasse e seu sistema nervoso se exasperasse, atingindo a nevrose.

O protagonista de *Às avessas* vendeu seu castelo de Lourps e comprou uma casa modesta nos altos de Fontenay-aux-Roses. Apesar de sentir aversão pelas ruas, julgava necessário decorar seu novo aposento, por isso foi obrigado sair às compras. Dedicou todo seu tempo e boa parte do dinheiro em suas excentricidades ornamentais.

A casa de des Esseintes agrega muitas obras de arte, livros, flores, entre outros objetos de gênese estética, revelando o empenho excessivo de ordem estética por parte da personagem. O ápice se dá quando, cumprindo sua fantasia, compra uma tartaruga, a reveste de ouro, a enfeita com o desenho de uma flor, a pinta com cores simbólicas e a adereça com pedras preciosas, tudo para pô-la sobre um tapete e, para que assim, sua presença pudesse avivar o espaço.

Fradique também possuía o gosto pelo estético, talvez não tão acentuado como des Esseintes, que chegava ao grau superlativo e insano. No entanto, fica claro, por várias passagens, que esta era uma das preocupações da personagem de Eça, como quando o narrador de *A correspondência de Fradique Mendes* relata o momento em que acabara de sanar a curiosidade ao adentrar o aposento todo revestido com a “originalidade intensa do homem que o habitava” e através da sua descrição percebemos que o destaque não é dado apenas aos objetos que compunham o ambiente, mas também às cores e aos aromas:

Vi apenas cansadas cadeiras de repes azul-ferrete, um lustre embuçado em tule e um console, de altos pés dourados, entre as duas janelas que respiravam para o rio. Somente, sobre o mármore do console, e por meio dos livros que atulhavam uma velha mesa de pau-preto, pousavam soberbos ramos de flores; e a um canto afofava-se um espaçoso divã, instalado decerto por Fradique com colchões sobrepostos, que dois cobrejões orientais revestiam de cores estridentes. Errava além disso em toda a sala um aroma desconhecido, que também me pareceu oriental, como feito de rosas de Esmirna, mescladas a um fio de canela e manjerona. (QUEIRÓS, 2012, p. 38)

O elemento estético que parece mais chamar a atenção de Fradique não é só aquele especialmente relacionado à arte decorativa da casa - através de mobília calmamente elegida, com cores lentamente selecionadas, das flores sistematicamente escolhidas entre outras preocupações estéticas alusivas ao ornato do interior da casa, - como des Esseintes, mas

principalmente aquele que se refere ao modo de se vestir, destacando o desejo de chamar a atenção para si; atitude típica do dândi.

O narrador, como eminente admirador de Fradique, descreve o traje marcante usado por ele no momento em que se conheceram e faz uma aproximação entre a vestimenta e os poemas de *Lapidárias*, aos quais já havia tecido inúmeros elogios:

Trazia uma quinzena solta, de uma fazenda preta e macia, igual à das calças que caíam sem um vinco; o colete de linho branco fechava por botões de coral pálido; e o laço da gravata de cetim negro, dando relevo à altura espelhada dos colarinhos quebrados, oferecia a perfeição concisa que já me encantara seu verso. (QUEIRÓS, 2012, p. 35)

Fradique era visto como um ícone da moda, incitando a todos pelo seu modo de se comportar e pelas suas vestes elegantes e atraentes. Isso pode ser comprovado na primeira carta da obra, endereçada ao Visconde de A. –T., na qual Fradique responde ao seu “caro patrício”, a indagação de qual seria o melhor alfaiate de Paris, já que a experiência desse contribuía para isso.

Fradique responde que dependeria da intenção, mas que se o fidalgo intencionasse adquirir um traje que pudesse ostentar com orgulho, que procurasse o artista do ramo, Tomás Cook, e completa que “para subsequentes conselhos de ‘fornecedores’, em Londres ou outros pontos do Universo, permanecesse sempre ao seu grato serviço” (idem, p.125).

Através dessas palavras, Fradique demonstra seu amplo conhecimento sobre moda e ainda seu lado cosmopolita, já que é capaz de indicar qualquer serviço em qualquer parte do mundo.

Ambos os protagonistas são amantes da arte e a literatura figura como uma das principais; des Esseintes demonstra suas inclinações para a literatura latina da decadência; em meio ao tédio e à ociosidade, a personagem abstraía-se em sua biblioteca e, através de um registro descritivo, são assinaladas reflexões nevróticas do protagonista a respeito dos autores e obras que representavam sua personalidade.

Já Fradique inicia sua vida literária não só lendo, citando e tecendo louvores aos seus escritores e obras favoritas, mas também escrevendo; por isso, são feitas considerações sobre o criar e a recepção de obras literárias.

Os dois também contavam com o auxílio de servos. Des Esseintes levou consigo para casa de campo apenas um casal de empregados, que há tempos cuidavam do castelo de Lourps,

especialmente quando sua mãe estava enferma; portanto, a ideia de saberem lidar com enfermos e viverem enclausurados lhe agradara.

Em Fontenay concedeu-lhes o primeiro andar da casa, des Esseintes incumbiu-lhes cada um de seus afazeres, tomou providências para que não ouvisse os passos deles e combinou o significado dos toques da campainha, arranjando tudo para que não os visse.

Smith é o servo de origem escocesa que há trinta anos auxilia Fradique Mendes, não só em casa, mas em todo lugar visitado pelo patrão. Bem à moda de Fradique, Smith se comportava, assim como sua maneira de se vestir “com uma pérola espetada na gravata, largas calças de xadrez verde e preto, e o peito florido por três cravos amarelos” (QUEIRÓS, 2012, p. 38), caracterizando mais uma vez a preocupação com o estético.

Enquanto o casal de empregados de des Esseintes é evitado por ele, evidenciando sua antipatia para com todos, Smith é tratado como “fiel escudeiro” por Fradique. Os empregados também representam papel importante na rotina de seus patrões; des Esseintes estipulou regras imutáveis das refeições, em horários pouco convencionais, diga-se de passagem:

Às cinco horas, no inverno, após o cair da tarde, fazia um jantar ligeiro, dois ovos quentes, torradas e chá; mais tarde, às onze horas, ceava; durante a noite tomava café, por vezes chá e vinho; debicava um jantarzinho às cinco da manhã, antes de meter-se na cama.” (HUYSMANS, 1987, p. 50)

Fradique Mendes possuía uma rotina totalmente estagnada, usufruía dos serviços de Smith a todo momento, era acordado e barbeado por ele, que também resumia as principais notícias dos jornais mais importantes da época, além de, até mesmo, secar o corpo de Fradique após o banho, garantindo que fossem sanadas todas as necessidades de seu chefe, hábito diário praticado por Smith.

A ironia presente neste caso pode ser considerada pela discrepância a partir da repulsa em que des Esseintes sentia pelo próximo, que, mesmo sentido a necessidade dos serviços dos que estavam ali para saná-la, fazia o máximo para evitá-los. No entanto, Fradique se sente totalmente dependente dos serviços de Smith, tanto que mesmo para os afazeres mais banais prefere contar com o auxílio deste.

Todos esses elementos destacados nas figuras de des Esseintes e Fradique Mendes, que, em maior ou menor grau, são convergentes, demonstram a presença arquetípica do dândi em tais personagens principais de cada obra.

Ambos possuem comportamentos singulares perante a sociedade; a partir deles, a busca realizada para sugerir um princípio estético inovador, no qual o prazer pelo belo é realizado perante a combinação entre o natural e o artificial dão uma mostra adequada de quanto o dândi está presente no período decadentista.

A partir das ações, comportamentos, predileções e até do modo de se vestir, des Esseintes e Fradique Mendes podem ser considerados exímios representantes do dandismo.

Eça de Queirós, juntamente com Ramalho Ortigão em *O mistério da estrada de Sintra*, como comentado anteriormente, já caracterizaram Fradique como adepto do dandismo. Sob essa perspectiva, des Esseintes, além de possuir as características, também pregava a ideologia, que, como lembra Baudelaire (1996, p. 48) tem “leis rigorosas que são estritamente submetidas a todos os seus adeptos”:

Por fim, havia mandado preparar uma ampla sala destinada à recepção de seus fornecedores; eles entravam, sentavam-se uns ao lado dos outros em cadeiras de coro de igreja, e então ele se instalava numa alta cátedra magistral e de lá pregava o sermão sobre o dandismo, conjurando seus sapateiros e alfaiates a se conformarem da maneira mais absoluta aos seus pecuniárias se não seguissem ao pé da letra as instruções contidas em suas monitórias e em suas bulas (Grifo nosso) (HUYSMANS, 1987, p. 43).

Charles Baudelaire em *Sobre a Modernidade* comenta a respeito do dandismo, que é tido por ele como uma instituição vaga e estranha, que sempre existiu e jamais deixará de marcar presença em todos os tempos.

Baudelaire diz que o dândi é aquele “homem rico, ocioso e que, mesmo entediado de tudo, não tem outra ocupação senão correr ao encalço da felicidade” (1996, p. 47), assim como vimos nas representações de des Esseintes e de Fradique Mendes.

Além disso, outro traço muito característico descrito por Baudelaire e inegavelmente presente em ambos é o fato de terem o costume de serem obedecidos desde a juventude; por isso, a questão de possuírem servos se sobressai tanto aos olhos do leitor, mesmo porque o dândi não se dá à nenhuma espécie de trabalho, uma vez que sua única profissão é a elegância:

Esses seres não tem outra ocupação senão cultivar a ideia do belo em suas próprias pessoas, satisfazer suas paixões, sentir e pensar. Possuem, a seu bel-prazer e em larga medida, tempo e dinheiro, sem os quais a fantasia, reduzida ao estado de devaneio passageiro, dificilmente pode ser traduzida em ação (BAUDELAIRE, 1996, p. 48).

Tanto Fradique quanto des Esseintes foram criados para serem observados, analisados, apreciados e até mesmo refutados; por isso, apresentá-los como arquétipos do dandismo é expressivo, especialmente para o momento histórico, uma vez que o herói dândi surge exatamente nessa época de tensão, circunscrita pela transição política, econômica e social, mas principalmente pela inquietude nas camadas eruditas entranhada num pessimismo cultural, de onde surge o sentimento de se viver num estágio terminal, mais significativo ainda por se tratar das décadas finais do século XIX, portanto *fin-de-siècle*.

Tal sentimento cultural finessecular está também correlacionado à faustosa tradição do *spleen* de Baudelaire, que teve vigor no Decadentismo, período do qual Huysmans e Eça de Queirós foram representantes através das obras *Às avessas* e *A correspondência de Fradique Mendes* respectivamente.

CAPÍTULO 2

O PROTAGONISTA D'A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES NA MIRA DOS INTELLECTUAIS.

2.1 Sr. Gomes dos Santos

Não há muito sobre o jornalista Gomes dos Santos n'*O Pirralho*, uma vez que sua contribuição é rara, menos ainda se fala sobre sua vida. Pesquisas realizadas pelo jornal apenas revelaram sua nacionalidade e alguns indícios sobre sua atividade profissional, além do ofício de jornalista.

Ao que tudo indica, o português Gomes dos Santos era um estudioso de literatura, possivelmente, um crítico literário e por isso realizava conferências pelas faculdades brasileiras, como a Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo, como consta em um recorte do dia 25 de outubro de 1913 d'*O Pirralho*¹⁰.

Em busca pelos dados biográficos do Sr. Gomes dos Santos, não foi possível encontrar, pelo menos com total certeza, informações sobre sua vida e obra. Fato que dificultou a procura foi termos em mãos apenas o sobrenome do jornalista.

Mas ao contrastarmos o período em que seu nome aparece n'*O Pirralho*, com referências que se aproximam do nome e do momento em que viveu, chegamos ao nome de Artur Vieira Cardoso Gomes dos Santos¹¹, que é, possivelmente, o jornalista que teceu comentários sobre Fradique Mendes na enquete.

Assim sendo, Gomes dos Santos nasceu em Portugal no ano de 1881, teve sua juventude vinculada à ideologia anarquista, por volta de 1899 se aproximou do movimento católico, tornando-se um dos principais incentivadores dos preceitos católicos como publicista. Tomou um conjunto de iniciativas que demonstravam sua militância como ativista das hostes católicas. Em 1903, fazia parte da Associação da Democracia Cristã em Lisboa e juntou-se ao Partido Nacionalista de Portugal.

¹⁰ *O Pirralho* - 25 out. 1913, n. 114, p. 5

¹¹ FERREIRA, António Matos. *Um católico militante diante da crise nacional: Manuel Isaias Abúndio da Silva (1874 – 1914)*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, 2007, p. 192. ISBN 978-972-8361-25-9

Entre 1903 e 1908, foi redator do jornal lisboeta *A Democracia Christã*, instituição pertencente à Associação da Democracia Cristã e ao operariado católico. Em 1907, tornou-se proprietário desse jornal, que se fundiu a outro, denominado *O Grito do Povo*. Foi um dos principais fomentadores da coleção “Ciência e Religião”, que teve grande repercussão no Brasil.

Em 1908 candidatou-se por Bragança pelo Partido Nacionalista e nas discussões sobre a natureza do partido católico, opôs-se ao posicionamento do jornal *Voz de Santo António* e fundou o jornal *A Liberdade*, que perdurou entre 1908 e 1910.

Em 1911 mudou-se para Galiza, na Espanha e, em seguida, veio para o Brasil, mais precisamente São Paulo, onde viveu até 1918, ano de sua morte. Portanto, o período em que residiu por aqui abrangeu a existência d’*O Pirralho* e, por isso, torna-se provável, apesar de poucos indícios, concluir que se trata da mesma pessoa.

Em 19 de dezembro de 1914, o Sr. Gomes dos Santos inaugura, com seu artigo-resposta, a enquete sobre Fradique Mendes, na edição de número 166 d’*O Pirralho*. O respondente, talvez por ser o primeiro a contribuir, deu um título próprio ao artigo, postura que não foi adotada por mais nenhum dos intelectuais que atenderam ao pedido do jornal.

Portanto, além do nome do inquérito “A nossa ‘*enquête*’ sobre Fradique Mendes” e da expressão introdutória de apresentação do respondente “Fala-nos o (nome do respondente, no caso Sr. Gomes dos Santos)”, que são permanentes, também é adicionado o título criado pelo primeiro inquirido: “O romântico Fradique...”. Tal legenda é muito significativa, uma vez que já nos dá indícios sobre o teor de sua apreciação.

Ao considerar Fradique Mendes um romântico e especialmente correlacioná-lo com as primeiras fases da criação de Eça de Queirós, como veremos a seguir, Gomes dos Santos o remete ao momento em que a personagem foi criada; portanto, ao tempo do Cenáculo, que tinha uma atividade mais romântica.

Sendo assim, o inquirido não inclui em sua apreciação, pelo menos não de forma abrangente, a fase de amadurecimento da personagem, em que os aspectos românticos do primeiro Fradique desaparecem e surge um novo herói, um protagonista banhado por outra estética.

Tendo passado a Eça os entusiasmos românticos e a efervescência juvenil responsáveis pelo primeiro Fradique, este que agora reaparece surge como figura renovada e sobretudo dotada de uma consciência e de uma

homogeneidade estético-cultural que antes lhe não conhecêramos. (REIS, 1999, p. 140)

O jornalista português já inicia sua resposta dizendo que Fradique é uma criação literária, decerto já para apontar certa deficiência do herói, que, segundo ele, não poderá ser considerado um ideal de vida superior porque sempre será um “ideal irrealizável”, por não ter vivido efetivamente.

Além disso, pondera que a vida de Fradique, por ser fictícia, torna-se imperfeita, justamente por lhe faltar o requisito essencial, que é a humanidade e acrescenta que Fradique Mendes, na verdade, é um “extra-humano”.

Gomes dos Santos toca na questão da heteronímia ao destacar as aproximações entre criador e criatura, deixando claro que Fradique não foi Eça, mas sim um ideal seu, assim como pondera Reis (2005, p. 94) ao afirmar que “Fradique aproxima-se, de facto, do estatuto e da linguagem de heteronímia”.

Nesse mesmo sentido Da Cal (1969, p. 63) considera que o autor “se escondia por detrás do disfarce ideal do seu herói”, assim como elucida Gomes dos Santos, ao dizer que Eça idealizou Fradique “num certo e torturante período de sua vida, quando as dificuldades duma atração medíocre embargavam as aspirações do fino escritor”, e mais uma vez seu pensamento coincide com Da Cal, que diz:

Este ideal inatingível, esta vã tentativa de lograr uma forma “tão dútil, penetrante, transcendente, que pudesse modelar o invisível e dizer o indizível”, é a meta que Eça se propunha, consciente da sua impossibilidade de alcançá-la. O drama psicológico de sua impotência diante deste ideal está oblíqua e dolorosamente expresso na atitude de Fradique, que, desejando criar “uma prosa que ainda não há”, desiste de escrever. (DA CAL, 1969, p.63).

O jornalista ainda considera que Eça utilizou-se desse ideal de personagem em quase toda sua obra, mas que o efetivou, de forma consolidada, em *A correspondência de Fradique Mendes*. Seguindo esse pensamento, Gomes dos Santos elenca aparições da personagem modelo em outras obras do escritor português, demonstrando grande conhecimento das produções de Eça e das características de Fradique Mendes, já que foi capaz de fazer aproximações com outras personagens de outros escritos do autor.

A começar pela carta adicionada às *Prosas Barbaras*, que foi destinada, em 1867, a seu companheiro de “Vencidos da Vida”, Carlos Mayer. Nela, Eça, em tom memorialista, descreve

lembranças vividas entre eles, suas discussões sobre inúmeras teorias, seus ídolos, a literatura e a arte de forma geral.

Assim sendo, Gomes dos Santos diz que Fradique já aparece “confusamente” nessa carta. Talvez seja no momento em que Eça de Queirós descreve o que seria para ele a arte, especificando os ideais de homem, os quais, possivelmente, Fradique seja a justaposição, por vezes, irônica dos dois polos elencados pelo escritor:

Na arte só têm importância os que criam almas, e não os que reproduzem costumes. A arte é a história da alma. Queremos ver o homem: não o homem dominado pela sociedade, entorpecido pelos costumes, deformado pelas instituições, transformado pela cidade – mas o homem livre, colocado na livre Natureza, entre as livres paixões. A arte é simplesmente a representação dos caracteres tais quais eles seriam – abandonados à sua vontade inteligente e livre, sem as redes sociais. Aí está o que dá a Shakespeare a supremacia na arte. Foi o maior criador de almas. Revelou a Natureza espontânea: soltou as paixões em liberdade e mostrou a sua livre acção. É aí que se pode estudar o homem. É o que faz também a grandeza de certos tipos capitais de Balzac, o Barão Hulot, Goriot, Grandet. Realizam o seu destino, longe da associação humana, sob a livre lógica das paixões. No entanto, às vezes, os que reflectem o seu tempo, criam: e é quando não revelam só o carácter de um momento, um estado convencional e passageiro, mas traduzem e explicam toda a alma de um povo. É o que faz a grandeza de João de Barros. (QUEIRÓS, 1951, p. 195)

Gomes dos Santos pretende realçar as características de Fradique que, para ele, não permitem fazer da personagem um homem ideal. Para isso destaca que é possível identificar “traços mais profundos” de Fradique Mendes no romance *Primo Basílio*, exatamente na personagem que dá nome à obra, visto que Basílio, conhecidamente, não possui bom carácter. Contudo a aproximação atribuída por Gomes entre ambos se dá por eles possuírem duas características em comum, portanto são: egoístas e sensuais.

Outra obra em que Gomes dos Santos diz que Fradique Mendes revive é *O Mandarim*, mas deixa claro que não é no Teodoro, que leva uma vida pacata e medíocre de funcionalismo público que o modelo está, mas sim no grã-fino que vive na luxúria e no desperdício amparado por uma “inverossímil herança”.

Por fim, destaca que é de Fradique o esqueleto reaproveitado para a composição de Jacinto de *A cidade e as serras*, mas também restringe o período de vida do protagonista que melhor se ajusta a de Fradique, como sendo a vida parisiense, na qual vivia cercado de conforto oriundo dos artefatos tecnológicos e inovadores produzidos pela ciência, e não a fase posterior, em que vivia, nas serras portuguesas, uma vida simples de contato com a natureza.

Deixa claro que é perfeitamente possível encontrar relação de parentesco entre as personagens de Eça de Queirós através de um estudo comparativo, mas também considera legítimo afirmar que as personagens de Eça possuem até mesmo um “ascendente próximo no *Conde de Camões*”, cujos devotos de toda uma geração o exaltaram.

“Talvez” é a resposta dada a pergunta “Fradique Mendes é um ideal de vida superior?”, a justificativa é que o protagonista pode ser considerado ideal, mas não realizável, já que “as alturas em que paira pertencem à topografia do maravilhoso”.

Mesmo introduzindo um senão - ao dizer que Fradique poderia ser considerado um ideal de vida superior, não fosse sua condição de uma personagem inventada e impossível de ser encontrada na vida factual - Gomes dos Santos, na verdade, acaba reafirmando o posicionamento elevado engendrado por Eça de Queirós para sua personagem principal.

Mas, ignorando o carácter ficcional de Fradique Mendes, Gomes dos Santos elenca inúmeras características de Fradique, na condição de homem, que são amplamente descritas em *A correspondência de Fradique Mendes*, como seu requinte intelectual, seu espírito obstinado de viajante e seu hábito de gastos com frivolidades e com mulheres, para descrever o carácter egoísta da personagem.

Por isso, Gomes dos Santos acrescenta que todas estas peculiaridades são executadas por ele “com a altivez e o desdém de um deus, insatisfeito e curioso, rolando numa torrente de sensações, dispendendo fortunas com o seu sibaritismo aristocrático, é uma autêntica encarnação do egoísmo”. Ao utilizar o substantivo “deus”, ainda que para depreciar Fradique Mendes, Gomes dos Santos o singulariza perante os seres comuns.

Gomes dos Santos, ainda para fortalecer o carácter egoísta do protagonista, diz que para ele seria doloroso o hábito da renúncia dos benefícios da vida, já que equivaleria a um sacrifício que lhe causaria desconforto interior, trazendo-lhe tristeza e não seria encarado como um sentimento altruísta, dos mais nobres e puros instintos humanos.

Retornando a posição de criação literária de Fradique Mendes, o jornalista português diz que “viver entre incensos e admiradores” que o glorificam como se fosse um “ídolo de bronze”, mas que, na verdade, jamais tenha passado por alguma complicação comum da vida humana, especialmente da humilde, distante de ser uma vida intelectualmente elevada e rica é,

na verdade, uma “existência diminuta e empobrecida”, em que o conceito de felicidade é incompleto.

Para confirmar tal pensamento, Gomes dos Santos diz que até mesmo Eça de Queirós cometeu o erro de ter criado uma personagem fútil, um “ideal mórbido”, como Fradique, que foi o “insuportável” Jacinto; mas, ao perceber sua falha, logo o corrigiu transformando-o em um homem trabalhador do campo, preocupado com colheita e que descansa aos braços da esposa “saudável, meiga e ignorante”, e que, por isso, Jacinto havia descoberto a verdadeiramente felicidade.

Concluindo seu pensamento, o respondente diz que a vida superior e notável de Fradique Mendes se dá apenas pela superficialidade, já que uma vida superior, para Gomes dos Santos, é aquela que consiste em enaltecer de forma ilimitada o “animal humano” dentro de suas capacidades físicas e psíquicas.

Em relação à ótica moral, um exímio representante da vida superior, para Gomes dos Santos, deve contar com um cepticismo sutil, mas com tolerância e bondade infinitas. No tocante ao intelectual, deve haver a busca incansável do “eu consciente” e o esforço em alcançar a verdade independentemente das convenções. O que não aconteceu com Fradique que “saturou-se de ciência e de observação; mas ficou estranho à vida”.

Por ser um indivíduo recluso em sua redoma intelectual, Fradique Mendes só viveu emoções efêmeras e ficou preso, até o fim de seus dias, no dogmatismo, confinando-se ao pessimismo e a misantropia, já que “não teve família, nem amigos, nem as doçuras da existência simples, honestamente consagrada a pensar e sobretudo a sentir”.

Gomes dos Santos diz, ainda, que Fradique Mendes pode até chamar a atenção dos ingênuos pelo “falso brilho e falso calor” emanados de sua vida intensa e mundana, mas o protagonista jamais enganará pessoas como ele, que possui “o espírito disciplinado e profundo das gerações contemporâneas, educadas na escola austera do dever social e do sacrifício”.

Podemos perceber que o Sr. Gomes dos Santos não catalogou muitas virtudes da personagem principal de *A correspondência de Fradique Mendes*. As características por ele alegadas pertencem quase todas a um campo semântico negativo (egoísta, desdenhoso, altivo, soberbo, insatisfeito, mórbido, insuportável, dogmático e misantropo). Contudo, destaca que Fradique é “requintadamente intelectual”, o que o singulariza.

2.2 Dr. Mello Nogueira

Deparamo-nos com a mesma dificuldade encontrada na pesquisa sobre elementos biográficos do Sr. Gomes dos Santos com Dr. Mello Nogueira, visto que ambos respondentes da enquete nos são apresentados apenas pelos sobrenomes.

Contudo pesquisas realizadas por alguns jornais da época, não só n’*O Pirralho*, mas também n’*O Correio Paulistano*, n’*O Commercio de S. Paulo*, n’*A Gazeta*, além da revista *A Cigarra* nos trouxeram algumas informações relevantes sobre o segundo participante da enquete em questão.

As buscas revelaram que a família Mello Nogueira era muito abastada e influente; o patriarca era o advogado Dr. José Ferreira de Mello Nogueira e a mãe Maria de Paula Ramos Nogueira, possuíam quatro filhos, entre eles o segundo colaborador da enquete, Dr. Mello Nogueira.

O inquirido, Dr. Mello Nogueira possuía o mesmo nome e profissão de seu pai, ambos formados pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Dr. José Ferreira de Mello Nogueira era casado com Jesuina Nogueira; não encontramos indícios de que tenha tido filhos.

Além da profissão de advogado, Mello Nogueira contribuía com frequência para alguns jornais e revistas de sua época, como *O Pirralho* e os outros já mencionados, nos quais concentramos nossas buscas, especialmente no *Correio Paulistano*. Além disso, em 1927, nas páginas d’*A Gazeta*¹², foi um dos homenageados pelo seu talento como crítico de teatro.

Tanto n’*O Pirralho* quanto n’*A Gazeta*¹³ encontramos felicitações pelo seu aniversário, a data expressa em ambos é 29 de setembro. Apesar de *O Pirralho*¹⁴, em 1915, mencionar que o Dr. Mello Nogueira estava completando 24 anos, em tom irônico, já que complementa com os dizeres entre parênteses: “(24 ou 80 não sabemos bem)”.

No entanto, não podemos afirmar se realmente o ano de seu nascimento é 1891, mesmo porque, um projeto de lei de 1950¹⁵, da cidade de São Paulo, tem como assunto a autorização ao executivo - pelo pedido feito pelo vereador Sr. Francisco Assumpção Ladeira - a nomeação de uma das vias públicas da cidade de “Mello Nogueira”.

Juntamente com esse documento há a justificativa do vereador sobre a intenção de homenagear o ilustre amante da cidade; nela existe uma série de informações sobre José Ferreira

¹² A Gazeta – 20 set. 1927, p. 4

¹³ A Gazeta – 29 set. 1927, p.2

¹⁴ *O Pirralho* - 2 out. 1915, p.13

¹⁵ Disponível em: <http://www2.camara.sp.gov.br/projetos/1950/00/00/08/YO/000008YO7.PDF>. Visitado em: 13 mar. 2016.

de Mello Nogueira, como: o ano em que nasceu, sendo 1888, sem mencionar o dia e o mês; cidade natal, Areias – SP; escolaridade, bacharel em direito; profissões, como sendo advogado e jornalista do *Correio Paulistano*, d’*O Commercio de São Paulo* e d’*A Gazeta*, além de ser “crítico de arte e cronista dos mais acatados”; obras publicadas, que foram destacadas, *Espelho Mágico*, *Pela mão das mulheres*, *O ermitão que se fez diabo* e *O estrangeiro*; assim como o dia e a causa da morte, como sendo 21 de maio de 1950, motivada por um acidente automobilístico.

Já tanto no *Dicionário de autores paulistas* (1954), quanto no *Dicionário literário brasileiro* (1969) consta do verbete referente a José Ferreira de Mello Nogueira a data de seu nascimento como sendo 26 de setembro de 1885, em Areias, confirmando a informação apenas da cidade natal, mas não do ano de nascimento conforme o documento da Câmara Municipal de São Paulo e nem o dia de acordo com os jornais.

Além disso, os dicionários acrescentam que ele fez seus estudos na Escola Americana, no colégio Ivaí, no Ginásio Paulista, além da Faculdade de Direito de Belo Horizonte e de São Paulo, onde colou grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

Em relação às profissões, os dicionários destacam que ele foi professor de direito comercial, de história e de francês na Academia Prática de Comércio, e ainda, redator dos jornais *S. Paulo*, *Correio de S. Paulo* e *Correio Paulistano*; nesse último veio a secretariar mais tarde.

Também são destacadas as suas colaborações para a revista *Novíssima* e para *O Jornal da Manhã*. Os dicionários salientam também que Dr. Mello Nogueira foi um dos fundadores da Associação Paulista de Imprensa, do Sindicato dos Jornalistas e da Associação dos Profissionais da Imprensa de São Paulo, cuja presidência ocupou até sua morte; lembram que também pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e à Sociedade de Estudos Genealógicos.

No entanto, apenas o *Dicionário literário brasileiro* menciona o fato de Mello Nogueira, quando estudante, ter sido um dos fundadores do jornal *O Acadêmico*, juntamente com alguns amigos de faculdade, como Agenor Silveira, Haroldo Amaral e Pedro Dória.

Alguns dados oferecidos tanto pelo documento, quanto pelos dicionários podem ser confirmados nos jornais de sua época como, por exemplo, a publicação de *O Espelho Mágico*, volume que contém crônicas lançadas por ele nos jornais em que trabalhou e que foi anunciada

pel’*A Gazeta*¹⁶, assim como o livro *Pela mão das mulheres*, anunciado n’*O Estado de S. Paulo*¹⁷.

O Pirralho, por seu caráter mais leve e “mundano” como se autodenomina, traz o nome do “distinto cronista elegante Dr. Mello Nogueira” em ocasiões mais desembaraçadas, como, por exemplo, anuncia-o como júri do concurso de beleza feminina. Seu nome também é constante em “Notas Mundanas”, seção dedicada a relacionar as pessoas ilustres que compareciam aos eventos da elite paulistana e a mencionar suas viagens pelo Brasil e Europa.

Além dessas ocasiões, seu nome foi alvo de alguns concursos; em um deles foi eleito “o moço de São Paulo que nos bailes é mais requestado”, em outro foi considerado o mais barbado, motivo pelo qual surgiu mais um, que tinha como indagação a seguinte pergunta “Deve ou não o dr. Mello Nogueira, tirar o cavanhaque?”; dos votos recebidos 50 foram a favor da retirada, enquanto 23 optaram pela permanência de seu cavanhaque emblemático.¹⁸

Porém, outros jornais de cunho mais noticioso informaram seu envolvimento em um assassinato; tal ocorrência foi notícia em vários dos jornais da época, como *A Gazeta de Notícias*, *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo*, que dedicaram muita atenção ao ocorrido, promovendo uma série de reportagens a cada novidade no caso.

Além disso, *A Gazeta*¹⁹ noticiou mais uma ocorrência envolvendo o Dr. José Ferreira de Mello Nogueira; conforme a notícia, o então jornalista do *Correio Paulistano* precisou assumir “atitude enérgica” ao lidar com percalços no ofício. Pode parecer pouco, mas esses dois incidentes deixa transparecer nuances da personalidade de Dr. Mello Nogueira.

A fatalidade que ocasionou a morte do Dr. José Ferreira de Melo Nogueira conforme o documento da câmara dos vereadores de São Paulo, também pode ser comprovada, uma vez que *O Estado de S. Paulo*²⁰, dois dias após o acidente, traz na seção “Falecimentos” a notícia sobre a circunstância de sua morte e enterro, realizado no cemitério da Consolação.

A apreciação de Dr. Mello Nogueira sobre Fradique Mendes para a enquete foi escrita no dia 12 de dezembro de 1914, mas publicada apenas no dia 26 do mesmo mês. Ele inicia sua

¹⁶ *A Gazeta* – 27 fev. 1926, n.º 6019, p. 3

¹⁷ *O Estado de S. Paulo* - 8 out. 1926, n. 17390, p. 4

¹⁸ *O Pirralho* - 25 out. 1913, n. 114, p. 5

¹⁹ *A Gazeta* - 23 mar. 1926, p. 3

²⁰ *O Estado de S. Paulo* - 23 mai. 1950, n. 23013, p. 6

resposta à enquete como se fosse uma carta aos seus “caros amigos” d’*O Pirralho*, portanto, saúda seus interlocutores.

Nessa carta, o intelectual demonstra grande apreço pelo escritor Eça de Queirós e suas criações, dizendo que as mantém gravadas na mente, e por meio de seu parecer a respeito de Fradique Mendes, cujos elogios são inúmeros, podemos confirmar tal afirmação.

Dr. Mello Nogueira faz uma avaliação toda pautada em *A correspondência de Fradique Mendes*, já que é possível encontrar inúmeras expressões retiradas da obra e, por isso, sua opinião sobre o protagonista não se distancia muito do que nos é apresentado por Eça de Queirós.

Fato interessante é que Dr. Mello Nogueira possuía algumas das características mais marcantes de Fradique Mendes, especialmente a condição de dândi. Podemos perceber, percorrendo as páginas d’*O Pirralho*, que muitas vezes em que o nome do jovem advogado era mencionado, vinha seguido da expressão “o chique Petrônio paulista”²¹ e geralmente para divulgar algum evento da elite paulistana de que havia participado ou alguma viagem que estava prestes a realizar.

Fica evidente que ele era tido como um ícone da moda, não apenas pelo seu cognome, mas também pelas suas contribuições aos jornais, que sempre tinham relação com esse tema, como no *Correio Paulistano*, no qual assinava a seção “Chronica Social”, cuja finalidade era anunciar, através de títulos secundários, os eventos como festas em clubes e cursos pela avenida, os aniversariantes do dia, além da necrologia, e por vezes subtítulos como: “Hospedes e Viajantes”, relacionando as pessoas ilustres que chegavam a São Paulo e as que saíam de viagem, geralmente para a Europa, e “A Moda”, onde descrevia as peças de roupa, tanto masculinas, quanto femininas, que eram tendência.

A partir desse fato constatado, já podemos supor que as características de um dândi típico, como de fato é Fradique Mendes, serão mencionadas e até mesmo elogiadas por Dr. Mello Nogueira, que também pode ser considerado um adepto da ideologia do dandismo.

A resposta à enquete de Dr. Mello contém alguns preciosismos, apesar de, provavelmente, ter levado em consideração um público-alvo mais erudito e incorporar ao seu

²¹ *O Pirralho* – 21 set. 1912, p. 7

discurso um tom rebuscado através de sua escolha vocabular, seu estilo de vida também já revelava sua tendência ao refinamento.

Inicialmente, Dr. Mello Nogueira deixa transparecer seu sentimento de honra em fazer parte de tal inquérito, em que “autorizados homens de letras” dão seus pareceres, mas tenta se isentar de qualquer discordância referente à sua opinião sobre a personagem Fradique Mendes, uma vez que declara sua “falta de méritos literários”, o que considera um obstáculo para uma boa avaliação.

Contudo, antecipadamente, atribui ao jornal a responsabilidade de possíveis oposições às ideias, uma vez que se sentiu convencido a fazer parte da enquete por causa da “generosa insistência dos amigos” d’*O Pirralho*. Neste mesmo sentido, o cronista acrescenta que pretende repreender seu desejo de se alongar em sua resposta, evitando, dessa maneira, “extensas e prolixas digressões” e diz, ainda, que objetiva não enfastiar os leitores d’*O Pirralho* com “sua pouco valiosa opinião”.

Dr. Mello Nogueira declara que Fradique, conforme pinta seu criador e comprovam suas cartas, figuraria perfeitamente na seleta galeria dos “super-homens” de Nietzsche (1844 – 1900), filósofo que criou tal termo para designar um tipo específico e raro de indivíduos, que conforme seus atributos, provenientes de seus esforços, se destacam do resto da humanidade, por isso é considerado um modelo ideal.

Porém, a relação desses homens com o resto da sociedade deve ser evitada, já que, para Nietzsche, o senso comum torna-se prejudicial e impeditivo para seu aperfeiçoamento e elevação e, por consequência, a felicidade deve ser desfrutada apenas pelos meros humanos e não pelos super-homens.

Nesse sentido, podemos notar que Mello Nogueira recorre a algumas características do protagonista de *A correspondência de Fradique Mendes*, ao compará-lo com o super-homem nietzschiano, uma vez que Fradique se mostra extremamente culto e distinto da sociedade.

O discurso de Dr. Mello Nogueira é apologético, uma vez que entremeia elogios à personagem objeto da enquete e ao seu criador. Em relação a Fradique, ele destaca adjetivos comuns, como: viçoso, belo, inteligente, culto, viajado e rico; entretanto, não deixa de mencionar sua peculiaridade de formador de “juízos próprios e originais, desapegados às ideias feitas, despido de preconceitos e conveniências”.

Já em relação a Eça de Queirós, Dr. Mello Nogueira comenta a engenhosidade deste ao criar sua personagem, especialmente pelo fato de aproximá-la do *status* de real. O inquirido ainda lembra que para deixá-la mais fiel, Eça lhe atribuiu “alguns senões” ocorridos durante algumas fases da vida do protagonista, especialmente a infância e a juventude, mas que ao atingir a idade adulta todos os seus atributos já se haviam consolidado.

Para ele, o fato de Fradique ter perdido os pais contribuiu para alguns fracassos em sua vida, a começar pela educação que, “pessimamente iniciada por uma velha tia estouvada que, aos sessenta anos, ainda sofria dos ‘dardos d’amor’, foi completada por um tio casquilho e frívolo”.

Através deste apontamento podemos perceber que o respondente utiliza-se de expressões de Eça em *A correspondência de Fradique Mendes*, como “dardos do amor”, referência feita pelo escritor português aos preceitos de Santo Agostinho, que disse que para despertar o amor nos corações dos homens, Deus teria lhes acertado com vários “dardos de amor”.

Para explicar a introdução desastrosa de Fradique nos estudos, Dr. Mello Nogueira diz ser uma “velha tia” que o instruiu, quando na verdade foi sua avó, cujo perfil é mencionado pelo inquirido, conforme a obra de Eça:

Carlos ficou em companhia e sob tutela de sua avó materna, D. Angelina Fradique, velha estouvada, erudita e exótica que colecionava aves empalhadas, traduzia Klopstock, e perpetuamente sofria dos ‘dardos de Amor’. A sua primeira educação fora singularmente emaranhada [...] (QUEIRÓS, 2012, p. 26)

E assim que sua avó morreu, a Fradique lhe restou o tio Tadeu Mendes, “homem de luxo e de boa mesa, que vivia em Paris preparando a salvação da Sociedade com Persigny, com Morny, e com o príncipe Luis Napoleão, de quem era devoto e credor” (idem, p.27). Sendo assim, Dr. Mello Nogueira expõe sua opinião pautada em elementos da obra e utilizando-se de fragmentos dela para sugerir a peculiaridade de Fradique Mendes.

Além da infância, marcada pela educação confusa que a personagem recebeu, Dr. Mello Nogueira também remete à juventude de Fradique para amenizar os erros cometidos por ele, como a “libertinagem”, já que o protagonista “atirando-se ao barato da vida, num prurido inexaurível de emoções novas, numa ânsia desesperada de gozos inéditos e de feitos estrepitosos, [...] dominou-o o delírio da locomoção, o irresistível anseio de viajar, de correr o mundo”.

Cumprindo o intento de absolvê-lo de tais equívocos, o respondente diz que esses episódios aconteceram na vida de Fradique porque ele sempre se sentiu sozinho, já que seus pais haviam morrido, configurando a impossibilidade de o jovem receber as instruções necessárias para distanciar-se de tais atitudes, que só foram possíveis por se tornar rico após a morte de seus familiares.

Dr. Mello Nogueira acrescenta que na idade adulta, por volta dos 33 anos, é que Fradique consolidou suas ideias, complementou seus conhecimentos, foram formados seu caráter e sua personalidade e só a partir de então é que o inquirido diz ter surgido sua admiração pela criação de Eça. E é nesse mesmo sentido, que o narrador da obra se reporta à grande experiência de Fradique na idade conhecida como a de Cristo, mesmo aparentando ser muito jovem:

E apesar de Vidigal me ter contado que Fradique festejara os ‘trinta e três’ em Sintra, pela festa de S. Pedro, eu sentia naquele corpo a robustez tenra e ágil de um efebo, na infância do mundo grego. Só quando sorria ou quando olhava se surpreendiam imediatamente nele vinte séculos de literatura. (QUEIRÓS, 2012, p. 35)

E mais uma vez isentando Fradique Mendes de suas imperfeições, Dr. Mello Nogueira diz que há três características da personagem que o desmoralizam perante os que não o conhecem, são elas: a experiência adquirida prematuramente, o modo peculiar de encarar a vida e a postura mundana de minucioso observador.

Segundo Mello Nogueira, esses fatores lhe atribuem um perfil injusto que não condiz com a realidade, ou seja, lhe é conferido “um ar grave, cortês e reservado que parece postiço e recheado de pedantismo”; porém, o respondente afirma que não há nada de falso em Fradique. O que contraria o comentário do avaliador anterior, que aposta no falseamento da personagem.

Por defender que não passam de aparências os modos arrogantes de Fradique, Dr. Mello Nogueira inicia uma série de elogios às maneiras do protagonista, que para ele não possui “nada de fictício”, uma vez que não se mete em política, não anseia cargos e posições, repudia o exibicionismo em todas suas formas, mas aproveita a vida conforme lhe convém.

Dr. Mello Nogueira, confirmando sua fama de “chique Petrônio paulista”, portanto de conhecedor da moda e elegante, como presumido, faz referência ao aspecto de dândi do protagonista, ao mencionar sua forma individual de se vestir: “Veste-se com sobriedade e elegância, adora o luxo e o conforto sem o atulhamento gritante tão do agrado dos *parvenus*, sem a preocupação ridícula de embasbacar as galerias”. Assim sendo, ao exaltar as

peculiaridades no modo de trajar de Fradique, acaba condenando os excessos cometidos por indivíduos recém-ascendidos a uma classe social superior.

Em seguida, faz associações entre Fradique e Pacheco, o nome deste aparece na oitava carta escrita por Fradique, em resposta ao diretor da *Revista de Biografia e História*, Sr. E. Mollinet, que se viu curioso diante dos jornais portugueses, que ampla e dolorosamente anunciavam a morte de José Joaquim Alves Pacheco, despertando, assim o interesse do diretor da revista em saber mais sobre o tão celebre compatriota de Fradique que, então, tece apreciações acerca do talento do falecido, que, apesar de ser notável, era pouco conhecido, até mesmo pela esposa que jamais havia compreendido as competências do finado esposo.

Eça de Queirós introduz Pacheco em sua obra de forma irônica e crítica, eventos sempre manifestos quando Portugal é mencionado, e nesse caso o destaque é dado à incompetência dos políticos.

Conforme as considerações realizadas por Fradique em sua carta, percebemos que Pacheco era conhecido por seu imenso talento; porém, não chegou a deixar nenhuma contribuição (livros, ideias) ao seu país, apesar de ter assumido cargos de relevo social, como deputado e ministro, por exemplo, mas jamais deixou de manter “sua atitude de pensador recluso” (QUEIRÓS, 2012, p. 160) e que em seu “silêncio condignamente majestoso” (idem, p. 161) fez muito por Portugal.

Curiosamente o narrador-biógrafo de Fradique Mendes menciona a aversão que este tinha à “politiquice” e aos “politiquetes”; no entanto, na carta em que o assunto é Pacheco, conhecido por sua vida ligada à política, Fradique tece enaltecimentos a esse “notável” e “talentoso” produto de Portugal, cujo progresso deve-se a ele: “Sem Portugal – Pacheco não teria sido o que foi entre os homens; mas sem Pacheco – Portugal não seria o que é entre as nações!” (idem, p. 163).

Sendo assim, podemos notar que há uma forte vertente irônica que permeia toda a obra, e na carta de número oito os alvos são os políticos representados por Pacheco, que pouco falava e quando o fazia era por meio de clichês; no entanto, era tido como um ser de talento incomparável, que, apesar de raramente se expressar, ainda sim havia feito muito por Portugal, deixando explícito que em um momento de grande turbulência no país, a voz do povo não é representada pelo governo.

Já Dr. Mello Nogueira, também utilizando-se de sua veia sarcástica, diz que ao contrário de Fradique, Pacheco, sim, ostentaria, se enalteceria, faria alarde sobre sua fortuna na alta sociedade, espalharia suas atividades filantrópicas na imprensa, atitudes que, segundo o respondente, são abominadas por Fradique, que tinha por costume contemplar a natureza e o povo de sua terra, percorrendo “sua quinta na pitoresca Sintra [...] tão diferente da Lisboa ‘aliteratada, catita, conselheiral’”. Assim como é descrito pelo narrador de *A correspondência de Fradique Mendes*.

O respondente da enquete, ainda, declara que a profunda erudição de Fradique vem das inúmeras viagens que lhe serviam para investigar a origem dos costumes dos povos, tornando-se “um cidadão das cidades que visitava” (QUEIRÓS, 2012, p. 77).

Além disso, destaca que Fradique conviveu com os maiores intelectuais de seu tempo e só com os mais íntimos se revelava, já que escondia seus principais atributos e, assim também, o narrador de *A correspondência de Fradique Mendes* descreve o protagonista como sendo “o homem que conversava com Hugo à beira-mar” (idem, p. 37), além de Baudelaire, com quem também trocava lampejos.

Dr. Mello Nogueira tece inúmeros louvores a Fradique, destacando sua natureza de defensor de suas ideias, quase sempre inéditas, sem ambicionar a notabilidade; aponta, também, que ele desacreditava na potência das palavras para manifestar nitidamente as impressões, bem como podemos perceber em *A correspondência de Fradique Mendes*, já que ele se nega a escrever e expor suas elucubrações.

O inquirido defende que Fradique não é só um tipo superior, mas também possível, uma vez que conhece inúmeros imitadores dele, que na verdade transformam-se em Pachecos: simplesmente evoluem na escala social, mas não atingem o raro patamar alcançado por Fradique. Completa dizendo que só não expõe quem são os copistas por dois motivos, primeiro que nas colunas d’*O Pirralho* não caberiam e, depois, que muita gente ficaria irada com sua revelação.

Considera que Fradique sempre será um ser incompreendido e vítima dos invejosos, que o caluniam, o perseguem e o odeiam. Acrescenta que o protagonista sempre será tido como vaidoso, frívolo, pretencioso e ridículo aos olhos de quem não o conhece intimamente. Tais alegações podem ser relacionadas às próprias condições do respondente.

Para concluir, Dr. Mello Nogueira volta às atenções ao criador de Fradique Mendes, dizendo que Eça o concebeu com um carinho especial, contando com sua virtude de grande psicólogo, mas também com seu temperamento de revoltado e combatente, perceptível através de sua pungente ironia, que expõe as misérias e hipocrisias da sociedade, e por sentir repugnância pelas impurezas do mundo, contribui para ele com suas criações, que representam luzes que ofuscam os “ídolos em evidência”.

Mas, conforme Dr. Mello, o ímpeto de combatente de Eça, por vezes, obscurece o de psicólogo e por isso deixa escapar alguns senões, que não passam despercebidos aos olhos dos leitores, mas que bem examinados eliminam quaisquer contradições.

Assumindo ter-se alongado demasiadamente, diz que acredita ter respondido as perguntas feitas, mesmo dentro dos limites de suas “reduzidas forças”, mas deixa um conselho aos seus amigos d’*O Pirralho*: não exijam “a análise da admirável obra”, talvez porque a considera de difícil análise, especialmente para ele que julga não possuir grandes conhecimentos literários.

Dr. Mello Nogueira utiliza-se da ironia ao se referir a Pacheco, do mesmo modo que tal personagem é pintada n’*A correspondência de Fradique Mendes*. O respondente diz que Pacheco é tudo que Fradique abomina: prepotente, orgulhoso, falastrão, entre outras imperfeições; por outro lado, Fradique só tece elogios a Pacheco em sua carta. Nesse caso, tanto Fradique quanto Mello Nogueira estão sendo sarcásticos.

2.3 Amadeu Amaral

Os dados biográficos de Amadeu Amaral são abundantes, mesmo porque, além do *Dicionário de autores paulistas* (1954), do *Dicionário literário brasileiro* (1969), de sua obra *Dialeto Caipira*, das fontes primárias, dos sites e teses, Paulo Duarte fez uma biografia do escritor, o que contribuiu para o enriquecimento dos aspectos de sua vida e obra em nossa dissertação.

Nascido em 6 de novembro de 1875, na fazenda São Bento, localizada nas proximidades da cidade de Capivari - SP, Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado, filho do fazendeiro e dono do único jornal da cidade, *Gazeta de Capivari*, João Arruda Leite Penteado e Carolina Arruda Leite Penteado foi poeta, professor, linguista, folclorista, filólogo, ensaísta, sempre manteve inclinação para o desenho e contribuiu para vários jornais da época.

Acompanhado apenas de João Arruda, um dos seus quatro irmãos, Amadeu Amaral, aos treze anos, deixou a cidade do interior paulista, onde cursou o ensino primário em um colégio que pertencia ao seu pai e um sócio, e foi para São Paulo na intenção de trabalhar, o que logo ocorreu com o apoio de parentes, e estudar, não da forma convencional, já que não concluiu o ensino secundário, mas, como autodidata que era, assistia aulas do Curso Anexo à Faculdade de Direito.

Assim que os dois irmãos vão para São Paulo, seus familiares se mudam para cidade de São Carlos, na qual o pai criou o jornal *O Popular*. Cinco anos mais tarde a família toda resolve juntar-se aos dois irmãos na capital, onde o pai abre o jornal *Lavoura e Comércio*, no qual Amadeu começa a se envolver com a profissão. Em 1892, sob o pseudônimo Max Til, publica seus primeiros sonetos no jornal *A Plateia*, mas é no *Correio Paulistano*, que inicia seus trabalhos e no qual permanece por sete anos, de 1892 a 1899, ano em que publica *Urzes*, com o patrocínio deste jornal.

Em 18 de fevereiro 1901, como de costume na família, já que seus pais são primos, casa-se com sua prima Ercília Vaz do Amaral, em São Carlos, cidade em que residia o sogro. Com a esposa volta à capital e tem quatro filhos: Maria (1902), Inocência (1904), Iolanda (1908) e Amadeu Júnior (1910). Um ano após se casar perde seu pai e assume as responsabilidades da família, ou seja, mãe, irmãos, esposa e filha.

Amadeu Amaral era um homem profundamente sereno. Alto, magro mas espadaúdo, cabelo e pele claros, herança da mãe, muito loura, descendente talvez de holandeses, denunciava a sua serenidade até no andar. Olhos azuis, garços, muito grandes, davam a impressão de estar olhando ao longe, mesmo quando fitava alguém. Sua voz era pouco rouca, sempre baixa e muito calma, e tomava uma grande expressividade quando conversava em público ou lia versos ou prosa em voz alta, o que gostava muito de fazer. Até fins de 1917 ou 1918, usava grandes bigodes, como era moda, trambolho de que se libertou, dando ao rosto a sua verdadeira expressão de tristeza tranquila. Era proverbial sua bondade. Não há quem se lembre de haver ele levantado a voz a quem quer que fosse. Nunca falava de seus desafetos, todos gratuitos, a não ser para ressaltar um traço positivo. (DUARTE, 1976, p.28-29)

Por volta de 1904, Amadeu também era redator da revista infantil *O Pequeno Polegar*, revista bimestral ilustrada para meninos, que contava a história de “um ‘Pequeno Polegar’, criação de Amadeu Amaral, adaptado às terras brasílicas, descobrindo nossas verdes matas, a rica fauna, a exuberância do país” (OLIVEIRA, 1997, p. 350), e juntamente com Pinheiro Lima fundou em São Paulo a *Revista Literária*.

Em 1905, se transfere do *Correio Paulistano* para o jornal *São Paulo* e em 1907, a família se muda para São Carlos após Amaral demitir-se do emprego de secretário da Comissão Diretora do PRP, por não concordar com os ideais político-partidários e não se fixar em empregos nos jornais.

Na nova cidade trabalhou no *Correio de São Carlos* e ministrava aulas no Instituto Sancarlense, onde também se tornou diretor. Regressa a São Paulo por incompatibilidade de pensamento em relação a grande parte da população da cidade interiorana, que refutava a fundação de um espaço destinado ao tratamento da hanseníase, o qual ele defendia ardentemente. Em decorrência disso foi vítima de rumores sobre sua magreza, associada à tuberculose pelos opositores, tais boatos ocasionaram seu desligamento do jornal e o fechamento da escola.

Na capital, retoma as atividades em jornais, como *Commercio de São Paulo*, no qual defendeu a criação de uma academia de letras para a cidade e participou de acalorados debates políticos, tomando partido contra a candidatura de Hermes da Fonseca. Seu artigo “Tico-tico”, publicado nos fins de 1909, foi considerado o pontapé inicial da campanha civilista, favorável a candidatura de Ruy Barbosa. Neste jornal permaneceu até o ano seguinte, quando foi adquirido pela base aliada ao hermismo.

Nesse momento, Amadeu Amaral já era considerado um grande homem, não só por sua atividade intelectual, mas também pelo seu caráter; vale lembrar que já era, então, um nome feito e por isso seu nome figurou como um dos fundadores da Academia Paulista de Letras, sendo o primeiro ocupante da cadeira número 33, hoje apossada por Jô Soares, que fez questão de evocá-lo em seu discurso de posse, ocorrido no dia 10 de novembro de 2016, e destacar seu ponto de vista sobre o trabalho de maior prestígio de seu predecessor:

Amadeu Amaral. Para mim, sempre atento como autor à naturalidade da linguagem nos palcos, sobressai a importância da pesquisa metódica feita na sua obra “O Dialeto Caipira”. Num país imenso como o nosso, unido pela mesma língua, é fundamental um trabalho que dá relevância a uma maneira regional de se expressar. Seu livro se transforma em instrumento de trabalho para qualquer escritor. (SOARES. 2016)²²

A festa de inauguração da Academia Paulista de Letras ocorreu na noite de 27 de novembro de 1909, mas ao que tudo indica, esta foi, na verdade, a segunda inauguração, uma

²² SOARES, Jô. Discurso de posse pronunciado na Academia Paulista de Letras. São Paulo, 10 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.academiapaulistadeletras.org.br/discursos.asp?materia=1217>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

vez que há documentos que relatam o primeiro episódio da criação da primeira associação, que recebia o mesmo nome, em 1907, mas que não resistiu; talvez por esse motivo ressurgiu a instituição de 1909, que perdura até hoje, mesmo tendo passado por um longo período de recessão. A Academia Paulista de Letras foi revigorada a partir de 1929, em virtude de uma reestruturação que contou com Amadeu Amaral e Gomes Cardim (1865 - 1932) como promotores.

Amadeu, o cavaleiro andante das Academias, resolveu ressuscitá-la. Convocou os acadêmicos remanescentes. A esse tempo, a Academia Paulista de Letras escolhia seus membros, independentemente de solicitação dos candidatos. Depois de numerosas reuniões e entendimentos, organizou-se o grupo que deveria preencher as vagas existentes [...]. Agora era preciso fazê-la funcionar. A reforma dos estatutos impunha-se. Amadeu meteu-se ao trabalho. Conseguiu até o milagre de os acadêmicos comparecerem a várias reuniões que convocou. E a Academia, afinal, levantou-se, elegendo-se a diretoria, que ficou composta de Amadeu, presidente; Ulisses Paranhos, secretário geral; Artur Mota, 1º secretário; Cândido Mota Filho, 2º secretário; Aristeo Seixas, tesoureiro. (DUARTE, 1976, p. 19)

O ano de 1910 foi decisivo na vida de Amadeu Amaral, marcado por sua entrada para o jornal *O Estado de S. Paulo*, também foi convidado a fazer parte da equipe editorial da revista *A Farpa* e publicou *Névoa*, sua segunda coletânea de poesias, lançada provavelmente com o patrocínio do amigo Júlio de Mesquita, “que se impressionara com o fervor civilista de Amadeu Amaral” (OLIVEIRA, 1997, p.348), e que foi considerada por Vicente de Carvalho, em um artigo no *Estado* sobre o lançamento do livro, como sendo “de uma alta perfeição e dos mais suaves [versos] da língua portuguesa” (DUARTE, 1976, p. 10).

A Sociedade de Cultura Artística fundada em 1912, foi criada a partir de um grupo de amigos, entre eles Amadeu Amaral, que tinha o intuito de consolidar “um polo de fruição de arte e circulação de ideias” através de encontros que assumiram “o formato de saraus lítero-musicais”²³; tudo isso foi explicado por Amadeu no dia da inauguração, já que lhe coube a conferência inaugural. Tais conceitos resistem até hoje e carregam os mesmos objetivos, ou seja, promover e divulgar atividades como: exposições, concertos, recitais, conferências, espetáculos musicais e teatrais.

Permaneceu na revista *A Farpa* até a sua extinção em 1915 e começou a colaborar na revista *A Vida Moderna* até 1918. Foi um dos fundadores da revista satírica *Queixoso* (1915 – 1916), conhecida pela oposição ao governo de Altino Arantes e ao Secretário do Interior, Oscar

²³ Informações retiradas do site da instituição. Disponível em: <<http://www.culturaartistica.com.br/linha-do-tempo>>. Acesso em 12 fev. 2017.

Rodrigues Alves e na qual pôde exercitar sua veia humorística. Encontra-se em tal revista “o que de melhor produziu Amadeu em poesia satírica e humorística” (DUARTE, 1976, p.12). Em 1916, a *Revista do Brasil* foi fundada com a colaboração de Amadeu Amaral; nela também publicou, desde seu primeiro número, textos em verso e em prosa.

Espumas (1917) foi seu terceiro livro de versos; trata-se da reunião de toda a produção do escritor para as revistas *A Vida Moderna* e *A Cigarra*; nesta última Amadeu colaborava com mais assiduidade. Na festividade de lançamento encontravam-se personalidades da convivência de Amadeu Amaral, como os já citados Mesquita e Carvalho, além de Bilac, que após um ano morre e surgem especulações de que Amaral poderia ocupar seu cargo na Academia Brasileira de Letras, até que:

Alfredo Pujol e Alberto de Faria, amparados pelos grupos do *Estado* e do antigo *Comércio de S. Paulo* levanta a candidatura de Amadeu para a vaga do ‘príncipe dos poetas brasileiros’. Anteriormente, outro movimento se fizera nesse sentido, no qual o próprio Bilac tomara parte, mas tudo malogrou porque Amadeu se esquecera de inscrever-se a tempo para as eleições acadêmicas! (DUARTE, 1976, p. 13)

No dia 7 de agosto do ano de 1919, Amadeu Amaral ingressa como membro da ABL; foi o segundo a ocupar a cadeira número 15, cujo patrono foi Gonçalves Dias (1823 – 1864) e que anteriormente foi ocupada, durante vinte e um anos, justamente pelo celebre poeta Olavo Bilac (1865 -1918), que foi, portanto, um dos fundadores da instituição literária juntamente com outras personalidades como Machado de Assis, Artur Azevedo e Ruy Barbosa.

Entre 1920 e 1921 dirigia a revista luxuosa *Pallas*, sem deixar de ser secretário da redação d’*O Estado de S. Paulo* e, no início de 1921, a convite de Monteiro Lobato, dirige a *Revista do Brasil*, que a partir de então passa por transformações notáveis, especialmente pela introdução de colaboradores como Mário de Andrade e outros desencadeadores da Semana de Arte Moderna.

Em 1922 concorreu ao legislativo estadual como candidato avulso, porém recebia suporte político da Liga Nacionalista, à qual pertencia desde 1917, conhecida associação extrapartidária fundada por Olavo Bilac, que “tinha como objetivos principais lutar pelo voto secreto e obrigatório, pela efetiva aplicação da lei da obrigatoriedade do serviço militar e pela difusão da instrução e desenvolvimento da educação em todo o país” (LEVI-MOREIRA, 1982, p. 68) e vista como de oposição ao PRP, cujos adeptos ridicularizavam Amadeu Amaral pelo fato de ter sido derrotado nas eleições.

Enfastiado pelas ofensas, em 1923, Amadeu Amaral se muda para a capital federal para trabalhar na *Gazeta de Notícias*, mas sem deixar a seção “Bilhetes do Rio” do *Estado de S. Paulo* e assim pode se aproveitar do posto que lhe coube na ABL.

Seu envolvimento efetivo na vida cultural paulistana é inegável, sempre sensível e receptivo acolheu com bom grado as manifestações modernistas, mas como foi considerado adepto do Parnasianismo, mesmo porque chegou a esboçar um estudo inédito denominado *O Parnasianismo e sua eclipse*²⁴, a lembrança sobre sua atuação restringiu-se à reputação de poeta parnasiano.

Não participou da *Semana de 1922*. Assistiu-a como espectador sensível e sereno, sem repúdios às manifestações da nova estética que se buscava implantar. Consta que entre os nomes conceituados que não aderiram ao movimento, só dois tiveram um olhar compreensivo para o fato: Amadeu Amaral e João Ribeiro. (OLIVEIRA, 1997, p. 351)

Na *Gazeta de Notícias*, Amadeu Amaral assina poucos artigos, mas logo é convidado pelo diretor Laudelino Freire a ocupar seu cargo de secretário do jornal, já que este foi nomeado membro da diretoria. Pouco mais tarde, Amadeu Amaral também começa a fazer parte da diretoria, mas sem deixar de escrever críticas literárias. Seu afastamento do jornal acontece quando este inicia uma aproximação com o governo Bernardes, com o qual possui incompatibilidade de ideais.

Continua com suas críticas literárias para *Gazeta de Notícias* até dezembro de 1922, mas jamais se desvinculou d’*O Estado de S. Paulo*. Em 1924 publica *O elogio da Mediocridade*, *Luís de Camões* e *Lâmpada Antiga*. A partir de 1925, sua colaboração se intensifica no *Estado*, especialmente relacionada ao assunto folclore, enquanto deixa a *Gazeta de Notícias* e a cidade do Rio para retornar a São Paulo e ao posto de redator do *Estado*. Mais tarde assume as aulas de português no Ginásio Moura Santos, onde foi também diretor. Em 1927, publica nos rodapés do *Estado*, *Memorial de um passageiro de bonde*, que só sairia em livro em 1938.

Em 1928, candidata-se a deputado pelo recém-fundado Partido Democrático e novamente é derrotado. O partido cria seu órgão oficial denominado *Diário Nacional*, do qual Amadeu se torna diretor, mas permanece pouco tempo, já que retorna ao *Estado de S. Paulo*; findando o ano, acumula o cargo de redator-chefe da versão noturna deste, o *Diário da Noite*.

Seus meses finais de vida foram dedicados à Academia Paulista de Letras, sendo substituído, na cadeira, após sua morte, por Altino Arantes e, na presidência, por Alcântara

²⁴ DUARTE, Paulo. Op. cit., p. 173

Machado. Em 1929, Amadeu viu publicar seu último livro, *As promessas do escotismo*, mas também lançou a revista infantil *Malasartes*, sem deixar de colaborar para *O Estado de S. Paulo* e *Diário da Noite*.

Amadeu Amaral morreu no dia 24 de outubro de ano de 1929 de febre tifoide, na capital paulista, aos 53 anos de idade; seu corpo foi sepultado no cemitério São Paulo. Mas, ainda hoje, seu nome figura como patrono de bibliotecas e escolas.

Sua vida é marcada pela admirável dedicação à dialectologia e aos estudos folclóricos, já que à época não havia, em São Paulo, cursos especializados e universidades com esses enfoques, mas, como autodidata, inaugurou o estudo científico sobre o “Dialeto Caipira”, publicado em 1920, que examina minuciosamente o vocabulário e as formas da linguagem caipira da região do vale do rio Paraíba, com o intuito de contribuir para a formação dos jovens, característica marcante de sua personalidade e presente em suas produções: a preocupação com o próximo. “Os seus escritos, em prosa ou em verso, ressaltam esse amor pelos homens, pelos animais e pelas coisas, que se estendia até às árvores e às pedras da rua.” (DUARTE, 1976, p. 29)

Procurou exaltar a pátria destacando a preocupação com seus problemas, além de versar sobre os princípios da humanidade. Mas se destacou nas letras brasileira por seu ímpeto de folclorista. Amadeu Amaral sempre foi muito aclamado, já que sua extraordinária erudição lhe garantiu prestígio em vida; contudo, seu nome parece ser completamente esquecido entre a nova geração.

Como literato escreveu poesias que geralmente são consideradas parnasianas, mesmo que ele próprio tenha escrito que sua poesia era apenas um “vago simbolismo”. Paulo Duarte utiliza-se das palavras de Sérgio Milliet, em *Diário Crítico*, para elucidar sua poesia, como sendo de “versos serenos, sem rebuscamento de ritmos, de uma flexibilidade rítmica estranha para a época, [que] colocava o poeta longe dos neoparnasianos vazios, integrava-o na categoria muito aceitável para nós, dos neorromânticos e até dos neossimbolistas” (MILLIET apud DUARTE, 1976, p. 175).

Mas também destaca que em *Névoa*, é possível perceber o esforço de Amadeu Amaral para se desvincular da estética parnasiana, o que acontece plenamente em *Espumas*. Portanto, Duarte conclui que:

Os seus trabalhos são exemplo de pureza. Poucos souberam trabalhar a arte com igual devotamento e igual simplicidade. [...] os seus livros e trabalhos esparsos que deixou tanto podem figurar numa antologia clássica como nas

coletâneas modernas. [...] Numa e noutras servem de exemplos porque a sua arte enflorada de extensa cultura e de uma filosofia de bondade e compreensão não tinha adjetivos. Era somente Arte. (DUARTE, 1976, p. 183)

Desde a primeira edição, o jornal *O Pirralho*²⁵ já anunciava a colaboração “distintíssima” de Amadeu Amaral, que também figura inúmeras vezes na seção *No trinque*, que tem como objetivo relatar a vida corriqueira de personalidades da época, seus lugares preferidos de lazer, vestimentas etc., além de ter seu nome presente no *Concurso de Talento* promovido pelo jornal, em que “o notável poeta” obteve o terceiro lugar, conforme apuração final com significativos 2.803 votos²⁶.

N’*O Pirralho* publicou contos e sonetos, participou das enquetes literárias mais interessantes, como sobre os principais homens de letras de São Paulo presente na coluna “São Paulo intelectual”, em que não apenas respondeu, mas também figurou na maioria das respostas, além de ser um dos respondentes da enquete sobre Fradique Mendes.

Em sua resposta à enquete sobre Fradique Mendes, podemos perceber que ele tomou um caminho mais generalizado em relação a questão sobre a vida superior, distanciando-se do objeto enfocado pelo inquérito, que, de certa maneira, já era outorgado por Oswald de Andrade, ao elaborar os preceitos da enquete, ao ponderar, por exemplo: “Está claro que os nossos entrevistados poder-se-ão estender sobre a questão da vida chique e intelectual, expondo as suas ideias sobre um programa de vida superior”²⁷.

Justifica a perspectiva escolhida para sua análise, ao supor que as questões feitas pelo *Pirralho* tinham por referência Fradique Mendes apenas como subterfúgio para a discussão do conceito de vida superior de forma mais abrangente.

Desta forma, em sua divagação, Amadeu Amaral percorreu nomes e reflexões relevantes na filosofia, mas finaliza seu artigo-resposta fazendo uma única menção ao verdadeiro objeto do inquérito ao afirmar que “a encantadora criatura de Eça de Queirós é um tipo representativo de vida superior”.

Amadeu Amaral ao responder a primeira questão feita pela enquete, “será Fradique Mendes um tipo representativo de vida superior?”, diz que caso a pergunta fosse feita

²⁵ *O Pirralho* - 12 ago. 1911, n. 1, p. 7

²⁶ *O Pirralho* - 3 fev. 1912, n. 26, p. 8

²⁷ *O Pirralho* - 14 nov. 1914, n. 161, p. 12.

pessoalmente e exigisse uma resposta elaborada de maneira instantânea, sem muitas reflexões, ele diria que sim.

Mas como a pergunta lhe chegou de forma escrita, pôde usufruir de tempo para desenvolver um raciocínio e perceber que a resposta não poderia ser tão simples, já que a indagação lhe parece redundante e ociosa, equivalendo a perguntar se um homem superior teria vivido superiormente. Sendo assim, caso tivesse que responder à questão sem que pudesse analisá-la minuciosamente, diria:

Claro! Pois não foi Fradique um brilhante e nobre *intelectual*, um homem que organizou e regulou a sua vida pelos impulsos e necessidades de uma profunda avidez de ciência e de beleza? Pois não é isso a vida superior – viver intensamente pelo espírito, acima da vida apagada e estreita em que vegeta o maior número, sumido na sombra crepuscular dos instintos?

Contudo, pressupõe que o jornal se valeu da personagem central de *A correspondência de Fradique Mendes* simplesmente como pretexto para pôr em questão o próprio conceito de vida superior, o que já era previsto e assentido pelo idealizador da enquete.

Sendo assim, explica que sua atenção deve ser voltada para tal concepção de forma mais meticulosa, sendo que só dessa forma a enquete faria sentido, uma vez que poderia haver divergências de opiniões, fato que certamente não ocorreria se o objeto fosse realmente Fradique Mendes, visto que todos os respondentes teriam basicamente o mesmo ponto de vista sobre o herói.

Para ele, tirando o foco da personagem, a questão deixa de ser simples e ociosa, para ser “complicada e grave”. Para exemplificar, Amadeu Amaral faz um paralelo com outra situação e diz que a pergunta d’*O Pirralho* representa o mesmo que intimar alguém que está andando tranquilamente a compor sobre do “futuro cultural do Ocidente”. Ou seja, tentar refletir sobre o conceito de vida superior é algo tremendamente difícil e penoso.

A partir de então, vai além da personagem que motivou a enquete para responder seus próprios questionamentos, sem nunca deixar de encerrar uma dose de filosofia, por isso faz perguntas como: “Que é que se deve entender por vida superior?”.

Amadeu Amaral acredita que a resposta a esta pergunta estaria resolvida caso fosse feita aos indivíduos que defendem uma determinada doutrina e já possuem uma fé definida e assente, uma vez que todo preceito é composto por um ser ideal, que representa a sua filosofia, e assim, corresponde ao modelo de vida ideal.

Nesse caso, Amadeu Amaral elenca algumas ideologias para ilustrar o que seria vida superior para cada uma delas. Ao começar pelo cristianismo, cujos adeptos classificariam como vida superior, aquela que é impregnada de santidade.

Destaca, também, que para os positivistas, vida superior seria aquela que “reunisse a maior pujança de bom senso, a maior capacidade de ação social, dentro da Ordem”, salientando um dos pontos cruciais da corrente filosófica que levam em consideração o progresso da humanidade a partir de métodos válidos.

Evoca o princípio de transcendência além de qualquer circunstância e superação individual de Friedrich Nietzsche, dizendo que vida superior para um nietzschiano seria aquela que “exprimissem com mais impetuosa e fulgurante veemência a vontade de domínio, que é a própria alma da vida”.

Do mesmo modo, alude o método de Hippolyte Adolphe Taine (1828 – 1893), que consiste em compreender o homem conforme o meio ambiente em que se integra, além do grupo que pertence e do momento histórico que vive; portanto, um representante da vida superior “para um tainizante [seria] a que se ritmasse pela ânsia constante de conhecer”.

Por fim, menciona os simpatizantes de Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778), que acreditam que a melhor expressão de vida superior é aquela que tem na natureza a liberdade e o equilíbrio essencial para uma vida plena; nas palavras de Amadeu Amaral “a vida clara e sã das almas simples, dos corações amáveis e dos espíritos límpidos, no seio maternal da natureza” seria, então, a representante de vida superior conforme Rousseau.

Contudo, diz que restritos à esfera de uma doutrina definida os problemas não parecem ser significativos, mas fora deste plano as dificuldades já não são tão singelas e levanta mais um questionamento: “Qual o critério certo que nos guie, se esse critério constitui justamente a grande questão, sempre aberta?”

Para solucionar a questão, Amadeu Amaral diz que por mais diferentes que sejam as opiniões sobre a vida superior há elementos que são convergentes, uma vez que todas elas colocam a vida superior na mais alta escala do espírito: “acima dos impulsos vagos, das paixões cegas, das ideias recebidas, dos atos imitados, dos ‘instintos de rebanho’”.

No entanto, lembra que independente da doutrina, os adeptos pressupõem e concordam que a vida superior exige “uma alta dose de originalidade” e “o forte desenvolvimento de uma consciência superior” de seus representantes. Ultrapassando tais particularidades, Amadeu Amaral diz que as conciliações começam a desaparecer.

Por outro lado, o respondente ressalta que há quem não cultue uma doutrina, ou não atribua toda complexidade dos vários fenômenos à ela, pois de certa forma já possui respostas

permanentes, nas quais se refugia. Nesse caso, tal indivíduo supostamente pode ter “um notável alargamento da atividade consciente” e deixar que a vida superior o oriente e dela receba “clareza e relevo”.

Amadeu Amaral classifica essa sua perspectiva como sendo psicológica, “de mera observação, imparcial e ampla, e não, propriamente, uma ‘opinião’”, já que a partir desse ponto de vista ele envolve todos que levam a vida perante uma intensa força do espírito, como “santos e sábios, guerreiros e poetas, estadistas e homens do mundo”.

Seguindo esse ponto de partida, Amaral elenca alguns nomes representativos de figuras com espírito impetuoso. Simbolizando os santos, vale-se de Francisco de Assis (Giovanni di Pietro di Bernardone, 1182- 1226), frade católico que levou uma vida de simplicidade, fazendo pregações itinerantes na intenção de despertar na humanidade a importância de se viver como Cristo, com isso desenvolveu uma intensa identificação com as adversidades do próximo, além do apeço pela natureza; fundou a ordem mendicante dos franciscanos e até hoje é lembrado por sua simplicidade e dedicação aos pobres, tanto que motivou o papa atual a eleger seu nome, assim que eleito.

Aponta, como representante dos sábios, Pascal, provavelmente o matemático, físico, filósofo, teólogo, literato e inventor Blaise Pascal (1623 – 1662), amplamente conhecido pelo consagrado teorema de Pascal, formulado por ele quando tinha apenas 16 anos de idade, além de vários outros trabalhos que marcaram significativamente as ciências exatas, além de contribuições como teólogo, que influenciaram a criação da Igreja Metodista.

O nome de Johann Wolfgang von Goethe (1749 – 1832) não deixa de ser aludido por Amadeu Amaral; o autor de *Fausto* foi um dos maiores expoentes da literatura alemã e mundial, além de ser um importante estadista e contribuir para as ciências naturais.

Louis Pasteur (1822 – 1895) também é mencionado, ele foi um cientista relevante nas áreas da medicina e da química com trabalhos preciosos, como a criação da vacina antirrábica e o processo de pasteurização do leite e do vinho.

Para completar seu elenco de nomes célebres cita “Platão, o divino, e Diógenes o cínico”. Platão (428/427 – 348/347 a.C.) lendário filósofo, cientista, literato e matemático da Grécia Antiga e Diógenes de Sinope (404 ou 412 a.C. – 323 a.C.) conhecido como o Cínico, também foi um filósofo da Grécia Antiga, que tinha como filosofia a busca da felicidade a partir da simplicidade e da natureza.

Além desses nomes, Amadeu Amaral, alude aos “porcos de Epicuro”, designados como pessoas que não se relacionam com a comunidade, para dizer que até mesmo eles vivem

“repugnantemente” uma vida superior, já que cabe a cada um de nós escolher a forma de vida superior que nos pareça mais adequada e bela.

E para concluir tal pensamento, Amadeu Amaral diz que: “Nestes termos, de certo que a encantadora criatura de Eça de Queiroz é um tipo representativo de vida superior...”, sendo que Fradique Mendes conseguiu, à sua moda, levar uma vida extraordinária e, por isso, pode ser um representante de vida superior.

Ao considerar Fradique Mendes um tipo representativo de vida superior, Amadeu Amaral o classifica como um herói das mais altas categorias, principalmente porque conseguiu manter sua identidade e sua essência, seguindo suas próprias convicções, que segundo o inquirido é o suficiente para ser considerado superior.

Na continuação de suas ponderações, Amadeu Amaral diz que, por outro lado, Fradique Mendes não pode ser considerado, necessariamente, um “tipo ideal”, ou que pelo menos não devemos nos esforçar para chegarmos a ser como o herói, demonstrando, dessa forma, que para ele o modo de vida de Fradique não seria exatamente o que ele intenciona levar, uma vez que o que vale é a individualidade pessoal; por isso moldar a vida em conformidade com outra, mesmo que seja a de Fradique, não é conveniente.

Contudo, diz não saber qual seria o tipo ideal de homem a que *O Pirralho* se refere e afirma que conhece “figuras humanas, reais” excepcionais, mas que nenhuma é perfeita, mesmo porque ninguém pensa e age igual a ninguém.

Amadeu Amaral toca no ponto em que muitos dos que responderam à enquete usaram para justificar o motivo pelo qual não consideram Fradique Mendes como um “tipo ideal de homem”, que é justamente o fato de ser uma criação fictícia e não uma pessoa real: “Tipos ideais, completos e acabados, só na literatura ou no sonho. Podem ser muito belos, podem responder como catálogos luminosos de virtudes e de dons: faltar-lhes-á sempre alguma coisa: ter vivido.”

A circunstância que é imprescindível para que um homem seja considerado ideal, para Amadeu, é ter vivido realmente. Fundamenta sua explicação dizendo que é relativamente fácil criar, através da imaginação, heróis supremos e completos, o difícil é encontrá-los na vida real. Completa esse pensamento dizendo que independente da elevação de um indivíduo, este carregará consigo a fraqueza de ser homem, portanto, “não há tipos ideais”.

Diz que devemos nos esforçar ao máximo para atingir a nossa própria perspectiva de vida e que, mesmo assim, são raros os que conseguem realizar-se a si próprio, sendo fiel à sua

individualidade, sem que haja em algum momento do esforço a tendência de reproduzir um modelo.

Conclui sua apreciação com a expressão ou provérbio do já citado Blaise Pascal: “*Qui veut faire l’ange fait la bête...*”, que pode ser traduzido como: “Quem quer fazer o anjo faz a besta”, significando que os homens, na intenção de atingir seu ideal de vida, acaba trilhando o caminho oposto, na medida que avança ou copia a trajetória alheia.

Apesar de mencionar o nome de Fradique Mendes em poucas ocasiões em seu artigo-resposta, podemos notar que nessas raras oportunidades, Amadeu Amaral tece elogios significativos ao herói, visto que enquanto o foco é voltado a ele, suas ponderações abarcam adjetivos que o elevam a um patamar superior em relação ao maior número de pessoas; além disso, afirma que ele é um tipo representativo de vida superior.

Porém, considera que Fradique não é um tipo ideal a ser decalcado, mesmo porque a pessoa que pautaria sua vida no herói não cumpriria com o ponto essencial de vida elevada, que seria a individualidade e a realização de si próprio conforme sua singularidade pessoal. Sendo assim, esse motivo não pode ser considerado um demérito da personagem de Eça.

Fradique Mendes, aos olhos de Amadeu Amaral, se mostra superior à maioria dos homens, já que suas ações são dignas de louvores, principalmente pelo fato de conservar sua identidade, atitude impensada para os outros homens, segundo o inquirido.

Além disso, Amadeu Amaral considera que a criação de Eça é, ao mesmo tempo, santo, pensador e artista, “fulgindo em cada um dos seus aspectos como um diamante de primeira água em cada uma de suas facetas”.

2.4 Octavio Augusto

Houve um obstáculo na tentativa de traçar os dados biográficos do quarto respondente da enquête, semelhantemente aos ocorridos com os dois primeiros inquiridos (Sr. Gomes dos Santos e Dr. Mello Nogueira); entretanto, nesse caso a complicação estava no fato de ser-nos revelado apenas os primeiros nomes do ilustre colaborador, como sendo Octavio Augusto.

Contudo o próprio *Pirralho* nos concedeu informações importantes sobre sua vida, uma vez que concluída sua resposta, o jornal nos traz - com o título “Coisas de Arte – Octavio Augusto” - informações sobre sua vida, a começar pelo nome completo, Octavio Augusto Inglez de Souza, o que contribuiu para buscas mais expressivas.

Octavio Augusto Inglez de Souza nasceu no ano de 1882, filho de José Marco Inglez de Souza e Ambrosina de Moura, que tinham mais um filho, José Octaviano Inglez de Souza. Seu tio paterno, Herculano Marcos Inglez de Souza foi um renomado escritor brasileiro, tido como introdutor do Naturalismo na nossa literatura e por isso foi um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Por volta de 1905 se formou engenheiro civil pela Escola Politécnica de São Paulo e no ano seguinte viajou aos Estados Unidos da América para se dedicar aos estudos da eletricidade²⁸, fato já mencionado pel’*O Pirralho*.

Casou-se com Adília Seabra, com quem teve quatro filhos, Octavio Seabra Inglez de Souza, Dulce Seabra Inglez de Souza, Nelson Seabra Inglez de Souza e Júlio Seabra Inglez de Souza.

Octavio Augusto contribuía para a *Revista do Brasil* e para *O Pirralho*; no qual, logo no segundo número (19/08/1911), seu nome já era anunciado como um dos colaboradores da seção sobre literatura, onde além de seus versos também poderíamos encontrar seus artigos de crítica.

É perceptível que a influência de Octavio Augusto no âmbito literário, tanto como escritor, como crítico, era de grande valia, uma vez que *O Pirralho*²⁹, considerado o mais típico e significativo jornal do período, não deixava de anunciar suas produções e destacar seus atributos.

Em 1921, no Rio de Janeiro, foi eleito professor catedrático de italiano do colégio Pedro II, “considerado mais alto estabelecimento de ensino secundário do país”, conforme seu discurso de posse reproduzido na *Gazeta de Notícias*³⁰.

Em busca de obras publicadas por ele, só encontramos a publicação de 1939 denominada *O número de Reynolds e a resistência fluidodinâmica*, muito possivelmente relacionada ao seu ofício de engenheiro.

Conforme a seção “Anúncios Fúnebres” do jornal *O Estado de S. Paulo*³¹ de 16 de agosto de 1955, a família de Octavio Augusto Inglez de Souza convida a participar da missa de

²⁸ *Gazeta de Notícias* - 14 jan. 1906, p. 4

²⁹ *O Pirralho* - 23 nov. 1916, p. 16

³⁰ *Gazeta de Notícias* - 9 e 11 out. 1921, p. 2

³¹ *O Estado de S. Paulo* - 16 ago. 1955, n. 24625, p. 21

sétimo dia de sua morte, ocorrida na cidade de Campinas – SP, no dia 12 de agosto daquele ano, portanto, aos 73 anos de idade.

Com cerca de 33 anos, Octavio Augusto escreveu seu artigo-resposta à enquete sobre Fradique Mendes. Ele foi o primeiro a responder sistematicamente as três questões abordadas, à primeira – Será Fradique Mendes um tipo representativo de vida superior? – sem muitas delongas, diz: “Não, Nem de vida inferior. É um tipo representativo de vida fictícia, fútil apesar de erudita”.

Nesse caso, sua resposta, mesmo sendo sucinta, elenca duas características das mais marcantes de Fradique e que foram as que mais chamaram a atenção do respondente. Sua futilidade deve ter sido levada em conta pelo fato do protagonista viver apenas assistido por sua rica herança, ser um exímio viajante e não ter deixado sequer uma obra, já que era um erudito, conhecedor de todas as filosofias, religiões, personalidades e de muitas partes do mundo.

Mas Octavio Augusto primeiro destaca que Fradique não é um tipo representativo de vida superior, tampouco de vida inferior, mas de vida fictícia. A resposta à segunda pergunta - Será Fradique Mendes um elegante perfeito? - também é negativa, porém sua justificativa, já nos oferece maiores detalhes de sua opinião. Para Octavio Augusto, a condição de erudito de Fradique lhe tira toda a possibilidade de ser um elegante perfeito, já que considera a ignorância o dom supremo da elegância.

Tentando esclarecer sua resposta, para que não soe como contraditória, Octavio Augusto diz que a faculdade essencial da elegância perfeita é a “invejável ignorância de tudo, principalmente a ignorância de si mesmo”; talvez querendo provar que, por outro lado, um verdadeiro ilustrado não tem a preocupação com a aparência, com o exterior, mas é um bom conhecedor de si mesmo e, por isso, seguro de todas as suas ações, ao passo que um legítimo elegante busca na aparência impecável, o refúgio para suas incertezas.

Diz ainda que Fradique, ao se mostrar preocupado com seu “eu”, acredita ser analista dos próprios fenômenos emocionais e mentais; por isso a reprovação alheia não o inquietava, uma vez que “cria-se psicólogo, e apto à crítica”. Prossegue dizendo que como quem se julga apto à crítica, se convence de que é capaz de criar, portanto, chega “à conclusão de que devia fazer versos, e fê-los”.

Octavio Augusto acredita que Fradique não pode ser tido como um elegante perfeito, pois o considera um intelectual, um erudito e que a elegância perfeita não coexiste com a erudição.

No entanto, Octavio Augusto destaca que Fradique se preocupa consigo mesmo e por isso não se incomoda com as opiniões alheias; No tocante aos versos de Fradique Mendes, Octavio Augusto, na posição de crítico literário, diz que eles não foram significativos, uma vez que “fê-los sem apagar a glória de Leconte de Lisle, e sem fazer mal a Baudelaire”, contrariando o narrador de *A correspondência de Fradique Mendes*, que, ao se referir à forma dos versos de *Lapidárias*, diz: “uma forma soberba de plasticidade e de vida, que ao mesmo tempo me lembrava o verso marmóreo de Leconte de Lisle, com um sangue mais quente nas veias do marmóreo, e a nervosidade intensa de Baudelaire” (QUEIRÓS, 2012, p.19).

Referindo-se ao biógrafo de Fradique, Octavio Augusto diz: “já alguém com maldade lacônica, quis caracterizar esse *homem de mármore* com uma frase sibilante, e chamou-o *caixeiro viajante*”. Nesse caso podemos entender que o respondente apontou a descrição feita pelo narrador-biógrafo de Fradique como falha e injusta, uma vez que jamais um caixeiro viajante “ousaria de imitar Leconte e admirar Baudelaire”.

O respondente remete-se diretamente à equipe do jornal, dizendo que lhe pediram para falar sobre a elegância de Fradique, mas retruca com outras questões: “Pois não é a elegância uma questão puramente visual? E quem é capaz de ver Fradique?”.

Portanto, Octavio Augusto destaca a ideia de que o protagonista, como não é um ser real, não pode ser visto, tampouco é possível avaliá-lo, mas transparece também que Fradique não é das melhores criações de Eça, ou que pelo menos não representa seres reais, ou convencionais, como Juliana de *Primo Basílio*, já que diz: “Eça não se preocupou com que nós o víssemos, como vemos o Maia, o João da Ega, àquela criada do *Primo Basílio*, e o venerado ancião que perambula nos *Maias*”.

Estendendo o assunto, Octavio Augusto é mais um a tocar na questão da heteronímia, uma vez que pondera sobre Eça e sua personagem em questão: “Eça não quis que o víssemos (Fradique), quis que o admirássemos, a ele Eça e não a Fradique” e considera tal atitude do autor uma fraqueza, dizendo: “Ninguém se imortaliza nos seus personagens”.

E para comprovar seu pensamento elenca algumas obras de Shakespeare, como o *Rei Lear*, *Othelo*, a *Tempestade* e *Sonho de uma noite de verão*, além de *Hamlet*, que “é Byron profetizado, é Baudelaire, é Shelley, é Anatole France, é Machado de Assis, mas não é Shakespeare”; assim sendo, tece elogios a cada uma delas, mas conclui que Shakespeare não quis se reproduzir em nenhuma e por isso pode ser considerado extraordinário:

Nem uma vez, porém, vem-lhe à mente o propósito de embasbacar o espectador com sua própria personalidade. [...] Ambicionar impor-se por meio de seus personagens inverídicos nada mais é que a consciência, embora momentânea, da própria fraqueza, da quase nulidade na arte e na vida humana.

Octavio Augusto declara que não era só Shakespeare que agia dessa forma e garante que entre os mais brilhantes com essa atitude estão Flaubert, Balzac e, em especial, Goethe, que “tendo representado todos os seus altos ideais em *Fausto*, tendo nele encarnado toda a sua dúvida pungente, todo seu desespero, que é o desespero humano, nunca se lembrou, entretanto, de fazer do *Fausto* uma simples sucursal da sua pessoa, um mero reclame da sua personalidade.”.

Então conclui a segunda resposta afirmando que o fato de Eça de Queirós reproduzir-se em sua criação é uma “fraqueza sinceramente lamentável”, o que torna *A correspondência de Fradique Mendes* medíocre em relação às suas outras obras, fazendo-as despontarem e resistirem ao tempo, enquanto Fradique certamente permanecerá arquivado, conforme suas palavras, “para bem da minha tranquilidade de meditativo sem elegância, e para mal do vosso jornalismo petulante, porém original e amável.”.

Nesse caso, podemos perceber mais uma vez a propensão à crítica de Octavio Augusto, que deixa claro seu ponto de vista em relação à obra, considerada efêmera e inferior às outras criações de Eça.

Novamente aborda o jornal e sua equipe, dessa vez para avaliar a escolha de se propor tal enquête, que apesar de criativa, é ousada, mas não com uma carga muito positiva de significação, já que escolheu a palavra “petulante” para definir a iniciativa do inquirido e que carrega uma acepção de arrogante.

Percebendo sua leve divagação em relação à pergunta feita, Octavio Augusto finaliza sua resposta considerando: “para mim Fradique Mendes não é elegante, nem deselegante, nem superior, nem inferior, nem belo, nem feio, nem fútil, nem grave, por uma razão muito simples: é que ele não existe!”. Tal fala é muito comum dentre os inquiridos da enquête, assim como já suscitaram a questão o Sr. Gomes dos Santos e Amadeu Amaral.

Partindo para a última questão -Em caso de resposta negativa, qual é o tipo ideal de homem? - Octavio Augusto, demonstrando certa comicidade, confessa sentir-se embaraçado ao se ver falando sobre o tipo que ele considera ideal de homem, uma vez que preferiria ser

questionado sobre o tipo ideal de mulher, já que desde muito cedo essa foi uma de suas maiores preocupação e por isso descobriu, sozinho, que era homem.

Mas alega se colocar no lugar de mulher para melhor responder a questão e chega à conclusão imediata que sendo ele do sexo feminino jamais elegeria Fradique como um ideal de homem, justificando que este não teve “nem a coragem de ser diferente de todo o mundo, nem a covardia simpática de ser com todos parecido”, considerando-o, então, medíocre e banal, traços abominados por ele, que preferiria um criminoso a um homem que possui tais feitos.

Para esclarecer o fato de ter considerado Fradique como banal, o inquirido diz que na verdade ele simplesmente foi impotente para manter sua “imensa superioridade”, considerada por ele como “a mola real da sua existência”, por isso ele se torna fútil, “impertinente e sem fibra necessária para entrar na vida cotidiana”, que deve ser domada de maneira única, mesmo estando derrotado e jamais deve ser encarada “com a eterna estreiteza cerebral da maioria”.

Mas em relação ao tipo ideal de homem, Octavio Augusto aponta que seria alguém “mais forte que Zarathustra”, poeta e profeta persa de meados do século VII a. C., fundador da primeira religião monoteísta, Zoroastrismo, que tinha como crenças preceitos que influenciariam o cristianismo.

O profeta foi lembrado pelo respondente por ter voltado ao seu povo, depois de regenerado, assim como consta nos relatos sobre sua vida. Zarathustra viveu dos vinte aos trinta anos isolado em cavernas consideradas sagradas e em desertos onde foi tentado por entidades malignas, mas retornou ao seu povoado onde teve revelações divinas e começou a pôr em prática sua missão; depois de muito hostilizado, começou a fazer milagres e ser seguido pelo rei, que instituiu a religião na Pérsia.

Além de ser superior a tal profeta teria que ter “a energia inquebrável de se contentar de si mesmo, de saber para sempre que nada poderia achar entre nós de equiparável ao seu próprio ser, e que tudo na sociedade é falso, é medíocre, é fútil, é injusto, é insuportável”, mas entende que esse ideal é extremamente impossível. Entretanto, declara que há algumas pessoas que conseguiram atingir o começo desse ideal, não menciona nomes, mas diz que elas perceberam quão insignificante é o mundo, que se recolheram neles mesmos e ignoraram a humanidade.

Conclui dizendo que o tipo ideal de homem para ele não existe, mas querendo se eximir de qualquer reprovação, afirma que tem admiração e respeito por seres que não são ideais, mas excepcionais, e espera que todos tenham percebido.

2.5 Jacomino Define

Pouco sabemos da vida de Jacomino Define; apenas através de buscas pelos principais jornais da época, encontramos indícios de uma existência dedicada a cultivar as palavras. Não foi possível encontrar o ano em que nasceu, mas seu aniversário era comemorado no dia 26 de setembro.

Além disso, podemos comprovar sua profissão, pois, além de colaborador de vários jornais e revistas, foi médico, mas também aluno do curso anexo da Faculdade de Direito de São Paulo, o que nos leva a ponderar que tenha sido advogado.

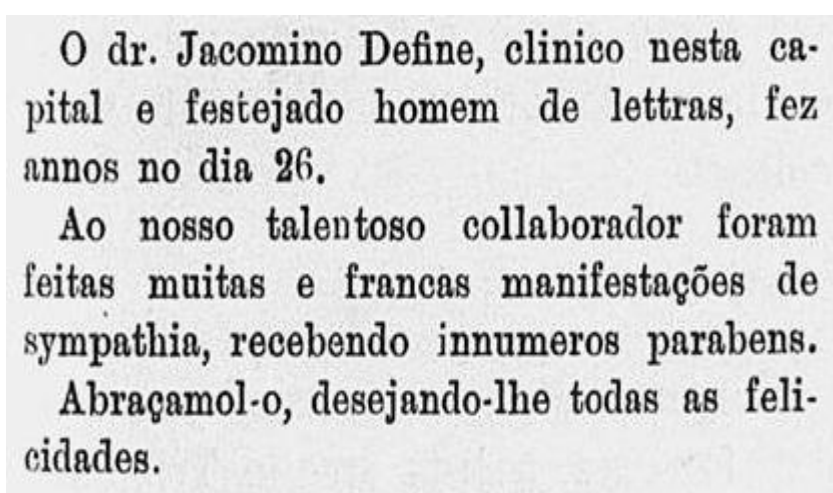


Figura 19 - *O Pirralho* - 30 set. 1916, n. 223, p.7

Em pesquisas pelo jornal *O Estado de S. Paulo*³² foi possível colher informações pessoais de Jacomino Define: seu pai foi o Dr. Giacomo Define, um imigrante italiano e seus irmãos foram Julieta Define Sangirardi, Margarida Frascá, Domingos Define, Vicente Define, Angelina Junqueira, Adelina Define, Maria do Carmo Define e Antônio Define.

Ademais, encontramos indícios de que seu casamento ocorreu por volta do dia 3 de julho de 1925, uma vez que a edição do jornal dos mesmos dia e mês do ano seguinte anuncia a missa em comemoração ao seu primeiro ano de casamento.

O jornal *O Commercio de São Paulo* anunciou a partida de um dos seus membros, Jacomino Define, ocorrida no dia 15 de janeiro de 1898, para Itália, mais precisamente para Nápoles, onde o ainda moço e já talentoso Jacomino estudaria medicina. Seu retorno para a

³² *O Estado de S. Paulo*, 3 jul. 1926, p. 11 e 15 ago. 1959, p. 11

cidade de São Paulo se deu no dia 12 de novembro de 1904, conforme divulga o *Correio Paulistano*³³.

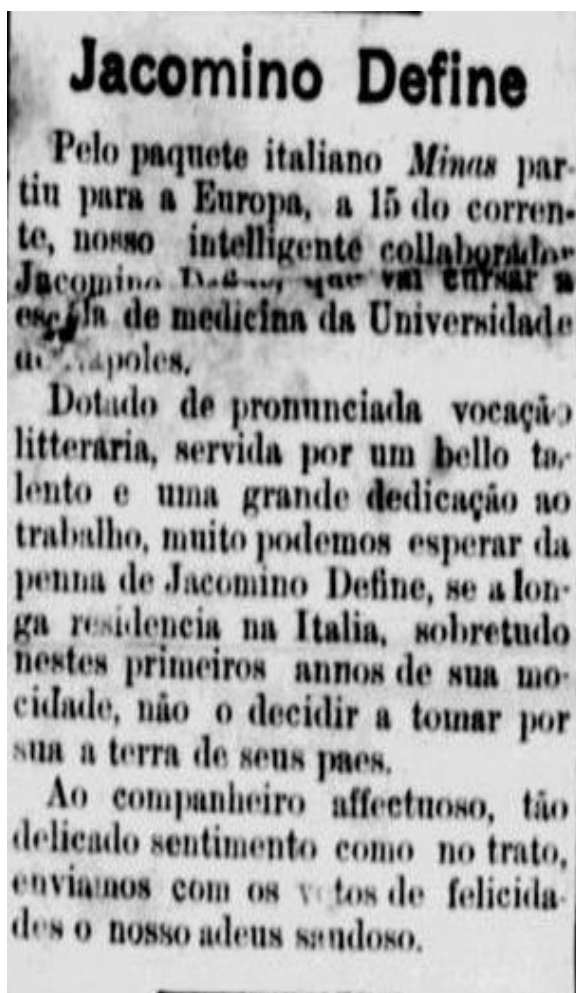


Figura 20 - *O Commercio de São Paulo* - 17 jan. 1898, n. 1421, p. 1

Seu trabalho na imprensa é constante e significativo; seu nome sempre figurou ao lado de vários outros escritores de notabilidade, mesmo porque contribuiu para jornais importantes como *O Commercio de São Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, além de revistas prestigiadas como: *Kosmos*, *O Pirralho*, onde foi um dos diretores por volta de 1914 e *Revista do Brasil*, assim como a *Revista Literária* paulista “filha dilecta dos Sres. Amadeu Amaral e Pinheiro Lima” conforme o *Correio Paulistano*³⁴, que anuncia agradecido o recebimento do número 8 da

³³ *Correio Paulistano*, 12 nov. 1904, p. 2

³⁴ *Correio Paulistano* - 2 abr. 1895, n. 11524, p. 1

revista, que contém, entre outros, um conto de um novato chamado Jacomino Define, que é tido como um pseudônimo pela estranheza de seu nome.

Jacomino Define participou inúmeras vezes de reuniões da Sociedade dos Homens de Letras, que tinha Olavo Bilac como presidente honorário, e realizou várias conferências na Sociedade de Cultura Artística. Seu nome é lembrado, pelo poeta Júlio Cesar da Silva, em resposta à uma das enquetes promovidas pelo *O Pirralho*, que tinha como objetivo discutir a literatura no âmbito paulista e foi considerado pelo inquirido como “um dos melhores cultores da prosa de São Paulo”³⁵ da época.

Além disso, em um artigo³⁶ (não assinado) publicado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, um dia após a inauguração oficial da Academia Paulista de Letras denominado “Academia de poucas letras”, evidencia o tom de revolta do articulista, que elenca nomes da literatura paulista, que não foram considerados para a fundação da entidade e tidos por ele como essenciais para ocupar “as larguezas dos quarenta lugares disponíveis”.

Dentre os nomes estavam o de Francisca Julia da Silva, considerada “uma genuína paulista, que é a maior poetisa da nossa língua”; Júlio de Mesquita, “cujo estilo cinzelado realiza a mais perfeita manifestação literária no jornalismo nacional”, além do prosador Jacomino Define e vários outros, assim como o dele próprio, que deixa manifesto seu sentimento pela exclusão.

Apesar de poucas informações referentes a vida e obra de Jacomino Define, podemos perceber sua importância para o jornalismo e para a literatura paulistana nesse início de século, em que muitos homens de letras despontavam, especialmente no domínio jornalístico-literário, uma vez que muitos dos escritores desse período desenvolviam-se intelectualmente à princípio com produções ligadas à imprensa.

Jacomino Define introduz suas ponderações sobre Fradique de modo a deixar clara a principal de suas observações: Fradique Mendes é irreal, uma fantasia literária, e, portanto, nunca existiu. Por outro lado, faz algumas ponderações elogiosas ao protagonista, além de relacioná-lo com seu criador, ao dizer que “ele encarna decerto algumas ideias, alguma maneira de ver e de sentir de Eça de Queirós, na sua primeira fase”. Talvez referindo a vida boemia e romântica do escritor no início de sua vida literária.

³⁵ *O Pirralho* – 22 nov. 1913, p. 9

³⁶ *O Estado de S. Paulo* – 28 nov. 1909, p. 4

Além do mais, Jacomino também associa Fradique com as outras personagens de Eça, que diferentemente daquele, essas têm um suporte mais fidedigno com a realidade, já que a vida de Fradique “é vaga, ondeante”. Porém, o inquirido não poupa elogios ao herói, que, apesar de ser uma “abstração romântica”, também é “uma figura brilhante e idealizada, encarregada de soltar sobre a arte e sobre a vida frases e paradoxos cintilantes, e de escrever, à guisa das cartas, algumas das crônicas mais belas que há em português”.

Dessa forma, o respondente levanta uma das questões essenciais na “existência” de Fradique Mendes, que é justamente o fato dele contribuir não só para a arte, mas também para vida, através das elucubrações transpostas nas cartas, o que certamente era o real intento de Eça de Queirós, ao idealizar tal personagem.

E mais uma vez, associa Eça de Queirós à sua personagem, ao considerar que Fradique é a personificação de todas as aspirações e convicções do autor reunidas em uma só obra, através de seu protagonista, já que diz: “o seu amor da arte, o seu culto da forma, o seu ideal de uma vida livre, ambulante e faustosa, Eça de Queirós quis extrinsecá-los numa obra de arte e personificou tudo isso em Fradique”.

Nesse caso, julga o protagonista como sendo “apenas um porta-voz” do seu criador. Mas não deixa de ressaltar quão rasa acredita ser a personagem, tida como figuração sem vida, sem atos e sem alma.

Jacomino Define mostra-se atento à força que tal personagem, vista como ideal, exerceu na vida das pessoas reais. E, dessa maneira, podemos comprovar o conceito de *fradiquismo*, levantado por Carlos Reis, já que foi suscitado pelo inquirido:

Mas o interessante (o que viria provar mais uma vez que não é o meio que faz a obra, mas sim a obra que faz ou modifica o meio) é isto: que depois do aparecimento de Fradique, ele criou uma atmosfera “fradiqueana”, agiu cataliticamente, e houve inúmeras pessoas que se julgaram, tentaram ou quiseram ser Fradique.

O respondente elenca algumas situações marcantes na vida do protagonista que estão expressas em *A correspondência de Fradique Mendes* e foram almeçadas por muitas pessoas; o destaque é dado às grandes viagens, aos trajes - simbolizados pelas “gravatas de seda” e as “cabaiais”, além da relação de amizade com “homens gloriosos”.

Nesse sentido, alude que os “muitos Fradiques ficaram em incubação”, pois, além da ausência dos dotes necessários, havia outro grande inconveniente que afetava as pessoas que se inspiravam na personagem: a falta de dinheiro.

No entanto, transparece que Fradique Mendes, naquele exato momento, não representava um ícone a ser imitado, pois já não correspondia às preferências de ninguém, ou pelo menos as dele, que prefere:

[...] os heróis obscuros ou gloriosos que trabalham, que penam, que produzem, que se sacrificam por uma causa, por uma ideia, por um amor, que se imolam ao dever, ao pão, à família, os que pela palavra ou pela ação, pelo pensamento ou pelo exemplo, dignificam e explanam a tarefa da existência.

Tomando como base a descrição do homem/personagem ideal feita por Jacomino Define, podemos notar a crítica inerente a Fradique Mendes, amplamente reputado por suas gastanças com banalidades, só possíveis por ter herdado uma grande fortuna familiar; portanto, nunca trabalhou, ou precisou lutar para conquistar algo.

Preparando-se para possíveis objeções do tipo: “Fradique pensa, Fradique estuda, Fradique mistura-se à vida dos povos, principalmente os de saboroso exotismo, estuda-lhes as origens, a religião, as almas”; Jacomino arrebatava todas elas, exclamando: “puro diletantismo!”.

Jacomino Define usa a palavra diletantismo pela primeira vez na enquete, mas ela estará presente em outros discursos. A definição desse termo está perfeitamente associada à postura tomada por Fradique Mendes, pois é diletante o indivíduo que se devota a uma arte de forma superficial, sem a preocupação com análises e reflexões meticolosas e permanentes, por considerar a arte como forma de distração e entretenimento e não de trabalho.

O próprio Fradique Mendes admite não ser sábio, nem filósofo e através de suas explicações podemos entender as atitudes de um notável diletante, que tem na inatividade seu modo de vida. Destacamos que tal confissão não se refere a um posicionamento de humildade intelectual, comum aos grandes pensadores, trata-se tão somente de puro diletantismo intelectual:

Não há em mim infelizmente (escrevia ele a Oliveira Martins, em 1882) nem um sábio, nem um filósofo. Quero dizer, não sou um desses homens seguros e úteis, destinados por temperamento às análises secundárias que se chamam Ciências, e que consistem em reduzir uma multidão de fatos esparsos a Tipos e Leis particulares, por onde se explicam modalidades do Universo; nem sou também um desses homens, fascinantes e pouco seguros, destinados por gênio às análises superiores que se chamam Filosofias, e que consistem em reduzir essas Leis e esses Tipos a uma fórmula geral, por onde se explica a essência mesma do inteiro Universo. Não sendo pois um sábio, nem um filósofo, não posso concorrer para o melhoramento dos meus semelhantes — nem acrescentando-lhes o bem-estar por meio da Ciência, que é uma produtora de riqueza, nem elevando-lhes o bem-sentir por meio da Metafísica, que é uma inspiradora de poesia. A entrada na História também se me conserva vedada: — porque, se, para se produzir Literatura basta possuir talentos, para tentar a

História convém possuir virtudes. E eu!... Só portanto me resta ser, através das ideias e dos factos, um homem que passa, infinitamente curioso e atento. A egoísta ocupação do meu espírito hoje, caro historiador, consiste em me acercar duma ideia ou dum facto, deslizar suavemente para dentro, percorrê-lo miudamente, explorar-lhe o inédito, gozar todas as surpresas e emoções intelectuais que ele possa dar, recolher com cuidado o ensino ou a parcela de verdade que exista nos seus refolhos — e sair, passar a outro facto ou a outra ideia, com vagar e com paz, como se percorresse uma a uma as cidades dum país de arte e luxo. (QUEIRÓS, 2012, p. 76/7)

Salientamos, ainda, que Fradique foi criado para ser superior e exacerbar qualquer atitude, posicionamento ou característica, inclusive o diletantismo, assim como o seu narrador-biógrafo explica:

Aqueles que imperfeitamente o conheciam, classificavam Fradique como um diletante. Não!, essa seria convicção (a que os Ingleses chamam *earnestness*), com que Fradique se arremessava ao fundo real das coisas, comunicava à sua vida uma valia e eficácia muito superiores às que o diletantismo, a diversão céptica que tantas injúrias arrancou a Carlyle, comunica às naturezas que a ele deliciosamente se abandonam. O diletante, com efeito, corre entre as ideias e os factos como as borboletas (a quem é desde séculos comparado) correm entre as flores, para pousar, retomar logo o voo estouvado, encontrando nessa fugidia mutabilidade o deleite supremo. Fradique, porém, ia como a abelha, de cada planta pacientemente extraindo o seu mel: quero dizer, de cada opinião recolhendo essa “parcela de verdade” que cada uma invariavelmente contém, desde que homens, depois de outros homens, a tenham fomentado com interesse ou paixão. (QUEIRÓS, 2012, p. 79)

Aos olhos de Jacomino Define, é incompreensível a postura tomada por Fradique em não realizar suas atividades com a militância e a profundidade esperadas, agindo apenas no plano da idealidade a ponto de não deixar um legado produtivo e inspirador, que é a intenção de muitos intelectuais.

O inquirido demonstra sua inquietação sobre o fato, ao dizer que Fradique nunca se deu a “um fim, a uma obra, a um ideal”, pois “é uma flor de luxo que se nutre de todos os requintes, de todas as suavidades, de todas as espumas da civilização”, mas não tira o devido proveito, portanto, é imprestável, uma vez que toda sua curiosidade intelectual não gera frutos.

Para arrematar o pensamento, Jacomino utiliza as metáforas já empregadas pelo narrador d’*A correspondência de Fradique Mendes* referentes a tal atitude do protagonista, e o descreve como um representante do “diletante rico e estéril, a borboleta irisada e irrequieta, a abelha que suga o mel de todas as flores, sem ao menos espalhar inconscientemente o pólen fecundo pelo mundo”.

Jacomino lembra que Fradique acredita que ninguém, tampouco ele é capaz de escrever: “Não tenho sobre [...] coisa alguma neste Mundo, conclusões que, por alterarem o curso do

pensar contemporâneo, valesse a pena registrar... [...] Eu não sei escrever! Ninguém sabe escrever!” (QUEIRÓS, 2012, p. 114). No entanto, o inquirido julga tal crença como uma justificativa infundada: “Sei bem que o autor nos fala de apontamentos bastos, de planos, de obras esboçadas e inacabadas sob o fútil pretexto de que ninguém sabe escrever. Contraproducente ressalva!”.

Jacomino diz concordar em partes com esse pensamento do protagonista, pois acredita que realmente ninguém sabe escrever, mas de forma perfeita. Em contrapartida, assinala que “todos sabem escrever desde que tenham realmente alguma coisa a dizer.”, insinuando a natureza estéril e vazia de Fradique.

O respondente acredita que Eça de Queirós, em algum momento, percebeu o quão falho se tornou o protagonista de *A correspondência de Fradique Mendes*, e por isso se viu obrigado a criar “uma segunda edição correta, grandiosa e humanizada, nessa soberba figura do Jacinto, que nos reconcilia com a natureza e com a vida, de uma maneira tão simples e tão grande!”.

Dessa forma, o protagonista de *A cidade e as serras* é novamente resgatado por outro inquirido, mais uma vez para engrandecer Jacinto, visto como mais “humano e por isso mais verdadeiro” em comparação a Fradique, como já alegou o Sr. Gomes dos Santos.

À vista disso, Jacomino declara que Fradique não conseguiu, diferentemente de Jacinto, se desvencilhar de seu caráter ficcional, uma vez que não adquiriu um traço que o aproximasse dos seres humanos, nem mesmo na sua morte “que não comove nem entristece”.

Jacomino considera deliciosas as cartas de Fradique Mendes, não pela intimidade que poderia ter sido estabelecida entre o protagonista e os leitores, mas porque “pela sua boca fala o autor, e a prosa de Eça é uma selva de encantos”.

Através do discurso de Jacomino Define, podemos notar sua preocupação em enaltecer Eça de Queirós, tido por ele como “mestre delicioso e irresistível”, tanto que mesmo depois de tecer uma série de desaprovação a Fradique, diz que este “nos diverte e enleva, nos acaricia e agita”, isso tudo ocorre não “pelo seu conteúdo moral ou psicológico”, mas “pela virtude artística que o anima”, que, para o respondente, foi exatamente a real intenção do autor.

Finalizando sua apreciação, Jacomino Define volta toda sua atenção a Eça de Queirós, que “não precisa de exegeses nem de apologias”, mas ainda assim crê que quanto mais passa o tempo, mais as obras do autor se destacam. Além disso, acredita que Eça, juntamente com Camões, forma a dupla mais perfeita dos artistas “criadores da língua”; por esse motivo, não tem esperança de conseguir mensurar todo o valor que ambos os escritores possuem.

Elege Eça, Camões e Jacinto como possíveis respostas à última questão, ao dizer: “talvez esteja nesses” o ideal de vida superior. E explica o motivo de utilizar o advérbio talvez

para expor sua opinião, já que considera que “o ideal depende do gosto...” e acrescenta em tom jocoso “[...] e depois é tão difícil responder a essas perguntas com este calor!”.

É possível perceber que Jacomino Define a todo o momento elenca as imperfeições da personagem principal, até mesmo sua condição de criação literária, considerada por ele como um ponto negativo.

Ainda assim, as más qualidades do protagonista superam as boas no discurso do quinto intelectual a responder à enquete. Mas, à medida que Jacomino tece depreciações a Fradique, compõe, quase instantaneamente, louvores a Eça de Queirós.

No entanto, é perceptível que o inquirido faz associações entre a personagem e seu criador e atribui as qualidades daquela a este, tanto que considera Fradique o “porta-voz do seu criador”. Além disso, os atributos de Fradique, na maioria das vezes, estão relacionados à criatividade de Eça ao fabulá-lo.

Jacomino também relata que as ações de Fradique eram, inutilmente, recalcadas por homens comuns, o que faz dele um ser superior. Mas ao especificar o tipo de herói de sua preferência o respondente acaba por rebaixar a personagem principal.

2.6 Nuto Sant’Anna

Benevenuto Silvério de Arruda Sant’Anna, cujo nome artístico é Nuto Sant’Anna, nasceu em Itirapina – S.P., no dia 5 de setembro de 1889. Seu pai foi Joaquim Silvério de Sant’Anna Júnior e sua mãe, D. Francisca de Araújo Penteado Sant’Anna.

Iniciou sua vida profissional no jornalismo na cidade de Rio Claro – S.P., primeiro como colaborador e, em seguida, como redator no antigo diário *O Alfa*. Em 1910, mudou-se para São Paulo e ingressou, em dezembro do mesmo ano, no *Correio Paulistano*, onde foi redator da seção bibliográfica. Em 1912 fez parte do grupo literário d’*O Pirralho*. Além disso, também compôs a galeria de poetas do jornal *O Tagarella*, lançado em 1915.

Já em 1914, diplomou-se pela Escola de Farmácia e Odontologia, da Universidade de São Paulo. Trabalhou como redator no jornal *A Gazeta* em 1918 e também durante os anos de 1922 a 1930. Desde 1935 está associado ao corpo de colaboradores efetivos d’*O Estado de S. Paulo*, no qual é redator das efemérides históricas.

Em 1925, organizou e publicou cinco pequenos volumes de poesia dos seguintes poetas: Gustavo Teixeira, Cassiano Ricardo, Aristeu Seixas, Alfredo de Assis e Sampaio Freire. Em 1927, com Sérgio Milliet, organizou e publicou, para o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, doze volumes de *Documentos interessantes, inventários e testamentos, e Sesmarias*.

De 1929 a 1930, Nuto Sant'Anna foi professor no curso militar da Força Pública e lecionava a disciplina Instrução Cívica e Moral.

Em 1930, juntamente com seu irmão Leopoldo Sant'Anna, fundou o jornal *O Dia*, que mais tarde passou a nova direção. Em 1934, fundou e dirigiu a *Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo*, cuja orientação posterior foi realizada por Sérgio Milliet e Mário de Andrade; só em 1945 Nuto Sant'Anna voltou à direção.

Foi aprovado em um concurso para a Prefeitura de São Paulo em 1932, foi nomeado a escriturário pelo prefeito Anhaia Melo e chegou ao posto de chefe da Divisão de Documentação Histórico e Social do Departamento de Cultura, que foi efetivado em 1946.

Já no ano de 1945, foi eleito, na vaga de José de Freitas Guimarães, para a cadeira de número 7 da Academia Paulista de Letras, cujo patrono é José Bonifácio. O Moço, como era chamado teve seus méritos reconhecidos por cultivar a crônica histórica, principalmente a paulista.

Fora do jornalismo propriamente dito, em que versou numerosos assuntos em seus artigos, notas, sueltos e crônicas, assinados ou não, que estão esparsos em nossa imprensa, publicou livros de poesia, como *Versos do meio-dia*, *Miserere* e *Poesias*, cujo lançamento foi anunciado pelo *O Pirralho*³⁷, além de romances e ensaios históricos, mas diversos deles ainda são inéditos.

Porém, o que vamos ressaltar neste trabalho, de todo o grandioso acervo de Nuto Sant'Anna, são suas observações sobre Fradique Mendes realizadas para a enquete do *O Pirralho*, jornal em que colaborou intensamente.

Nuto Sant'Anna inicia seu texto apontando duas características de Fradique Mendes: extravagante e perdulário. Ambos os adjetivos realmente dizem muito sobre o perfil do protagonista, conforme a descrição realizada sobre ele na *A correspondência de Fradique Mendes*.

Aos olhos do inquirido, Fradique levou uma vida requintada, sem que houvesse a necessidade de se preocupar com dinheiro, pois possuía uma imensa fortuna, “que lhe não custou nem uma baga de suor”, justamente porque foi adquirida através de herança.

Nuto Sant'Anna, ainda, lembra que o protagonista viajou pelo mundo “aborrecidamente”, estudou as religiões de muitos países e criticou “mordazmente” os homens e as coisas. Todos esses aspectos foram levantados para fundamentar a escolha das palavras extravagante e perdulário.

³⁷ *O Pirralho* – 27 set. 1913, n. 110, p. 7

Nuto Sant'Anna considera a personalidade de Fradique Mendes tão peculiar que o deixa imune de comparações com outras pessoas e ainda diz: “Não conheço ninguém que nem de longe se lhe possa comparar”. Para justificar, diz que conhece pessoas ricas que possuem mais ou menos dinheiro e ideias, quando comparadas a Fradique, mas nenhuma delas tem o privilégio de “figurar ao lado dos personagens irreais que fariam a glória de Dumas, de Montépin, de Ponson”.

O respondente eleva o protagonista a um nível superior em relação aos homens comuns e o associa às personagens – como Athos, Porthos e Aramis d’*Os três mosqueteiros* - que legaram notoriedade aos seus criadores, no caso três dos maiores literatos franceses.

Sendo assim, Fradique Mendes notabiliza-se como uma personagem lendária, sobretudo por ser equiparado às outras que se destacam pelos prodígios de coragem e persistência, inaturais para nós.

Por outro lado, Nuto Sant'Anna pondera que caso Fradique fosse “concretizado em carne, ossos e sobrecasaca” - ou seja, fosse um ser humano comum - “o reputaria inferior ao Pacheco, ao Theodorico Raposo, ao Jacinto, ao Conselheiro Acácio...”. Portanto, Fradique, enquanto homem, dentre o rol de personagens emblemáticas de Eça de Queirós, seria inferior. Contudo, o inquirido não apresenta as razões para tal julgamento.

Para Nuto Sant'Anna, Fradique Mendes poderia até ser considerado um tipo representativo de vida superior, não fossem sua ambição excessiva pela perfeição, seu gênio de esteta e seu egoísmo literário, que o fizeram renegar os poemas de *Lapidárias*.

O ímpeto de diletante foi para si mesmo uma barreira que não permitiu que a sua arte se expandisse, já que ele próprio a tratava com indiferença; diante dos elogios feitos pelos seus leitores, seu espírito permanecia inalterável. Tais atitudes são incompreendidas pelo inquirido, que considera que, desde um “artista de raça” até um “desses indivíduos semiquadrúpedes”, ninguém jamais deixaria de se comover diante do próprio trabalho.

Nuto Sant'Anna desconfia que a indiferença de Fradique seja postiça, pois não é exatamente essa a impressão que se dá ao ler as cartas “tão quentes e tão macias...” que foram destinadas à Clara, moça por quem o herói se mostra encantado.

Dando continuidade, Nuto relata que Fradique Mendes foi um homem que não constituiu família, não teve credores, nem precisou trabalhar devido à fortuna que adquiriu; por tudo isso, o respondente acredita que Fradique não foi um homem, que mediante as suas atitudes, merecesse ser tomado como exemplo, por mais que desejasse parecer caridoso.

A filantropia de Fradique é tida por Nuto Sant'Anna como uma fraude, uma vez que as esmolas eram dadas aos “mendigos profissionais”, perante o maior número de pessoas, para

que todos pudessem presenciar sua (falsa) ação altruísta, que tomaria proporções ainda maiores, pois a intenção era sempre apregoá-las “pelas colunas da gazeta”.

Nuto atribui essa generosidade “deficiente” de Fradique à sua preocupação excessiva com o exotismo, que o cegou diante da possibilidade de acabar sustentando “vícios de pais vagabundos” e contribuindo para a proliferação de famílias inválidas. Finaliza seu raciocínio com um questionamento: “Por que não auxiliava ele os institutos de caridade?”, já que através dessa prática mais sensata, o seu gosto pela arte não seria prejudicado.

Provavelmente a indagação de Nuto Sant’Anna tenha relação com as ponderações de Fradique Mendes - que, por sinal, condenava o exibicionismo filantrópico - ao falar sobre o fortalecimento de um egoísmo feroz:

A primeira evidência deste egoísmo, é o desenvolvimento ruidoso da filantropia. Desde que a caridade se organiza e se consolida em instituição, com regulamentos, relatórios, comitês, sessões, um presidente e uma campanha, e de sentimento natural passa a função oficial — é porque o homem, não contando já com os impulsos do seu coração, necessita obrigarse publicamente ao bem pelas prescrições dum estatuto. Com os corações assim duros e os invernos tão longos, que vai ser dos pobres?... (QUEIRÓS, 2012, p. 105)

No que se refere à vida sentimental de Fradique, Nuto Sant’Anna a descreve como sendo a autêntica vida de um vulgar burguês, que deixava a companheira para contemplar “um pescoço branco, uns ombros largos, uma cabeleira loura”, assim como Fradique confidenciou à Madame de Jouarre, sua madrinha, na segunda carta do espólio, pois se viu encantado por uma bela moça, mesmo estando acompanhado de Madame Libuska.

Em relação à última pergunta – “Será Fradique Mendes um elegante perfeito?” – Nuto Sant’Anna diz não saber o que é ser um elegante. Então, de forma irônica, lista algumas possibilidades, que de certa forma estão associadas às peculiaridades de Fradique, como: “Será trocar a noite pelo dia, frequentar os clubes, usar monóculo?”, mas conclui que, caso ser elegante seja ter esses comportamentos, então Fradique nunca foi.

A razão para tal convicção é que Fradique foi um homem que se preocupava mais com as tendências analíticas e com suas grandiosas viagens, por exemplo, do que com as mesquinhas.

Mas a condição essencial que não permitiu a Fradique o título de elegante perfeito, aos olhos de Nuto Sant’Anna, foi sua morte, ocasionada por uma doença pulmonar, posto que “os elegantes morrem [...] elegantemente” e de acordo com Petrônio, o “Árbitro da Elegância”, o suicídio é a maneira menos prosaica de partir.

Como era necessário relatar quem poderia ser considerado um tipo ideal de homem, caso não fosse Fradique Medes, Nuto Sant'Anna elege Buda e Jesus Cristo, ambas as divindades também fazem parte dos assuntos da décima sexta carta destinada à Clara; nela Fradique considera que “[...] esses dois Mestres possuíram, para bem dos homens, a maior porção de Divindade que até hoje tem sido dado à alma humana conter.” (QUEIRÓS, 2012, p. 217). Talvez seja nessa alusão realizada por Fradique, que o respondente se respaldou.

A partir das considerações de Nuto Sant'Anna, podemos perceber que Fradique Mendes é tido como um homem superior, já que o inquirido diz que não conhece sequer uma única pessoa que possa ser comparada ao protagonista, especialmente porque sua singularidade está no fato dele ser “genuinamente artificial”, ou seja, sua força de ação só é admissível na literatura.

No entanto, sua superioridade não é a mais elevada, ao ponto de representar o herói sublime e divino, pois nesse nível está Buda e Jesus Cristo, que são seres superiores em condição tanto aos homens como ao meio natural.

2.7 Cláudio de Sousa

Conforme o *Dicionário de autores paulistas* (1954) e o *Dicionário literário brasileiro* (1969), em 20 de outubro de 1876, na cidade de São Roque (SP), nascia Cláudio Justiniano de Sousa, oriundo de família tradicional paulista, seu pai foi o escrivão Cláudio Justiniano de Sousa e sua mãe Antônia Barbosa de Sousa

Sua irmã, Virgilina de Sousa Salles, foi a jornalista criadora da revista *Luta Moderna*, que posteriormente foi denominada de *Revista Feminina* e por isso foi considerada a pioneira do jornalismo feminino do país; já seu avô foi o coronel e deputado imperial Cláudio Joaquim Justiniano de Sousa.

Seus estudos preliminares são realizados em sua cidade natal, terminado o curso de humanidades, aos 14 anos, seguiu para a Bahia, onde se matriculou na Faculdade de Medicina; pouco tempo mais tarde se transferiu para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Aos 16 anos já colaborava para os jornais cariocas *O Correio da Tarde* e *A Cidade do Rio*, demonstrando desde cedo sua inclinação para a escrita.

Em 1897, formou-se médico e assim que foi diplomado, mudou-se para São Paulo, instalou seu consultório médico nessa capital e continuou colaborando na imprensa paulistana. A partir de 1898, começou a lecionar como professor de terapêutica na Faculdade de Farmácia de S. Paulo, hoje integrada à Universidade de São Paulo.

Nesse mesmo ano, publicou seu primeiro (de vários) trabalho científico denominado *Os nevropatas e os degenerados*, que na verdade era “sua tese [...] e que foi laureada pela Academia Nacional de Medicina” (MELO, 1954, p.614).

Fundou a Liga de Profilaxia Moral e Sanitária, além do Dispensário de Combate à Sífilis. Clinicou não só na capital paulista, mas também em Itapetininga, sem nunca abandonar a imprensa, na qual escrevia também sob os pseudônimos de Mario Pardal, Cláudio Junior e Ana Rita Malheiros. Fortalecendo sua pronunciada tendência de literato, juntamente com outros letrados, foi um dos membros fundadores da Academia Paulista de Letras.

De volta ao Rio de Janeiro, em 1913, abandonou definitivamente a medicina e passou a dedicar-se integralmente à literatura. Ainda nesse ano, estreou na prosa de ficção com o romance *Pater!*, que segundo a biografia do autor disponibilizada na página da ABL³⁸ foi “muito bem recebido pela crítica”.

No entanto, nas páginas d’*O Pirralho*³⁹, encontramos indícios de que a obra tenha encontrado opiniões contrárias, que contribui para uma crítica negativa do romance. Ao que tudo indica, não houve grande unanimidade por parte da crítica em relação à obra; no entanto, os opositores também encontraram resistência por parte de outros intelectuais, como os aqui apresentados, que fizeram questão de expor a apreciação do romance no semanário.

O parecer, em questão, é de Joachim da Terra, que, com o intuito de divulgar e dar sua opinião sobre o livro de Cláudio de Sousa, destaca que embora o romance tenha recebido críticas negativas, que mais transparecem a inveja dos opositores num período considerado de inércia na produção literária, o romance é de grande valia.

³⁸ Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/claudio-de-sousa/biografia>>, visitado em: 15 abr. 2017.

³⁹ *O Pirralho* - 4 out. 1913, n. 111, p. 6.

Critica litteraria?
 Não existe. Se ella existisse, teria se referido com entusiasmo ao livro de Claudio de Souza. Ao envêz de critica, ha em S. Paulo o chôque dos interesses e das paixões. Os invejosos degladiam-se sob nojento anonymato na rendosa *secção livre* do orgão do Siô Pestana e do Siô Mesquita. (Issô sem trocadilho.)

Figura 21 - *O Pirralho* - 4 jul. 1914, n. 149, p. 18

Já essa figura manifesta o ponto de vista de Aguiar Tinoco à enquete promovida pel' *O Pirralho* em relação ao momento literário paulista e no tocante à crítica literária paulista, o escritor carioca diz não existir, já que não reagiu com a animação que *Pater!* merecia, destacando também o sentimento de inveja daqueles que maldiziam a obra, por trás do anonimato, em jornais como *O Estado de S. Paulo*.

Claudio de Sousa percorreu vários países em viagens pelo mundo, mas casado com Sra. Luísa Leite de Sousa, filha dos barões de Socorro - o senador Luiz de Sousa Leite e Deolinda Arantes de Sousa Leite, - fixou residência no Rio de Janeiro.

Sua estreia como teatrólogo se deu em 1915, com a comédia *Eu arranjo tudo!*; logo depois apresentou aquela que seria uma das grandes e influentes obras do teatro brasileiro, *Flores de sombra* (1916).

Escreveu diversas peças que foram levadas para todo Brasil, assim como para vários outros países e em todos os lugares obtiveram grande sucesso, do mesmo modo ocorreu com suas conferências e seus livros sobre suas impressões de viagens.

No dia 28 de agosto de 1924, sendo o terceiro a ocupar a cadeira 29, na sucessão de Vicente de Carvalho, Cláudio de Sousa se tornou membro da Academia Brasileira de Letras, cuja presidência lhe pertenceu por duas ocasiões, em 1938 e 1946. A comemoração dos cinquenta anos da ABL foi promovida por ele, que também editou o volume ilustrado da *Revista do Cinquentenário*.

Entre suas principais atividades registra-se o fato de ter sido, em 1938, o fundador e primeiro presidente do Pen Clube do Brasil, entidade destinada a reunir e incentivar escritores brasileiros acerca da criação literária. Fundou também o Instituto Brasileiro de Cultura Japonesa, foi sócio correspondente da Academia Nacional de Artes y Letras de Habana e do

Instituto Argentino de Cultura Histórica, e ainda membro efetivo da Cooperação Intelectual da Liga das Nações, entre muitas outras como menciona o site do Pen Clube do Brasil⁴⁰:

Intelectual reconhecido tanto em território nacional quanto no estrangeiro, foi membro da Academia Brasileira de Letras (que presidiu por duas vezes), da Academia Paulista de Letras, da Academia Amazonense, da Academia José de Alencar (de Curitiba), do Sindicato Médico Brasileiro e do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura; sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa, da Academia Nacional de Artes e Letras de Cuba e do Instituto Argentino de Cultura. Foi ainda membro do setor de cooperação intelectual da Liga das Nações (mais tarde Nações Unidas) e do International Institute of American Ideals.

Sua morte se deu no dia 28 de junho de 1954, ocorrida no Rio de Janeiro, aos 77 anos de idade. Seu legado é gigantesco e inspirador; além de cerca de 82 obras literárias, sua esposa, a quem dedicou grande parte de sua produção, doou, aproximadamente dois anos após a morte do escritor, a propriedade do casal em Petrópolis, que foi anexada ao Museu Imperial.

Além da casa, a doação incluía vários pertences do escritor, inclusive cerca de 660 obras de sua biblioteca particular, que contava com obras de sua autoria e de outros autores consagrados, além de várias outras consideradas raras⁴¹.

Em 30 de janeiro de 1915 - ano em que Claudio de Sousa despontaria como teatrólogo – foi publicado nas páginas d’*O Pirralho* seu parecer concedido à enquete sobre Fradique Mendes, na qual desenvolveu um discurso voltado às questões filosóficas, mesmo porque faz referências ao artigo-resposta de Amadeu Amaral, que talvez tenha sido o que mais possui menções a filósofos e teorias dessa ordem.

Diferentemente do terceiro inquirido, Cláudio de Sousa tece mais comentários sobre o objeto da enquete. Fradique Mendes não foi hostilizado pelo teatrólogo; por outro lado, este deixa claro que não acredita que a vida levada pela personagem seja ideal. Além disso, expressa toda sua admiração por Eça de Queirós.

A introdução da resposta de Cláudio de Sousa deixa transparecer sua posição duvidosa a respeito da valia da enquete, uma vez que se diz cismado por não conseguir distinguir o “proveito” e a “volúpia” do inquérito, visto que considera Fradique Mendes um desconhecido do grande público.

⁴⁰ Disponível em: <http://www.penclubedobrasil.org.br/fundador.html>. Visitado em: 15 abr. 2016.

⁴¹ Disponível em: < <http://www.museuimperial.gov.br/claudio-de-souza/claudio.html> >. Visitado em: 15 abr. 2016.

Quanto aos intelectuais, que porventura o conhecem, certamente o compreendem de maneiras distintas e, caso lhes fosse dada a oportunidade de discorrer sobre a personagem em questão, o resultado seria uma série de discussões geradas por interpretações diferentes, que de volúpia ou proveito não teriam nada; por isso, o resultado da enquete seria uma “logomaquia interminável e estéril”.

Ao dizer que, para os intelectuais, “Fradique é Fradique, como Acácio é Acácio e Hermes é Hermes” - mencionando dois personagens de Eça de Queirós e o último presidente do Brasil de seu período - evidencia que sendo ficção ou realidade, eles são conhecidos e copiados de forma minuciosa tanto nos seus encantos, quanto nas suas falhas.

Assim como Amadeu Amaral, Cláudio de Sousa criou um discurso que pende para uma discussão filosófica, tanto que faz a seguinte pergunta: “Qual é o critério filosófico que pode orientar a definição de vida superior?”. Além disso, remete ao depoimento de folclorista à enquete, classificando-o como “pitoresco e brilhante”, mas refuta-o posteriormente.

O teatrólogo faz lembrar que o conceito de vida superior, nas palavras de Amaral, varia de indivíduo para indivíduo, bem como depende de cada crença e filosofia; além disso, cita a tentativa feita pelo seu “eminente confrade da Academia Paulista de Letras” em definir a concepção de vida superior, ao dizer que: “A vida superior pressupondo um notável alargamento da atividade consciente – é o que por ela se rege e se coordena e dela recebe claridade e relevo”.

No entanto, Cláudio de Sousa considera tal acepção muita ampla, uma vez que “há lugar para todos, até para o *Epicuri de grege porcum*”, referindo-se aos porcos do rebanho de Epicuro, já aludidos por Amadeu.

Prossegue dizendo que seu conceito de vida superior não condiz com a mesma visão de Amadeu Amaral, pois acredita que não basta uma vida ser conduzida por uma “hiperatividade consciente” para que seja considerada superior, mas que dependa de “um ideal qualquer que a determine e lhe dê brilho duradouro”. Por isso, ela se realiza na “biblioteca dos filósofos” e “vestida com o burel da irmã de caridade”; portanto, sob todas as formas do altruísmo, ou ainda sob a forma “estoica dos panteístas da escola de Zenon”.

À vista disso, o inquirido acredita que Fradique é um “mero diletante” que não se molda a nenhuma das duas possibilidades. Destacando sua condição de viajante, comenta que “Fradique correu o mundo [...] em busca apenas de uma emoção ou surpresa intelectual”, que

quando raramente as encontrava, em forma de cartas, as dirigia aos seus amigos, por isso em suas ações não há nada de filosófico ou filantrópico.

Da mesma forma que o narrador d'*A correspondência de Fradique Mendes* e Jacomino Define, Cláudio de Souza utiliza-se de metáforas para alegar que a vida de um diletante é semelhante à de uma “cigarra que canta ao sol triunfante de uma paisagem magnífica”, já que se mostra inútil, mesmo sendo pautada na arte.

Contudo, assevera que “Fradique foi talvez um diletante menos banal que os demais de sua casta”, especialmente por manter suas características de dândi, como podemos perceber em seu parecer:

Detendo-se enamorado na estrada, para colher os rubis vivos de um galho de fúcsia e debruçá-los da fita de seu Panamá ou para florir a botoeira do casaco com uma orquídea rara desabrochada na ruína venerável de um roble anoso – adornando a sua estesia como princípios e deduções colhidas na sua deambulação inteligente.

Assim como é declarado em *A correspondência de Fradique Mendes*, quando, por exemplo, o narrador transcreve a descrição feita por Ramalho Ortigão em uma carta, que diz: “Fradique Mendes é o mais completo, mais acabado produto da civilização em que me tem sido dado embeber os olhos. Ninguém está mais superiormente apetrechado para triunfar na Arte e na Vida. A rosa da sua botoeira é sempre a mais fresca [...]”. (QUEIRÓS, 2012, p. 65)

Cláudio de Sousa arremata dizendo que independentemente de sua compleição de dândi, Fradique não deixa de “ser o vagabundo rico e curioso, inútil e prejudicial”. Nesse caso, o inquirido pode estar se referindo à inclinação ao ócio e à leviandade pela qual o protagonista levava a vida, ou ainda pelo sua permanente transgressão às regras e tradições, causada pela ânsia de matiz revolucionária.

Para exemplificar, Cláudio de Sousa lembra que até mesmo os princípios da “secular geometria” foram infringidos por Fradique, uma vez que ele apregoava que “a distância mais curta entre dois pontos é a curva vadia e delirante”, desconsiderando os preceitos matemáticos de que a linha reta é a distância mais curta entre dois pontos.

O inquirido demonstra desacreditar da capacidade de Fradique em dominar pela experiência vários partidos, religiões, filosofias e lugares, ao cogitar que o protagonista apenas tenha folheado “mentalmente, pelo índice” tantas multiplicidades, mesmo porque seria impossível a existência de um ser assim numa humanidade tão dispersa.

O respondente define Fradique Mendes como uma “linda flor de mundanismo”, cuja satisfação concerne aos bens e prazeres que o mundo oferece por dinheiro; além disso, nega que falte brilho à personagem. No entanto, tal fulgor é tido como efêmero, por isso Fradique não pode ser considerado “positivamente” um representante de vida ideal.

O último parágrafo de sua apreciação não é destinado a Fradique Mendes, mas ao seu criador. Cláudio de Sousa é mais um a levar em conta a questão da heteronímia, já que menciona: “Como criação literária Fradique é o Eça” e pondera que analisar o romancista seria impossível, pois não há tempo para admirá-lo.

Mas, ainda assim, declara que o conjunto de obras de Eça possui “originalidade e brilho”, que nenhum outro “escritor de língua portuguesa consegue ultrapassar... nem mesmo o senhor José Veríssimo”, que diferentemente de Eça possui dois dons “um bom e um ruim”, mas Eça, para ele, “é um só, é o Eça admirável!”, por conseguir manter em sua prosa inquietante uma “ironia deliciosa”, que através de “um manto diáfano de fantasia” cobre a “nudez da verdade”.

Cláudio de Sousa na medida desconfia das habilidades do protagonista d’*A correspondência de Fradique Mendes* por serem incogitáveis à nossa humanidade. Além do mais, o distingue até mesmo dentro da categoria em que o posiciona, visto que o declara um diletante singular dentre outros.

2.8 G. de Andrade e Almeida

Guilherme de Andrade de Almeida nasceu no dia 24 de julho de 1890, na cidade de Campinas - S.P. Filho de um amante da cultura clássica, o professor e advogado Estevão de Araújo Almeida e Angelina de Andrade, Guilherme de Almeida cresceu em um ambiente propício à literatura e à erudição, uma vez que seu pai desde cedo o iniciou nos estudos das línguas mortas grego e latim, além das modernas francês e alemão, no mesmo momento em que aprendia sua língua materna.

Nas cidades interioranas Limeira, Araras e Rio Claro, além de sua cidade natal, ocorreram seus estudos primários, já na capital conclui o ginásio em 1907 e especializou-se, ao receber o diploma em Ciências e Letras. Já em 1912, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo.

Atuou como promotor público em Apiaí e em Mogi-Mirim de 1912 a 1914; depois volta a São Paulo, onde, com o pai trilha o caminho da advocacia, mas não por muito tempo, uma vez que sua vertente literária se sobressaía e seus escritos começavam aparecer com mais intensidade na imprensa, mesmo porque desde estudante colaborava para diversos jornais e revistas. Em 1923 abandona por completo a carreira de advogado e dá prioridade apenas à atividade de escritor.

Conforme Melo (1954, p. 30) em seu *Dicionário de autores paulistas*, Guilherme de Almeida exerceu entre outras profissões a de secretário da Escola Normal Padre Anchieta, também foi chefe da Divisão de Expansão Cultural da Prefeitura, secretário do Conselho Estadual de Bibliotecas e Museus, além de ter sido presidente da Associação Paulista de Imprensa.

Cada vez mais integrante da via literária, G. de Andrade e Almeida, como costumava assinar suas produções, em parceria com seu colega d'*O Pirralho*, Oswald de Andrade, compõe *Théâtre brésilien* (1916). No ano seguinte, *Nós*, seu primeiro livro de poemas é publicado “sob o incentivo do pai e de Vicente de Carvalho, que dera seu depoimento sobre a obra, sugerindo trinta e três sonetos para publicação” (QUEIROZ, 1998, p. 10) e assim foi feito.

A crítica, efetuada por Antônio Torres sobre *Nós*, apesar de destrutiva, desperta a atenção do público para a obra e rende a Guilherme de Almeida, além de milhares de exemplares vendidos, inúmeras homenagens, contrapondo-se à desaprovação do crítico português.

Sua atuação para jornais e revistas foi intensa. Foi redator de *O Estado de S. Paulo*, onde publicou inúmeras crônicas; diretor da *Folha da Manhã* e da *Folha da Noite*; fundou o *Jornal de São Paulo* e também foi redator do *Diário de São Paulo*.

Juntamente com seu irmão Tácito de Almeida e outros amigos, foi um dos fundadores da revista *Klaxon*, que tinha como principal objetivo divulgar o modernismo, mas nunca deixou de colaborar para vários outros órgãos de tendência literária, como *A Cigarra* e *Vida Moderna*, além do semanário *O Pirralho*, cujas páginas receberam inúmeras contribuições do poeta.

Em 1919 publicou duas obras *A dança das horas* e *Messidor*, seguidas do *Livro de horas de Sórora Dolorosa*, publicado no ano seguinte e o ensaio *NatalikaI*, além dos atos em verso *Scheherazada* e *Narciso – A flor que foi um homem* todos de 1921; já em 1922 publicou *Era*

uma vez..., nesse ano também contribuiu decisivamente para a realização da Semana de Arte Moderna.

Sua vertente romântica o conduziu ao posto de um dos maiores líricos brasileiros e sua intensa atuação como cronista demonstrou sua sensibilidade às transformações de seu tempo; além disso, se destacou em seus trabalhos como tradutor.

Foi um dos entusiastas da Semana de Arte Moderna; através de *Klaxon* divulgou as ideias de inovação artística e literária, além de ter percorrido o país difundindo, por meio de seus artigos e conferências, os ideais nacionalistas do Modernismo, que foram expressos também em *Meu*, considerado o ponto mais alto de sua poesia modernista, e *Raça*, ambos livros de poesia de 1925. Por tudo isso foi o primeiro modernista a ser eleito membro da Academia Brasileira de Letras, conforme informações do site da instituição.

Em 1923, casa-se com Belkiss Barroso de Almeida, com quem teve seu único filho, Guy Sérgio Haroldo Estevam Zózimo Barroso de Almeida, e muda-se para o Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1925, ano em que publicou os livros de poesia *Narciso* e *Encantamento*, além dos já citados *Meu* e *Raça* e a conferência denominada *Revelação do Brasil pela poesia moderna*.

Em 1928, foi eleito membro da Academia Paulista de Letras, ocupando a vaga de seu pai, uma vez que se tornava o poeta paulista mais popular da época. Dois anos mais tarde, Guilherme de Almeida foi o terceiro nomeado a ocupar a cadeira de número 15 da ABL, sua posse se deu no dia 21 de junho de 1930. O mais novo membro foi recebido com entusiasmo pela Academia.

A partir de 1926, sua paixão pela arte se expandiu ao cinema, especialmente aos filmes de Chaplin; por isso, suas crônicas cinematográficas despontaram e influenciaram demasiadamente em sua produção poética. Na coluna iniciadora do segmento no Brasil denominada “Cinematographos” do jornal *O Estado de S. Paulo*, Guilherme de Almeida pode expor todo seu conhecimento e afeição sobre o assunto.

A vida pública de Guilherme de Almeida foi marcada por ser um dedicado combatente na Revolução Constitucionalista de 1932, o que lhe rendeu o cognome de poeta-soldado ou poeta cívico, em consequência do surgimento de seus “versos dedicados à pátria e à batalha política, que resultam no exílio” para Portugal (QUEIROZ, 1998, p. 9). Exilado, entra em contato com escritores portugueses, com os quais desenvolve laços de amizade, fato que torna

sua pena aprazível e resultante do livro de crônicas denominado *O meu Portugal*, que foi publicado em 1933, ano do fim de seu exílio.

Guilherme de Almeida traduziu, ou melhor, “recriou” (conforme a escolha mais adequada do vocábulo, de acordo com ele) textos de muitas línguas, tais como: do grego, do latim, do tupi-guarani, do alemão, do inglês, do polonês, do espanhol, além do francês, idioma estimado e considerado por ele como sua segunda língua.

Como tradutor, foi um dos principais divulgadores de obras estrangeiras no Brasil, mas seu papel de tradutor da língua francesa chamou “a atenção da crítica para as soluções adequadíssimas e surpreendentes no processo de transladação de um idioma a outro”. (QUEIROZ, 1998, p. 12)

Foi eleito o “Príncipe dos Poetas Brasileiros”, sendo o quarto a receber esse título, depois de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Olegário Mariano. Sua coroação se deu após um “concurso patrocinado pelo jornal *Correio da Manhã*, por meio da seção ‘Escritores e livros’ – escolhido por um ‘colégio eleitoral’ de cerca de mil componentes, concorreu com os poetas Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes e Mauro Mota.”⁴²

Sua paixão por São Paulo está sempre presente em suas obras e em 1962, publica *Cosmópolis*, conjunto de oito crônicas - ou “reportagens” como as denominou o autor - que têm como tema o contraste das condições de vida dos imigrantes em comparação ao ambiente vivenciado pelos paulistas naturais dentro da capital.

É interessante ressaltar a relevância de sua obra literária voltada ao público infantil, consoante ao seu apreço às crianças e ao seu filho, a quem dedicou alguns poemas; ademais, também traduziu da literatura infantil, especialmente alemã, grandes clássicos, como *Max und Moritz*, de Wilhelm Busch.

A composição poética de Guilherme de Almeida abarca os diferentes estilos das distintas épocas que a poesia percorreu. Por isso afirmar que ele pertenceu a uma tendência ou outra seria inapropriado, mesmo porque sua criação é vasta, conforme pondera Queiroz (2003), ao dizer que ele:

[...] compôs sob a luz da estética parnasiana e simbolista, e se engajou no modernismo. Transitou por tendências estéticas distintas, passou do soneto à

⁴² Citação retirada do site da “Casa Guilherme de Almeida”. Disponível em: <http://www.casaguilhermedealmeida.org.br/casa-guilherme-de-almeida/>. Visitado em: 14 mai. 2016.

quadra, da quadra à cantiga e ao haicai, da redondilha ao verso livre [...] abarca a língua e a poética portuguesa do século XII ao XV.

O celebre escritor também era amante das artes plásticas, se inclinou à produção de brasões de arma e como heraldista realizou alguns trabalhos importantes, como o Brasão de Armas da cidade de São Paulo, idealizado durante a Revolução de 32 e em parceria com José Washt Rodrigues, além dos brasões da capital federal e outras cidades de vários estados, como de Londrina, no Paraná, de Petrópolis e Volta Redonda, ambas do Rio de Janeiro e de Guaxupé, de Minas Gerais.

Guilherme de Andrade e Almeida faleceu no dia 11 de julho de 1969, em sua casa situada em São Paulo e carinhosamente designada por ele como “Casa da Colina”, onde residia desde 1946. A partir de 1979 sua residência foi transformada em um museu biográfico e literário, denominado “Casa Guilherme de Almeida”. Seu corpo está sepultado no Mausoléu do Soldado Constitucionalista de 1932, localizado no parque do Ibirapuera, na cidade de São Paulo.

Depois de conhecermos alguns detalhes da vida e das criações desse renomado escritor, limitamos nossa atenção a sua contribuição à enquête literária promovida por *O Pirralho*, que teve a personagem Fradique Mendes como ponto de destaque.

O artigo-resposta de Guilherme de Almeida possui uma estrutura que se assemelha a uma carta, pois contém saudação, despedida e assinatura; a missiva foi destinada ao seu amigo e idealizador da enquête, Oswald de Andrade.

Por meio de uma aparente digressão, o remetente constrói seus parágrafos introdutórios expondo uma série de acontecimentos, presumivelmente artificiais, em que narra sua peregrinação por São Paulo em busca de um busto de Voltaire. Sua fabulação, na verdade, não passa de subterfúgio para denunciar a ausência de arte que a capital paulista sofria.

Segundo o relato, a procura não consistia, necessariamente, por uma das obras-primas do famoso escultor Houdon, nem mesmo o busto feito “do mármore de Pigalle” desse escritor e filósofo francês, bastava ser “um sorriso de gesso” que adornasse um “canto austero de biblioteca”.

No entanto, sua perquisição não surtiu o efeito esperado e voltou para casa sem que houvesse encontrado nada; por isso, afligiu-se pela “deficiência artística desta nossa importada Capital”. Sendo assim, Guilherme de Almeida acaba transparecendo sua opinião sobre a

incapacidade dos artistas da cidade, ou até mesmo brasileiros, que mais importavam preceitos artísticos, do que produziam por meio de técnicas originais.

Talvez o primeiro acadêmico modernista estivesse dando sinais de reprovação à iniciativa de Oswald de Andrade ao valer-se de Fradique Mendes em sua enquete. O que pode comprovar que trajetória da sensibilidade artística é dialética e não sequencial e linear, já que até mesmo o autor dos dois manifestos modernistas - Manifesto da Poesia Pau-Brasil e Manifesto Antropofágico - parecia retardar sobre o seu tempo.

Por não conseguir o desejado e ainda manter a predisposição em fazer pesquisas, Guilherme de Almeida diz, então, que recorreu às perguntas feitas pelo proprietário d'*O Pirralho*, que de forma prestativa o incluiu “na lista dos inquiridos sobre a áspera questão da vida superior”.

Assim sendo, de forma alegórica, diz ter buscado, com o auxílio da lanterna de Diógenes⁴³ e mediante um constante exame por fontes históricas, pela literatura e até mesmo pela filosofia o “Homem”, que brilhasse tanto que o obrigasse a apagar sua “luzinha cínica”.

Porém, assim como a busca frustrada pelo busto de Voltaire, sua “jornada erudita” pelo modelo de vida superior não produziu o resultado esperado, uma vez que encontrou tipos reconhecidos por cultuar o belo, criadores de teorias consideráveis, além de mundanos atrevidos, todos “grandes, geniais... mas desastradamente fracos”.

Cita o filósofo alemão Stirner, considerado por ele como “arrogante idolatra de si mesmo”; o sempre lembrado Nietzsche, dito como “intolerável” e “denunciador da trêmula centelha humana”; o duque de Morny, apontado como bastardo por ser filho da rainha Hortênsia com um amante e não com seu esposo Louis Bonaparte e por isso tido por Guilherme como o “filho apócrifo e soberbo da rainha Hortênsia”. Acrescenta, para finalizar, que há em todos os investigados “essa mesma tresloucada volúpia de não querer ser homem...”, possivelmente referindo-se à questão da homossexualidade.

Sentindo-se aborrecido por não ter encontrado o ideal de vida superior em seus livros sobre a história de homens reais, considerada por ele como maçante e, o que é ainda pior,

⁴³ Filósofo conhecido como o Cínico, viveu entre 404 ou 412 a. C. e 323 a. C. e foi discípulo de Antístenes, que por sua vez era discípulo de Sócrates, cuja doutrina foi reinterpretada chegando ao preceito de que a felicidade estava no modo de vida simples e em harmonia com a natureza e nesse caso Diógenes foi o melhor representante da escola cínica, já que fez de sua vida, regida pela extrema pobreza, sua virtude e são símbolos desse seu modo de vida o barril onde morava e a lanterna que utilizava em suas andanças pelas ruas.

percebendo que todo seu esforço resultou em “mais umas três ou quatro interrogações no espírito”, por isso julgou necessário recorrer aos homens artificiais.

Assim sendo, começou a manusear a obra de Eça de Queirós sobre Fradique Mendes e pôs-se a analisar tal personagem e, de acordo com seu exame inicial, chegou à conclusão de que Fradique parecia ser um tipo representativo de vida superior, então elenca algumas evidências, retiradas da obra, que o fizeram ponderar tal possibilidade.

Nesse sentido, Guilherme de Almeida retira citações d’*A correspondência de Fradique Mendes* de modo a fazer um panorama das boas ações do protagonista e que, portanto, contribuíram para que sua personalidade fosse traçada.

Evoca sua natureza de incansável turista, que o fez assimilar e estimar as civilizações por onde esteve; sua relação com as religiões, a ponto de se ver envolvido na criação de uma (Babismo); sua compreensão acerca dos infortúnios da humanidade e por isso se tornou bondoso e generoso, a ponto de dar uma moeda de prata a uma criança; além do fato de amar a “Mulher” conforme a lei da natureza e, finalmente, por rezar o “Creio na Vida toda-poderosa, criadora do Céu e da Terra...”.

Guilherme de Almeida diz que Fradique Mendes “parece, sim, o homem superior, mas não o é”. E da mesma forma que relacionou as peculiaridades apazíveis da personagem, também cita as opostas; algumas delas, curiosamente, são visões antagônicas do mesmo fato.

Considera que Fradique foi um “camaleão” titubeante, por ter-se tornado adepto de todos os partidos, religiões e filosofias; revelou-se um egoísta, ao buscar a verdade que representasse a si próprio e não o mundo todo; não contribuiu para a humanidade com uma obra, já que não confiava em si mesmo e em seu potencial; não possuiu uma ideia que o governasse e “principalmente, porque faltou ‘às suas múltiplas e fortes aptidões, coordenação e convergência para um fim superior’”.

Sendo assim, “a sutil e preciosa figurinha do Eça, o sedutor Fradique”, para Guilherme de Almeida, se destaca pela sua individualidade pujante, pela sua curiosidade apática e pela sua erudição imatura. Contudo, no decorrer de sua apreciação constatamos algumas contradições em seu discurso, uma vez que o considera bondoso, culto, erudito e elegante; assim como veremos adiante.

Guilherme de Almeida torna seu discurso peculiar ao fazer uma citação de uma obra francesa com o intuito de fundamentar sua avaliação sobre Fradique Mendes. Trata-se de um

excerto, possivelmente, retirado da obra *L'évangéliste* de Alphonse Daudet (1840 – 1897), um romancista, poeta e dramaturgo francês, que diz: “ce type idéal que les jeunes gens adoptent en commençant la vie et sur lequel ils se façonnent presque à leur insu⁴⁴”.

Portanto, entende que Fradique é tido como tipo ideal por ser “um delicioso elegante, [...] um mundano requintado e culto”, portanto, um dândi, que desperta o interesse do jovem, que por força de sua natureza impúbere, o imita.

Guilherme de Almeida também leva em consideração a questão da heteronímia, ao entender que Fradique foi “inteligentemente decalcado sobre o próprio Eça”, ademais aponta que o autor, ao criar seu herói, utiliza características de seus amigos.

Ramos (1945, p.38) também alude esses fatos; primeiramente, ao rememorar uma carta de Eça de Queirós, onde o romancista comunica parte do segredo sobre a criação de sua personagem a um amigo: “Fradique não existe; é uma criatura feita de pedacinhos dos meus amigos. A robustez física, por exemplo, tirei eu do Ramalho”. E da mesma maneira que o oitavo inquirido, Ramos conclui que “n’*A correspondência de Fradique Mendes* não estão apenas os seus amigos, está o próprio Eça”. (idem, p.39).

Suas considerações finais - que podem ser entendidas como contraditórias - são voltadas à admiração do belo resultado obtido por Eça de Queirós, ao declarar que Fradique foi um “elegante perfeito”, visto que sua elegância não era apenas superficial, marcada pelo seu gracioso modo de se vestir, mas também possuía uma elegância erudita e cultural, pois educou “superiormente o espírito”.

Guilherme de Almeida considera que Fradique realiza fartamente o tipo ideal do elegante perfeito e traduz tal virtude em apenas uma frase: “Elegantíssimo, viajado e lido, dele se pode dizer que foi uma edição vernácula do Baedeker⁴⁵... encadernado no Poole⁴⁶!”.

Tal frase resgata d’*A correspondência de Fradique Mendes* seus principais elementos, uma vez que o narrador-biógrafo de Fradique diz que suas viagens, fossem elas por distração ou negócios, eram sempre orientadas pelos “Guias Bedecker” (QUEIRÓS, 2012, p. 48); além disso, descreve como Deus criou o herói: “[...] amassou tudo nas suas mãos onipotentes,

⁴⁴ Tradução do francês feita por nós: “Esse tipo ideal que as jovens pessoas adotam ao começar a vida e sobre o qual eles se preparam quase inconscientemente”

⁴⁵ Famoso Guia de Viagem Baedeker, criado por Karl Baedeker (1801 – 1859).

⁴⁶ Cidade inglesa prestigiada pelo comércio de roupas finas, especialmente as produzidas a partir da lã.

modelou à pressa Fradique, e arrojando-o à Terra disse: Vai, e veste-se no Poole!” (Idem, p. 67).

Dirigindo-se ao remetente de sua carta e fazendo suposições de forma jocosa, Guilherme de Almeida diz que mesmo se Oswald de Andrade retirasse de Fradique o “impecável casaco londrino” e o vestisse com “uma péssima rabona”, ele ainda seria o amado de Anna de Leon, “a gloriosa Ana de Léon, a mais culta e bela cortesã (Vidigal dizia ‘o melhor bocado’) do Segundo Império, de que ela, pela graça especial da sua voluptuosidade inteligente, como Aspásia no século de Péricles, fora a expressão e a flor!” (QUEIRÓS, 2012, p. 30).

E mais uma vez entremeando excertos de *A correspondência de Fradique Mendes* com suas ponderações, Guilherme de Almeida destaca o espírito original, a condição de *gentleman* e a erudição de Fradique, que caso sofresse várias vezes com a “monstruosa obra de demolição” e perversidade de Oswald, ao tentar compromete-lo, ainda assim seria o mesmo requintado, bondoso e culto Fradique de sempre.

Sendo assim, Guilherme de Almeida deixa subjacente que se a intenção de Oswald de Andrade, ao promover a enquete sobre Fradique, fosse de desmoralizá-lo, então seu propósito seria frustrado, pois finalizado o inquérito, Fradique continuaria sendo Fradique, aquele descrito na obra de Eça de Queirós, independentemente de qualquer objeção.

Porém, quando o assunto se refere ao “homem superior, o super-homem”, Guilherme de Almeida insinua não ter encontrado nenhum que fosse ao menos semelhante e atribui a culpa de seu malogro à “lanterna vadia e imprestável de Diógenes”, que em nada contribuiu para sua busca.

Guilherme de Almeida finaliza - com a mesma ironia que percorreu todo seu discurso - aconselhando Oswald de Andrade, ao dizer que caso o amigo queira sanar a “delirante fantasia” de encontrar tal homem superior, que então leve consigo a “lâmpada maravilhosa de Aladino”; pois, quem sabe, assim não fará grandes esforços “nem inúteis pernadas”. Mais uma vez, o inquirido pode estar tecendo críticas à enquete e por conseguinte ao seu idealizador, já que transparece não ter constatado a valia de tal discussão.

O respondente não considera Fradique Mendes um ser superior, embora reconheça suas singularidades, tanto que o declara um elegante perfeito. Sendo assim, Fradique se destaca por possuir poderes de expressão - no caso, sua erudição e até mesmo sua vestimenta - maiores em relação aos outros homens.

2.9 Pedro Rodrigues de Almeida

As informações sobre Pedro Rodrigues de Almeida foram retiradas especialmente do *Dicionário de autores paulistas* (1954) e do *Dicionário literário brasileiro* (1969), além de alguns dos mais importantes jornais de sua época. Ambos os dicionários sempre nos oferecem informações básicas sobre vários dos ilustres que responderam à enquete d'*O Pirralho*; no entanto, sempre recorreremos aos jornais para ampliá-las e até mesmo confrontá-las para que possamos chegar a uma conclusão definitiva.

Nos verbetes referentes a Pedro Rodrigues de Almeida constam que seu nascimento deu-se no dia 4 de março de 1890, na cidade de São Paulo. Quanto a '*O Pirralho*'⁴⁷, encontramos na edição do dia 6 de março de 1915 os cumprimentos da equipe do jornal pelo aniversário de Pedro Rodrigues de Almeida e de mais um dos colaboradores do semanário, Raul Corrêa da Silva; ambos haviam completado mais um ano de vida na quinta-feira, que antecedeu a publicação desse número, portanto no dia 4 de março, comprovando a informação dos *Dicionários*.

A *Gazeta de Notícias*⁴⁸, no dia 15 de março de 1914, também faz reverência ao aniversário do “irônico” jornalista d'*O Pirralho*. Contudo não menciona exatamente a data, apenas indica que ocorreu “na semana passada”, o que pode ter sido um pequeno deslize, uma vez que, ao ser confirmada a data 4 de março, o jornal deveria registrar o ocorrido como sendo de duas semanas antes.

Pedro Rodrigues de Almeida pertencia a uma família importante da “fina elite do aristocrático bairro da Liberdade”⁴⁹. Concluiu seus estudos secundários no Ginásio Nossa Senhora do Carmo e foi um dos alunos da turma 83 a se formar pela Faculdade de Direito de S. Paulo⁵⁰. Diplomado, ocupou os cargos de promotor público e delegado de polícia em S. Paulo, mas desde estudante suas contribuições para a imprensa eram frequentes⁵¹.

O percurso por alguns dos jornais e revistas da época nos mostrou que sua atividade como conferencista foi sempre muito abundante. Foi um colaborador frequente d'*O Pirralho*,

⁴⁷ *O Pirralho* - 6 mar. 1915, n. 177, p.8

⁴⁸ *Gazeta de Notícias* - 15 mar. 1914, n. 73, p. 4

⁴⁹ *O Pirralho* - 23 dez. 1911, p. 14

⁵⁰ Disponível em: < <http://www.arcadas.org.br>>. Visitado em: 24 abr. 2016.

⁵¹ *O Pirralho* - 12 dez. 1914, n. 165, p. 3

da *Gazeta do Povo* e da *Gazeta de Notícias*; além disso, “foi um dos fundadores da revista *Terra Roxa*. Com Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Luís Aranha, Sérgio Milliet, Tácito de Almeida entre outros, colaborou no mensário *Klaxon*, fundado pelo grupo modernista”, (MELO, 1954, p. 37).

A revista teve papel importante para o desenvolvimento e divulgação dos trabalhos literários dos escritores da época, tanto que, além de publicar suas contribuições, também anunciava as estreias de novas obras, assim como ocorreu com o romance de Pedro Rodrigues de Almeida, denominado *Carnaval*⁵², que foi apresentado em suas páginas.

Seu convívio com os moços que deram origem à Semana de Arte Moderna era intenso, tanto que fazia parte do núcleo de amigos que se reuniam no apartamento de Oswald de Andrade, ou melhor, no “covil da rua Líbero” como era denominado, onde se encontrava, na salinha de entrada, um caderno cujas impressões de todos que por ali passavam eram registradas e geralmente assinadas por apelidos, como João de Barros, que designava Pedro Rodrigues de Almeida.

Um dos habitués mais assíduos, o romancista e futuro delegado de polícia Pedro Rodrigues de Almeida, intitulou o caderno “O Cozinheiro das Almas deste Mundo...”. A obra coletiva foi “montada” entre 30 de maio e 12 de setembro de 1918 e finalizada depois do fechamento do apartamento, em setembro de 1918. Seria publicada em edição *fac-similar* em 1987, quase 70 anos depois de suas 203 páginas terem sido preenchidas. (GIRON, 2015, s/p)

Como membro do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, Pedro Rodrigues de Almeida realizou inúmeros eventos, sempre teve voz ativa e papel significativo em cada ocasião; podemos afirmar isso por termos encontrado matérias relativas a tal entidade, nas quais seu nome sempre figurou, como por exemplo, a cerimônia de inclusão de mais um membro, Dr. Vicente Mellilo, ao Instituto, que foi recebido por ele. A formalidade foi anunciada na *Gazeta de Notícias*⁵³, que também nos ofereceu mais dados de suas atividades:

A pesar dos *Dicionários* não mencionarem a data de sua morte, encontramos n’*O Estado de S. Paulo*, na seção “Falecimentos” de 15 de setembro do ano de 1946, a nota sobre o óbito de um Dr. Pedro Rodrigues de Almeida ocorrido no dia anterior.

⁵² *Klaxon* – 15 out. 1922, p. 15

⁵³ *Gazeta de notícias* - 21 fev. 1915, n. 52, p.4

Contudo, as informações ali descritas não puderam garantir que se tratava da mesma pessoa, que dentre tantas atividades realizadas na vida, havia escrito sobre Fradique Mendes n’*O Pirralho*.

Nas informações até então recolhidas não estavam incluídas, por exemplo, os nomes de sua esposa e filha, para que pudéssemos comprovar que a nota de falecimento d’*O Estado de S. Paulo*⁵⁴ referia-se ao escritor; porém, o informe mencionava a idade de seu falecimento como sendo aos 56 anos.

Portanto, associando a data de nascimento oferecida pelos meios utilizados e data de publicação da nota de falecimento, chegamos a idade mencionada. Assim sendo, além desse dado importante, também descobrimos que sua esposa foi Joana Mendes Rodrigues, já falecida na época, com quem teve uma filha, Maria Aparecida Rodrigues de Oliveira.

Prestes a completar 25 anos de idade, Pedro Rodrigues de Almeida responde ao inquérito d’*O Pirralho*. Sua introdução é elogiosa à iniciativa do jornal em fazer uma enquete sobre Fradique Mendes, destacando que ela é “curiosa e interessante” pelas múltiplas interpretações possíveis, mas também salienta que as questões são bem complexas.

No entanto, diz que pretende encurtar os preâmbulos, uma vez que “preambular é dos indecisos” e logo menciona a primeira das “transcendentes interrogações”: “Será Fradique Mendes um tipo representativo de vida superior?”. Sua resposta é um incisivo “Não”.

Porém, acredita ser necessário apresentar a justificativa de tal “terrível negativa”; portanto, declara que é capaz de descrever como seria, para ele, um homem superior, sem ao menos mencionar o nome de Fradique Mendes durante um prolongado período de seu discurso.

Sendo assim, pondera que um homem superior é aquele que possui uma perfeita harmonia entre dois aspectos: em si e socialmente. Explica que, para o indivíduo, “inteligência, caráter e coração devem contrabalancear-se”, para dar-lhe “a unidade distintiva, a saliência visível, que se procura”, ainda que, inevitavelmente, uma das faculdades se sobressaia às outras, o verdadeiro homem superior não permite que as demais se enfraqueçam.

Além disso, destaca que a superioridade é reconhecida nas obras realizadas pelo homem, por isso, exemplifica que o trabalho de um especialista que se aperfeiçoou em algum ramo da ciência ou da arte e que nele não falta a nobreza nos atos, pode ser considerado um homem superior, assim como aquele que “leva a intransigência do caráter ao heroísmo do sacrifício” e “a caridade à abnegação”.

⁵⁴ *O Estado de S. Paulo* - 15 set. 1946, n. 21883, p. 5

Do ponto de vista coletivo, Pedro Rodrigues de Almeida destaca que é socialmente superior o homem que, em qualquer lugar do mundo, especialmente nos “centros requintadamente *chics*” com suas exigências, mantém seus princípios e conquista corações e inteligências. Declara, ainda, que nos bailes de gala o homem superior deve revelar inteira e espontaneamente sua personalidade, “sem uma falha, que a deforme ou uma pose, que a complique”.

Só a partir dessas considerações é que o respondente se refere a Fradique Mendes, dizendo que a ele falta a harmonia e a versatilidade, mesmo porque seu caráter é falho e, por isso, considera que as imperfeições do protagonista são perceptíveis a todos que o estudam.

Para o inquirido, “Fradique é a na acepção mais lata da palavra, um *diletante* e todo *diletante* absoluto é um falho”, confirmando seu discurso que prega a harmonia, considera que o diletantismo de Fradique é excessivo, por isso imperfeito. Além disso, afirma que quanto ao equilíbrio, tão necessário, não há nada que faça o protagonista “tomar lugar no *pantheon*⁵⁵ dos rigorosamente superiores”.

O respondente menciona o fato de que Fradique nada produziu e que até mesmo suas correspondências, que “são páginas de brilho fugaz e erudição exótica”, servem apenas para manifestar seu prazer de “*epater*”⁵⁶, que levado à impulsividade faz aflorar seu caráter de “conselheiro extravagante” e lembra a “carta em que se ele derrama em sátira abundante contra o estudo das línguas”.

A referência feita é da quarta carta de *A correspondência de Fradique Mendes*, destinada à Madame S., na qual o remetente explica porque diz ser inadequado saber falar outros idiomas além de sua língua materna, uma vez que considera que na língua está a nacionalidade e caso o indivíduo conheça perfeitamente outros idiomas, ele sofrerá uma “desnacionalização”, “por isso o poliglota nunca é patriota” (QUEIRÓS, 2012, p. 134).

Para destacar a característica excêntrica de expor seus pensamentos a fim de orientar as pessoas, mesmo que para isso, tenha de expor outras ao escárnio, Pedro Rodrigues de Almeida relembra o papel ridículo pelo qual Fradique coloca uma tia, ao explicar que ela, “por todos os hotéis do mundo (se pôs) a cantar de galinha, diante dos garçons, para pedir ovos”.

O episódio mencionado pertence à mesma carta à Madame S., na qual Fradique afirma que sua tia nunca deixou de comer os ovos, já que mesmo sem conhecer os idiomas de todos os lugares por onde passava, para pedir o alimento ela “imitava com o rebolar lento das saias

⁵⁵ *Pantheon* - do latim, *pántheon*, ou “templo de todos os deuses”

⁵⁶ *Epater* - do francês, “impressionar”.

tufadas uma galinha no choco, e gritava qui-qui-ri-qui! co-có-ri-qui! có-ró-có-có!” (QUEIRÓS, 2012, p. 137)

A condição de viajante de Fradique é aludida para caracterizá-lo como “inconstante e curioso”. O protagonista também é tido como covarde, uma vez que lhe faltou “a coragem precisa para, vendo os defeitos de seu país, verberá-los publicamente, num nobre intento de saneamento moral.”, diz publicamente, pois considera as cartas como algo íntimo e somente nelas é que ele discute os problemas de Portugal, mas nada fez para tentar saná-los, já que tinha ideias geniais.

Para o inquirido, Fradique foi “vulgarmente caridoso” e traz para seu discurso a passagem da obra, que é repleta de ironia, na qual o herói percebe uma criança pedinte que encontrava-se sob chuva e vento, despertando nele compaixão e por isso retira “pacientemente o paletó, descalça pacientemente a luva, para vasculhar no fundo da algibeira, à procura da moeda de prata que vai ser o calor e o pão de um dia” (idem, p. 104).

Para Rodrigues de Almeida esse ato de dar esmola “pouco significa e não basta para caracterizar a superioridade” da personagem principal e conclui, que além do mais “nunca ninguém pensou em colocar Fradique-coração acima de Fradique-inteligência”.

Beirando a questão tão suscitada por vários intelectuais que responderam à enquete, Rodrigues de Almeida alude à condição de criação ficcional de Fradique, ao dizer que “faltalhe o natural perfeito”, pois ele é “apenas uma sombra de homem”; sendo assim, não pode ser considerado um homem socialmente perfeito.

Outra característica pertencente a Fradique, que é lembrada e ridicularizada, é a de dândi, já que menciona a passagem do protagonista pelos salões de forma rebuscada e “artificial”, através de “gestos amaneirados e atitude de pose”.

Assim como Jacomino Define, Rodrigues de Almeida fala sobre o fascínio de Fradique pelo paradoxo; porém, enquanto o primeiro evoca a busca do herói por esses antagonismos pelo mundo, que, uma vez encontrados, eram aludidos em suas cartas, o segundo diz que o culto apaixonado de Fradique pelo paradoxo fez com que ele próprio se tornasse um perfeito paradoxo.

No tocante à segunda questão - “Será Fradique um elegante perfeito?” - a resposta do articulista é simples, já que diz considerar a elegância perfeita aquela que combina a elegância interior e exterior; sendo assim, só é perfeito quem é superior e nesse caso mesmo sendo Fradique “um grande elegante, um requintado, um acabadíssimo elegante”, não pode ser um elegante perfeito, uma vez que não é superior.

Já a última pergunta - “Qual o tipo ideal de homem?” - Rodrigues de Almeida não menciona um nome que representaria o tal tipo de homem, mas diz que depois de todas as suas considerações, a resposta a essa questão se apresenta mais clara; sendo assim, resgata o pensamento de que o tipo ideal deve agir de forma equilibrada e harmônica.

Para concluir, pondera que “o tipo ideal de homem será pois o que mais completamente viver, no grande sentido, no sentido nobre, elevado e inteiro da palavra”; transparecendo que o protagonista não viveu, na acepção mais ampla da palavra, já que é uma criação ficcional. Mas Pedro Rodrigues de Almeida deixa claro que, mesmo se Fradique fosse um homem real, ele não poderia representar o tipo ideal, uma vez que não foi um elegante perfeito, tampouco superior.

Conforme Pedro Rodrigues de Almeida, Fradique não é superior aos homens comuns, pois não há nada que o faça pertencer ao conjunto de deuses. Apesar de reconhecer sua impressionante elegância, nem mesmo essa característica pode ser considerada perfeita, já que para ser perfeito em algum atributo, o indivíduo precisa, impreterivelmente, ser superior aos outros.

2.10 Ricardo Severo

Ricardo Severo da Fonseca Costa é filho de José Antônio da Fonseca Costa e Marianna da Cruz Fonseca Costa e nasceu em 6 de novembro de 1869, na capital portuguesa. Ignácio, Joaquim, Arthur, José, Antônio, João e Eduardo da Fonseca Costa eram seus irmãos, além da única irmã, Elisa, viscondessa de Santa Marinha da Trindade.

Com apenas 17 anos, Ricardo Severo publicou, na *Revista de Guimarães*, em coautoria com Fonseca Cardoso, um de seus primeiros artigos científicos denominado *Notícia arqueológica sobre Monte da Cavidade* e desde então escrevia com frequência sobre estudos antropológicos e arqueológicos. Aos 21 anos de idade se formou, pela Academia Politécnica do Porto, em Engenharia Civil de Obras Públicas (1890) e um ano depois (1891) graduou-se também em Engenharia Civil de Minas.

Por volta de 1891, Ricardo Severo sai de seu país por não ajustar-se ao sistema político português - à monarquia -, e chega ao Brasil, onde exerceu, com grande destaque, a profissão em que se formara; contribuiu para o jornal *Correio Paulistano*⁵⁷ e casou-se com Francisca

⁵⁷ *Correio Paulistano* - 9 de abril de 1892, p. 4

Dumont da Fonseca Severo, com quem teve os seguintes filhos: Francisca, Isabel, Maria, Magdalena, Laura, Elisa e José Severo.

Além desses feitos, já dava indícios de sua inclinação à literatura, tanto que escreve um artigo sobre o livro do escritor português, José Pereira Sampaio no *Diário Popular*⁵⁸. Em 1897 retornou à sua terra natal, durante cerca de nove anos (1899 a 1908) contribuiu para a *Revista Portugália*, mas suas publicações nessa revista foram definitivamente interrompidas pelo “seu retorno ao Brasil, onde já criara sólidos laços, desde que aqui estivera pela primeira vez, exilado, em decorrência de seu envolvimento em questões políticas, em Portugal.” (MASCARO, 2008, p. 40)

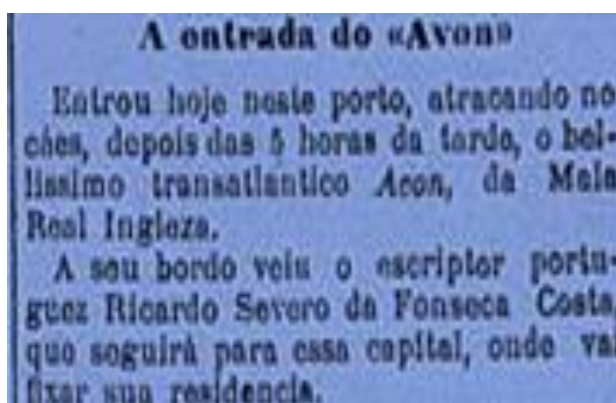


Figura 22 - *Correio Paulistano* - 17 de jul. 1907, n. 15776, p. 1

Permanentemente no Brasil, Ricardo Severo retomou sua contribuição para o *Correio Paulistano* e fundou as Escolas da Colônia Portuguesa de São Paulo, dirigiu a *Revista Portuguesa*, lançada nessa capital e participou ativamente na literatura paulista, tanto que seu nome é mencionado pelo articulista do *Correio Paulistano*⁵⁹, Aristêo Seixas, ao dizer que tanto escritores de outros estados brasileiros, quanto de outros países, como é o caso de Severo, que tem ou tiveram alguma ligação com o estado de São Paulo, devem ser lembrados por abrilhantar o meio literário. São essas as suas palavras:

Bittencourt Rodrigues, Ricardo Severo e Antônio Piccarolo: se, tratando das letras paulistas, temos o direito de citar filhos de outros Estados, que aqui se formaram ou que aqui vivem ou viveram, menos licito não será referir os nomes de uns estrangeiros que hão contribuído para engrandecer o nosso meio literário com o esplendor da sua inteligência e o encanto da sua palavra.

⁵⁸ *Correio Paulistano* - 22 de março 1898, n. 12465, p. 2.

⁵⁹ *Correio Paulistano* - 26 jul. 1913, n. 17934, p. 2.

Contudo, a atuação que mais o tornou celebre por aqui foi a de engenheiro, diferentemente de Portugal, onde era conhecido pelas suas publicações. Em São Paulo, seu serviço como engenheiro-gerente da Companhia Iniciadora Predial era constantemente anunciado pelos jornais.

Além disso, foi eleito⁶⁰ subchefe da Comissão Construtora do pavilhão do Estado na Exposição Nacional e presidente da Comissão de Obras e Belas Artes. Sua assinatura consta em inúmeros projetos importantes e inovadores, assim como o Hotel Novo do Guarujá, cuja inauguração foi noticiada pelo jornal *Correio Paulistano*⁶¹.

Assim, o engenheiro teve dois aspectos marcantes em sua carreira. Em Portugal é reconhecido, principalmente, pela sua produção escrita sobre antropologia e arqueologia, e pela publicação da *Portugália*. No Brasil, principalmente pelo seu trabalho como engenheiro e difusor das ideias que fomentaram um movimento de renascimento arquitetônico, que buscava empregar as raízes da arquitetura colonial e barroca, o posteriormente chamado “movimento neocolonial”. (MASCARO, 2008, p. 41)

Sempre se mostrou amante das artes, seu nome inúmeras vezes figurou dentre aqueles que prestigiavam exposições e proferiam conferências, especialmente no Centro Republicano Português, do qual foi um dos fundadores; no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do qual foi eleito sócio; além da Sociedade de Cultura Artística, da qual se tornara membro desde sua inauguração.

Curiosamente, sua mãe, dona Marianna, morreu no dia 15 de janeiro de 1940⁶², em Portugal, aos 94 anos e, em menos de três meses depois, (3 de abril de 1940) Ricardo Severo, aos 72 anos, falece na capital paulista.

Sua morte foi muito sentida, de modo que a Academia Brasileira de Letras, através das palavras do escritor Afrânio Peixoto, homenageou a memória do falecido, assim como a Academia Paulista de Letras, através do voto de pesar proferido por Alcântara Machado; o Palácio do Governo; o Instituto de História e Geografia de São Paulo; o Instituto Geográfico-genealógico e várias outras instituições, como o jornal *Correio Paulistano*.

⁶⁰ *Correio Paulistano* – 14 abril 1908, n. A16047, p. 1.

⁶¹ *Correio Paulistano* – 9 jun. 1913, n. 17917, p. 3.

⁶² *Correio Paulistano* - 17 jan. 1940, n. 25726, p. 5.

Dr. Ricardo Severo

Com a morte do dr. Ricardo Severo, perde a engenharia paulista uma das suas figuras mais representativas e illustres.

Intellectual na mais lidima ascepção da palavra, foi a sua vida toda uma sequência de realizações de arte e de beleza.

Historiador, archeologo, investigador, paciente, escriptor de valor e archil-



Dr. Ricardo Severo

tecio de cultura invulgar, deve-se ao seu cerebro privilegiado e á sua rara capacidade de trabalho, a mais decisiva collaboração na renovação architectonica da cidade.

Companheiro de Ramos de Azevedo, continuou, depòs da sua morte, a grande obra do saudoso mestre.

Nascido em Lisboa, aos 6 de novembro de 1869, veio para o Brasil em 1891, após terminados os seus estudos na Escola Polytechnica do Porto.

Aqui passou a trabalhar no Escriptorio F. P. Ramos de Azevedo, onde se achava até agora, como chefe da firma Severo, Villares e Cia. Ltda.

Autor de varias obras scientificas, historicas e literarias, publicou, além de conferencias, discursos, etc., o volume "Portugalia" (Origens da nacionalidade portugueza).

O illustre extinto, por todos os relevantes serviços em prol dos interesses luso-brasileiros, foi condecorado pelo governo portuguez com a "Grande Cruz de São Thiago" e, pelo do Brasil, com a "Ordem do Cruzeiro do Sul".

Collaborador desta folha, logo depòs da sua chegada a São Paulo, escreveu para o "Correio Paulistano" uma série de interessantes trabalhos historicos.

O dr. Ricardo Severo, que considerava o Brasil como uma segunda patria, foi um dos seus amigos mais nobres e entusiastas, tendo aqui deixado, por todos os seus excepcionares dotes de intelligencia e de coração, alliados a uma grande cultura, um vastissimo circulo de amigos, entre os quaes repercutiu da maneira mais dolorosa a noticia do seu inesperado fallecimento.

O dr. Ricardo Severo era filho de d. Marianna da Cruz da Fonseca e do sr. José Antonio da Fonseca Costa.

Foi casado com a sra. d. Francisca Dumont da Fonseca Severo, de cujo consorcio deixa os seguintes filhos: José Severo, casado com a sra. d. Maria Lopes da Fonseca; dr. Antonio Severo, sra. d. Francisca, casada com o sr. Ernesto Seara Cardoso, sra. d. Isabel, casada com o sr. Armando Leibel, sra. d. Maria, casada com o sr. Raphael Falcão Leite; Magdalena, Laura e Eliza, além de 5 netos.

Deixa os seguintes irmãos vivos: d. Elisa Fonseca Lopes, Ignacio da Fonseca Costa, Joaquim da Fonseca Costa e os fallecidos: José, João, Eduardo e Arthur.

Era cunhado das aras. dd. Amalia Ferreira Dumont, Maria Dumont Villares, Virginia Dumont Villares, Gabriela Dumont Villares, Cecilia Fonseca e das fallecidas Adalgiza Uchôa Dumont, Alberto Santos Dumont, Sophia Santos Dumont, Henrique Santos Dumont, Luis Santos Dumont, Eduardo de Andrade Villares, Guilherme de Andrade Villares, Carlos de Andrade Villares e Antonio José Lopes.

Os funeraes do illustre extinto realizam-se hoje, ás 11 horas, sahindo o feretro da sua residencia, á rua Taquá, 306, para a necropole da Consolação.

Em virtude da lamentavel morte do dr. Ricardo Severo, o "Centro Republicano Portuguez" e as Escolas da Colonia Portugueza de São Paulo, cuja fundação e desenvolvimento muito devem ao illustre extinto, resolveram suspender as suas actividades por tres dias, tomando os seus directores e professores parte nas homenagemes fúnebres a lhe serem prestadas.

Figura 23- *Correio Paulistano* - 4 abr. 1940, n. 25791, p. 2.

Sendo o mais velho a responder a enquete, o português Ricardo Severo, aos 45 anos, dirige suas palavras ao redator, portanto Oswald de Andrade, expressando certo dissabor em relação ao comportamento - um tanto quanto inesperado - do criador do inquérito perante a demora na entrega da resposta.

Mas, apesar de assumir sua culpa pela demora, não deixa de acusar o “tão pechoso⁶³ senhor e amigo” por suas “tão mal talhadas letras”, o que nos faz pensar que o respondente se viu pressionado pela “intimação” de Oswald e por isso não considerou o resultado de sua contribuição tão adequado quanto gostaria que fosse.

Depois de suscitar as três questões da enquete, de forma irônica, Ricardo Severo, que se considera um “humilde mesteiral”, ou seja, uma pessoa que tem como profissão o trabalho manual, certamente referindo-se ao seu ofício de engenheiro, diz: “começo por pousar o

⁶³ Adjetivo que designa alguém exigente, que encontra defeitos em tudo.

camartelo e a trolha – simbólicos utensílios da nossa confraria – sacudir os salpicos de argamassa e descer do andaime para vos escrever”.

Posto isto, o respondente insinua que seu tardar em conceder o parecer à enquete está relacionado ao fato de que sua profissão exige muito dele e que, então, se viu pressionado a atender ao pedido em seus “curtos momentos de lazer”, o que não contribuiu para que sua apreciação fosse bem composta.

Ricardo Severo também alerta, em sua introdução, que seu parecer não alcançará o rebuscamento esperado e adequado para uma enquete, pois conforme a rudez de seu ofício, será o julgamento realizado sobre Fradique Mendes.

O inquirido considera tal circunstância normal, mesmo porque o que serve de base para a análise de qualquer objeto a ser avaliado é a especialidade do julgador. E acrescenta que, independentemente da atividade do indivíduo, ele se destacará se tiver uma relação harmônica com seu mister, “que é como uma definição da sua individualidade.”

Demonstrando seu senso crítico e irônico, Ricardo Severo alega que é fácil para um conselheiro de estado determinar o que ele pensa sobre a “figura vagabunda e indefinida” que é Fradique, mas quando se trata de um modesto construtor, “que produz obra maciça de alvenaria” e que pouco sabe sobre “qualquer coisa de espiritualmente superior”, como ele, a situação é diferente.

A partir de então, o engenheiro volta suas atenções ao herói de *A correspondência de Fradique Mendes*. Assim como já mencionado por outros respondentes, Ricardo Severo declara que Fradique Mendes é um diletante, mas assegura que seu diletantismo não está apenas no aspecto intelectual, como também no físico e moral.

Severo diz que o afinco de Eça de Queirós em tentar desviar as imperfeições de “seu precioso modelo” é sempre frustrado; ademais, acredita que a insistência do autor em exaltá-lo, acaba reforçando sua “pecha banal de diletantismo”.

Para fundamentar seu pensamento, utiliza-se de expressões da obra, que, ao seu ver, valorizam descomedidamente o protagonista, como por exemplo o fato de ser caracterizado como o detentor de uma “percepção extraordinária da realidade”.

Ainda lembra, ao citar o quinto capítulo de “Memórias e notas”. (QUEIRÓS, 2012, p. 77), que o próprio Fradique confessa sua atitude de amador e diletante perante os princípios intelectuais e os conceitos espirituais, em uma carta enviada a Oliveira Martins, na qual diz: “temporal e espiritualmente fiquei simplesmente um *touriste*”.

Ricardo Severo elenca vários traços distintivos de Fradique, como o gosto pelas viagens, ao dizer “que (Fradique) se debate em eterna e ansiosa mobilidade entre os continentes firmes do mundo”.

Menciona seus conhecimentos sobre artes, ciências, religiões e povos; no entanto, evoca que mesmo sendo “um homem feliz nos amores”, morreu sem deixar “sequer um filho!” e ainda lembra que Fradique “nada fez em sua terra ou na dos outros”, nem mesmo plantou uma árvore, escreveu sobre suas viagens, formou família, tampouco “edificou uma casa”.

Em sua avaliação, Ricardo Severo menciona algumas atividades que ele próprio realizou, mas que Fradique não foi capaz. O que nos fica evidente dentro do discurso é que o protagonista não edificou casas, em contrapartida, Severo era engenheiro.

Mas, ao termos contato com a biografia do inquirido, podemos perceber que o fato de Fradique não ter formado família, tido como uma falha por Severo, também é um diferencial em relação a ele, já que foi pai de sete filhos.

Além disso, ao aludir à questão do protagonista não ter feito nada em sua terra natal e nem em outras, nos fez evocar que, ao contrário de Fradique, Severo foi reconhecido tanto em Portugal, país onde nasceu, quanto no Brasil, onde residia, por suas contribuições à imprensa e à engenharia.

Porém, o respondente não deixa de mencionar os altos conhecimentos do protagonista, já que demonstra certa superioridade, pois “viu todas as artes, estudou todas as ciências e religiões, viveu com todos os povos, gozou todos os prazeres mundiais, correu perigos de ferro, água e fogo”.

Ricardo Severo diz que Fradique Mendes cometeu muitos deslizes, mas não se deixou induzir “pelo quixotismo próprio da raça”; sendo assim, ao considerar Fradique superior a Dom Quixote acaba definitivamente, por içá-lo a um tipo de personagem mais sobressaído.

Sob outra perspectiva, declara que Fradique atingiu a “glória imorredoura das epopeias”, por ter conseguido abrir uma “brecha luminosa” em seu destino, que também proporcionou a passagem de muitos outros “cavalheiros” (e não cavaleiros) “errantes”, que enfim, conseguiram alcançar as aventuras sonhadas.

Apesar dessas contemplações, o respondente diz que não sente “a mínima simpatia por essa criatura inútil, egoísta”, que não desempenhou nada de construtivo.

Ricardo Severo pondera que na sua condição de pedreiro não há nada em Fradique que desperte sua atenção; já como homem, apenas considera o valor de “seu corpo másculo, apessoado, de requintado asseio, com as suas qualidades incaracterísticas de inteligência”.

Acrescenta que o único papel de realce de Fradique foi ter sido o “assunto de um belo livro de Eça de Queirós”, mas que seu caráter “inconstitutivo” arrebatou as outras artes, já que “pintores e escultores” incumbidos de modelar “esse pretendido *super-homem*” não o inventariam tão belo quanto Eça o fez n’*A correspondência de Fradique Mendes*, o máximo que conseguiriam seria uma caricatura.

Ricardo Severo também ressalta o arquétipo do dândi presente em Fradique, especialmente por mencionar que ele se destaca pela variedade de figurinos que possui e que são resultantes das modas de todos os tempos e sociedades; além disso, também menciona suas viagens maravilhosas, que são influenciadas pela literatura e possíveis através do “critério Baedekeriano”.

O respondente considera que pessoas como Fradique estão espalhadas por toda parte do mundo, pois são provenientes das “aristocracias decaídas, padreadas pela burguesia que ascende à alta sociedade moderna”, ainda, segundo ele, essa classe substituiu a fidalguia e se proliferou na burguesia.

Então, essa nova casta invade a alta sociedade esbanjando “*snobismo*”, “com escandalosas desgarradas pelos estremados vícios, próprios da decadência aristocrática”; agem exageradamente e tentam se distinguir se exibindo em seus palacetes; no entanto, sempre carregaram o diletantismo, a pompa e o egotismo.

Severo acredita que todas essas características e estigmas de Fradique Mendes foram herdados de seus antepassados, especialmente da avó que o criou, uma vez que alude o quadro final de sua vida: “faleceu dentro de um caramanchão de rosas, quando escutava a viola que o ex-bolheiro repicava com os dedos carregados de anéis!”.

E declara que essa questão genética não escapou ao “sutil realismo” de Eça de Queirós; segundo o respondente, tais intenções de Eça, ao descrever Fradique, não foram bem compreendidas - possivelmente, pelo redator - já que lhe foi atribuído o propósito de criar um “tipo superior de homem, de suprema elegância”.

A ideia real de Eça de Queirós, segundo Ricardo Severo, era elaborar um “livro de tese”, já que Fradique não é um modelo, mas um caso. Por isso, os imitadores de Fradique, que há por toda parte, “nem para serventes de amassadouro serão prestadios”.

Prestes a finalizar, Ricardo Severo diz que a última interrogação – “Em caso de resposta negativa, qual o tipo ideal de homem?” - não será respondida, seu pretexto está no trabalho que o aguarda e por isso, deve regressar ao seu andaime para concluir o serviço que aninhará “a prolífica família humana”.

Ricardo Severo deixa exalar um tom de sarcasmo perante a ideia da enquete, ao sugerir à equipe d'*O Pirralho* que recorra à colaboração dos seus humoristas, caso realmente necessite saber qual o tipo ideal de homem, pois confia que eles sejam capazes de elencar vários nomes, para todos os gostos. Dessa forma, o respondente admite estar “assoprando para longe essa nevoa de ideal que nada exprime aqui como adjetivação e menos como aureola, endeusando qualquer exemplar”.

2.11 Moacyr Pisa

O advogado Moacyr de Toledo Pisa nasceu no dia 19 de abril do ano de 1891 e dedicou grande parte de sua breve, mas intensa vida aos trabalhos jornalísticos. Se empenhou à literatura, especialmente de guisa satírica, cuja manifestação pronunciava o interesse pela política, talvez por conviver neste meio, já que era sobrinho de senador e irmão de deputado. Mas também expunha suas impressões, de maneira explícita, sobre qualquer assunto que lhe apetecia e lhe incomodava.

Antonio Paes é apresentado pelo *O Pirralho* como o pseudônimo de um humorista, poeta e bacharel em Direito, no caso, Moacyr Pisa. No dia 9 de setembro de 1916, o jornal anuncia com satisfação o recebimento do primeiro volume de suas *Sátiras*, cuja leitura “faz espoucar risadas e admirar a verve e o talento de quem escreveu o *Sodalício* os *Retratos* e as *Várias*”.

Moacyr Pisa é oriundo de família tradicional, cujos antepassados chegaram ao Brasil no período colonial. Em 1915 se tornou bacharel pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. No interior paulista exerceu o cargo de delegado de polícia, mas estabeleceu residência em São Paulo, onde se fixou com o trabalho de advogado.

Contudo, Moacyr Pisa não se restringiu à rotina profissional de advogado, visto que em parceria com José Maria de Toledo Malta, reconhecido pelo pseudônimo de Hilário Tácito e Marcondes Machado, o Juó Bananére, versava sobre a passagem da cidade de São Paulo provinciana à urbe cosmopolita e assim contribuía para os jornais representativos da época.

O período Pré-Moderno da literatura paulistana tem um viés dedicado fundamentalmente à sátira, visto que inúmeros acontecimentos provocavam tensões sociais, o que estimulava a geração engajada - principalmente em questões políticas - a escrever para jornais e revistas bastante lidos, como é o caso d'*O Pirralho*. Por isso há o desnudamento das

fraquezas de muitos indivíduos e instituições através das críticas ferrenhas aos maus costumes, fato que revela muito da essência da sociedade.

Moacyr Pisa escreveu alguns dos textos mais expressivos desse período; seu nome é lembrado por alguns trabalhos de críticas escancaradas, mas que nem sempre se associam à literatura. Por outro lado, possui produções que mesclam a polêmica a um trabalho literário mais apurado.

De toda sua produção se destaca sua forma polêmica de criar e denunciar as mazelas da sociedade, uma vez que sua sátira política desvela a fragilidade de indivíduos importantes e, por extensão, escancara as deficiências das instituições que os mantêm, originando inquietude na sociedade em que operam.

Levando em consideração os textos mais relevantes do período, Edgard Carone (1991) divide tais produções em três níveis, de acordo com o grau em que o trabalho literário é empregado. Moacyr Pisa figura nos dois primeiros, como explica:

O primeiro nível é o de trabalhos puramente polêmicos, cujos fatos estão explícitos, e que são apresentados diretamente: é o caso de *Oligarquia paulista*, de Ivan Subiroff, [...] outro caso é Moacyr Pisa, com *Roupa suja*. O segundo nível é a mistura de forma deliberada de polêmica e a literatura: é o caso de poesias de Moacyr Pisa (*Vespeira*, *Galabaro* etc.). O terceiro nível restringe-se à corrente de elaboração literária: é a poesia de Juó Bananére, como *Galabaro* e *Divina Incrência*, onde o autor criou o estilo macarrônico ítalo-brasileiro; a ficção de Hilário Tácito - *Madame Pommery* - onde existem elementos polêmicos explícitos. (CARONE, 1991, p.134)

Neste caso, as produções de Pisa, que se enquadram na primeira categoria, são aquelas que demonstram explícita e diretamente os fatos; os melhores exemplos estão em *Roupa suja (polêmica alegre)*, obra que demonstra sua intensa inclinação sobre questões políticas de São Paulo, especialmente sua feroz oposição ao Partido Republicano Paulista (PRP), traduzindo sua visão dessa realidade.

Roupa suja (polêmica alegre) além de garantir a perspectiva de Moacyr Pisa em relação aos seus propósitos políticos, também assegura uma boa amostra de sua conduta emocional, o que nos ajuda a entender a ocasião de sua morte, a qual comentaremos a seguir.

Grande parte das poesias de Moacyr Pisa também figura no segundo nível, ou seja, são versos que expõem as polêmicas a partir da produção, reconhecidamente, literária, conforme a classificação de Carone. Esses versos que revelam ataques a várias personalidades e instituições de todos os domínios, em especial o político, são repletos de farfalhices jocosas que manifestam episódios consideráveis do momento que a sociedade paulistana vivia.

As poesias satíricas manifestam sua batalha contra as arbitrariedades realizadas contra as convenções sociais; elas estão presentes também em *Vespeira*, de 1923, em *Sátiras, versos satíricos e humorísticos*, de 1916 e na parte pertencente a ele de *Calabar*, de 1917.

Além de seu primeiro livro *Sátiras*, de 1916, Moacyr Pisa, sob o pseudônimo de Antonio Paes, escreveu no ano seguinte, em coautoria com Juó Bananére, o livro de poemas satíricos *Galabaro* que criticava - tanto na primeira parte escrita no dialeto macarrônico de Bananére, quanto a segunda parte, escrita em português por Antonio Paes - “o cônego Valois de Castro, deputado federal por São Paulo (PRP), por este ter manifestado simpatia pelo jornal *Diário Alemão*, que publicara notícia provocativa contra o Brasil” (LEITE, 1996, p.55) e estando em tempo de guerra, supuseram o apoio do cônego à Alemanha, o que gerou hostilização pela opinião pública na época.

O jornal *O Pirralho* anunciou a publicação de *Galabaro*, em que Juó Bananére proclamava a venda do “estupendimo livrio di sgugliambaço co padri chi abbracciò u allemó!”:



Figura 24 - *O Pirralho* - 20 maio 1917, n. 238, p. 12

Sua colaboração para jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo foi intensa, além de ser um dos fundadores, juntamente com personalidades como Monteiro Lobato, Marcondes Machado, José Maria de Toledo Malta e Voltolino da edição vespertina d’*O Estado de S. Paulo*, denominado *Estadinho* e também, mais tarde, de *O Queixoso*, conhecido pela oposição, através de sátiras, a Altino Arantes, governador do estado de 1916 a 1920, mas que também exerceu o cargo de deputado federal por quatro mandatos.

Moacyr Pisa demonstrava intenso interesse pelos temas políticos, mas suas obsessões não se restringiram apenas ao campo das críticas aos políticos filiados ao PRP, pois chegou ao ponto de se lançar por algumas vezes como candidato a deputado estadual, mas suas candidaturas não alcançaram os resultados esperados; tais tentativas foram mencionadas no livro *Três campanhas* do ano de 1920.

Seu temperamento acidamente crítico fez com que ele figurasse em constantes confusões. Por questões políticas, tomou decisões marcantes em sua vida e carreira, como, por exemplo, o fato de pedir exoneração do cargo de delegado de Santa Branca, através de um ofício indelicado enviado ao Secretário da Justiça e Segurança Pública.

Além disso, alguns políticos, que temiam os seus julgamentos, promoveram uma missão cultural no México e o convidaram, inutilmente, a participar, na tentativa de mantê-lo afastado de São Paulo e assim dificultar a virulência de suas críticas.

Foi “impresso, sem a licença do Santo Ofício, no mês de julho do ano da graça de 1923, na mui leal, católica e governamental cidade de S. Paulo” (PIZA, 1923, p. 167) *Roupa suja (polêmica alegre)*. A obra panfletária, “num tom oscilante entre o ácido e o irônico, faz denúncias e críticas referentes especialmente à prática política dos situacionistas do PRP de então (Júlio Prestes, Washington Luís etc.)” (LEITE, 1996, p. 55). As declarações do livro:

[...] mostram o caráter polêmico e satírico, onde o situacionismo é vituperado como decorrente das situações existentes, onde a palavra “político” se confunde com “alma de esgoto”. A crítica é radical, a situação é apresentada em nível o mais baixo, moral e pessoal. Na verdade, a salvação não se origina da classe política, nada podendo se esperar dela. Natural que, nesse caso, o autor fale da classe política no poder. (CARONE, 1991, p. 151)

Já *Vespeira*, obra também de 1923, foi publicada postumamente e composta pela reunião de versos humorísticos, a parte escrita por ele de *Galabaro*, além de poemas que fugiam de sua vertente satírica, já que abordavam temas amorosos e existenciais, e ainda conta com o prefácio escrito pelo amigo Hilário Tácito.

A natureza intensa de Moacyr de Toledo Pisa afetou até mesmo suas relações amorosas, visto que, em outubro de 1923, suas atitudes passionais interromperam tragicamente sua vida e de Nenê Romano, cortesã com a qual se envolveu num relacionamento tempestuoso. Esse infeliz acontecimento repercutiu fortemente na cidade de São Paulo.

Quase dez anos antes de seu suicídio, no dia cinco de abril do ano de 1913, o jornal *O Pirralho*⁶⁴ anuncia a chegada de mais um colaborador, Moacyr de Toledo Pisa. No anúncio há uma breve descrição física e intelectual do rapaz, que na época tinha apenas 22 anos, mas que já demonstrava prestígio, uma vez que contribuía de forma relevante em outros jornais, como *Commercio de S. Paulo* e *Diário Popular*; portanto, o ingresso de Moacyr no jornal foi tido como motivo de orgulho.

No dia 13 de março de 1915, Moacyr Pisa responde à enquete sobre Fradique Mendes, seu texto foi o décimo primeiro da série. Nele encontramos uma peculiaridade; Moacyr Pisa é o único inquirido a assumir não ter lido a obra de Eça de Queirós, cujo protagonista é Fradique

⁶⁴ *O Pirralho* - 5 de abr. 1913, n. 85, p.8

Mendes, mas considera que o fato de não conhecê-lo não o impede de tecer comentários sobre ele; por isso, se sujeita a responder ao inquérito.

Antes de responder à primeira pergunta, “Será Fradique Mendes um homem superior?”, o intelectual diz ser fundamental o conhecimento de duas acepções importantes: uma está relacionada ao sentido exato da expressão “homem superior” e o outro ponto crucial é conhecer o objeto a ser definido, no caso, Fradique Mendes.

Ambas as noções são assumidamente estranhas a Moacyr, já que declara não saber claramente o significado da expressão “homem superior”, ou pelo menos a acepção desejada pela enquete, tampouco sabe quem é Fradique Mendes, dizendo que apenas de nome o conhece, que já ouviu falar dele, mas que nem por isso deixa de ser pessoalmente desconhecido.

Para comprovar a popularidade de Fradique, Moacyr Pisa o considera como uma pessoa “muito distinta, cujos predicados, na boca dos outros, despertam a nossa admiração”.

Moacyr Pisa diz que Fradique lhe é pessoalmente estranho. O advérbio pessoalmente é empregado pelo respondente para demonstrar que ele não conhece Fradique Mendes a partir da leitura da obra que o tem como protagonista; isso quer dizer que Moacyr Pisa tem ciência de que se trata de uma personagem ficcional, já que o compara com outra personagem de Eça de Queirós, o Conselheiro Acácio, que só se tornou “pessoalmente” conhecido por ele, assim que leu o *Primo Basílio*.

O inquirido diz que conhece Fradique, como conhecia o Conselheiro Acácio, antes de ter lido a obra *Primo Basílio*; contudo, há uma diferença entre ambas personagens de Eça, já que mesmo sem ter lido a obra, na qual a personagem Conselheiro Acácio figurava, poderia supor como seria a personalidade desta e até mesmo seria capaz de discorrer perfeitamente sobre o tipo, visto que frequentemente ouvia de pessoas próximas julgamentos que estabeleciam analogias entre a personagem e outros indivíduos, cuja índole lhe era conhecida. E, assim, tornava-se fácil a associação e a conclusão de como seria o ser tomado como ponto de comparação.

Mas o mesmo processo não ocorreu com Fradique, não por sua fama, que já se mostrou inquestionável, mas provavelmente pelo fato de que não havia na sociedade paulistana indivíduos que poderiam ser comparados a ele, assim como regularmente ocorria com o Conselheiro Acácio.

Pisa diz que o fato de conhecer Fradique Mendes apenas pelo nome não exprime uma grande relevância, uma vez que ele seria capaz de simular uma grandiosa proximidade com o

herói, deixando aflorar seu lado de elaboração literária, para responder a enquete d’*O Pirralho* e assim poderia em várias páginas “estudar-lhe a psicologia, dissecando-o fibra a fibra”, mas prefere agir como um “crítico de processos originais” e não ser mais um a fazer cópias.

Para reforçar seu parecer, utiliza-se da expressão latina *nihil novum sub sole*⁶⁵, dizendo concordar com os antigos que se valiam deste pensamento e deixando manifesto uma reprovação perante o parecer dos outros inquiridos.

Ao dar continuidade ao assunto, tentando fazer uma análise mais generalizada e não focando apenas na personagem de Eça, ele diz que é perfeitamente possível a supressão do problema de não conhecer pessoalmente Fradique, mas, por outro lado, o impasse relativo à definição de “homem superior” já lhe parece um obstáculo intransponível, “como uma muralha chinesa”.

Explica que se a expressão for encarada de forma trivial, sua resposta seria “facílisma”, visto que todo e qualquer homem são relativamente superiores tanto de forma positiva, quanto negativa, exemplificando: “este, superior pelo talento; aquele, superior pelo heroísmo guerreiro [...] Fulano é um tipo superiormente idiota; Sicrano, um indivíduo superiormente animal”.

Além disso, elucida que, se dessa maneira for, não só pessoas, mas qualquer produto poderia ser considerado superior e assim ninguém poderia oscilar em considerar conveniente alguns reclames comerciais, que declaram: “manteiga superior, queijo superior...”.

Contudo, se o sentido da expressão “homem superior” fosse levada em consideração de uma maneira mais específica e rigorosa, Moacyr Pisa considera que a situação se torna mais delicada, já que é recorrente em sua vida ouvir falar em “homens inferiores” e também já os tem encontrado, diferentemente dos homens superiores, os quais jamais pode encontrar e a esse fato responsabiliza a natureza, que sempre se mostrou ingrata com ele.

Moacyr Pisa, ao declarar ser muito exigente, expõe sua ideia de superioridade, considerando superior somente aquele “homem perfeito, ideal, sem desfalecimentos na vida, sem nada que indique uma fraqueza por um momento”. Diz, ainda, que até então todos os homens têm tido momentos de fraqueza; a fim de exemplificar, utiliza homens historicamente conhecidos e outros, seus contemporâneos.

⁶⁵ Tradução do latim: “nada de novo sob o sol”

Não à toa, parte desde o primeiro homem, segundo a fé cristã, que foi “Adão no Paraíso”, que teve seu momento de fraqueza ao cair na tentação e comer o fruto proibido da árvore da ciência e assim privou toda a humanidade da perfeição e da possibilidade de vida interminável.

Menciona também Napoleão, que estabeleceu a hegemonia de seu país, na condição de imperador, através de subsequentes vitórias nas chamadas Guerras Napoleônicas, mas a partir da Campanha da Rússia, seu exército foi danificado, sendo derrotado posteriormente pela Sexta Coligação e desde então, sua força jamais se recuperaria, até morrer encarcerado.

Finaliza seus exemplos de homens consagrados pela história com Bazaine, provavelmente François Achille Bazaine (1811 – 1888), marechal francês amplamente reconhecido por seu fracasso como comandante chefe do exército, o que contribuiu para a derrota francesa na Guerra franco-prussiana em 1870.

Além desses, elege algumas das figuras de mais evidência na sociedade da época para destacar que elas também cometem erros, apesar de toda notoriedade que carregam consigo. A começar pelo alvo de inúmeras críticas por parte d’*O Pirralho*, o presidente da república Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca.

Hermes da Fonseca, assim como seu tio Deodoro da Fonseca, pertencia a uma família tradicionalmente de políticos e militares. Hermes trilhou brilhantemente seu trajeto militar, até chegar à presidência (1910 – 1914), nessa posição teve que lidar com a Revolta da Chibata, mas descumpriu com sua palavra ao iniciar um processo de expulsão e repressão de marinheiros, o que causou mais motins, deixando o país em estado de sítio; além de outra conturbação, que apesar de ter início em seu governo (1912), só teve fim em 1916, que foi a Guerra do Contestado e ainda a implantação feita por ele da Política das Salvações.

O Pirralho, desde sua primeira publicação, dedicava boa parte de seu empenho para alfinetar o então presidente, e, mesmo após o fim de seu mandato, o jornal desempenhava uma política de oposição ao militar.

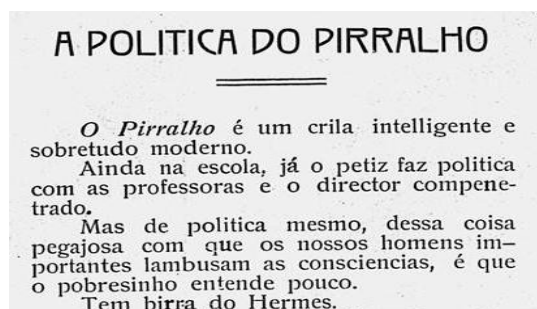


Figura 25 - *O Pirralho* - 12 ago. 1911, n. 1, p. 4

Outra pessoa suscitada por Moacyr Pisa para representar homens que passaram por momentos de fraqueza foi Rui Barbosa, homem de inúmeros talentos, que agia de forma brilhante em todos os inúmeros ramos a que se dedicava, mas como ministro da fazenda do governo provisório de Deodoro da Fonseca (1889 – 1891) foi pivô da Crise do Encilhamento, já que, ao implantar o plano econômico baseado em créditos livres para investimentos no ramo industrial e garantidos pela abundante emissão monetária, acabou gerando uma crise financeira sem precedentes.

De forma jocosa, Moacyr Pisa diz que nem mesmo um de seus grandes amigos, no caso, Joaquim Correia, foi capaz de mostrar sua superioridade, já que se aborreceu com suas zombarias inocentes, tais como considera esta resposta à enquete.

Por fim, chega à pessoa que para ele seria o melhor exemplo de homem superior: Cristo. Porém, faz duas ressalvas; a primeira é que Cristo não era um homem, mas um deus; a segunda restrição se refere à sua vida como homem em sua forma física na terra, quando, ao “sacrificar-se inutilmente por esta humanidade vagabunda”, comete sua grande fraqueza.

E à pergunta feita pelo jornal - “Será Fradique Mendes um homem superior?” - fica, conforme o entendimento de Moacyr Pisa, sem resposta, uma vez que ainda não leu *A correspondência de Fradique Mendes*, mas afirma que pela fama que tem, Fradique lhe parece ser “um cavalheiro muito distinto e apreciável”.

Além disso, Moacyr Pisa declara que tem esperanças de ler a obra de Eça de Queirós em que Fradique Mendes é o protagonista e encontrar nele a representação de homem superior, que até então não lograra descobrir.

O fato de o respondente declarar que não conhece Fradique Mendes por não ter lido a obra que ele protagoniza, já limita sua avaliação; no entanto, ele nos dá vários indícios da singularidade e superioridade que a personagem demonstra ter.

A indicação principal para que possamos avaliar Fradique conforme Moacyr Pisa, está no fato do inquirido reconhecer o perfil do Conselheiro Acácio em vários indivíduos, apenas pelas associações feitas com pessoas medíocres e pseudointelectuais, o mesmo não acontece com Fradique, certamente por não haver na sociedade paulistana homens que possam ser equiparados com o herói de *A correspondência de Fradique Mendes*.

Por outro lado, às vezes em que o nome de Fradique é mencionado por Moacyr Pisa - mesmo que seja a partir da transmissão do que ouviu falar sobre a fama que o herói possui - as virtudes se sobressam, como por exemplo, ao considerá-lo “um cavalheiro muito distinto e

apreciável”. Sob essas perspectivas, fica evidente que Fradique Mendes, aos olhos de Moacyr Pisa, é superior ao homem comum.

A resposta de Moacyr Pisa é bastante irreverente, ao ponto de quebrar com os paradigmas e trazer consigo elementos irônicos, que são capazes de atingir várias pessoas, não somente as figuras explicitamente aludidas, como Hermes da Fonseca, mas também os outros intelectuais que já haviam respondido ao inquérito e que, obliquamente, foram considerados copistas, além de pouco originais e inovadores.

2.12 Plínio Barreto

Plínio Barreto nasceu em Campinas – S.P., aos 20 de junho de 1882; seu pai foi José de Moraes Barreto e sua mãe Vicência Augusta Barreto. Depois do curso primário, matriculou-se no Seminário Episcopal, transferindo-se, mais tarde, para o Colégio São Paulo e Minas. Aos quatorze anos já era revisor d’*O Estado de S. Paulo*.

Ingressou na Faculdade de Direito de S. Paulo em 1899 e formou-se em 1902. Quando acadêmico, colaborou em numerosos jornais e revistas da época, mas foi n’*O Estado de S. Paulo* que se tornou repórter. Casou-se com Celina Pacheco Barreto, com quem teve dois filhos, Caio Plínio Barreto e Lúcia Barreto Sodré.

Pouco depois de formado foi para Araras, onde mantinha sua contribuição para jornais, mas também advogava, lá permaneceu até 1909. De volta a São Paulo, readquiriu suas atividades de repórter no mesmo jornal. Tornou-se grande amigo de Júlio de Mesquita, passou a fazer parte da redação do *Estado de S. Paulo* e como pessoa de confiança do diretor, recebia deste inúmeros pedidos, desde fazer conferências, escrever artigos e crônicas, além de críticas literárias.

Contribuiu também para outros jornais e revistas, como o *Commercio de S. Paulo*, o *Diário de São Paulo* e *O Jornal*, do Rio de Janeiro, especialmente como crítico literário. Ademais fundou, em 1912, a *Revista dos Tribunais*, onde desenvolveu um trabalho primoroso, servindo de modelo para publicações posteriores do gênero; foi também um dos fundadores d’*O Queixoso* e do *Diário da Noite* (1926); dirigiu a *Revista do Brasil*, até 1918, quando Monteiro Lobato assumiu o cargo.

Salvo seu brilhante trabalho em jornais, tornou-se um dos advogados mais importantes e requisitados de São Paulo. Membro de diversas entidades culturais e jurídicas, foi também consultor jurídico da Santa Casa.

Mas seu papel de mais relevo foi n’*O estado de S. Paulo*, onde assinou por muito tempo rodapés destinados às críticas literárias, nas quais muitos dos escritores contemporâneos receberam sua atenção; tal condição o manteve afastado da Semana de Arte Moderna, já que preservou sua postura de “romântico com a lucidez de um realista⁶⁶” e combateu o Modernismo.

Além disso, manteve sua coluna “Crônicas Forenses” e posteriormente “Vida Forense”, cuja finalidade era comentar os principais julgamentos ocorridos no Tribunal de Justiça do Estado. E a partir da morte de Júlio de Mesquita (1927) ocupou o mais alto dos cargos, sendo diretor e redator-chefe até 1942.

Ocupava-se, assim, de vários assuntos importantes para vida do jornal, demonstrando nesse labor, caracterizado pelo interesse público e honestidade de conceitos, marcada versatilidade, aliada à clareza de espírito e grande cultura (BARRETO, Nota da editora José Olimpo, 1958, s/p.⁶⁷)

Conforme o *Dicionário de autores paulistas* (1958, p.85), Plínio Barreto “ocupou vários cargos eletivos e de nomeação, entre os quais o de deputado à Constituinte de 1946 e secretário da Justiça” em 1930, no chamado “Governo dos 40 dias”. Também chegou a ocupar provisoriamente (de 6 a 25 de novembro de 1930) o cargo de governador do Estado de São Paulo, depois disso retornou ao cargo anterior até 5 de dezembro do mesmo ano.

Como presidente eleito do Instituto dos Advogados de São Paulo, seu apoio ao Movimento Constitucionalista teve grande relevância, uma vez que incentivou seus colegas a tomarem a mesma posição.

No entanto, após a derrota da Revolução de 1932, Plínio Barreto foi preso no Rio de Janeiro e posto em liberdade dias mais tarde. De volta a São Paulo, retomou suas atividades, mas a partir de 1938, com o Estado Novo, a redação d’*O Estado de S. Paulo* sofreu intervenções. Passou, então, a trabalhar no *Diário de São Paulo*.

A imprensa e a advocacia foram de suma importância na luta em defesa do Estado de Direito durante a Manifestação Constitucionalista e “transitando entre estes dois mundos estava o advogado e jornalista Plínio Barreto” (COSTA, 2012, s/p.). Por tudo isso, seu nome foi declarado como o primeiro presidente da OAB-SP, em reunião pelo Instituto da Ordem dos Advogados de São Paulo realizada no dia 22 de janeiro de 1932.

⁶⁶ *O Estado de S. Paulo* – 29 jun. 1958, p. 9 (ed. 25508)

⁶⁷ Citação retirada de “Notas da editora” em: BARRETO, Plínio. *Páginas avulsas*. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1958.

Ademais, Plínio Barreto contribuiu para a “elaboração do Código de Ética Profissional dos Advogados, demonstrando sua preocupação com a disciplina da classe, e a ideia de criar a Caixa de Assistência dos Advogados”. (idem, s/p)

Segundo Jorge Miguel Mayer, no verbete biográfico “BARRETO, Plínio” da página do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da FGV, Plínio Barreto foi eleito, em 1945, a deputado federal, agiu ativamente na elaboração da nova Constituição, voltando sua atenção à legislação trabalhista; também elaborou um projeto de lei, cuja intenção era a equiparação das mulheres aos homens frente ao direito civil. Em novembro desse ano, candidatou-se à vice-presidência do estado de São Paulo, mas foi derrotado e permaneceu na Câmara até 1951, quando findou seu mandato.

Em maio de 1958, foi eleito com unanimidade como membro da Academia Paulista de Letras, mas não chegou a tomar posse, pois morreu no dia 28 de junho de 1958, aos 76 anos de idade, pouco depois de ser escolhido. Sua morte foi intensamente lamentada; inúmeras personalidades, instituições e órgãos públicos e privados demonstraram pesar.

Dentre suas obras se destacam a reunião em livro de seus textos sobre questões judiciais que leva o mesmo nome de sua coluna n’*O estado de S. Paulo, Crônicas forenses* (1912), *Vida forense* (1922), *Injúrias impressas* (1924) e *Páginas avulsas* (1958), além de ensaios, conferências, artigos e crônicas sobre temas literários, jurídicos e políticos.

Plínio Barreto faleceu ontem
UMA VIDA DEDICADA AO DIREITO E À LIBERDADE

Plínio Barreto faleceu ontem, aos 76 anos de idade, vítima de um ataque cardíaco. O falecimento ocorreu às 11 horas, em sua residência, na Rua da Liberdade, 111, no bairro da Liberdade, em São Paulo. O corpo será velado no dia 30, às 19 horas, no salão nobre do Hotel Copacabana Palace, e será sepultado no Cemitério do Jaqueira, no bairro do Jaqueira, às 10 horas.

Plínio Barreto nasceu em 1882, em São Paulo, e foi um dos mais importantes juristas e escritores brasileiros. Foi advogado, professor, jornalista e deputado federal. Sua obra abrange diversas áreas do direito, especialmente o direito civil e o direito processual. Ele também escreveu sobre literatura e política.

Plínio Barreto foi um homem de princípios e de coragem. Ele sempre defendeu a liberdade e a justiça. Sua vida foi dedicada ao estudo e ao trabalho. Ele deixou uma obra rica e importante para a história do direito brasileiro.

CARTA DE AFEIÇÃO À ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Academia Brasileira de Letras, eu te saúdo com afeição e respeito. Eu te saúdo porque tu és a mais nobre e a mais gloriosa das instituições brasileiras. Tu és a guardiã da nossa língua e da nossa cultura. Tu és a guardiã da nossa história e da nossa memória. Eu te saúdo porque tu és a guardiã da nossa liberdade e da nossa justiça. Eu te saúdo porque tu és a guardiã da nossa honra e da nossa dignidade. Eu te saúdo porque tu és a guardiã da nossa esperança e da nossa fé. Eu te saúdo porque tu és a guardiã da nossa vida e da nossa morte. Eu te saúdo porque tu és a guardiã da nossa alma e da nossa consciência. Eu te saúdo porque tu és a guardiã da nossa humanidade e da nossa fraternidade. Eu te saúdo porque tu és a guardiã da nossa paz e da nossa harmonia. Eu te saúdo porque tu és a guardiã da nossa beleza e da nossa graça. Eu te saúdo porque tu és a guardiã da nossa verdade e da nossa sabedoria. Eu te saúdo porque tu és a guardiã da nossa vida e da nossa morte. Eu te saúdo porque tu és a guardiã da nossa alma e da nossa consciência. Eu te saúdo porque tu és a guardiã da nossa humanidade e da nossa fraternidade. Eu te saúdo porque tu és a guardiã da nossa paz e da nossa harmonia. Eu te saúdo porque tu és a guardiã da nossa beleza e da nossa graça. Eu te saúdo porque tu és a guardiã da nossa verdade e da nossa sabedoria.

Colaborações para "O Estado"

Estou lido o seu número de colaborações já completo, e me foi muito agradável ler os trabalhos que você, Plínio Barreto, escreveu para o "Estado". Eu te saúdo e te agradeço muito por ter contribuído para a nossa imprensa e para a nossa cultura. Eu te saúdo e te agradeço muito por ter defendido a liberdade e a justiça. Eu te saúdo e te agradeço muito por ter escrito sobre a nossa história e a nossa memória. Eu te saúdo e te agradeço muito por ter escrito sobre a nossa vida e a nossa morte. Eu te saúdo e te agradeço muito por ter escrito sobre a nossa alma e da nossa consciência. Eu te saúdo e te agradeço muito por ter escrito sobre a nossa humanidade e da nossa fraternidade. Eu te saúdo e te agradeço muito por ter escrito sobre a nossa paz e da nossa harmonia. Eu te saúdo e te agradeço muito por ter escrito sobre a nossa beleza e da nossa graça. Eu te saúdo e te agradeço muito por ter escrito sobre a nossa verdade e da nossa sabedoria.

SURDEZ?

Os óculos modernos são acessórios elegantes! Com eles você poderá superar o seu defeito de audição!

Nossos óculos encontram-se em todas as lojas de óculos.

Figura 26 - *O Estado de S. Paulo* - 29 jun. 1958, n. 25508, p. 9

Nos mesmos mês e ano em que foi eleito à Academia Paulista de Letras seu livro *Páginas Avulsas* foi publicado, trata-se de uma coletânea composta por 17 ensaios de crítica literária sobre obras de autores de grande relevo, como Machado de Assis, Amadeu Amaral, Monteiro Lobato, Oswald de Andrade, Jorge Amado e José Lins do Rego.

A obra conta com o prefácio de Antonio Candido, que tece considerações sobre a arte da crítica literária, a qual sempre foi muito bem realizada por Plínio Barreto, tido por Candido como aquele:

[...] que encarna, admiravelmente, as melhores e mais solidas qualidades do jornalismo crítico. Na literatura, passeia a sua cultura e a sua sensibilidade, oferecendo aos outros a messe da excursão. Não é um teórico nem um erudito, não é um esteta nem um novo retorico; é um crítico. Lê, sente, pensa, intui certos traços esclarecedores e organiza as impressões em torno de alguns princípios solidamente estabelecidos, mas apresentados com leveza. As vigílias de estudo, a riqueza da informação, a solidez do conhecimento, - lendárias nesse asceta da inteligência, - são apenas pressupostos na densidade elegante dos ensaios. (BARRETO, prefácio, 1958)

Portanto, com a observação de suas respostas à enquete d’*O Pirralho* sobre Fradique Mendes, poderemos entrar em contato com as palavras daquele que se tornou um ícone do jornalismo crítico e admirado por distintos homens das letras brasileiras.

Prestes a completar 33 anos de idade, o jovem advogado Plínio Barreto atendeu ao pedido d’*O Pirralho* e deixou suas impressões sobre o herói de *A correspondência de Fradique Mendes*.

A princípio, Plínio Barreto rememora as três questões, pelas quais ele deve pautar suas considerações, logo a diante, e de forma sistemática, traz o parecer para cada uma delas, sempre entremeando qualidades e defeitos da personagem.

A partir da leitura de suas respostas à enquete podemos notar que Plínio Barreto intenciona desqualificar Fradique - como outros já o fizeram - pela questão de não ser humano, encarando tal condição como uma deficiência, desventura ou imperfeição do protagonista.

Referente à pergunta: “Será Fradique Mendes um tipo representativo de vida superior?”, Plínio Barreto diz prontamente que não e justifica: “Fradique não é tipo representativo de coisa alguma. Fradique é uma pura ficção literária”, configurando a situação assinalada.

O respondente declara que essa criação é bela, pelo fato de ter saído de uma “imaginação rica e harmoniosa”, porém não tem a “mínima consistência”. Sendo assim, são atribuídas duas

características ao protagonista, uma de aprovação, outra depreciativa e é assim que o discurso do inquirido transcorre até o fim (entremeando observações contrárias e elogiosas a Fradique).

Plínio Barreto considera Fradique Mendes como uma obra de arte, mas sem valor algum, tal como “uma figura de Phidias esculpida num torrão de açúcar”. Na intenção de equiparar Fradique à uma escultura em açúcar, que apesar de incrível, é inútil. Deixa expresso que o protagonista, por não ser humano não tem serventia nenhuma, mesmo sendo “um mimo”, “um primor”.

Nesta circunstância, de acordo com a nossa intenção, a apreciação se mostra favorável à personagem, já que lhe são conferidos alguns enaltecimentos, que apenas se contrapõem ao fato de ser uma criação literária.

Plínio, seguindo nessa mesma linha, diz “Fradique é um homem de asas”, provavelmente referindo-se ao cosmopolitismo do protagonista, mas acaba evidenciando que a personagem possui atributos que indivíduos normais e reais não têm, ou seja, é superior a eles.

Ao prosseguir, em tom satírico e depreciativo, declara se comprometer “a ler sem dormir os discursos do Instituto Histórico (e Geográfico de São Paulo) se alguém me provar que já encontrou algum homem de asas”, sustentando o conceito de que pessoas como Fradique não existem fora do âmbito da imaginação.

Na intenção de fortalecer sua resposta, Plínio Barreto menciona que Fradique Mendes é, no máximo, “representativo de um estado mental”, pois é fruto da imaginação de Eça, que certa vez, se viu enfadado dos homens e traçou esse tipo, “que de humano só tem o gesto” e por isso é inferior à personagem de Camões, que segundo Plínio, “além do gesto, tinha também o peito”.

Diz, ainda, que Fradique é interessante, mas pondera que com exceção das “pessoas jurídicas” todas as ficções são interessantes. E para finalizar a primeira questão, Plínio Barreto toma a personagem como ser humano e ainda assim não o reputa como um ser superior:

Sei que para muita gente Fradique Mendes é havido como um homem superior. É um erro. Ainda mesmo que se reconhecessem nele alguns atributos realmente humanos, não se poderia, com fundamento razoável, considerá-lo um homem superior.

Nesse caso, Plínio Barreto cogita que mesmo que Fradique Mendes fosse um ser humano, ele não poderia ser considerado um homem superior. Tendo ciência de que estava

contrariando o que muitas pessoas acreditam, Plínio fundamenta sua classificação ponderando que o que falta para Fradique ser encarado como um homem superior “é o poder de fazer o mal inutilizado pela vontade inabalável de não usar desse poder”.

Dessa forma compara Fradique a uma “máquina de ideias”, de temperamento neutro e indiferente, “não é capaz nem de grandes maldades nem de grandes sacrifícios”. Em matéria de amor, Fradique age friamente e não comete tolices, pois, para ele, esse sentimento é apenas mais um “tema para divagações literárias”, todas essas atitudes se sobressaem nele porque lhe falta o que todos os homens possuem: o coração.

Por isso tudo, ter Fradique Mendes como companhia, a princípio pode até ser situação honrosa e encantadora, mas acaba por se tornar fatigante, já que nem fala, tampouco comete “asneiras”, sendo assim, “a sua perfeição irrita”.

Apesar da veemência de Plínio Barreto em afirmar que Fradique Mendes não é um homem superior, os seus argumentos estão propensos a afirmar o oposto, tanto que o que sobressai de sua avaliação é o fato de Fradique conseguir, inabalavelmente, controlar o poder de cometer maldade, algo que os “homens de carne e osso” não conseguem. Mesmo destacando características como frieza e indiferença, o fato de não cometer erros, o eleva à perfeição, que apesar de irritante, é reconhecida por Plínio.

A segunda pergunta - “Será Fradique um elegante perfeito?” - também tem resposta negativa. Mas Plínio Barreto, antes de iniciar suas ponderações sobre tal questão, faz uma ressalva referente à primeira: “Devia antes dizer que estava prejudicando com a resposta dada ao primeiro”.

Decerto, a intenção de Plínio Barreto era desvalorizar Fradique; contudo, ele mesmo percebeu que não foi capaz de exprimir exatamente sua finalidade, uma vez que o destaque fica para a glorificação do protagonista.

Quando o assunto é elegância, Fradique se destaca pelas ideias elegantes e por isso é comparado a Cyrano, Hector Savinien de Cyrano de Bergerac (1619 – 1655), escritor francês, reconhecido por suas ideias inovadoras para sua época, sendo considerado como livre-pensador e satírico; além disso, verificam-se outras duas particularidades suas: duelista e homossexual.

Cyrano se destacou como duelista por travar inúmeras disputas devido às chacotas que faziam sobre seu nariz avantajado; já sua sexualidade foi bastante especulada pelo fato de travar

disputa intelectual contra Charles Coypeau d'Assoucy, músico e escritor, com quem supostamente manteve um relacionamento que não teve um fim harmonioso, por isso ambos escreviam uma série de textos satíricos atacando um ao outro.

Plínio Barreto destaca que Fradique “não tem a elegância do seu tempo e da sua roda”, já que não contraía dívidas e não se dava ao desfrute com “mulheres públicas” e por não possuir esses dois traços distintivos da elegância contemporânea, Fradique é considerado como um “pedante inteligente” e não um perfeito elegante como Eça pretendeu.

Como Plínio Barreto não acredita que Fradique seja um representante de vida superior, tampouco um perfeito elegante, na terceira questão ele precisa apontar quem seria o tipo ideal e, para ele, quem ocupa perfeitamente essa posição é “o filho mais viçoso de Fradique: é o Pacheco”.

Pacheco é o assunto da troca de correspondência entre Fradique Mendes e o Sr. E. Mollinet. Talvez o fato de Fradique nos apresentar Pacheco, em sua carta, fez com que Plínio Barreto atribuísse a paternidade daquele a este. Além disso, Pacheco já foi mencionado anteriormente por Dr. Mello Nogueira em suas ponderações à enquete.

O inquirido, ironicamente, considera Pacheco - que em *A correspondência de Fradique Mendes* representa a classe dos políticos que pouco age e ainda assim tem reconhecimento - como representante de um ser superior e perfeito elegante.

No entanto, a intenção de Plínio Barreto é demonstrar que ele, mesmo sendo uma personagem da mesma obra de que Fradique é o protagonista, possui características que são comuns aos seres humanos, o que não ocorre com Fradique.

Para Plínio Barreto, Pacheco representa a “quinta-essência do homem contemporâneo”, pois é silencioso e grave; além disso, considera que este, sim, “tem vida, tem carne, tem ossos, tem músculos, e, o que mais é, tem semelhantes”.

Por esse motivo, aconselha que todos adquiram o “*pachequismo*”, que mesmo sendo um “dom de nascença”, também pode ser obtido: “Ide, meus amigos; ide e sede Pachecos. Sede Pachecos, ou sereis vencidos”.

Podemos perceber, nesse caso, que Plínio Barreto resume, na figura de Pacheco, tudo que Fradique não é por não ter proximidade e ações equivalentes às nossas; por isso, Pacheco

é caracterizado de forma que uma pessoa comum pode reconhecer ou ser, inclusive com suas especificidades.

Por outro lado, os atributos de Fradique não são tão contraditórios e suas características são completamente individuais, em função disso não representa um ser humano comum, que por suas qualidades, pode ser considerado superior e elegante.

Plínio Barreto também destaca, em tom de ironia, que há vários indivíduos simpáticos e inteligentes que ao ocuparem cargos de destaque, mudam sua forma de agir: “não falam ou, se falam, é por monossílabos” - se sentem superiores, fingem que não conhecem as pessoas e caso saúdam alguém, “o cumprimento desce do alto, rápido e jogado como uma pedra”.

As pessoas que agem dessa forma, conforme o respondente, viram no *pachequismo* o modo ideal de vida e perceberam que essa atitude é a adequada, pois, só assim, conseguem manter a pompa e a superioridade desejada por todos.

Em razão disso, acredita que Rui Barbosa - que era reconhecido pelo dom da oratória - não teve o sucesso que merecia, uma vez que não soube manter o silêncio. Admite que deve haver uma tendência natural para adquirir o *pachequismo*, pois não é uma postura fácil de se obter e quando conquistado através do estudo, logo se percebe a diferença, pois as obras realizadas já não são tão limpas, quanto as do Pacheco de nascença.

Acrescenta, ainda, que isso não deve ser motivo de desânimo para quem deseja triunfar na vida como Pacheco e utiliza a frase: “*Labor omnia vincit*”, que transmite a ideia de que pelo trabalho se vence tudo.

Finalizando sua apreciação e mantendo a ironia, Plínio Barreto diz que não é tão comum o filho ser tão diferente do pai, quanto Pacheco é de Fradique e neste caso o filho é muito superior ao pai. Sendo assim, ele acredita que o modelo de homem mais apropriado para triunfar em São Paulo é o Pacheco, já que representa tudo que a sociedade e, sobretudo, a política paulistana necessita.

O inquirido considera um erro ter Fradique Mendes como um homem superior, mesmo se reconhecesse nele elementos que fazem dele um ser humano. A justificativa é que Fradique não é capaz de agir como os homens comuns, uma vez que não comete erros, que são normais a quem tem coração, por isso sua perfeição é tida como irritante.

2.13 José Agudo

José Agudo é o pseudônimo utilizado pelo português José da Costa Sampaio. Apesar de poucos dados biográficos sobre o décimo terceiro respondente da enquete, chegamos a algumas informações relevantes sobre ele: nasceu em 1868 e morreu em 1923, na cidade de São Paulo; foi professor na Escola de Comércio Álvares Penteado; escreveu inúmeras crônicas e alguns romances; além disso, seu nome consta como fundador da *Revista Brasileira de Contabilidade* (1912), cujas publicações compõem os primeiros estudos científicos de contabilidade no Brasil.

Ausente das histórias literárias e, quando presente, visto apenas como um escritor menor, de dotes modestos, foi esse [...] quem escreveu – pelo menos em número de páginas! – a maior série de romances que buscaram retratos instantâneos e humorísticos da *belle époque* paulista. Entre 1912 e 1919, sempre sob o pseudônimo de José Agudo, produziu sete romances, com histórias que tinham por cenário a São Paulo da época. (SALIBA, 2004, p. 104)

Em 1912, publica sua primeira obra, *Gente rica, Cenas da vida paulistana*, demonstrando seu estilo fundamentado no humor de cunho sarcástico, perceptíveis não somente no conteúdo de sua obra, mas também nos aspectos externos, já que é dedicada ao escritor português João Grave (1872-1934), autor de *Gente pobre*, sendo assim, tanto o título da obra, quanto o pseudônimo adotado são paródias, que são solidificadas pelo prisma crítico empregado ao retratar ironicamente a sociedade paulistana.

Seu nome se populariza na grande São Paulo a partir da década de 1910, principalmente com a publicação de sua segunda obra, *Gente audaz, Cenas da vida paulistana* de 1913, obra paródica e caricaturista, cujo narrador autobiográfico descreve sua ascensão social ironizando os costumes da sociedade em que vive.

Por isso várias narrativas secundárias se desenrolam e entrecruzam em outras histórias, sempre com o propósito de gerar comicidade; porém, o “mote principal é a sátira à *intelligentsia* paulista. Talvez por isso o livro tenha despertado a ira de um dos redatores da mais notável revista semanal da *belle époque* paulistana, *O Pirralho*.” (idem, p. 107)

Provavelmente por ter-se sentido ofendido com as críticas negativas recebidas por *Gente rica, Cenas da vida paulistana* n’*O Pirralho*⁶⁸, José Agudo envia seu segundo livro,

⁶⁸ *O Pirralho*, 19 out. 1912, p. 18

Gente audaz, Cenas da vida paulistana, à redação deste com a seguinte dedicatória provocativa: “Aos pirralhos d’O Pirralho, of. José Agudo, para eles dizerem o que bem entenderem”⁶⁹.

Oswald de Andrade decidiu responder a afronta do cronista, sob o pseudônimo de Joaquim da Terra, travando uma áspera polêmica, que tomou proporções significativas ao estender-se por vários anos nas páginas daquela que era uma das mais conceituadas publicações semanárias da época.

A crítica de Joaquim da Terra é um intenso enxovalhamento não só ao livro, mas também ao autor, uma vez que a falta de qualidade literária da obra é relacionada à vida pessoal de José Agudo, que nas páginas do semanário será sempre lembrado pelo suposto erro gramatical cometido na dedicatória de *Gente audaz, Cenas sobre a vida paulistana* à redação do jornal.



Figura 27 - *O Pirralho* - 28 fev. 1914, n. 132, p. 6

A caricatura representa bem o teor da provocação; nela, o cunho satírico é dado em seu caráter de degradação e depreciação. O elemento de reconhecimento da semelhança é a seringa, que está munida com a agulha, objeto pontiagudo que nos remete ao incomodo que ela nos causa, quando usada para nos alfinetar, e associa-se ao sobrenome escolhido por José da Costa Sampaio para que sua *persona* fosse construída.

⁶⁹ *O Pirralho*, 29 mar. 1913, p. 7

Além disso, a caricatura é composta pela cauda de um pavão, que alude ao orgulho pessoal e simboliza a vaidade. Portanto, a caricatura não ataca apenas no sentido superficial, ou seja, o físico, mas, sobretudo o substancial, já que o ataque se dá ao seu caráter e seus valores como escritor, o que se comprova pela legenda, uma vez que se trata de uma fantasia, no sentido amplo da palavra, de José Agudo; ou seja, se ele está fantasiado de romancista, ele não é exatamente um romancista e como ele se transveste dessa forma, seu desejo em ser um é revelado.

Quanto as ofensas relativas a tal dedicatória, José Agudo as responde, ora tentando se eximir da culpa, ao dizer que nunca enviou um exemplar de seu livro à redação do semanário e consequentemente esquivando-se do tal erro gramatical, ora retrucando à altura os insultos de Joaquim da Terra, que volta e meia pronuncia-se contrariamente ao autor e também às suas novas produções.

O dr. Paradol e o seu ajudante (Romance) de 1913 e ainda *Amor moderno, Cenas sobre a vida paulistana* de 1915 - que juntamente com *Gente rica* e *Gente audaz*, completa a trilogia de *Cenas sobre a vida paulistana* e “descreve de modo irônico e mordaz os costumes da sociedade paulista em seu afã cosmopolita e seus modos e hábitos provincianos”⁷⁰ - são as últimas publicações de José Agudo e todas elas foram reprovadas pel’*O Pirralho*.

No entanto, mesmo sem ser consultado, José Agudo enviava pareceres referentes às enquetes realizadas pel’*O Pirralho*, possivelmente na tentativa de amenizar (ou agravar ainda mais) a situação, assim como é revelado no jornal do dia 4 de abril de 1916, (p. 4): “Como os nossos leitores devem saber o sr. José Agudo brigou com o *Pirralho* várias vezes, mas nunca conseguiu guardar rancor, tanto que todas as vezes que podia empurrar-nos a sua prosa desconchavada, fazia-o com prazer indescritível”.

Percorrendo as páginas d’*O Pirralho* nitidamente se percebe que a zanga de Oswald não foi superada, tanto que os insultos e provocações por parte do jornal, nunca cessaram e sempre foram mais violentos e excessivos, quando comparados aos de José Agudo, que permanentemente foi tido como motivo de chacota.

⁷⁰JOSÉ Agudo. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2016. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa13921/jose-agudo>>. Acesso em: 10 de Mai. 2016. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Todavia, em 1923, ano da morte do autor de *Gente audaz*, Oswald de Andrade publica o livro *Memórias sentimentais de João Miramar* que, como toda sua obra, é composto por traços autobiográficos, porém nele também há a presença inegável, possivelmente inconsciente, de um episódio de *O dr. Paradol e seu ajudante*, de José Agudo. Tal incidente é comentado por Wilson Martins, em sua monumental obra *História da inteligência brasileira*:

É curioso que, por traição evidente da reminiscência involuntária, ele (Oswald de Andrade) sucumbisse também à influência ou contaminação de seu inimigo José Agudo, fazendo da seção 16 indisfarçável paráfrase de uma passagem característica de *O Dr. Paradol e o Seu Ajudante* (1913) – indício, aliás, de que esse trecho das *Memórias Sentimentais* bem pode ser uma sobrevivência do manuscrito original. (MARTINS, 1978, p. 349)

O discurso de José Agudo para a enquete em questão demanda certa autoridade, mesmo porque ele se encontra numa posição equivalente à de Fradique Mendes, ambos são *personas* de seus criadores. Tal ocorrência é perceptível através das considerações sobre o processo de concepção da personagem que vai além da relação de heteronímia, já que tanto José Agudo, quanto Fradique Mendes não são apenas pseudônimos de José da Costa Sampaio e de Eça de Queirós; são uma espécie de alter ego, adquiriram vidas e vontades próprias.

Bem como a maioria dos inquiridos, José Agudo destaca o caráter exclusivamente literário de Fradique Mendes, mas acrescenta que por mais extraordinário que seja um autor, este “nada cria do nada”, exprimindo o pensamento de que um autor está para sua personagem, como um pai está para seu filho, ou seja, a personagem, do mesmo modo que o filho se parece “física e moralmente” com seus criadores, mas que também carrega características de seus antepassados, por isso é o resultado de uma soma.

Entretanto, faz uma diferenciação entre os filhos carnavais e os espirituais, sendo Fradique um filho espiritual de Eça, ou seja, sua *persona*. Portanto, pondera que os filhos como Fradique, além de refletir as tendências paternas, como ocorre com os filhos carnavais, também carregam elementos do meio em que foi dada sua origem, enquanto os filhos carnavais só recebem as influências do meio mais tarde, “principalmente quando começam a educar-se”.

José Agudo considera Fradique Mendes a prova mais incontestável do “estranho misto” de Dom Quixote e Sancho Pança presente em qualquer indivíduo, porém ele consegue ultrapassar seus contemporâneos, uma vez que é capaz de ser perfeita e simultaneamente “louco e sensato, ridículo e prático, nuvem e lodo, águia e tico-tico...”.

Além disso, menciona suas excentricidades em relação à busca da perfeição artística e indumentária, assim como o fato de ser um incansável investigador de religiões e filosofias, um apaixonado diante do “efêmero feminino” e um cosmopolita rico, “mas que não sabe gerir nem aplicar a sua fortuna...”, assunto de conhecimento de José da Costa Sampaio.

Em seguida faz a seguinte pergunta: “E por que é ele assim?”. E sua resposta, como já previsto, acha-se em seu pai espiritual, ou seja, Eça de Queirós, amigo de Ramalho Ortigão; ambos, segundo o respondente, possuíam preocupações fúteis e excêntricas, exemplificadas através das gravatas e dos banhos.

Por outro lado, o criador de Fradique também mantinha amizade com “ricos e inteligentes *globe-trotters*”, que percorriam o mundo desperdiçando seu dinheiro com inutilidades, tal qual o próprio Eça, que em certa época de sua vida foi ao “Oriente gastar dinheiro e abeberar-se das mesmas impressões que outrora encantaram Chateaubriand, Gautier e outros próceres do Romantismo”. Por isso, Fradique Mendes carrega as mesmas inclinações de seu criador, que também sofreu influências de seus amigos.

Seguindo a mesma linha de pensamento, José Agudo diz, que além das próprias propensões e das intervenções dos amigos, Eça de Queirós também viveu por um bom tempo em Paris, onde se reuniam “os mais curiosos exemplares da imbecilidade humana” oriundos de todas as partes do mundo e, pelo fato de Eça ser um observador sagaz, toda sua experiência é reverberada em suas concepções, como é o caso de Fradique.

Para comprovar a ideia de que Fradique é a síntese de todas as criações de Eça de Queirós, José Agudo cita a obra *A cidade e as serras*, que tem como protagonista Jacinto, que nada mais é do que o próprio “Fradique Mendes mais humano e por isso mesmo mais verdadeiro”, assim como já declarou, com as mesmas palavras, Jacomino Define.

José Agudo afirma que Fradique Mendes é um dos melhores tipos literários que há na literatura portuguesa, qualificando-o como um herói superior, tanto que a intenção de muitos de ser tornarem verdadeiras réplicas de Fradique acaba por levá-los a atingir traços caricaturais uns mais grotescos que os outros, pois homens comuns não conseguem atingir o patamar de superioridade em que Fradique se posiciona. No entanto, revela que como homem superior e não personagem, Fradique Mendes não representa a verdadeira superioridade masculina, deixando velada a homossexualidade do protagonista.

Em relação à segunda questão - “Será Fradique Mendes o tipo do elegante perfeito?” -, José Agudo diz que acredita ser possível afirmar tal suspeita, mas a confirmação seria apenas para a época do herói, uma vez que a elegância é uma questão de moda, que, portanto não tem regras fixas, mesmo porque os elegantes do tempo de Fradique “não usavam pulseiras com relógios nem braceletes metálicos nas pernas, porque ainda se não tinham feminizado como hoje”, momento em que os homens mantêm o rosto liso apenas para se distinguirem dos “lacaio, cocheiros e garçons”.

Mas considera que o tipo elegante de todos os tempos foi Petrônio, o “Árbitro das Elegâncias”, pois julga não ter havido ninguém que ousasse imitá-lo, - provavelmente referindo-se ao modo que o satirista e conselheiro de Nero decidiu pôr fim em sua vida - muito menos “neste século de automóveis, aeroplanos e máquinas de escrever”, ou seja, com tantas utilidades modernas que podem ser usadas para ostentar.

“Em resumo: Fradique Mendes é um tipo evolutivamente incompleto e falho.” É a consideração final de José Agudo, que explica este juízo pelo fato do protagonista ter começado a obter êxito com a criação dos poemas de *Lapidárias*, mas que posteriormente os renega, ou ainda pior, quando finalmente consegue atrair todas as atenções de seus contemporâneos para si, “morre estupidamente”, sem ao menos atingir o equilíbrio individual que estava prestes a conquistar.

José Agudo diz que Fradique Mendes, como um tipo literário, portanto, mantendo-o na posição que lhe pertence, “é um eminente irradiante” e conforme sua justificativa, percebemos que tal característica o inclui nas mais altas categorias, já que a prova de sua luminosidade elevada provoca o desejo frustrado de imitá-lo.

Contudo, José Agudo também reflete sobre a condição de Fradique Mendes como um tipo social e nesse aspecto declara que o herói é excessivamente sedutor, intenso, e por isso desperta tanta admiração. Mas, por outro lado, não deixa de resgatar a falta do equilíbrio final de Fradique Mendes, que resulta em uma espécie de ser improvável e desnecessário.

Podemos perceber o embate promovido por José Agudo contra Fradique Mendes, uma vez que a *persona* de José da Costa Sampaio tenta se sobressair perante a *persona* de Eça de Queirós, pois o considera um “tipo fictício, inverossímil e inútil”, ao contrário dele que, apesar de também ser uma criação literária, está mais próximo das condições humanas e contribui para a sociedade, através de sua militância contra as excentricidades dos intelectuais paulistanos, enquanto Fradique Mendes nem mesmo assume a autoria de seus poemas.

No entanto, José Agudo lembra que as ações de Fradique Mendes despertam interesse nos homens comuns, que não possuem os mesmos poderes para atingir suas façanhas, por isso se frustram. Nesse sentido deixa transparecer a elevação de Fradique mesmo em relação a ele.

2.14 Monteiro Lobato

José Renato Monteiro Lobato também foi um dos intelectuais a responder à enquete d’*O Pirralho*. Seu artigo resposta encontra-se na edição do dia 10 de abril do ano de 1915, quando o jovem escritor estava prestes a completar 33 anos.

Comparado aos outros inquiridos, Monteiro Lobato escreveu a apreciação mais poética, uma vez que foi fiel ao seu estilo e utilizou de figuras curiosas. Além disso, juntamente apenas com dr. Mello Nogueira, Lobato respondeu favoravelmente a todas as questões propostas.

O filho de José Bento Marcondes Lobato e Olympia Augusta Monteiro Lobato nasceu no dia 18 de abril de 1882, na cidade de Taubaté, estado de São Paulo. Monteiro Lobato tinha duas irmãs, Ester e Judith, quando jovem recebia atenção de seus avós, o Visconde de Tremembé e a professora Anacleta. Desde cedo já se despontava para as artes, além de ler histórias e recontá-las aos filhos dos empregados, também desenhava paisagens e caricaturas.

Monteiro Lobato adotou o nome de seu pai após a morte deste, principalmente por querer usar a bengala, cujas iniciais J.B.M.L. estavam gravadas. Em 1900, já órfão de pai e mãe, Monteiro Lobato foi estudar direito na Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo, para fazer a vontade do avô, visto que seu desejo era cursar a Escola de Belas Artes. Na capital morou com amigos numa república de estudantes batizada de Minarete.

Tendo aulas com o professor catedrático Pedro Lessa, que exerceu uma influência fecunda em sua trajetória, Lobato compreendeu que a liberdade de expressão e de pensamento eram imprescindível à dignidade humana e que o homem só deve se valer de seus próprios argumentos, jamais de injunções alheias.

Nesse sentido, aconselha seu amigo Godofredo Rangel: “Nada de imitar seja lá quem for. [...] Ser um Eça II ou um Ésquilo III, ou um sub-Eça, um sub-Ésquilo, sujeiras! Temos que ser nós mesmos, apurar os nossos Eus [...], sob o risco de sermos coisa nenhuma”. (AZEVEDO; CAMARGOS; SANCCHETTA, 1998, p. 31)

A literatura era o meio que o livrava do marasmo da vida acadêmica e com o passar do tempo foi encontrando mecanismos para expor seus ideais, já que “no início da vida

universitária Lobato apenas clamava contra a decadência generalizada. Agora, procura indicar os caminhos para superá-la.” (idem, p. 31).

E foi no jornal do *Centro Acadêmico Onze de Agosto*, de cuja comissão de redatores Lobato fazia parte desde o primeiro número, que ele professava sobre justiça e igualdade social.

Fundou a associação de oito membros denominada *O Cenáculo*, que organizava encontros literários e discutia sobre o grupo social que surgia: a classe operária. Para expor seus pensamentos, utilizava pseudônimos como Yewsky, Guy d’Hã e Hélio Bruma, para publicar no jornal chamado *Minarete* (assim como a pensão onde residia) da cidade de Pindamonhangaba.

Em 1904, vence um concurso realizado pelo Centro Acadêmico, graças ao voto de Amadeu Amaral, na época jornalista do *Correio Paulistano* e que mais tarde se tornaria companheiro de redação de *O Estado de S. Paulo*. Neste mesmo ano se formou Bacharel em ciências jurídicas e sociais.

No dia seguinte à formatura, retornou a Taubaté, onde se apaixonou por Maria da Pureza, de quem ficou noivo em 1906. Tornou-se promotor na cidade de Areias, mas não deixou de escrever para o jornal *Minarete*, além de *O Povo*, de Caçapava. Em 28 de março de 1908 casou-se com Purezinha com quem teve quatro filhos: Martha, Edgard, Guilherme e Ruth.

Ainda em Areias, no nascimento de sua primogênita, as voltas de 1909, a família passa por dificuldades financeiras e Lobato traduz artigos do *Weekly Times* para *O Estado de São Paulo*, além de colaborar na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro e remeter caricaturas para a revista *Fon-Fon*; seu conto “Bocatorta” é publicado na *Tribuna de Santos* e a partir de então começa colaborar para este também.

Com a morte de seu avô em 1911, Lobato herda a fazenda São José do Buquira, onde passava boa parte de sua infância e decide viver lá com sua família. Contudo, seus interesses estavam voltados para as artes da literatura e da pintura; talvez por isso teve dificuldades para administrar a fazenda.

No terceiro ano como fazendeiro, explode a Guerra Mundial, Lobato acompanha tudo através dos jornais que assina. Porém suas terras não rendiam uma boa lavoura, então começa a fazer estudos antropológicos, se indigna com as queimadas e protesta através da seção “Queixas e Reclamações” d’*O Estado de São Paulo*.

Através de sua linguagem irônica, seus escritos de então eram voltados à condição de vida do caboclo e tudo que se relacionava à vida no campo. Surge, assim, a personagem

caricatural Jeca Tatu, que se tornaria um expoente de toda uma fase da literatura brasileira, a partir do artigo intitulado “Urupês” em 23 de dezembro de 1914, seguido de “Uma velha praga”.

Novos convites são feitos a ele para colaborar em jornais e revistas, inclusive *O Pirralho*. Em contrapartida, se via farto da roça, mas antes de se desfazer das terras do Buquira, percebe o interesse das pessoas por temas da cultura popular, como o saci, além da necessidade de resgatar o elemento nativo brasileiro.

Em 1917, resolve vender a fazenda e se mudar para São Paulo, escreve para revistas e jornais, como a *Revista do Brasil* e até mesmo para *O Estado de S. Paulo* e em 1918 publica, por sua conta, o livro de contos *Urupês*. Também em 1918, conquistou seu ideal comprando a *Revista do Brasil*.

Em 1920, formou a editora Monteiro Lobato e Cia, que quatro anos mais tarde se transformou em a Companhia Gráfica Editora Monteiro Lobato, o que permitiu a publicação de outros livros de contos e propiciou o ponta pé inicial de sua obra voltada ao público infantil.

Em 1922, Lobato aceita concorrer à cadeira número 11, vaga com a morte de Pedro Lessa, da Academia Brasileira de Letras, porém desistiu de sua candidatura, explicando, no dia 15 de fevereiro desse mesmo ano, o seguinte:

A ideia da Academia [Brasileira de Letras] falhou por birra minha. Não quis transigir com a praxe lá – a tal praxe de implorar votos, e eles são extremamente suscetíveis nesse ponto. [...] Ora não há gosto em fazer parte de um grêmio de mentalidade assim e não pedi nada a ninguém; fiz mais: mandei outra carta desistindo da minha candidatura [...]. (AZEVEDO; CAMARGOS; SANCCHETTA, 1998, p. 198)

A partir de dificuldades oriundas primeiramente das crises políticas da cidade de São Paulo, em 1925 a empresa de Lobato entra em falência; fato agravador foi o cancelamento de uma encomenda feita pelo governo do presidente Arthur Bernardes de 20.000 exemplares de livros, por causa das críticas de Lobato ao político em seus artigos. Persistindo, Lobato fundou a Companhia Editorial Nacional e mudou-se para o Rio de Janeiro, mas seu senso crítico não mudou.

Em 1927, foi nomeado, pelo então presidente Washington Luís, Adido Comercial brasileiro em Nova York, para onde se mudou com a família. Encantou-se com o progresso norte-americano e buscou soluções para o Brasil, porém suas considerações não foram ouvidas pelo governo brasileiro. Em 1931, retorna ao Brasil, continua a defender seus ideais, mas não deixa de editar livros infantis.

Em 1932, no governo de Getúlio Vargas, Lobato ainda insiste com seus ideais ligados à indústria siderúrgica e à exploração do petróleo, mas agora se dirigiu para o povo através de propagandas, mas com tanta persistência o governo se voltou contra ele.

O ano de 1938 se inicia com a dor de perder o filho Guilherme, mas não desiste de pressionar o governo de Vargas para investir na exploração de petróleo. A insistência o levou à prisão em 1941, condenado a seis meses; permaneceu preso por noventa dias, o suficiente para que sua saúde se debilitasse. Solto continuou escrevendo, as tiragens de seus livros ultrapassaram um milhão de exemplares e se tornou conhecido em vários países.

Em 1943, Lobato perde seu segundo filho homem, Edgard. No ano em que finaliza a guerra, Lobato muda-se para a Argentina, especialmente pela decepção com o governo brasileiro, mas regressa um ano depois com a consciência de que a literatura infantil era o caminho para transformar o mundo, dizendo: “Escrever para crianças. Ah meu amigo, é admirável. Eu perdi tempo escrevendo para gente grande, que é uma coisa que não vale a pena.” (ROSA, 2002, p.29).

Em 3 de julho de 1948, Monteiro Lobato esteve na Livraria Brasiliense, onde comentou com seus admiradores: “Tenho muita curiosidade em verificar, pessoalmente, se a morte é vírgula, ponto e vírgula ou ponto final.” (idem, p. 31) e às quatro horas do dia seguinte, Lobato morre vitimado por um derrame, seu corpo foi velado na Biblioteca Municipal e sepultado no cemitério da Consolação.

Monteiro Lobato sempre foi um grande admirador de Eça de Queirós e nunca deixou de expressar sua afeição pelo escritor, assim como podemos comprovar na carta, já mencionada, que foi destinada ao seu amigo Godofredo Rangel.

Lobato foi influenciado pela prática habitual da Geração de 70 portuguesa, que foi um agrupamento acadêmico da cidade universitária de Coimbra composto por estudantes, entre eles Eça de Queirós, que vivendo em uma atmosfera boemia se reuniam para abordar assuntos variados, como política e cultura, e que ao discutirem literatura geraram polêmica ao introduzirem os preceitos realistas frente aos ultrarromânticos; tal disputa ficou conhecida como Questão Coimbrã.

Assim que licenciados e em Lisboa, os principais componentes da Geração de 70 formaram o grupo Cenáculo, ampliando seus propósitos e inventando uma personagem que representaria suas aspirações: Carlos Fradique Mendes. Liderados por Antero de Quental, o Cenáculo realizou as Conferências do Casino, espécie de réplica da Questão Coimbrã, porém

um pouco mais sistematizada, já que surtiu um manifesto, assinado pelos membros, que registrava suas intenções no jornal *Revolução de Setembro*.

Da mesma maneira e com as mesmas intenções, Monteiro Lobato, Lino Moreira, Tito Lívio Brasil, Albino Camargo Neto, Godofredo Rangel, Cândido Negreiros, José Antônio Nogueira e Ricardo Gonçalves fundaram o Cenáculo brasileiro, que conforme o pseudônimo Sheridan, de Lino Moreira, ironicamente explicita no jornal *Minarete*, era um grupo com “uns cacos de visões sombrias e fantasmas na cabeça e guiado pelo faro ignóbil e da imbecilidade [...] que nesta incultíssima paulicéia, [era] o escol, a gema puríssima nacional, o seletto, o acerado pensamento latino no seu esplendor máximo” (MOREIRA apud AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1998, p. 37)

Monteiro Lobato sempre contribuiu assiduamente para a imprensa jornalística paulistana, assim como era de costume entre os intelectuais da época, e foi dessa forma que ele pode participar de publicações em jornais como *O Pirralho* e *O Estado de S. Paulo*, uma vez que desenvolveu sua escrita neles, para posteriormente reuni-la em livros.

Praticamente todos os escritores do período (fins do XIX, início do XX) desenvolvem uma experiência intelectual bastante ligada à imprensa; quase todos são escritores e também jornalistas, quando não são primeiramente jornalistas. Para falar apenas no núcleo paulista, Lobato é conhecido inicialmente por artigos publicados com vários pseudônimos na imprensa do interior e da capital, assim como é n’O Estado de S. Paulo que publica “Velha Praga”, “Urupês”, e boa parte dos artigos, ensaios, polêmicas, que depois reunia em volumes como *Problema vital*, *A onda verde* e *O escândalo do petróleo e ferro*. (LEITE, 1996, p. 63)

Em vista disso, a enquete sobre o protagonista do admirado Eça de Queirós dispôs da participação de Monteiro Lobato, que teceu loas, caracterizando-o como homem de ação e sobretudo de pensamento. Foi o único a responder favoravelmente às três questões propostas pela enquete; ademais critica os outros jornalistas que responderam contrariamente.

Demonstrando erudição e seguindo seu estilo, que provavelmente é oriundo de sua afeição à arte da pintura, é possível constatar na resposta de Monteiro Lobato, assim como em toda sua produção literária, uma tendência ao pictural, já que é evidente em sua descrição da personagem o apelo visual, na medida em que concretiza o abstrato, ao utilizar metáforas para estabelecer relação de semelhança entre Fradique Mendes e um novelo de linha, ou um cedro.

Das três perguntas realizadas pelo inquérito d’*O Pirralho*, Monteiro Lobato preferiu começar pela última, referente ao tipo ideal de homem, que para ele é aquele que é desenvolto,

desembaraçado na vida e que sempre tem mais a oferecer, usando a metáfora do novelo para isso, da qual cabe a conotação de uma pessoa que faz de tudo sem grandes dificuldades, já que “se desenrola na vida”.

Para completar sua proposição, de modo irreverente, diz que falará de forma linda e “com maiúsculas”. Sendo assim, explana que para ele o ideal de homem é representado pelo que se distingue por sua sabedoria, perspicácia e equilíbrio; além disso, o sujeito deve sempre saber cultivar sua própria individualidade, para que ao morrer mereça o seguinte elogio póstumo: “foi um Homem!”.

Como já antecipou, utiliza a letra “H” em maiúscula para ressaltar que o tipo ideal de homem não é um ser humano comum, apenas pertencente ao sexo masculino, mas repleto de qualidades, que abarque todos os atributos louváveis possíveis; dessa forma, acaba agregando ao termo acepções virtuosas para significar além do aparente.

A segunda imagem que utiliza para fortalecer seu argumento é a árvore da floresta. A escolha do vegetal nos faz pensar no seu significado e, por isso, percebemos que ele carrega um sentido latente de vigor e vida, de perene regeneração e evolução, já que está sempre em ascensão ao céu, mas também se comunica com a terra, estabelecendo relação entre ambos, o que nos remete à sintonia entre o plano divino e o terrestre.

Podemos comprovar esse sentido a partir da descrição feita por Monteiro Lobato, que detalha o desdobramento da vida da árvore, que transcorre de forma lenta através dos anos, sem retrocessos até atingir “as últimas consequências”.

Para peculiarizar, o inquirido elege o cedro para fazer, posteriormente, as aproximações entre tal árvore e Fradique Mendes. Sendo assim, cria um cenário (provavelmente referindo-se à fazenda que vivia), onde vê o cedro no pasto através da janela, dominando o vale “em atitude de rei antigo”.

A escolha do cedro é emblemática, pois por si só ele já alude à grandeza, à imortalidade, à nobreza, à força e “em virtude de suas propriedades naturais, [o cedro] é, acima de tudo, um símbolo de incorruptibilidade” (CHEVALIER, 1994, p. 217)

O cedro, ao qual se refere e que simboliza o tipo de homem ideal, é soberano e experiente; em tempo algum foi submetido à poda, já que “nunca se viu conformado pela mão

do jardineiro”; portanto, não sofreu a interferência alheia em seu desenvolvimento, se moldou conforme sua própria natureza.

Além disso, “não teve cerquinha em torno quando menino, nem regras, nem adubos”; sendo assim, desfrutou da liberdade desde cedo, mas também não contou com benefícios que incentivassem seu progresso; cresceu, então, a partir de seu estímulo inerente e poder próprio conforme sua “lógica vegetal”.

O escritor diz que os galhos do admirável cedro se dividem altivamente, como se no ar não houvesse “uma geometria severa, de óculos, a lhe dosar a compasso o ângulo da galhada”; logo, como os galhos crescem em busca de energia, oriunda dos raios solares, eles se moldam conforme o ambiente e o espaço que os abrangem. Sendo assim, seu desenvolvimento se deu de forma livre, já que não houve intervenções que comprometessem seu progresso.

E como o cedro está livre do espaço reduzido bem como longe de olhos que possam reprimi-los na tentativa de traçar o ângulo correto de suas galhadas, o diâmetro de seu troco, entre outras imposições, o cedro se desenvolve e nada ou ninguém é capaz de perturbar sua “inflorescência”, seu progresso.

A partir da descrição do cedro, Lobato acaba fazendo um tutorial de como o homem deve agir para ser considerado ideal; portanto, necessita se desenvolver independentemente das opiniões de outrem, seguindo sua própria natureza ao respeitar à sua individualidade, pois só dessa forma, permitirá que “circule a seiva, ao dispositivo das fibras”, portanto, que a energia física e mental percorra toda a estrutura e disponha de firmeza de caráter.

Monteiro Lobato dá prosseguimento a sua explanação utilizando a laranjeira - que é símbolo da fertilidade, carrega a acepção de genitora e procriadora – para compará-la com o cedro.

Segundo ele, as laranjeiras do pomar padecem do mal da moldagem e da compressão do exterior, já que foram semeadas em viveiros para serem transplantadas ali, onde são “alinhas, enxertadas, podadas, caiadas, adubadas.”. A existência da laranjeira está ordenada apenas para uma função: dar frutos.

Tal incumbência possui uma essência nobre, mas para o inquirido não passa disso, uma vez que declara: “são criaturas mansas de um senhor, fecundadas no seu anual embolotar-se de saborosos frutos mas... laranjeiras”.

Monteiro Lobato destaca a elevação do cedro, considerado uma “Super-árvore”, frente às laranjeiras, ao dizer: “o cedro altivo as olha do alto”; em contrapartida, salienta a passividade, a inocência e até mesmo a espiritualidade das laranjeiras que são observadas como se fossem “as ovelhas de um rebanho”.

O respondente se insere no relato ao dizer: “eu, comendo a laranja, todo paladar para a fruta e todo esterco para o pé que a produz, é no vulto arrogante do cedro que regalo o Olho e a Ideia”.

Desse modo ele deixa transparecer sua insignificância não somente perante ao cedro, ao qual é fonte de inspiração ao ser contemplado, mas também perante à laranjeira, cujo fruto lhe serve de alimento, enquanto a ela considera ser útil apenas ao lhe oferecer fertilizante, ou até mesmo ser ele o adubo que a esterque.

E diz ainda, através de um enunciado repleto de hipérbato: “E se tenho mão de berrar em sua glória um *péan*⁷¹ com Evohés e Aves e Hurrahs é que – covarde laranjeira humana! – receio pare de trabalhar e me olhe com ar onde se lê: o patrão amo, que está louco! Aquele sórdido caboclo que lá está correndo a enxada correndo! No pomar.”

Ou seja, expressa sua aspiração em louvar o cedro através de um *péan*, que manifeste seu sentimento profundo de admiração, excitação e aprovação, capaz de saudá-lo como um deus, mas que por causa de sua covardia, equivalente à da laranjeira, se aflige pela possível reação de seu servo, que carpindo o pomar, ao ouvir as interjeições, saudações e honrarias, poderia pensar que seu patrão estava ficando louco.

Só a partir de então, introduz o nome da figura sobre quem se refere a enquete, ao questionar: “Ora, Fradique desenvolveu-se na vida como o cedro?”. Sem hesitação, Monteiro Lobato afirma que sim.

Mesmo antes de justificar sua afirmação, Lobato evoca o nome de Eça, dizendo que foi este quem biografou Fradique de forma harmônica e integral, sem omitir nenhuma particularidade e, ainda, declara que “foi lógica a sua eclosão [do biografado] no seio da vida. Logo, Fradique é um homem superior.”

⁷¹ Do francês - um hino

Esse primeiro argumento comprova a afeição de Lobato pelo escritor Eça de Queirós, ao tecer elogios pela forma que este descreveu a vida do protagonista de *A correspondência de Fradique Mendes*; e possivelmente, referindo-se ao momento de criação dessa personagem principal, Lobato diz que o seu surgimento foi coerente e condizente com as exigências, por isso ele pode ser considerado um homem superior.

Com a vantagem de ter sido um dos últimos a responder à enquete, Lobato retoma alguns conceitos dos outros interrogados, especialmente aqueles que destacaram como ponto negativo de Fradique o fato de ele não ser caridoso e preocupado com a condição humana.

Um dos inquiridos, cuja opinião se opõe a de Lobato, é Nuto Sant’Anna que entendeu que o ato de “caridade [de Fradique] assumiu proporções deficientes e contraproducentes”, já que para ele tal ação envolvia outra intenção, conforme explica: “Dar esmolas aos mendigos profissionais, na rua, ao pé de todos, para que todos vejam; por intermédio de algum jornal, para que todos saibam, ou mesmo em casa, por um laçao de libré, não é ser caridoso”.

Lobato, decerto por provocação, declara que nada faltou a Fradique nem “sequer o leito da bondade humana, a bondade do forte que é um dom, diversa da bondade de um fraco que é um calento”. Desta forma, fica evidente que Lobato, além de admirar Fradique, também o defendia; além disso, mostrava-se irredutível em seu juízo sobre o protagonista, já que nem mesmo opiniões contrárias o faziam mudar de ideia.

Para confirmar que Fradique foi belo, Monteiro Lobato diz que para ele basta acreditar em Eça, que gastou “seus melhores adjetivos para prová-lo”; além disso, comenta que o protagonista foi belo e são do corpo e da alma, uma vez que são agregados a ele, para que não fosse tido apenas como belo, a tríade de qualidades que Eça explora em todos os seus livros que são “o seu *rijo*, o seu *forte* e o seu *calmo*”. Portanto, destaca mais esses atributos que nos remetem às ponderações a respeito do cedro.

Quando o assunto é a riqueza de Fradique, Lobato lembra da herança que a “vovó dos Açoures legou-lhe”; além disso, menciona que juntamente com os bens o protagonista dispôs da “carta de alforria” e ambos os recursos lhe proporcionaram as peripécias da vida moderna.

Lobato elenca outros adjetivos de Fradique, como: inteligente, chistoso, humorista e fino, dizendo que para quem acredita nas palavras de Eça, suas correspondências comprovam tudo isso.

A característica “fino” é evocada por Monteiro Lobato, que prova conhecer o aspecto dândi de Fradique, tanto que ao dizer que este foi útil, atesta que ele ensinava não só a alegria e o amor à vida, mas também “ensinava aos homens a beleza do corpo e da alma”.

Mais uma vez, Lobato faz referências às respostas dadas anteriormente à enquete, em especial com forma de replica aos pareceres dos intelectuais que utilizaram o termo diletante, aplicado pejorativamente, para designar quem mantém uma atitude imatura, de amador, em relação a normas de ordem intelectual ou espiritual.

Desta vez Jacomino Define foi o alvo explícito, já que este disse: “Fradique representa o diletante rico e estéril, a borboleta irisada e irrequieta, a abelha que suga o mel de todas as flores, sem ao menos espalhar inconscientemente o pólen fecundo pelo mundo.” Sendo assim, Lobato contesta, dizendo que Fradique:

Procurava o âmago das coisas, fugindo assim à pecha de diletante que borboleteia pela rama; afundava dentro das ideias e das filosofias e dentro até das religiões, embebendo-se nelas, convictamente, de cada uma não esquece de o declarar seu biógrafo tirando um acréscimo de substância e em cada uma deixando algo do calor, da energia do seu elemento pensante. Como apodar de inútil a quem assim prestava o concurso de seu valor pessoal ao acréscimo dos tesouros mentais, levando um omnimodo óbolo a ubíqua torre de Spandau do pensamento humano?

Menciona também que Fradique, como ninguém, possui o mais apurado “faro da Realidade que faz distinguir no ‘nevoeiro de Londres’ da vida se o vulto informe diluído na bruma é a estátua do herói ou um entulho”, fazendo alusão ao capítulo V de “Memórias e notas”, em que o narrador fala sobre a percepção extraordinária da realidade que possui Fradique, citando alguns dizeres deste em uma carta para Antero de Quental, em que discrimina a realidade, aos olhos de um intelectual, a partir de uma comparação com o nevoeiro de Londres:

Somente o erro, a ignorância, os preconceitos, a tradição, a rotina e sobretudo a ilusão formam em torno de cada fenômeno uma nevoa que esbate e deforma os seus contornos, e impede que a visão intelectual o divida no seu exato, real e único modo de ser. É justamente o que sucede aos monumentos de Londres mergulhados no nevoeiro... Tudo isto vai expresso de um modo bem hesitante e incompleto! [...] Nas manhãs de nevoeiro, numa rua de Londres, há dificuldade em distinguir se a sombra densa que ao longe se empasta é a estátua de um herói ou o fragmento de um tapume. [...] Raras são as visões intelectuais bastante agudas e poderosas para romper através da neblina e surpreender as linhas exatas, o verdadeiro contorno da realidade. Eis o que eu queria tartamudear.” (QUEIRÓS, 2012, p. 80)

Depois de nos mostrar o que confidenciou Fradique a Antero sobre as visões aguçadas dos intelectuais que são capazes de identificar o verdadeiro contorno da realidade, o narrador conclui:

Pois bem! Fradique dispunha de uma dessas visões privilegiadas. O próprio modo que tinha de pousar lentamente os olhos e ‘detalhar em silêncio’ – como dizia Oliveira Martins – revela logo o seu processo interior de concentrar e aplicar a razão, à maneira de um longo e pertinaz dardo de luz, até que, se desfeitas as névoas, a realidade pouco a pouco lhe surgisse na sua rigorosa e única forma. (QUEIRÓS, 2012, p. 80-1)

O tema religião também não passa despercebido por Lobato, que conclui que dentre todas as verdadeiras religiões, como o Babismo, o Judaísmo, o Catolicismo, o Budismo, entre outras conhecidas por Fradique, a que ele foi melhor sacerdote foi a “Vida Toda Poderosa”.

Desta vez Lobato se refere à carta que Fradique enviou ao narrador, em que dizia: “Amo a Natureza [...] por si mesma [...] a que cada religião e cada filosofia deram nome diverso e que eu presto culto sob o nome de Vida. Em resumo, adoro a Vida [...] E a minha religião está toda no credo de Atanásio, com uma pequena variante: - Creio na vida todo-poderosa, criadora do Céu e da Terra...” (idem, p. 82)

Lobato ainda comenta sobre a curiosidade de Fradique, que o guiava a fazer grandes descobertas através da sua incansável propensão em explorar vários casos, e referindo-se *À correspondência de Fradique Mendes*, diz: “Bisbilhoteiro da bisbilhotice que leva a descobrir a América, enceleirou as melhores noções de todos os conhecimentos sem descambar em um erudito”.

Fradique expõe, na mesma carta ao narrador, sua opinião sobre o aspecto significativo do bisbilhoteiro: “Amigo meu, não despreze a bisbilhotice! Ela é um impulso humano, de latitude infinita, que, como todos, vai do reles ao sublime. Por outro lado leva a escutar às portas – e pelo outro a descobrir a América!” (idem, p. 85)

Para Lobato, o erudito extrapola ao extrair conhecimento das ciências e por isso se torna tedioso, já que “atinge o fastio e acaba com hemorroidas”. Porém, Fradique sabe dosar suas investigações e nunca vai além do momento em que atinge “uma emoção ou surpresa intelectual”.

Lobato elenca outros atributos de Fradique e afirma que em literatura alguma há um tipo mais emblemático de homem superior; além do mais, acredita que ninguém jamais poderia dizer que Eça não criou um herói empolgante.

O inquirido se dirige ao leitor, com a seguinte pergunta: “— Se te fosse dado, leitor, a moldar tua vida ao teu jeito, como querias ser?” e acrescenta que certamente a resposta seria semelhante a: “— Rico, belo, inteligente, criador, homem de ação, bondoso, forte, fino, elegante, amável, amado, saúde de aço, tipo 2 de torração...” e conclui que ainda assim seria menos que Fradique, cujas qualidades são ainda mais lapidadas pelo seu criador.

Então, Lobato conclui que, sem dúvida alguma, Fradique é um homem superior, já “quanto à realidade do tipo isto é outra questão”, sendo que é óbvio que Fradique Mendes é uma ficção, um tipo imaginário, mesmo porque na vida real existem ótimos Acácios e Pachecos, mas jamais Fradiques.

Para finalizar com sua ironia e provocação inerente, Monteiro Lobato diz: “Nas respostas anteriores vejo que se lhe nega o ‘tipismo’ de homem superior, o que pressupõe nos respondentes uma concepção mais apurada que a de Eça de Queirós”.

Sendo assim, justifica com a mesma carga irônica, que talvez seja por causa de pensamentos semelhantes aos dos inquiridos anteriores é que o mundo tenha progredido demasiadamente de Eça até então, ou o modelo de tipo superior pretendido por tais pessoas estivesse no nível do conselheiro Acácio, conhecidamente por sua convencionalidade e mediocridade, que representavam os políticos e burocratas portugueses.

Conclui, deixando explícita sua admiração por Fradique e também pelo seu criador, dizendo que não se envergonha em demonstrar sua inveja por aquele, tanto que trocaria o seu cargo de presidente da Comissão de Agricultura de Caçapava para se transfundir nele e “viver a sua vida um mês só que fosse”, mesmo sendo onde se encontrava, cevando porcos e tendo o cedro como único prazer estético. E caso aparecesse uma fada propondo uma metamorfose à Fausto, diria com todo entusiasmo e certeza: “quero ser Carlos Fradique Mendes, e já!”.

Por tecer verdadeiros enaltecimentos e demonstrar fascínio pela figura de Eça de Queirós, mas principalmente à personagem Fradique Mendes, fica evidente que o protagonista de *A correspondência de Fradique Mendes* seria a representação perfeita de homem, já que elenca as qualidades de Fradique de modo a provar sua superioridade frente ao homem comum e vai além ao reprovar pensamentos destoantes.

Monteiro Lobato, de forma lírica, cria uma das mais belas apreciações, não apenas pela forma elogiosa a Eça e a seu herói, mas por realmente compor de maneira apurada um texto repleto de imagens poéticas, através de um campo semântico que surpreendentemente nos

remete às principais características que possui o protagonista, e que conforme seus aspectos estilísticos são capazes de nos provocar encanto.

2.15 Adalgiso Pereira

A biografia de Adalgiso Pereira, apresentada aqui, é repleta de lacunas, pois seu nome não foi encontrado em nenhum dos recursos básicos que nos oferecem ao menos elementos mínimos sobre a vida de algum indivíduo, nem mesmo de um jornalista e escritor considerável de seu tempo, como é o seu caso.

Contudo, todos os dados referentes a sua vida, que aqui estão expostos, foram retirados de vários jornais e revistas contemporâneos a sua existência, que publicaram suas várias contribuições e algumas informações sobre sua vida pessoal.

Adalgiso Pereira foi jornalista, destacando-se como um dos redatores d'*O Estado de S. Paulo*; professor de língua portuguesa da Escola Normal e filólogo. Segundo a revista ilustrada mensal paulista denominada *Panóplia*, ele era um dos moços mais prometedores de sua geração, uma vez que foi um “perfeito conhecedor da língua, era esse purista educado sob o estilo impecável dos clássicos”⁷², seus atributos eram de tanto destaque que a revisão ortográfica da obra *Urupês* (1918) de Monteiro Lobato foi feita por ele.

Seu nome sempre figurou entre os dos ilustres homens de letras de seu tempo; suas conferências continuamente abriam os eventos da principal associação cultural de São Paulo, a Sociedade de Cultura Artística; esteve envolvido, como um dos acionistas, na organização do lançamento da *Revista do Brasil*; na revista *Vida Moderna* deu sua colaboração como crítico literário; contribuiu também para a revista *A Cigarra* e *O Pirralho*, além disso, foi sócio da Liga da Defesa Nacional.

Além de seus trabalhos para o jornal *O Estado de S. Paulo*, Adalgiso Pereira também contribuiu assiduamente para o *Correio Paulistano*, o *Diário de Santos* e o *Commercio de S. Paulo*, já em 1901, seu nome figura como inspetor literário do município de São José do Rio Pardo.

A partir do ano de 1908, o jornalista já não estabelecia residência no estado de São Paulo, mas sim em terras mineiras, onde foi redator-chefe da *Folha do Povo*, de uma cidade ao

⁷² *Panóplia* - dez. 1918, n. 6, p. 39

sul de Minas Gerais, na época denominada de Jaguary⁷³. Nesse estado brasileiro percorreu por outras cidades, como Ouro Fino e Santa Rita da Extrema, deixando rastros de suas produções.

A edição de 12 de dezembro de 1908 d'*O Estado de S. Paulo*⁷⁴ traz a notícia sobre o nascimento de Euclides, o primogênito de Adalgiso Pereira, fruto de seu casamento com Prudência Cardoso Pereira.

Passado um período sem que o jornal trouxesse o nome do escritor em suas páginas, certamente por estar morando no estado de Minas Gerais, em 28 de março de 1911, *O Estado de S. Paulo*⁷⁵ informa o falecimento do pequeno Euclides - nome dado, certamente, em homenagem a Euclides da Cunha, amigo “íntimo e inseparável⁷⁶” do pai da criança - ocorrido na cidade de Bragança. Além do filho precocemente morto, o casal também teve, pelo menos mais uma filha, Maria de Lourdes Pereira, nascida em 1912.

Em 1914, lecionava no curso preparatório da Escola de Farmácia e Odontologia de São Paulo e mantinha suas contribuições para jornais e revistas paulistas. Na segunda página do *Correio Paulistano* do dia 3 de junho de 1916 é publicada uma carta de despedida do presidente (governador) do estado de São Paulo pela partida de Adalgiso Pereira que regressava ao estado de Minas Gerais

Em Minas ficou por aproximadamente um ano, pois em 1916, foi convidado pelo presidente (governador) da Paraíba, Camillo de Hollanda, para contribuir com a reforma da instrução pública do estado. Não encontramos evidências de que tenha aceitado o convite, mas no mesmo ano de 1916 e no ano seguinte, seu nome ainda figurava em contribuições à imprensa paulista. Além disso, anunciava aulas preparatórias para os cursos secundários e superiores ministradas em sua casa, na rua Formosa, número 51.

Vitimado pela terrível epidemia de gripe que assolou o estado de São Paulo, o ainda muito jovem. Adalgiso Pereira morre, provavelmente no dia 13 de novembro de 1918, já que seu sepultamento ocorreu no dia 14 desses mesmos mês e ano, conforme noticiado no *Correio*

⁷³ *Comércio de S. Paulo* – 28 mar. 1908, n. 466, p. 2

⁷⁴ *O Estado de S. Paulo* – 12 dez. 1908, n.10960, p. 3

⁷⁵ *O Estado de S. Paulo* – 28 mar. 1911, n. 11791, p. 4

⁷⁶ *Correio Paulistano* – 12 jan. 1925, n. 22077, p. 4

*Paulistano*⁷⁷. Sua morte foi intensamente sentida; houve muitas mensagens em homenagens a ele e de pêsames a sua família nas páginas de vários veículos da imprensa paulistana.

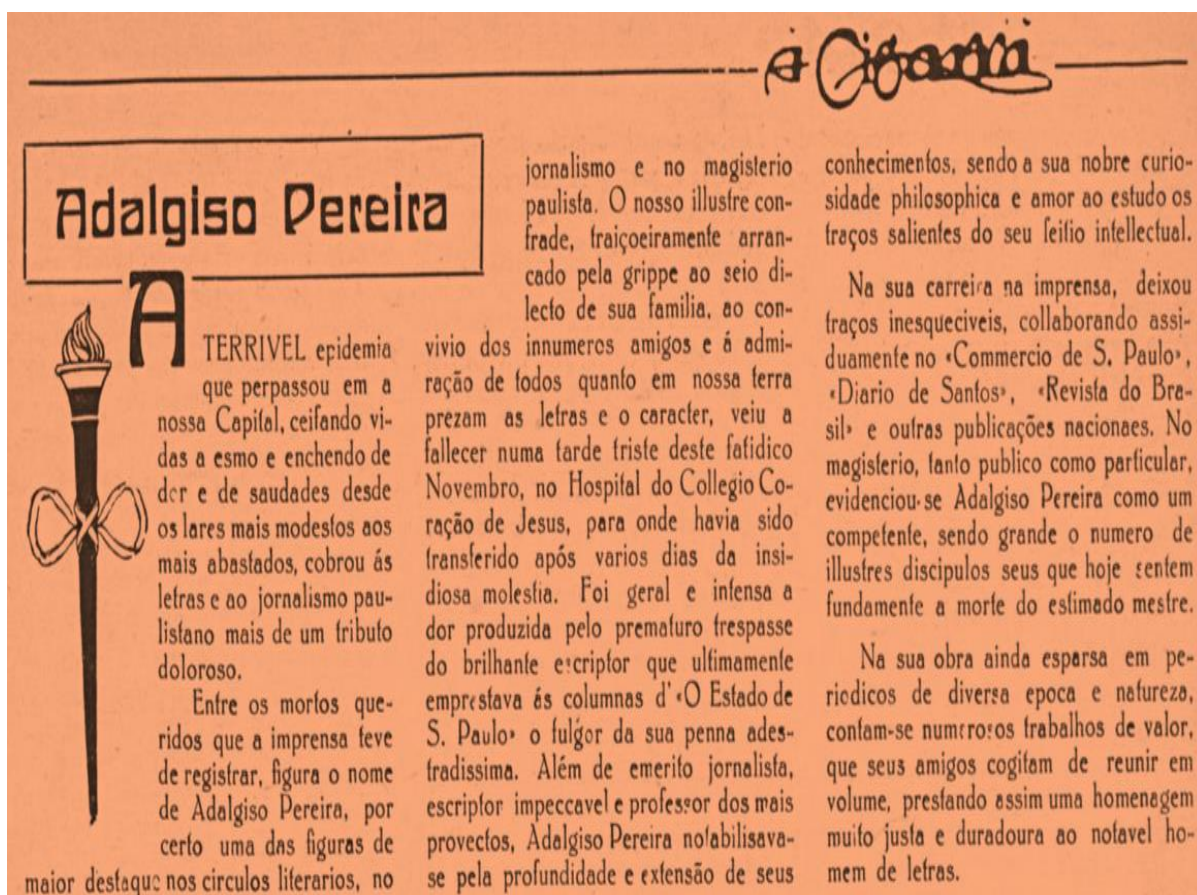


Figura 28 - *A Cigarra* – último volume de 1918, n. 102, p.17.

Não são muitas as contribuições de Adalgiso Pereira para *O Pirralho*; no entanto, seu nome integrou o conjunto de intelectuais que concederam seus pareceres à enquete sobre Fradique Mendes. Sua apreciação assemelha-se a um diálogo com a equipe do jornal e seus leitores, que apesar do tom coloquial, traz menções relevantes de *A correspondência de Fradique Mendes*, que evocam a criação da personagem; além disso, incorpora ao seu parecer elementos ficcionais.

Fazendo referência à obra, Adalgiso Pereira diz que Fradique Mendes é fruto de uma fórmula criada por Teixeira Azevedo, que na verdade é o cognome de Jaime Batalha Reis, utilizado por Eça de Queirós ao referir-se ao amigo n' *A correspondência de Fradique Mendes*.

⁷⁷ *Correio Paulistano* – 15 nov. 1918, n. 19888, p. 3

Porém, antes de chegar a esse nome, o professor diz não se lembrar se a fórmula pertence ao Junqueiro ou ao Quental, aludindo aos companheiros da Geração de 70, Guerra Junqueiro (1850-1923) e Antero de Quental (1842-1891), que assim como Jaime Batalha Reis, ou melhor J. Teixeira de Azevedo, fazem parte da vida do protagonista.

Mesmo remetendo à obra ao apontar essas pessoas que estão presentes na narrativa, ele cita os nomes de dois dos três criadores da personagem, no caso Teixeira Azevedo, que como sabemos é Jaime Batalha Reis e Antero de Quental; ambos os escritores, juntamente com Eça de Queirós conceberam por volta de 1868 e 1869 a personagem. Fradique Mendes, assim que criado, mais tinha status de heterônimo coletivo e só foi adquirir personalidade própria quando retomado individualmente apenas por Eça, ainda que mantendo o arquétipo original.

A receita exata da qual surgiu Fradique Mendes, segundo Adalgiso Pereira, é “um bocado de Larousse⁷⁸ diluído em água de Colônia”, claramente uma alusão da passagem em que o narrador comenta a relação, um tanto quanto turbulenta, entre Fradique e J. Teixeira de Azevedo.

Tais personagens possuíam personalidades distintas e, por isso, discordavam em tudo, tanto que Azevedo, diferente de muitos, não se sentia deslumbrado com a inteligência do protagonista e, conseqüentemente, o define dessa maneira, para expressar que as mais variadas formas de seu refinamento não o maravilhavam, ao contrário, o enervavam, mas ainda assim reconhecia que ele era interessante. Podemos comprovar tal episódio por meio da seguinte fala do narrador:

E o último companheiro da minha mocidade, que se relacionou com o antigo poeta das “Lapidárias”, foi J. Teixeira de Azevedo, no verão de 1877, em Sintra, na Quinta da Saragoça, onde Fradique viera repousar da sua jornada ao Brasil e às repúblicas do Pacífico. Tinham aí conversado muito, e divergido sempre, J. Teixeira de Azevedo, sendo um nervoso e um apaixonado, sentia uma insuperável antipatia pelo que ele chamava o “linfatismo crítico” de Fradique. Homem todo de emoção, não se podia fundir intelectualmente com aquele homem todo de análise. O extenso saber de Fradique também não o impressionava. “As noções desse guapo erudito (escrevia ele em 1879) são bocados do Larousse diluídos em água-de-colônia”. E enfim certos requintes de Fradique (escovas de prata e camisas de seda), a sua voz mordente, recortando o verbo com perfeição e preciosidade, o seu hábito de beber champanhe com *soda-water*, outros traços ainda, causavam uma irritação quase física ao meu velho camarada da Travessa do Guarda-Mor. Confessava porém, como Oliveira Martins, que Fradique era o português mais interessante

⁷⁸ A Grande Enciclopédia Larousse Cultural; a monumental e singular obra foi criada por Pierre Athanase Larousse, o mais famoso enciclopedista francês.

e mais sugestivo do século XIX. E correspondia-se regularmente com ele - mas para o contradizer com acrimônia. (Grifos nossos) (QUEIRÓS, 2012, p. 67-8)

Dando prosseguimento ao assunto, Adalgiso Pereira diz que pouco importa quem criou a fórmula que originou Fradique Mendes, o que realmente interessa é a sua exatidão e nesse quesito, o professor afirma tê-la averiguado e por isso pode concluir com segurança que: “É precisa. É cabal. É perfeita.”, mas confessa que para chegar a esse resultado fez suas intervenções, restringindo alguns termos da enciclopédia e os compensando ao ampliar a latitude.

Nesse sentido, Adalgiso Pereira diz que o resultado da fórmula composta de “dois dedos do Larousse macerados em água de Colônia” é o suficiente para se obter um tipo admirável, como o autor das *Lapidárias*. No entanto, acredita que Fradique não valha a atenção, nem mereça os créditos recebidos, quando comparados aos gastos de “tanto de papel e tinta” que a equipe d’*O Pirralho* estava fazendo os plumitivos gastarem.

De modo a dar continuidade e credibilidade a sua fabulação, Adalgiso Pereira estimula os leitores a explorarem o mesmo procedimento tomado por ele e experimentar desenvolver a fórmula que resulta tipos como Fradique Mendes.

Contudo, faz uma ressalva aos interessados na alquimia inovadora, que tenham o cuidado em não errarem na dosagem dos elementos que entram em sua composição; caso contrário, ao saírem pelas ruas, encontrarão falsos Fradiques a cada esquina, ou seja, “Fradiques encharcados em águas mais ou menos de Colônia e, quanto a Larousse, nem pinga!”.

Todavia, Adalgiso Pereira diz considerar o afilhado de Madame de Jouarre uma pessoa interessantíssima; não sente antipatia por ele, tampouco o menospreza. Mas logo declara que não o considera um tipo representativo, ou alguém que se deva ter como espelho e acrescenta que seria desnecessário enumerar suas razões, pois significaria o mesmo que reeditar as concepções já apontadas em depoimentos anteriores ao seu no referido inquérito.

Assim como Amadeu Amaral, Adalgiso Pereira desconfia da real intenção da enquete; enquanto aquele a enxerga como uma proposta de discussões filosóficas acerca do conceito de vida superior, este, não muito diferente, acredita que a finalidade é colher “dados referentes a uma aceitável idealização de vida autenticamente superior”, por isso propõe que Fradique seja tratado como um poeta.

Além do mais, enxerga a possibilidade de esboçar seu ponto de vista sobre o tipo ideal “capaz de suportar com galhardia a responsabilidade tremenda que implicam as duas sílabas deste malbaratadíssimo vocábulo – homem!”.

Reconhece que será uma tarefa complicada, já que se trata de uma concepção que se busca efetivar há mais ou menos dois mil anos e desde então, gerações de pensadores, anteriores até mesmo a Aristóteles, têm dedicado, em vão, a atenção à questão. Trata a solução do conceito como sendo uma verdadeira esfinge e como não se considera um Édipo, presume que não esperam dele a decifração.

Mesmo se questionando sobre a valia de se voltar às origens para tentar desvendar a incógnita proposta pela equipe do jornal, o professor deseja que sua solução provisória possa contentá-la; mesmo porque, segundo ele, se trata apenas de um “modesto parecer”, que tem por objetivo revelar que o homem genuinamente representativo da espécie se concretiza conforme o período em que vive e tratando-se de seu tempo, ele considera que seja aquele “ente apenas concebível, ultraterreno, inverossímil mesmo, que... não tem dívidas!”.

Menciona que caso milagrosamente haja um homem que não possuía dívidas, este fato já será o suficiente para que se configure sua superioridade; diz, ainda, que tal concepção aparenta apenas ter um alcance secundário, mas com um pouco de reflexão é possível perceber que ela traz consigo tudo o que há de mais positivo no planeta: a nobreza, a elevação, a dignidade, ou seja, tudo de “legitimamente super-humano”; além disso, acredita que não é possível atingir esse “alevantado ideal”.

Para finalizar, fabula outra situação: diz que está finalizando uma tese que desenvolve justamente a teoria do “Não dever” e que não dará mais detalhes de seu conteúdo para que todos meditem sobre a questão, enquanto sua obra-prima não está disponível para todos.

Adalgiso Pereira utiliza-se das palavras do único opositor, mas também amigo, de Fradique Mendes na obra, que é J. Teixeira de Azevedo. A menção está estritamente relacionada ao fato do protagonista ser considerado uma criação literária, que só tem vida dentro do livro e por meio das palavras; por isso é associado ao dicionário enciclopédico.

Apesar de considerá-lo um tipo admirável e interessantíssimo, o inquirido não acredita que Fradique seja um tipo representativo, tampouco que deva ser concebido como referência aos “aspirantes a super-homem ou coisa equivalente”.

2.16 Juó Bananére

Alexandre Ribeiro Marcondes Machado escreve para a enquete, quando tinha apenas vinte e três anos. O estudante de engenharia civil da Escola Politécnica da USP, nascido no interior de São Paulo, na cidade de Pindamonhangaba no dia 11 de abril de 1892, ocupou o posto de Oswald de Andrade em 1912, a convite do próprio, quando este viajou para a Europa.

Certamente Oswald de Andrade não imaginava que o substituto de seu pseudônimo Annibale Scipione, fosse tão bem recebido, inclusive excedendo seus méritos e chegando ao ponto de ser considerado o principal representante do espírito do jornal.

O sucessor, assim que compõe a equipe de colaboradores de *O Pirralho*, adota a caricatura de Juó Bananere para prosseguir com a coluna denominada *As cartas d'Abax'o Piques* escrita até então por Scipione, precursor do macarrônico.

O macarrônico é considerado uma língua criada a partir do falar do imigrante italiano que se relacionava com os habitantes da cidade de São Paulo; provavelmente aqueles oriundos do interior do estado, por causa do êxodo rural causado pelo avanço da economia impulsionada pela produção cafeeira; já que o que sobressai é o sotaque caipira que se mistura à língua italiana.

O barbeiro Juó Bananére é figura popular e representante da colônia italiana na cidade de São Paulo das primeiras décadas do século XX, foi criada por Voltolino e, mais tarde usufruída por Marcondes Machado.

Inicialmente Bananére surgiu como uma caricatura gráfica de Voltolino, bem ao estilo arquetípico do ítalo-paulista: “gorducho, baixo, com vastos bigodes, espalhafatoso, às vezes sentimental ou melancólico, quase sempre preocupado em alcançar alguma projeção social” (LEITE, 1996, p.145) e ainda, (ANTUNES, 1998, 419) “o traço cômico, tanto na cabeleira desgrenhada e nas pernas arqueadas como na bengala e no cachimbo fumarento”.



Figura 29 - *O Pirralho* - 4 dez. 1911, n. 13, p. 6

Posteriormente, Alexandre Ribeiro Marcondes Machado adota Juó Bananére como pseudônimo em suas crônicas e compõe juntamente com a caricatura de Voltolino a *persona* visual e verbal, que expressa a vida do imigrante italiano não só através de seu biótipo, mas especialmente a partir de sua particularidade ao utilizar o código verbal, entrecruzar as línguas portuguesa e italiana e criar expressões macarrônicas, para servir de instrumento para a crítica, na medida em que satiriza a vida social, política e cultural de São Paulo.

Juó Bananére, n' *O Pirralho*, obteve muita representatividade e foi a partir dele que tanto o semanário, quanto ele próprio alcançaram reconhecimento e prestígio pelo tom irreverente que empregava em suas publicações, que foram mais de 300, em que:

[...] parodiando praticamente todos os tipos de textos de imprensa periódica e diária para abordar satiricamente os mais variados aspectos da vida social e cultural, da política, da história e, naturalmente, da literatura [...] e é graças ao(s) texto(s) que a personagem se torna o 'expoente literário' da cultura paulistana (ANTUNES, 1998, p. 420-21).

O feito de Juó Bananére foi tão significativo, que nem Annibale Scipione, seu antecessor, tampouco Juó Larangére, seu sucessor conseguiram realizar com tamanha maestria:

Só a presença de Juó Bananére nas suas páginas constituía uma nota viva de irreverência e demolição. Foi *O Pirralho* que lançou esse escritor tão original e pitoresco em dialeto macarrônico ítalo-brasileiro, cujas crônicas de inventiva desopilante prepararam terreno para o Modernismo, ridicularizando muitos valores formais em que repousava então a nossa literatura. Mais tarde, em 1916, Juó Bananére seria substituído na seção “Cartas d’Abaixo Piques” por Juó Larangére, pseudônimo de Geswaldo Castiglione, que nas crônicas do “Pirralho Macarrônico” jamais atingiria o mesmo grau de humor de seu antecessor, esse que na vida civil foi o pacato cidadão Alexandre Marcondes Machado.” (BROCA, 1956, p. 229)

Aos sete anos de idade, Marcondes Machado e seus pais Dr. José Francisco Marcondes Machado e Mariana Ribeiro Marcondes Machado foram para Araraquara, onde ele começou a compor sátiras que eram publicadas em jornais do interior; mais tarde foram para Campinas, onde o rapaz fez seus cursos preparatórios.

A partir de 1913, quando começou o curso superior, se mudou para a capital. Concluiu os estudos graças aos esforços de sua mãe, que mesmo viúva, com nove filhos para educar, instalou uma pensão e formou oito de seus filhos.

A geração de intelectuais à qual pertencia Marcondes Machado exerceu forte influência na imprensa jornalística, já que a grande maioria dos escritores renomados desenvolveram suas primeiras experiências escrevendo para jornais:

Alexandre Marcondes Machado, antes de ser literato, é jornalista, popularizando Juó Bananére nas páginas de *O Pirralho* e em outras publicações esporádicas; apenas mais à frente é que reuniria em livro as crônicas e paródias macarrônicas. (LEITE, 1996, p. 63)

Apesar de não ter descendência, mantinha contato com os imigrantes italianos e sempre munido de elementos culturais e históricos associados aos linguísticos, além de sua audácia inerente, Juó Bananére conquistou os leitores d’*O Pirralho*, jornal identificado pelas contribuições de Marcondes Machado, que colaborou também para o jornal *O Estado de S. Paulo* entre outros.

Sua estadia como colaborador do jornal *O Pirralho* foi um pouco conturbada, apesar da seção *O Rigalegio* ser criada por ele, indícios de censura do então presidente Hermes da Fonseca e pressões do jornal, fez com que fosse substituído por Domenico Caguira e pouco depois encerrada. A partir de outubro de 1914, Bananére retorna ao jornal escrevendo crônicas humorísticas nas *Cartas d’Abaixo Piques*.

Curiosamente, na edição seguinte, Marcondes Machado declara, em português, mais um dos possíveis motivos de seu afastamento do jornal que o consagrou; desta vez, a incompatibilidade foi com o diretor Baby Andrade e explica seu retorno, já que os antigos diretores, Define, Dolor e Oswald, haviam retomado o posto.

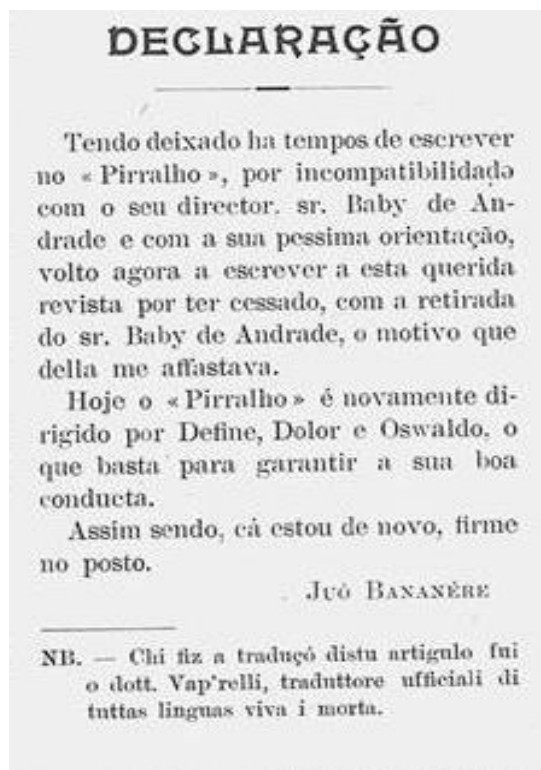


Figura 30 - *O Pirralho* - 10 out.1914, n. 156, p.5

E mais uma vez a figura de Juó Bananére se ausenta d'*O Pirralho*. Em seu lugar é lançado Juó Laranjére, pseudônimo de Geswaldo Castiglione. Leite (1996, p.149) comenta a respeito: “Em 1915, Alexandre Ribeiro desliga-se do jornal, não sendo muito claras as explicações para o seu afastamento, em geral associadas ao desagrado de figuras eminentes por ele satirizadas”, já que “alguns críticos chegaram a insinuar que a saída de Alexandre Machado de *O Pirralho* deveu-se às críticas a Olavo Bilac, num momento em que não podia contar com o apoio do amigo Oswald de Andrade”. (ANTUNES, 1998, p. 428)

Apesar de não manter nenhuma coluna n'*O Pirralho* desde 1915, há publicações de Juó Bananére até meados de 1917. Ainda que não contribuísse com tanta frequência para *O Pirralho*, Marcondes Machado continuou sua atividade em outros jornais e revistas, como *O Queixoso*, *O Estadinho*, edição da tarde d'*O Estado de S. Paulo*. Sem deixar de comentar que

fez trabalhos diversos como sua obra de renome *La divina encrenca*, além de peças de teatros, gravações de discos recitando, cantando e fazendo discursos políticos.

Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, amplamente conhecido como Juó Bananére, faleceu no dia 22 de agosto de 1933, com apenas 41 anos de idade, a doença que o vitimou foi a anemia perniciosa, que por vezes o fez se ausentar do trabalho. Sua morte ocorreu na cidade de São Paulo, onde seu corpo foi sepultado, no cemitério da Consolação. Era casado com Diva Mello Barreto, porém não deixou filhos.

Sempre com um tom irreverente, espontâneo e principalmente por sua particularidade, ou seja, sua nuance cômica através do dialeto macarrônico, Juó Bananére é o décimo sexto, portanto o último colaborador a responder às questões da enquete literária a respeito de Fradique Mendes, ou Frederico Mendeso, conforme ele cognominou a personagem de Eça de Queirós segundo seu dialeto. E é considerado o intelectual que se destacou em sua contribuição ao inquérito pelo crítico literário Wilson Martins (1978, p.23), que diz: “A melhor resposta é a de Juó Bananére, a 1º de maio [...]”

A apreciação de Juó Bananére sobre Fradique Mendes é muito emblemática, pois tanto avaliador quanto avaliado possuem princípios e características em comum: são *personas*, espécies de alter egos de seus criadores, ambos ganharam vida e identidade próprias ao se transformarem em personalidades individuais, desvinculadas de seus criadores assim que suas ideias e produções são difundidas.

Salvo o traço humorístico tão peculiar de Juó Bananére, em suas observações referentes a Fradique, também estão recalcadas proporções significativas de depreciação e escárnio, especialmente quando deixa expressa certa rivalidade perante outro ser, que assim como ele é uma ficção. Talvez por isso, Juó Bananére condene exatamente a dimensão ficcional de Fradique Mendes, na tentativa de desconstruí-lo e invalidar as peculiaridades dessa personagem que é precisamente o seu oposto, no que concerne ao seu modo de vida e atributos.

Percorrendo as vias da comicidade, o relato transparece a perspectiva sobre o que seria uma figura ideal, conforme a concepção de um simples imigrado na cidade de São Paulo. Foi justamente essa a intenção de Oswald de Andrade ao convocar Juó Bananére a responder à enquete, pois tinha a certeza da jocosidade e também das sutilezas empregadas por essa *persona* que sempre conseguia mimetizar o que poderia ser a visão de mundo de um barbeiro dado às letras que, sem rodeios, diz o que pensa.

Juó Bananére faz a avaliação do protagonista Fradique Mendes de um modo que oscila entre o elogio velado e a reprovação escancarada, uma vez que reconhece nele predicados que o homem comum não dispõe, mas, em várias outras ocorrências, tece descréditos ao protagonista, no sentido de que este não faz versos chiques e nem possui a sabedoria tão louvável quando comparado a outras personagens de época.

Juó Bananére sempre busca rebaixar Fradique Mendes e o que sobressai de sua apreciação é que o protagonista d'*A correspondência de Fradique Mendes* não é capaz de ações tão extraordinárias, mas também não pertence ao mesmo plano dos homens comuns, pois se destaca entre eles.

A todo momento Juó Bananére relata que tantas qualidades como as encontradas em Fradique só são possíveis na ficção; deste modo, ele quer lembrar que a literatura tem suas especificidades, dificilmente encontradas na vida real e que o fato de uma personagem apresentar características tão distintas e excepcionais quando contrastadas com os seres comuns, na verdade, demonstra o anseio de muitos escritores, que conscientes da impossibilidade da existência efetiva de um ser tão magnífico, o realiza onde é concebível, ou seja na literatura, através de suas criações.

Bananére considera Fradique Mendes como sendo uma criação ficcional inverossímil, por não se aproximar harmoniosamente de atos, pensamentos, costumes, enfim de todas as condições de pessoas comuns, e, portanto, não corresponder à realidade.

Tal ponderação pode demonstrar a tentativa de desconstruir a personagem tida como alter ego de Eça de Queirós, uma vez que considera aceitável uma *persona* ter proximidade com o homem comum, assim como ele; contudo, um ser que extrapola todos os limites convencionais não é cabível nem mesmo na ficção.

Sendo assim, Juó Bananére faz uma defesa de si próprio, que apesar de também ser uma criação ficcional, no caso uma *persona* de Marcondes Machado, se distingue de Fradique por ser um homem comum, imigrante italiano residente em São Paulo, além de possuir família e ser trabalhador, afinal, tudo que a *persona* de Eça de Queirós não é, já que Fradique é um cosmopolita, dândi, vive à custa de sua herança e não tem família, portanto, não representa a maioria da sociedade em suas mazelas, assim como ele.

Porém, devemos levar em conta que a questão de Fradique ser considerado ficção por Bananére, como sendo uma imperfeição do protagonista, não muda o fato de que ele é um herói, que age, pensa e escreve;

A análise de Bananére foi sistemática, seguindo a ordem feita pela enquete. Em relação à primeira pergunta: “Será Frederico Mendeso um tipo representativa da vida superior?”, ao invés de simplesmente responder a questão, Bananére logo a classifica como mal formulada, pois percebeu a ambiguidade contida nela, principalmente pelo uso da palavra “representativo”, fazendo com que a pergunta possa ser entendida de, pelo menos, três maneiras distintas. Segundo ele, representativo pode estar relacionado ao teatro; a pessoa que tem representação social e ainda aquela que tem existência real e está representada acima da sociedade.

Essa problematização levantada por Juó Bananére referente à má formulação da pergunta, especialmente em relação à palavra representativo, é própria das sátiras, uma vez que explora múltiplos sentidos da palavra, chegando a significados que não são exatamente os propostos.

Em seguida, começa a fazer as eliminações possíveis. O primeiro a ser eliminado é o teatro, pois Bananére diz conhecer todos os melhores atores e atrizes, “o Arruda, [...] o Brandó Sobrigno, a Rosina Storocchio”; sendo Arruda e Brandão Sobrinho atores e empresários, donos de companhias teatrais e Rosina Storchio, uma artista lírica italiana. Porém entre eles não há nenhum Frederico Mendeso, dessa forma, não é um ator.

Contudo há outro nome, Frederaxi⁷⁹, que segundo ele é “centefóra du Piranga” (ou seja, Friedenreich, centroavante do time do Ypiranga, tido como a primeira grande estrela do futebol brasileiro) e assume que não sabe se são as mesmas pessoas, podendo Frederico Mendeso estar usando tal pseudônimo.

A segunda opção a ser descartada é sobre a representação social, Frederico não poderia pertencer a esta esfera, visto que para isso deveria ter de, entre outras coisas, participar de enterros de pessoas influentes; entretanto Juó Bananére, que procura demonstrar sua proximidade com a alta sociedade, diz também não conhecer nenhum Frederico nesta área.

⁷⁹ Arthur Friedenreich (18 de julho de 1892 – 6 de setembro de 1969). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arthur_Friedenreich. Visitado em: 3 set. 2017.

E cumprindo sua inclinação jocosa, diz que caso a pergunta se refira ao terceiro aspecto destacado, então quem a formulou cometeu uma “asniéra”, uma vez que fica claro que se trata de uma personagem de um romance e não um ser real, pois quem lê a “Currispundenza du Frederico Mendeso”, pode comprovar isso facilmente.

Simulando ser um leitor literal, ao questionar as perguntas realizadas pelo inquérito, Juó Bananére aponta que quem elaborou o questionário fez, na verdade, uma asneira, ou seja, formulou questões tolas. E como sabemos o idealizador da enquete, alfinetado por Bananére, foi exatamente Oswald de Andrade, a quem estava substituindo.

Além disso, esclarece que tal personagem não pode ser real, pois “Illo non é né o Duardo Prado, né o Eça né nada, come quere dizé argunos troxa.”. Com esta justificativa Bananére diz não acreditar que os elementos biográficos de *A correspondência de Fradique Mendes* sejam pertencentes a pessoas reais, tampouco que Eça pudesse ter utilizado o nome Fradique Mendes como pseudônimo, dele inclusive; como por exemplo, considerou Gomes dos Santos em seu parecer, e que agora é tido como trouxa por Bananére por ter pensado assim.

A interrogação feita pelo inquirido - “Andove giá si vi un uómo chi cunhece profundamente tuttas riligió do l’Universimo?” - demonstra o caráter superior em relação ao homem comum que Fradique possui, visto que, a partir da leitura da obra, percebemos que Fradique, por ser um autêntico cosmopolita, se inseria como nativo nos países que visitava e por isso tinha o prazer em conhecer as religiões próprias de cada um deles; tal circunstância é destacada por Bananére, uma vez que faz com que ele desconfie da existência de um ser assim.

O caráter destacado por Juó Bananére corresponde, por exemplo, à viagem feita à Pérsia, onde se tornou adepto ao Babismo, nome dado, no ocidente, a religião messiânica fundada naquele país.

Fradique, com toda a singeleza, confessou que se demorara tanto nas margens do Eufrate, por se achar casualmente ligado a um movimento religioso que, desde 1849, tomava na Pérsia um desenvolvimento quase triunfal, e que se chamava o babismo. Atraído para essa nova seita por curiosidade crítica, para observar como nasce e se funda uma religião, chegara pouco a pouco a ganhar pelo babismo um interesse militante – não por admiração da doutrina, mas por veneração dos apóstolos. (QUEIRÓS, 2012, p. 56-7)

Ou ainda as inúmeras vezes em que são feitas referências a capítulos e versículos bíblicos, assim como uma de suas cartas endereçadas a Clara, na qual discute profundamente preceitos do budismo em comparação ao catolicismo. Sendo assim, o assunto religião é

intensamente abordado na obra e por isso ganhou destaque também na resposta de Juó Bananére.

No entanto, para Bananére o fato de um homem conhecer todas as religiões existentes também não passa de um disparate. E mantendo a tentativa de denegrir as virtudes de Fradique para enaltecer as suas, o inquirido diz que nem mesmo ele, que teve o privilégio de relacionar-se com “Pietro Caporale”, ou seja, Pedro (Alvares) Cabral foi capaz ao menos de conhecer os dez mandamentos, quiçá conhecer todas as religiões.

A partir dessa declaração, podemos perceber a utilização da paródia no discurso de Juó Bananére, uma vez que uma das singularidades de Fradique Mendes foi ter conhecido homens importantes, como Baudelaire; no caso destacado por Bananére, a analogia é estabelecida na relação de amizade entre ele e Pietro Caporale. Além de tudo, declara que ajudou “Gristoforo Golombo”, ou seja, Cristovão Colombo, a descobrir a América. Tais ocorrências fantásticas são comuns no discurso de Juó Bananére.

Sendo assim, o esforço de Juó Bananére em se destacar em detrimento de Fradique Mendes, fez com que utilizasse elementos parodísticos para criar um episódio fictício, sem se preocupar com o evidente anacronismo estabelecido, já que diz ter ajudado Colombo a descobrir a América e por isso conhece o catolicismo.

Em seguida, Juó Bananére acaba por classificar o narrador de *A correspondência de Fradique Mendes* como sendo o próprio Eça de Queirós: “O Eça dize també che illo fui o migliore poete do l’Universimo, o migliore jogadore de futebola, che tenia o intomobile maisi ‘xique’ i éra o uómo mais inlegante do mundo i tamê che sapeva tuttas cosa.”.

Enquanto Monteiro Lobato considera aceitáveis e satisfatórias as palavras de Eça em relação a Fradique, Juó Bananére demonstra duvidar de todas elas, exatamente pelos excessos cometidos na sua caracterização, dizendo: “Che garganta! per Baccho!!”. Desta forma, Bananére manifesta conhecer o discurso que prioriza a superioridade da personagem, mas desconfia dele, tanto que o ironiza.

É realmente excepcional o encanto que Fradique Mendes exerce sobre o narrador, cujo discurso é elaborado para que os leitores sejam arrebatados pelo mesmo fascínio que outrora o havia cativado. No entanto, Juó Bananére parece ameaçado por tantos atributos que enceta uma desmoralização de Fradique Mendes.

O narrador enaltece os poemas das *Lapidárias*, que foram o motivo do interesse dele pela figura do poeta; além disso também exalta a impecável elegância - proveniente do

fenômeno do dandismo, do qual o protagonista era adepto - e a inteligência superior que o distinguiam.

No entanto, o requisito de melhor jogador de futebol (associado à semelhança entre os nomes Fradique/Frederico e Friedenreich/Frederaxi) e proprietário do melhor automóvel são condições erigidas por Juó Bananére, talvez para acentuar ainda mais os predicados do protagonista, causando um efeito sarcástico e, para assim, possuir mais elementos que possam contribuir para a desconstrução do protagonista.

Em tom de deboche, Bananére fala sobre os versos, o futebol, o automóvel, a elegância e por fim, a sabedoria de Frederico Mendeso, comparando esses elementos que foram delegados ao protagonista a outras personalidades conhecidas e sinceramente admiradas por ele, por realmente possuírem cada uma dessas características.

P'ra illo sê tuttás istas cósa seria prciso che illo facesse versos tó xique come o Gilio Pignére, che agiugasse a futebola uguali come o Cesara, que tivesse um intomobile maise gotuba da “baratigna” do Xiquinho, chi fosse maise inlegante do Duardo (o Petroleo) i chi sapesse maise do Ri Barboza. Eh! sapé maise do Ri Barboza!! che bobagi! né o Larusse non sabe maise do Ri Barboza, aóra o Frederico é chi á di sapê!!...

As pessoas aludidas por Bananére dispõem verdadeiramente de atributos memoráveis, conforme seus critérios; como Rui Barbosa, que além de ser real, característica importante para Juó, também é amplamente reconhecido por ser um verdadeiro polímata.

Ao querer expressar que é humanamente impossível uma única pessoa reunir todas essas virtudes, nem mesmo sendo tão aceitável na ficção, Bananére acaba discorrendo sobre o que para ele seria uma personagem.

Através de uma manifestação metalinguística conceitua que uma coisa é ser personagem, outra bem diferente é ser uma personagem de ficção e por isso tece considerações de cunho teórico, uma vez que deixa sua opinião sobre o que é cabível em um protagonista ao concluir: “O Frederico non passa di um tipo indiale, uma criaçó literarima, sé pé né gabeza”.

Elenca outras circunstâncias relacionadas à vida factual, na qual temos que encarar certas situações que nos colocam a par da dura realidade, pela qual Fradique Mendes não passa, como por exemplo, trabalhar e ter contas a pagar. Por isso, viver futilmente, apenas fazendo versos e outras frivolidades, assim como Fradique, não passa de uma esperança frágil para Bananére, “una grandississima mintira!”.

A partir de então, Juó Bananére, na intenção de desmascarar Fradique Mendes, começa a tecer comparações entre o estilo de vida do protagonista e de pessoas normais e reais, se colocando como uma delas, que na verdade não passa de uma personagem também, mas que possui características comuns aos seres humanos normais e não tão elevadas quanto Fradique Mendes.

Para isso explica como é a sua rotina, que segundo ele, culmina com a de muitos outros; como por exemplo, ao acordar “a genti levanta de manhã cidigno lava a gara, si vesti” e logo é chamado por um vendedor de verduras, ou ainda pior, pelo dono do boteco fazendo cobrança.

Por outro lado, ao baterem à porta de Frederico ao invés de ser um vendedor ou um cobrador, na verdade “é a Deusa da Billeza ammontada ingoppa un cisnio brango chi vê ti afazê una diclaraçó d’amore [...]”

Já no almoço, enquanto Fradique desfruta das mais requintadas iguarias, como ironicamente relata: “língua de begiaflôre insopado com xampagna”, os simples mortais comem “fijó, arroiz i carne!! Si tive! Si non tive vai cavá un armoço di meia gara nu Zan Bento.”

Assim como durante o dia, enquanto Fradique lê poesias, conversa sobre literatura e anda a cavalo, todos trabalham como animais e no máximo andam de bonde: “Durante o die, penza chi é p’ra apassá o die intirigmo leno puisia, cunversáno litteratura, a cavallo inzima das nuvola? una óva! Tê di cavá a vida o die intirigno, atrabagliado chi né um animalo. Atomobile, tacsí, né nada! É alli, inzima do bondi si quizé”.

A partir das considerações de Juó Bananére a respeito das distinções entre os costumes de Fradique e de uma pessoa comum, é possível perceber os elementos satíricos que incorporou a sua descrição da personagem.

Logo no capítulo VI de “Memórias e notas”, o narrador nos apresenta com riqueza de detalhes os hábitos de Fradique, a partir de sua luxuosa rotina:

De manhã, às nove [...], Smith rompia pelo quarto de Fradique, abria todas as janelas à luz, gritava: - *Morning, Sir!* Imediatamente Fradique, dando de entre a roupa um salto brusco que considerava “de higiene transcendente”, corria ao imenso laboratório de mármore, a esponja a face e a cabeça em água fria [...]. Depois enfiando uma das cabaia de seda [...], estirado numa poltrona, aos cuidados de Smith que [...] enquanto o ensaboava e escanhoava, Smith ia dando a Fradique um resumo nítido, solido, todo em fatos, dos telegramas políticos do *Times*, do *Standard* e da *Gazeta de Colônias*. [...] Tomava então seu chocolate; e recolhia à biblioteca. [...] À uma hora almoçava, com a sobriedade de um grego, ovos e legumes; e depois, estendido no divã, tomando goles lentos de chá russo, percorria nos jornais e nas revistas as crônicas de arte, de literatura, de teatro ou de sociedade, que não eram da competência de

Smith. [...]De tarde subia ao Bois conduzindo o seu faetonte ou montando a “Sabá” uma maravilhosa égua [...] E a sua noite (quando não tinha cadeira na Ópera ou na Comédie) era passada nalgum salão – precisando sempre findar o seu dia entre o “efêmero feminino”. (QUEIRÓS, 2012, p. 98-99-100)

E a partir de então, temos a dimensão da paródia que Juó Bananére formulou com base na descrição dos hábitos diários do protagonista realizada pelo narrador de *A correspondência de Fradique Mendes*. Sua paródia pode demonstrar a intenção de consolidar ainda mais a crítica a respeito da impossibilidade de se viver como vivia o protagonista.

Em seguida, Juó Bananére se preocupa em responder a outra questão “Non sendo o Frederico Mendeso un tipo reppresentativo da vita superiore, quale é na pinió de vostra incellenza o tipo perfeito?”

Sua resposta é repleta de banalidades cômicas, uma vez que considera que para um homem ser perfeito, ele precisa necessariamente dispor de cinco qualidades: “1) Non sê molhere; 2) sê xique e inleganti; 3) tê talentimo; 4) sabe p’ra burro; 5) afazê a barba nu migno saló”.

Bananére explica que a primeira condição é indispensável, o fato de não ser mulher já demonstra que o indivíduo não carrega consigo os defeitos próprios delas, como “a pocrisia, a traiçó, a pôse, a iguinoranzia, ecc, ecc”. Tais imperfeições consideradas inerentes às mulheres podem, na verdade, estar relacionadas às decepções com sua esposa. Portanto, para Bananére não sendo a mulher um tipo representativo de vida, já é uma grande vantagem.

A segunda condição é ser chique e elegante; para Bananére possuir esses dois adjetivos faz com que o indivíduo esteja de acordo com as tendências do momento, relacionadas ao traje que usa, aos ambientes seletos que frequenta e aos costumes que cultiva.

Por isso, a elegância, para Bananére, está na pessoa, que morando em São Paulo, vai todas as noites no balé do Municipal, passa a tarde tomando aperitivos no centro da cidade “i s’imbora p’ra gaza di tacsí.”

Para ser chique, a pessoa deve se vestir e se portar conforme as convenções da moda, ou seja, “andá di botigna di vernicia, gollarigno ingomado, tê um granometro Pateco-fillipo i afasê o gorso na Vinida tuttos die di tardi ecc, ecc”.

Podemos notar que a segunda condição apontada por Bananére para que o indivíduo seja considerado um tipo representativo de vida superior remete ao estilo de vida preconizado

pelo dândi, estereótipo encarnado por Fradique, mas que Bananére não faz menção ao avaliá-lo.

A terceira condição é o talento, tal exigência é classificada como a mais indispensável do indivíduo perfeito, até mais do que a primeira. Para isso, a pessoa que intenciona ser considerada como um tipo representativo de vida, deve possuir mais talento do que Rui Barbosa; além disso, destaca que ser chique e elegante de pouco vale, quando comparado ao talento.

Para exemplificar utiliza a figura do presidente Hermes da Fonseca, ao dizer que mesmo ele sendo “xique e inlegante p’ra burro nunga sará un uómo perfetto”, pois o “Hermeze non tê talentimo”. Dessa maneira, nas páginas d’*O Pirralho*, se configura mais uma de suas críticas à imagem deste homem público, já que o jornal obteve reconhecimento pela postura de oposição estabelecida contra tal político.

Contudo, diz que apenas o talento não se faz suficiente para que o indivíduo alcance a perfeição, uma vez que o talento deve ser acompanhado da sabedoria, “pur causa che un gamerata chi tê talentimo ma non sabi nada tambê non presta”. Dessa vez, a pessoa que representa essa situação é seu filho Beppino, considerado por Bananére um rapaz de muito talento, até mais que Rui Barbosa, “ma é um grandississimo vagabondo”.

Por fim a última condição, é a capital, porque quem não faz a barba no seu salão, não reúne todas as outras condições, ou seja: “non é xique, né inleganti, non tê talentimo i non sabi nada”.

Para finalizar, Juó Bananére alega que suas considerações também são “asniéras”, uma vez que todas as condições elencadas por ele, que são tidas como essenciais para que um indivíduo seja considerado como um tipo representativo de vida superior, na verdade, não são possíveis, pois uma pessoa assim não existe, logo, “é una fricçó”, bem como Fradique Mendes.

Por outro lado, “fricçó” pode ser entendida como fricção, que coloquialmente poderia ser entendida como uma masturbação mental, uma bobagem e não abrangendo apenas o significado de uma ficção, uma criação literária. Portanto, Bananére deixa latente que essa discussão toda em torno de Fradique Mendes é coisa de quem não tem o que fazer, de quem está preocupado com superficialidades.

Nesse sentido, Juó Bananére adota uma postura que contrapõe as discussões feitas em torno desse homem superior

De acordo com a avaliação feita por Juó Bananére podemos perceber que, por várias vezes, a intenção é desconstruir os atributos do protagonista. Há momentos em que o inquirido alcança sua finalidade, especialmente quando faz comparações entre o objeto da enquete e outras personalidades admiradas por ele.

No entanto, o que sobressai da avaliação de Juó Bananére, principalmente pela sua conclusão, é que Fradique Mendes é um herói completo, com tantas qualidades e habilidades que personalidades como ele só existem na ficção.

2.17- Apanhado dos pareceres.

Finalizados os comentários e a apresentação de cada um dos dezesseis pareceres, evidenciou-se a necessidade de estabelecer um produto final dos elementos marcantes que sobressaíram, aos nossos olhos, da enquete que teve Fradique Mendes como objeto de pesquisa.

Nesse sentido, decidimos criar parâmetros de modo a traçar um diálogo entre os pareceres. Destacar os pontos recorrentes nas respostas é uma de nossas preocupações e, nesse sentido, devemos realçar que poucos foram os entrevistados que responderam sistemática, completa e diretamente as três questões propostas pel’ *O Pirralho*, o que nos permite depreender a versatilidade do formato viabilizado pelo veículo.

Referente a cada uma das questões, observamos que a primeira delas, “*Será Fradique Mendes um tipo representativo da vida superior?*”, é respondida pela maioria dos inquiridos; no entanto, podemos notar certo conflito de opiniões que não se estabelecem apenas em dois polos.

Há quem afirme com veemência que Fradique é um tipo representativo de vida superior, a ponto de considerá-lo um “super-homem”, ou um homem “plenamente” superior, já que foi “coerente e condizente com as exigências de seu tempo”. Além disso, a superioridade de Fradique é vista como tão óbvia que o teor da enquete é questionado.

Por outro lado, argumentos discordantes ressaltam o egoísmo e a excessiva ambição de Fradique, que também é tido como um esteta/diletante e por essa razão não possui as três principais características de um tipo representativo de vida superior, que são: “inteligência, caráter e coração”; para mais, é declarado que Fradique não é um tipo representativo de “coisa alguma” e que não vale sequer a atenção recebida pel’ *O Pirralho*.

Nesse sentido, a partir dos comentários das respostas à enquete, um lado avesso de Fradique Mendes, ou seja, contrário a sua suposta superioridade e distinção frente aos outros homens, vai se desvelando.

Contudo, raciocínios hesitantes também são encontradiços. Alegações do tipo: “talvez” Fradique seja um ideal de vida superior; Fradique “parece ser um tipo representativo de vida superior”; Fradique é “um pretendido super-homem” e ainda, Fradique “parece ser um cavalheiro muito distinto e apreciável”, permeiam as apreciações.

Porém, a argumentação mais controversa é a que considera “irritante a perfeição de Fradique”, pelo fato de ele não cometer “erros” e por esse motivo torna-se impossível ser considerado um representante de algo ou alguém, quanto menos de um tipo ideal de vida superior.

Nessa primeira questão a condição de criação literária já é abordada. Por isso, muitos discursos pendem para o mesmo sentido ao chegarem a conclusão de que Fradique não pode ser considerado um representante de vida superior, tampouco de vida inferior, mas de vida fictícia.

Fradique também é tido como um estranho misto de Dom Quixote e Sancho Pança, mas um dos melhores tipos literários, já que muitos tentam imitá-lo. Além disso, há quem reconheça as qualidades de Fradique, mas simplesmente declaram que tal personagem não é um tipo de herói de sua preferência.

Já a segunda pergunta, “*É Fradique Mendes um elegante perfeito?*”, é a mais negligenciada das três questões realizadas por *O Pirralho*; cinco dos inquiridos nem ao menos tocou no assunto.

Fradique foi considerado um elegante perfeito por alguns que justificaram da seguinte maneira: “veste-se com sobriedade e elegância”; “foi um elegante perfeito por dentro e por fora”; “se destaca pela variedade de figurinos, resultantes das modas de todos os tempos e sociedades” e “fino, elegante, foi belo, esteta. Ensinava a beleza do corpo e da alma”.

Em contrapartida, os que não consideraram perfeita a elegância de Fradique alegaram, por exemplo, que a única condição que impediu tal qualificação foi pelo motivo de Fradique não ter tido uma morte elegante como a de Petrônio, considerado o maior elegante de todos os tempos; ou então, por não ter “a elegância de seu tempo e de sua roda”, já que era um “pedante

inteligente” e ainda, pela sua condição de homem erudito, pois a erudição não permite que ele seja um elegante perfeito, uma vez que “a ignorância é o dom supremo da elegância”.

E a terceira pergunta, “*Em caso de resposta negativa, qual é o tipo ideal de homem?*”, é praticamente respondida por todos, com exceção apenas de Moacyr Pisa, que não faz menção alguma a essa pergunta e de Ricardo Severo, que diz não poder responder à questão, por precisar retornar ao serviço.

Houve apenas três respostas em que Fradique Mendes figurou como o tipo ideal. Dr. Mello Nogueira afirma que por ser considerado um super-homem, Fradique, inevitavelmente, é um modelo ideal. C. de Andrade e Almeida diz que o herói d’*A correspondência de Fradique Mendes* é um tipo ideal, pelo fato de ser constantemente imitado. Já Monteiro Lobato diz que por ser Fradique desembaraçado como um novelo e por ter se desenvolvido na vida como um cedro, é ele um tipo ideal.

Por outro lado, Fradique Mendes não é considerado um tipo ideal pelo outros respondentes, seja por ser ele apenas um ideal mórbido, ou por possuir um brilho efêmero, ou ainda, por ser um tipo evolutivamente incompleto e falho, mesmo porque não assumiu seus poemas e morreu estupidamente, ou então, simplesmente porque não há tipos ideais.

Mais uma vez a dimensão ficcional de Fradique Mendes é levada em consideração. Sendo assim, o protagonista não é encarado como um modelo ideal por ser um “tipo fictício, inverossímil e inútil”.

Sendo assim, um dos pontos mais recorrentes nas apreciações sobre Fradique Mendes é o fato de ser ele uma criação literária, uma personagem de pura ficção e tal condição fez com que alguns dos inquiridos não o considerassem um tipo representativo de vida superior, tampouco um modelo de homem ideal.

Outra reincidência nas apreciações dos respondentes é o reconhecimento da força da influência de Fradique Mendes (fradiquismo) na vida dos seus contemporâneos. Vários dos inquiridos destacam que Fradique foi imitado por muitas pessoas, mas vãs foram as tentativas, já que “muitos Fradiques ficaram em incubação” e “nem para serventes de amassadouro [eram] prestadios”.

Então, é possível afirmar, a partir da leitura da enquete, que houve nela um movimento plural, uma vez que, por um lado, ao propor uma discussão em torno de uma personagem

famosa, que encarnava um comportamento burguês da época, assentado em estilo elegante, sofisticado e frívolo, por vezes, ia ao encontro das aspirações de uma parcela da sociedade de elite da época e, por outro encontrava na enquete uma possibilidade de questionamento de condutas, valores e pensamentos postos.

Caso Fradique não fosse considerado um tipo ideal, os respondentes deveriam apontar quem, para eles, seria; Jesus Cristo, Buda e Zarathustra foram considerados os melhores representantes de homem ideal. Eça de Queirós e Camões também foram lembrados, assim como Jacinto de *A cidade e as serras* e Pacheco, personagem que foi assunto de uma das cartas d'*A correspondência de Fradique Mendes*, porque este sim representa a “quinta-essência do homem contemporâneo”.

Apenas Dr. Mello Nogueira e Monteiro Lobato responderam positivamente às três questões propostas pel’*O Pirralho*. No entanto, sem dúvidas, a apreciação de Lobato se destaca, não somente pela poeticidade empregada, mas especialmente por manter seu estilo arraigado ao momento literário.

Além disso, Lobato demonstra profundo conhecimento das produções de Eça de Queirós, expresso principalmente na utilização da imagem do cedro. Para o escritor português, todas as referências positivas têm a ver com a natureza e o cedro é a mais positiva das comparações.

Há também pareceres que, à primeira vista, aparentam não se prender com exclusividade à personagem de Eça de Queirós, objeto da enquete, mas que põem em xeque a proposição do jornal, que parece dar como certo o que é polêmico, como o significado de “vida superior” e de “elegância”.

O perfil dos convidados a participarem da enquete parece ser a reunião das características do objeto da enquete. Isso fica evidente ao termos conhecimento de seus dados biográficos, uma vez que a partir deles, as semelhanças de personalidade, os interesses e a sensibilidade sobressaem aos olhos depois de já termos os traços de Fradique Mendes em nosso imaginário. Tal situação não foi mera casualidade, com toda certeza Oswald de Andrade planejou todo esse cenário.

Dentre os mundanos, elegantes, escritores, intelectuais, nobres, amantes da arte, especialmente da literatura, cosmopolitas e até mesmo estrangeiros convidados a responder à enquete sobre Fradique Mendes, é provável que o dr. Mello Nogueira fosse o inquerido que

mais apresentava equivalência com o protagonista; talvez por isso, tenha demonstrado profundo encanto por ele em sua apreciação.

Abordar a obra de um autor português de extrema importância para a nossa antiga metrópole, num momento em que o nacionalismo estava em ascensão não é indiferente; por isso, essa particularidade não pode passar por despercebida, especialmente se tratando de Fradique Mendes, que é a encarnação do cosmopolitismo. Logo há de se questionar: Eça de Queirós é um líder ou alguém a ser vencido por aqui?

Desse modo, também nos atentamos às alusões feitas sobre Eça de Queirós; sua “engenhosidade”, sua “imaginação rica e harmoniosa”, seu poder de “observador sagaz”, seu “sutil realismo” e seu modo de biografar de forma “harmônica e integral” o empolgante herói Fradique Mendes foram lembrados e expressamente elogiados.

Alguns dos respondentes já pronunciaram análises teóricas sobre a questão da heteronímia, pois declararam que Fradique Mendes foi “o próprio Eça na sua primeira fase”, que tal personagem “é a personificação de todas as aspirações e convicções do autor” e “como criação literária Fradique é o Eça”.

Mas, também nesse sentido, o escritor português é criticado, uma vez que mostrou sinais de fraqueza ao querer se imortalizar na sua personagem e por isso é acusado de não querer que os leitores vissem Fradique, mas o admirassem, “a ele Eça e não a Fradique”. Eça de Queirós também é tachado de falastrão ao criar declarações descomedidas ao tentar exaltar Fradique Mendes, assim como observa Juó Bananére: “Che garganta! Per Baccho!”.

Percebemos que os respondentes mais velhos não deixam de louvar Eça de Queirós, que era tido como uma sumidade na cultura luso-brasileira, certamente porque viveram o ápice do prestígio da literatura de Eça; ao passo que, os mais novos, por mais que o vangloriem, deixam transparecer a admiração por ouvir falar do escritor. Fica evidente que o autor d’*A correspondência de Fradique Mendes* para os respondentes mais jovens não tem a importância que teve para aqueles que acompanharam sua carreira vinte anos atrás.

Alguns dos inquiridos tinham projeção, notoriedade e crédito no momento em que a enquête foi lançada, outros eram secundários, tão-somente aspirantes ou encontravam-se em fase final de carreira, mas não são ninguém no âmbito literário.

No entanto, o que fica perceptível é que os autores que possuem um capital simbólico elevado enxergam nessa oportunidade uma chance de prestar reverências a Eça de Queirós. Posto isso, o modo que cada um dos inquiridos considera o legado de Eça de Queirós varia, assim como a intervenção a respeito de sua personagem Fradique Mendes.

Houve alguns respondentes que se evadiram do assunto principal da enquete, dando margem a outras reflexões. Claramente as principais divagações se aproximaram de pensamentos filosóficos. Percebemos que os respondentes, que fugiram dos parâmetros propostos pela enquete, acabaram por tecer comentários ricos, que abordavam as questões de forma mais completa e não se prenderam apenas ao argumento de que Fradique Mendes é meramente uma personagem de ficção.

As respostas apresentam um estilo de escrita que evidencia peculiaridades comuns do período Pré-Modernista; muitas delas exprimem um tom risível aos olhos de hoje, outras, em contrapartida, demonstram um teor altamente filosófico, erudito e nacionalista, mas de forma geral acabam por discutir a realidade social, seja através de feições críticas ou satíricas, ou ainda de vertente nacional-localista.

Algumas das personalidades que participaram da enquete possuem obras memoráveis, que apenas esporadicamente são lembradas, mas raramente são estudadas e reconhecidas, nem mesmo como representativas do Pré-Modernismo, como as publicações do mais célebre dos inquiridos, Monteiro Lobato, que possui inegavelmente obras que dialogam com questões mais relevantes daquele momento.

Conhecendo detalhes da vida de cada respondente, percebemos seu temperamento e temos contato com seu perfil psicológico, o que contribui para entendermos o sentido de sua intervenção. Por isso, é possível afirmar que a vida pessoal interfere de forma significativa para a construção dos artigos-resposta que compuseram a enquete.

Além disso, percebemos que a profissão de alguns dos inquiridos também se sobressai nos discursos, como por exemplo, Ricardo Severo, que tentando se eximir da culpa de ter demorado a responder à enquete, atribui ao seu ofício de engenheiro a dificuldade em atender ao pedido d'*O Pirralho*.

José da Costa Sampaio, o único contador dentre os inquiridos, na pessoa de José Agudo, seu pseudônimo, também manifesta seus conhecimentos profissionais ao avaliar a postura de Fradique Mendes, ao dizer que o herói “é rico mas não sabe gerir nem aplicar a sua fortuna”.

Moacyr Pisa foi o único a declarar não ter lido *A correspondência de Fradique Mendes* no entanto, diz que poderia perfeitamente fingir familiaridade com o herói objeto da enquete, mas prefere manter sua reputação de “crítico de processos originais” e deixa claro que a militância exercida em sua função de escritor satírico e de advogado aclamado não poderiam sofrer descréditos por conta de inverdades.

A enquete em si se torna tema de divergência dentre os pareceres. Enquanto Cláudio de Sousa, por exemplo, demonstra duvidar da valia do inquérito, ao dizer que não reconhece o “proveito” e a “volúpia” que pode resultar a enquete d’*O Pirralho*; Pedro Rodrigues de Almeida declara que “curiosa e interessante é, sem dúvida, a enquete do Pirralho sobre Fradique Mendes”.

Sendo assim, podemos depreender que *O Pirralho*, através de sua enquete sobre Fradique Mendes nos possibilitou a constatação não apenas das inúmeras características do objeto do inquérito, mas também de como Eça de Queirós era recebido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletirmos sobre aquilo que chamamos de recepção literária da obra *A correspondência de Fradique Mendes*, na figura de seu protagonista, através da enquete realizada pelo *O Pirralho*, concentramo-nos no discurso crítico, por meio dos artigos-resposta que compuseram tal inquérito, na intenção de contribuir para a historiografia da literatura luso-brasileira.

Conduzimos nossa pesquisa nos respaldando principalmente nas alegações de Brito Broca, que, em seus estudos sobre a vida literária brasileira do 1900, destaca a magnitude do predomínio da literatura de Eça de Queirós em nosso meio e revela que *O Pirralho* teve papel imprescindível para que esse fato se consolidasse; tudo porque, encontramos nele a enquete sobre Fradique Mendes, considerada uma das últimas mostras da moda do escritor entre nós nesse período.

Esclarecemos que, em nossas considerações, jamais tivemos a intenção de desvalorizar a influência de Eça de Queirós, tampouco de suas obras e personagens nos dias atuais; longe disso, buscamos comprovar que, mesmo depois de cerca de quinze anos após sua morte, sua presença e o predomínio de sua arte ainda regiam o âmbito literário brasileiro, como se o escritor português estivesse em plena atividade e exercendo uma espécie de influência física entre seus leitores.

Além disso, a questão levantada por nós, baseada nas ponderações de Brito Broca referente ao fato admirável da enquete sobre Fradique Mendes realizada no *O Pirralho* ter sido um dos últimos indícios da mania nacional que foi Eça de Queirós no Brasil, num momento em que a história da nossa literatura estava prestes a ser revolucionada, não muda o fato de que a presença e a influência de Eça de Queirós permanecem e, indubitavelmente, conservar-se-ão vivas entre nós e nossos pósteros.

A partir da delimitação do *corpus* desse trabalho, percebemos a necessidade de determinarmos em aspectos cruciais que nos levariam ao melhor desenvolvimento do que nos propusemos executar, ou seja, o comentário dos artigos-resposta que compuseram a enquete sobre Fradique Mendes.

Para tanto, enfocamos a cidade de São Paulo dos anos finais do século XIX e das duas primeiras décadas do século XX, que marcaram a vida de seus habitantes pelas constantes revoluções e avanços significativos em todas as esferas que interferiram no convívio de sua gente, principalmente no domínio cultural.

Nesse contexto, é inegável a relevância do semanário *O Pirralho*, uma vez que seu caráter inovador e irreverente permitiu, entre outras questões, que sua atividade se destacasse também na esfera literária, nesse momento em que a nossa literatura encontrava-se em fase de aprumo rumo à solidez, configurando o Pré-Modernismo, que foi muito bem representado por tal veículo, a ponto de prenciar conceitos modernos.

A partir da enquete sobre o protagonista d'*A correspondência de Fradique Mendes* comprovamos mais uma manifestação da presença de Eça de Queirós no círculo literário brasileiro. No entanto, fez-se indispensável, também, a legitimação da influência exercida pelo escritor em outras fontes primárias.

Percebemos que há uma sinalização de que não só Eça de Queirós estava se aproximando do Decadentismo, mas também há uma certa queda na produção do Realismo-Naturalismo do escritor. Nesse ângulo, o Eça de Queirós valorizado e elegido para que houvesse a discussão através da enquete não é aquele grande escritor de *Os Maias* e d'*O primo Basílio*, mas aquele que aparenta estar desiludido, mais aliado e em diálogo com obras como *A cidade e as serras*.

Nesse sentido, podemos configurar o clima literário e do tipo de literatura que se cultivava em São Paulo nesse momento. Por isso, a realização da enquete serve como representação desse universo, até porque alguns desses autores levantam elementos comuns ao movimento Decadentista, especialmente ao entenderem Fradique Mendes como um dândi.

Priorizamos a apresentação de Fradique Mendes, a personagem que motivou a realização da enquete d'*O Pirralho*, que, por sua vez, fomenta nosso trabalho. Essa personagem reunia em si todos os predicados almejados pelos *bon-vivants* da nossa *belle époque* e, certamente, por isso seu nome conquistou dimensões tão notáveis em nosso âmbito cultural e literário.

O trabalho comparativo entre as obras *Às avessas* e *A correspondência de Fradique Mendes* contribuiu para a apreensão das características e peculiaridades não só das duas composições, mas, sobretudo do Decadentismo, movimento literário em que tais obras estão vinculadas. Além disso, as aproximações realizadas nos permitiram observar as ligações e os diálogos entre ambos os discursos e perceber que o tipo de literatura que se cultivava em São Paulo nesse momento perpassava por esse clima.

Diante dos elementos contextuais expostos, buscamos realizar um comentário dos artigos-resposta que compõem a enquete, colocando-os dentro de um contexto que vai além das

circunstâncias históricas, mas que também abrange a fase da carreira e do momento de vida de cada um dos respondentes.

Por meio dos comentários apresentados é possível perceber não somente as peculiaridades de Fradique Mendes, mas também a importância de Eça de Queirós em nosso meio letrado e ainda o perfil daqueles que fizeram parte da história da literatura brasileira, ao contribuírem, em maior ou menor grau, para o Pré-Modernismo.

Mesmo quando *A correspondência de Fradique Mendes* foi tida como desconhecida do grande público por um dos respondentes e não lida por outro, não há como negar que Fradique Mendes, ao menos, era familiar no meio intelectual, tanto que os fatos assinalados não causaram prejuízo algum para o desenrolar da enquête.

Diante do material histórico-crítico que consultamos, percebemos que o resultado atingido foi a maior clareza dos aspectos inexplorados acerca desse momento cultural, do impacto da recepção do Eça de Queirós no Brasil desse período, tendo a oportunidade de conhecer mais a personagem Fradique Mendes e como ela era vista no meio intelectual paulistano.

Entendemos que colaboramos para a área da história das literaturas brasileira e portuguesa, na medida em que nossas considerações contribuem para os estudos críticos do escritor Eça de Queirós e da literatura brasileira, especialmente ao termos nos fundamentado em fontes de autoridade inéditas.

REFERÊNCIAS:

A.B.C. (periódico). Rio de Janeiro: 1918.

A Cigarra (periódico). São Paulo: 1918.

A Notícia (periódico). Rio de Janeiro: 1894-1916.

A Semana (periódico). Rio de Janeiro: 1893.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. Amadeu Amaral. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3653/amadeu-amaral>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

ANTUNES, Benedito *As cartas d'Abaix'o Pigues de Juó Bananére*. 511 f. Tese (Doutorado em Literatura e Vida Social) – Faculdade Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1996.

AZEVEDO, Carmen Lúcia; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato, furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora Senac. 1997 .

DICIONÁRIO biográfico. Plínio Barreto. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2017. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/barreto-plinio>>. Acesso em: 2 mai. 2017.

BARRETO, Lima. *Literatura militante*. A.B.C., Rio de Janeiro, p. 8, n. 183, 7 set. 1918.

BARRETO, Plínio. *Páginas avulsas*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1958.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.

CAMARGOS, Marcia. *Villa Kyrial – crônica da belle époque paulistana*. São Paulo: Senac, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CARONE, Edgard. *Da esquerda à direita*. Belo Horizonte: Oficina de livros, 1991.

CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. *Quadros literários fin-de-siècle: um estudo de Às avessas*, de Joris-Karl Huysmans. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva... 8. ed. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1994.

Correio Paulistano (periódico). São Paulo: 1892-1940.

COSTA, Lailton Alves da. *Jornalismo Brasileiro: a teoria e a prática dos gêneros jornalísticos nos cinco maiores jornais do Brasil*. UMESP, São Paulo: 2008.

COSTA, Marcos da. *Plínio Barreto: primeiro presidente da OAB SP e revolucionário de 32*. São Paulo: OAB, 2012. Disponível em: <<http://www.oabsp.org.br/sobre-oabsp/palavra-do-presidente/2012/163>>. Acesso em: 2 mai. 2017.

CRUZ JR., Dilson F. As semanas. In: *Estratégias e máscaras de um fingidor: a crônica de Machado de Assis*. São Paulo: Nankin Editorial, 2002.

DAMANTE, Hélio. *Nova paulística*. São Paulo: Conselho Nacional de Cultura. 1971.

DUARTE, Paulo. *Amadeu Amaral*. São Paulo: Hucitec. 1976.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. José Agudo. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa13921/jose-agudo>>. Acesso em: 10 Maio. 2017.

ESCUADERO, Camila. *A construção dos gêneros jornalísticos a partir das sequências e marcas textuais*. Bauru/SP: Intercom, 2013.

FAUSTO, Boris. Uma paixão de outrora: a história de amor e morte que movimentou São Paulo dos anos XX. *Revista Piauí*, n.701, julho 2012. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/uma-paixao-de-outrora/>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. *A presença da personagem Fradique Mendes/ Eça de Queirós em jornais portugueses e brasileiros*. *Miscelânea*, Assis, jul.-dez. 2015. v.18, p.105-128.

_____. *A recepção crítica de Eça de Queiroz/ Fradique Mendes no pré-modernismo brasileiro: jornal paulistano O Pirralho (1911-1917)*. In: Congresso de Estudos Queirosianos; IV Encontro Internacional de Queirosianos. ACTAS... Coimbra: Almedina, 2002. v.2, p. 859-867.

FERREIRA, Leonardo da Costa. *Memória, política e folclore na obra de Amadeu Amaral entre 1916 e 1928*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007. 163 p.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. São Paulo: Cultrix, 1973.

Gazeta de Notícias (periódico). Rio de Janeiro: 1888-1930.

GIRON, Luís Antônio. *Laboratório modernista. Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 dez. 2015. Disponível em: <http://arte.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/12/20/oswald-de-andrade/>. Acesso em: 28 abr. 2017.

GUERRA DA CAL, Ernesto. *Língua e estilo de Eça de Queiroz*. Rio de Janeiro: EDUSP, 1969.

GUIMARÃES, Luiz de Oliveira. *O espírito e a graça de Eça de Queiroz*. Lisboa: João Romano Torres, 1945.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. Trad. Walter H. Geenem. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

HUYSMANS, J.- K. *Às avessas*. Tradução José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LEITE, Sylvia Helena Telaarolli de Almeida. *Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas: a caricatura na literatura paulista (1900 – 1920)*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1996.

LEVI-MOREIRA, Silvia. *A ideologia e atuação da Liga Nacionalista de São Paulo (1917-1924)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da Universidade de São Paulo. 1982.

LIMA, Alceu Amoroso. *Quadro sintético da literatura brasileira*: Livraria Agir: Rio de Janeiro, 1956.

LUCA, Tania Regina. *O inquérito da Revista do Brasil (1940) sobre os rumos da literatura brasileira*. Revista Território & Fronteiras, Cuiabá, vol. 9, n.2, jul. -dez., 2016.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978. v.6.

MASCARO, Luciana Pelaes. *Difusão da arquitetura neocolonial no interior paulista, 1920-1950*. 2008. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008. Acesso em: 06 maio 2017.

MEDINA, João. *Eça político: ensaios sobre aspectos políticos-ideológicos da obra de Eça de Queiroz*. Lisboa: Seara Nova, 1974.

MELO, José Marques de. *Os bandeirantes da idade média: capítulos da história comunicacional paulista*. São Paulo: Angellara, 2007.

_____. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Paulo: Metodista. 2010

MENEZES, Raimundo. *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo: Saraiva. 1969. v. 1 e 5.

O Estado de S. Paulo (periódico). São Paulo: 1900-1959.

O Commercio de S. Paulo (periódico). São Paulo: 1898-1909.

O Pirralho (periódico). São Paulo: 12 ago. 1911 – 23 fev. 1918.

PAES, José Paulo. *Gregos & baianos*. São Paulo: Brasiliense, 1985

PEREIRA, José Carlos Seabra. Introdução ao estudo do Decadentismo e do Simbolismo em Portugal. In: _____. *Decadentismo e Simbolismo em Portugal*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1975. p. 1-102.

PIZA, Moacyr. *Roupa suja: polêmica alegre*. São Paulo: [s.n.], 1923.

QUEIRÓS, Eça de. *A correspondência de Fradique Mendes*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

_____. *O mistério da estrada de Sintra*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1972.

_____. *Prosas bárbaras*. Porto: Lello & Irmão, 1972.

QUEIROZ, Maria Helena. *Guilherme de Almeida (1890-1969): fortuna crítica comentada*. 1998. 193 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1998.

_____. *A variedade literária na obra poética de Guilherme de Almeida*. 2003. 210 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2003.

RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, Paula. (org.). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

RAMOS, Feliciano. *Eça de Queirós e os seus últimos valores*. Lisboa: Edição da Revista Ocidente, 1945.

REIS, Carlos. *Estudos queirosianos: ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

_____. *História crítica da literatura portuguesa*. V. 6, 2ª ed. Realismo e Naturalismo. Lisboa: Editorial Verbo, 2000.

_____. *O essencial sobre Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

REIS, Carlos; Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. 7ª ed. Coimbra: Livraria Almedina, 2000.

REIS, Carlos; FIALHO, Irene; SIMÕES, Maria João (ed.). *A correspondência de Fradique Mendes (memórias e notas)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2014. (Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós: Ficção, Semipóstumos e Póstumos.)

REAL, Miguel. *O último Eça*. Lisboa: Quidnovi, 2006.

SALIBA, Elias Thomé. *Aventuras e desventuras de José Agudo, um cronista da Paulicéia na belle époque*. São Paulo: Revista USP, n. 64. 2004, p. 102-109.

SANTOS, J. dos. Crônica literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 3, alto, n. 310, 31 dez. 1902.

_____. Crônica literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 3, alto, n. 5, 6 jan. 1914.

SERRÃO, Joel. *O primeiro Fradique Mendes*. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. Carnaval na Babilônia. In: *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SIMÕES, João Gaspar. *Eça de Queirós – a obra e o homem*. Lisboa: Arcádia 3ª edição, 1978.

_____. *Eça de Queirós - o homem e o artista*. Lisboa: Dois Mundos, 1945.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SÜSSEKIND, Flora. O figurino e a forja. In: CARVALHO, J. M. de. *Sobre o pré-modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988. p. 31-47.

VIEIRA, Glaucia Benedita. *A recepção crítica de J.- K. Huysmans em periódicos no Brasil (1884-2013)*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Unesp, Assis. 2016.

ZILBERMAN, Regina. Regionalismo e pré-modernismo. In: CARVALHO, J. M. de. *Sobre o pré-modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988. p. 131-40.



A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS O SR. GOMES DOS SANTOS

O ROMANTICO FRADIQUE...

Fradique Mendes é, puramente, uma criação literária. Não foi Eça de Queiroz; foi o ideal de Eça de Queiroz num certo e torturante período de sua vida, quando as dificuldades duma atracção mediocre embargavam as aspirações do fino escriptor. Eça esboçou Fradique, com amoroso cuidado, em grande parte das suas obras, até que numa lhe deu forma consistente, completa, definitiva, na *Correspondencia*.

Fradique Mendes apparece-nos confusamente, em 1867, naquella carta a Carlos Mayer que vem incluída nas *Prosas Barbaras*. Revela-se de novo, — desta vez com traços mais profundos, — no *Primo Basílio*, esse singular personagem, revestido de todas as impossibilidades do egoismo e ao mesmo tempo de todas as capacidades sensuaes. Revive no *Mandarin*, — não no pobre diabo, de quinzena coçada e ganforina lustrosa, que rilha o bife de casa de hospedes, devorado pela cupidéz dos gosos, mas no nababo magnifico e grande, a quem uma inverosimil herança entrega, num caderno de cheques, todo o poder humano, todas as satisfações dos sentidos. E é Fradique, enfim, a ossatura aproveitada para a montagem do Jacinto, do precioso Jacintinho de *A Cidade e as Serras*, no seu período parisiense de saturação civilisadora. Quem queira consagrar-se a um estudo comparativo encontra sem difficuldade uma relação de parentesco entre todos estes personagens da galeria romantica de Eça de Queiroz, — e até para elles desentulha um ascendente proximo no *Conde de Camors*, que foi o evangelho que prestou devotamente, em admiração beócia, nos templos do Egoismo, as gerações intellectuaes de ha cincoenta annos.

Fradique Mendes é um ideal de vida superior? Talvez; mas é um ideal irrealisavel, porque é extra-humano. As alturas em que paira pertencem á topographia do maravilhoso. Um Fra-

dique requintadamente intellectual, incançavel *touriste*, frequentando o commercio dos futeis mundanos e do «ephemero feminino» com a altivez e o desdem dum deus, insatisfeito e curioso, rolando numa torrente de sensações, dispendendo fortunas com o seu sybaritismo aristocratico, é uma authentica encarnação do egoismo, de suggestão quasi tão lethal á mocidade como a theoria allemã do super-humanismo. Esse egoismo, pelo que implica de renuncias ao que ha de bom e de amovavel na vida, pelo que revela de



tristeza e de desconforto interior, pelo que representa de sacrificio dos mais nobres e puros instinctos humanos, torna-se doloroso. Viver entre incensos e admiradores, na impossibilidade dum idolo de bronze, na embriaguez da gloria, mas alheio aos doces estrelecimentos humanos, ás alegrias sobrias da vida humilde, ao calor dum lar que uns olhos humidos illuminem e um perfume honesto embalsame, longe de ser uma vida intellectual e moral elevada e rica, a vida dum ser

pensante e emocionavel, é uma existencia diminuida e empobrecida, como que amputada na sua potencia de felicidade. O proprio Eça penitenciou-se um dia de ter afagado esse ideal morbido, que fôra a perturbadora inquietação do seu passado, oppondo, ao insupportavel Jacinto do 202, ess'outro Jacinto das asperas serranias transmontanas, preocupado com as fartas e alouradas menses, discutindo negocios com feitores e repousando, á noite, das suadas canceiras da lavoura, nos braços roliços duma espoça fresca, saudavel, meiga e ignorante.

A vida superior, de que Fradique Mendes só superficialmente parece um expoente, é a que consiste em elevar indefinitamente o animal humano dentro das balizas ineluctaveis que lhe são demarcadas, pelas condições do seu organismo physico e psychico. Sob o ponto de vista moral, um ligeiro scepticismo diluido nas formas da tolerancia infinita e da infinita bondade. Sob o ponto de vista intellectual, o aperfeicoamento incessante do *eu* consciente, buscando attingir a verdade atravez das sombras que cobrem vinte seculos de preconceitos e de illusões. Fradique saturou-se de sciencia e de observação; mas ficou extranho á vida. Não conheceu della mais que as emoções ephemerias e sem delicadeza das alcovas suspeitas. Não teve familia, nem amigos, nem as doçuras da existencia simples, honestamente consagrada a pensar e sobretudo a sentir. Ficou literario e dogmatico como um Spinoza misanthropo, roído pelos vermes do pessimismo. Compreendendo que elle possa seduzir, com o falso brilho e o falso calor da sua existencia movimentada e mundana, uma imaginação romantica. Os reflexos dos seus ouropéis jamais perturbarão, porem, o espirito disciplinado e profundo das gerações contemporaneas, educadas na escola austera do dever social e do sacrificio.

O Pirralho — 19 dez. 1914, n. 166, p. 5

⁸⁰ Consideramos imprescindível anexar as reproduções das páginas d'*O Pirralho* em que a enquete sobre Fradique Mendes foi publicada; além disso, anexamos também a transcrição de cada um dos seus dezesseis artigos-resposta; mas, para isso, julgamos necessário fazer correções nos casos de evidentes erros ortográficos e de tipografia. Ressaltamos, ainda, que palavras e expressões que nos deram margem a dúvidas serão devidamente registradas em nota de rodapé. Palavras desconhecidas, que não constam nos dicionários consultados por nós são mantidas como na fonte original.

A NOSSA ENQUETE SOBRE FRADIQUE MENDES

Fala-nos Sr. Gomes dos Santos

O romântico Fradique...

Fradique Mendes é, puramente, uma criação literária. Não foi Eça de Queiroz; foi o ideal de Eça de Queiroz num certo e torturante período de sua vida, quando as dificuldades de uma atração medíocre embargavam as aspirações do fino escritor. Eça esboçou Fradique, com amoroso cuidado, em grande parte de suas obras, até que numa lhe deu forma consistente, completa, definitiva, na Correspondência.

Fradique Mendes aparece- nos confusamente, em 1867, naquela carta a Carlos Mayer que vem incluídas nas *Prosas Barbaras*. Revela-se de novo,- desta vez com traços mais profundos,- no Primo *Basílio*, esse singular personagem, revestido de todas as impossibilidades do egoísmo e ao mesmo tempo de todas as capacidades sensuais. Revive no *mandarim*,- não no pobre diabo, de quinzena coçada e ganforina lustrosa, que rilha o bife de casa de hospedes, devorado pela cupidez dos gozos, mas no nababo magnifico e grande, a quem uma inverossímil herança entrega, num caderno de cheques, todo o poder humano, todas as satisfações do sentidos. E é Fradique, enfim, a ossatura aproveitada para a montagem do Jacinto, do precioso Jacintinho de *A Cidade e as Serras*, no seu período parisiense de saturação civilizadora. Quem queira consagrar –se a um estudo comparativo encontra sem dificuldade uma relação de parentesco entre todos esses personagens da galeria romântica de Eça de Queiroz,- e até para eles desentulha um ascendente próximo no *Conde de Camors*, que foi o evangelho que prestou devotamente, em admiração beócia, nos tempos do egoísmo, as gerações intelectuais de há cinquenta anos.

Fradique Mendes é um ideal de vida superior? Talvez; mas é um ideal irrealizável, porque é extra – humano. As alturas em que paira pertencem à topografia do maravilhoso. Um Fradique requintadamente intelectual, incansável *touriste*, frequentando o comercio dos fúteis mundanos “efêmero feminino” com a altivez e o desdém dum Deus, insatisfeito e curioso, rolando numa torrente de sensações, dispendendo fortunas com o seu sibaritismo aristocrático, é uma autentica encarnação do egoísmo, de sugestão quase tão letal à mocidade como a teoria alemã do super-humanismo. Esse egoísmo, pelo que implica de denúncias ao que há de bom e de amável na vida, pelo que revela de tristeza e de desconforto interior, pelo que representa de sacrifício dos mais nobres e puros instintos humanos, torna-se doloroso. Viver entre incensos e admiradores, na impossibilidade dum ídolo de bronze, na embriaguez da gloria, mas alheio aos doces estremecimentos humanos, às alegrias sóbrias da vida humilde, ao calor dum lar que

os olhos húmidos iluminem e um perfume honesto embalsame, longe de ser uma vida intelectual e moral elevada e rica, a vida dum ser pensante e emocionável, é uma existência diminuída e empobrecida, como que amputada na sua potência de felicidade. O próprio Eça penitenciou-se um dia de ter afagado esse ideal mórbido, que fora a perturbadora inquietação do seu passado, opondo, ao insuportável Jacinto do 202, esse outro Jacinto das ásperas serranias transmontanas, preocupado com as fartas e alouradas messes, discutindo negócios com feitores e repousando, à noite das suadas canseiras da lavoura, nos braços roliços duma esposa fresca, saudável, meiga e ignorante.

A vida superior, de que Fradique Mendes só superficialmente parece um expoente, é a que consiste em elevar indefinidamente o animal humano dentro das balizas inelutáveis que lhe são demarcadas, pelas condições do seu organismo físico e psíquico. Sobre o ponto de vista moral, um ligeiro ceticismo diluído nas formas da tolerância infinita e da infinita bondade. Sobre o ponto de vista intelectual, o aperfeiçoamento incessante do *eu* consciente, buscando atingir a verdade através das sombras que cobrem vinte séculos de preconceitos e de ilusões. Fradique saturou-se de ciência e de observação; mas ficou estranho à vida. Não conheceu dela mas que as emoções efêmeras e sem delicadeza das alcovas suspeitas. Não teve família, nem amigos, nem as doçuras da existência simples, honestamente consagrada a pensar e sobre tudo a sentir. Ficou literário e dogmático com um Spinoza misantropo, roído pelos vermes do pessimismo. Compreendo que ele possa seduzir, com o falso brilho e o falso calor da sua existência movimentada e mundana, uma imaginação romântica. Os reflexos dos seus ouropéis jamais perturbarão, porém o espírito disciplinado e profundo das gerações contemporâneas, educadas na escola austera do dever social e do sacrifício.

A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS O DR. MELLO NOGUEIRA

Meus caros amigos

Apraxia-me ficar mettido nas encospias e assim, com vantagem, saborear os douts pareceres dos anthorix dos homens de letras por Vocês consultados a respeito do admiravel typo esculpido por Eça de Queiroz na «Correspondência de Fradique Mendes». Aguilhoado, porém, pela generosa insistência dos amigos, 'nsistência que tanto estimula a minha presumpção de estudioso e adelgaça a timidez oriunda da falta de meritos literarios, não posso esquivar-me e inicio estas linhas na illudente esperança de poder trazer algo de judicioso.

Lá, como toda a gente, a obra immane do notavel escriptor portuguez e ainda conservo fortemente tanxiadas na mente as suas principaes creações.

Que o ver si consigo enunciar em exiguas linhas, a minha pouco valiosa opinião, sopitando o desejo de alongar me sobre o objecto da «enquete», que daria margem a extensas e prolixas digressões. Não devo nem quero surtaxinar a paciencia dos leitores do «Pirralho».

A meu ver, Fradique Mendes, tal qua' o descreve Eça e o revelam suas cartas, representa o arcabouço exacto de um typo que Nietzsche não hesitaria em collo-car na resumida e privilegiada galeria dos super-homens.

Fradique é um homem viçoso e bello, intelligente e culto, viajado e rico, formando juizes proprios e originaes, desapegados ás idéas feitas, despido de preconceitos e conveniências.

Para approximar a sua criação da realidade, Eça emprestou-lhe alguns senões.

Fradique ainda muito criança perdeu os paes e a sua educação, pessimamente iniciada por uma velha tia estouvada que, aos sessenta annos ainda soffria dos «dardos d'amor», foi completada por um tio esquilho e frivolo.

Sentio-se só no mundo, muito jovem ainda, sem ligações intimas de parentesco, sem uma instrução completa e espungida de erros e incertezas, mas rico, bastante rico. Como era de esperar, n'um espirito ainda não formado, Fradique acceitou os acenos de libertinagem, atirando-se ao barathro da vida, n'um prurido inexaurível de emoções novas, n'uma ancia desesperada de gosos ineditos e de feitos estrepitosos, procurando tomar parte em episodios de vulto, em aventuras de relevo. Dominou-o o delirio da locomoção, o irresistível anseio de viajar, de correr mundo.

Com-o perpassar dos annos assentaram-se

as suas idéas. Acalmaram-se os seus primeiros impetos, augmentaram os seus conhecimentos, formou-se o seu caracter e só então é que se começa a admirar o typo creado com tanto carinho pelo eximio Eça. Fradique tinha então 33 annos.

Prematura experiencia da vida, e a maneira toda sua de encarar a existencia e o seu futil aspecto mundano de rigoroso observador do protocollo dão-lhe um ar grave, cortez e reservado que parece postigo e recheado de pedantismo.

Para apparencia, contudo. Nada de feticio nas suas maneiras. Fradique detesta a politiquice e os politiqueiros, não ambi-



ciosa cargos nem posições, abomina o exhibicionismo na sua multiforme revelação, quer seja de erudição ou de charidade, de riqueza, ou de elegancia, de gosto ou de originalidade. Gosa a vida a seu modo, desfructando-a amplamente. Veste-se com sobriedade e elegancia, adora o luxo e o conforto sem o atalhamento gritante tão do agrado dos *parvenus*, sem a preocupação ridícula de embasbacar as galerias.

Si fosse um Pache-o (aliás um magnifico typo para vencer na vida e encunear-se facilmente em certos ambientes) construiria um palacio vistoso, engrotado de moveis caros, no bairro mais aristocratico de Lisboa, faria alarde de sua fortuna e relações na alta, teria carruagens luxuosas e cavallos ardegos, não perderia occasião de encandillar-se frequentando a estação lyrica no São Carlos e a balnearia em Cascaes, discorreria dogmatico e solenne contando cousas de todos sabidas, patentearia charidade e interesses philanthropicos fartamente declamados

pela imprensa. Fradique tinha horror a taes frioleiras. De sua quinta na pittoresca Cintra sabia percorrendo lentamente ora uma ora outra provincia lusitana, admirando a natureza de seu paiz e tambem o seu povo nas suas qualidades e defeitos, sentindo-se bem nesse meio rustico tão differente da Lisboa «aliterada, catita, conselheiral». Passou grande parte da vida viajando sem ter por principal attractivo rebolar-se no sordido atascadeiro de faceis aventuras de frascarios, como fazem os jovens endinheirados. Ao contrario desses *touristes* que apenas estudam o «relevo dos monumentos e a roupagem das multidões» e se enervam no tremedal dos grandes centros á cata da flôr do lódo, Fradique esbichava a ethogenia dos differentes povos que visitava, as suas religiões, a sua historia, idiomas, raças, mythos, philosophias. E assim, observando enidadosamente, com o seu espirito lucido e independente, conseguia armazenar variada e profunda erudição.

Conheceu de perto os maiores vultos intelle tuaes do seu tempo podendo assim avaliar a intensidade, o brilho da luz que desprendiam e a grandexa das manchas que salvicam todos os sóes. A sua alma tinha a discreção profunda dos fortes, só se revolvendo, mesmo aos mais intimos, pelo ludo do espirito, da intelligencia, dos conhecimentos adquiridos, dos juizes formados, escondendo ciscamente o homem affectivo, o homem coração. Sabia prestar calorosas e merecidas homenagens ao «ephemero feminino» mas não tinha confidentes, não narrava aventuras, não se descobria e nunca abrio a boeca para thruficar a sua vaidade de homem, naturalmente feliz.

Expunha e defendia suas idéas e opiniões, quasi sempre novas, ineditas, por vezes irreverentes mas sem a preocupação da originalidade, sem ambição de notoriedade, sem resquícios d'autolatria. Repugnava-lhe a publicidade. Intelligente investidor da historia e das obras antigas comprehendia que, muito pouco de novo, se poderia escrever e areditava na impotencia absoluta do verbo para exprimir nitidamente as nossas impressões.

Não irei mais longe. Mas bastam estas linhas para deixar patente que Fradique representa um typo possível e superior. E tanto é assim que pullulam os seus imitadores. Quantos tenho eu conhecido, dizendo cousas campanudas e impensadas, que julgam altamente originaes e tomando attitudes a Fradique!

Tivesse eu tempo e espaço e contaria

O PIRRALHO

cousas... Felizmente as columnas do «Pirralho» são diminutas e assim não corre o risco de cabir nas iras de muita gente que, procurando imitar Fradique nada mais faz que seguir as pegadas de Pacheco.

E em boa hora assim o fazem taes imitadores de fancia, porque os Pachecos ascendem sempre na escala social, enquanto que os Fradiques serão uns eternos incomprehendidos, victimas das descargas da calunnia, do odio, da maledicencia, rociados pela inveja, perseguidos pelo sorriso desdenhoso da santimonia encorilhada.

Sim, um typo do genero Fradique, sem as credencias de sua correspondencia, passaria aos olhos dos que o não conhecessem intimamente por vaidoso e frívolo, pretencioso e ridiculo.

Fradique foi um typo creado com especial carinho por Eça que possuia qualidades de grande psychologo, observador metuculozo, não escapando no alcance de sua privilegiada mira, os ridiculos, as pequenices, as miserias mortaes, as hypocrisias e outras mazellas mil que vegetam nas sociedades com insidiosa exuberancia. Mas, além de psychologo, Eça era um revoltado e um combatente.

Repugnavam-lhe as impurezas do mundo e o seu verbo flamejante abrazava os como um ferro candente. Eis porque cada uma de suas creações representa um archote que esturica impiedosamente idolos em evidencia, um latego ferino que corta e dilacera preconceitos e habitos com a força esbordoante da ironia atroz.

E muitas vezes o psychologo é obumbrado pelo combatente que, nos estócos da exacerbação deixa escapar pequenos senões que se evidenciam aos olhos observadores do leitor, produzindo ligeiras contadições que, só o exame do todo corrige. Mesmo na «Correspondencia de Fradique»... mas onde vou eu parar neste tramite?

Basta. Recceio já me ter alongado mais do que devia e os meus amigos do «Pirralho» não exigem a analyse da admiravel obra de Eça. A pergunta que me fizeram creio tel a respondido dentro dos limites de minhas fracas e reduzidas forças. Assim aqui pingo o ponto final.

S. Paulo, 12-12-914.

BREVEMENTE iniciaremos a secção *O Pirralho no Rio, que, naturalmente, está destinada a fazer grande successo.*



A PINGUANCHÁ

«Cavallo de quem namora»... faz-se de chucro se é manso, pois o dono pôe-lhe a espora, erguendo poeira no avanço.

Não tem dia nem tem hora marcados para descanso, e o pobre animal escora, sempre firme no balanço.

No arreo sorocabano o namorado se engana, galopando a todo-o-panno.

Todo em garbos se desmancha, o caboclo tatuhyano, quando vae ver a pinguancha.

S. Paulo, 14-12-914.

CORNELIO PIRES

(Da Vida Cabocla — em preparo).

A MISSA DO GALLO

Partem em bando as lindas raparigas,
Vestidos novos de variadas cores,
Lá se vão enlaçadas, muito amigas,
Segredando uma á outra os seus amores.

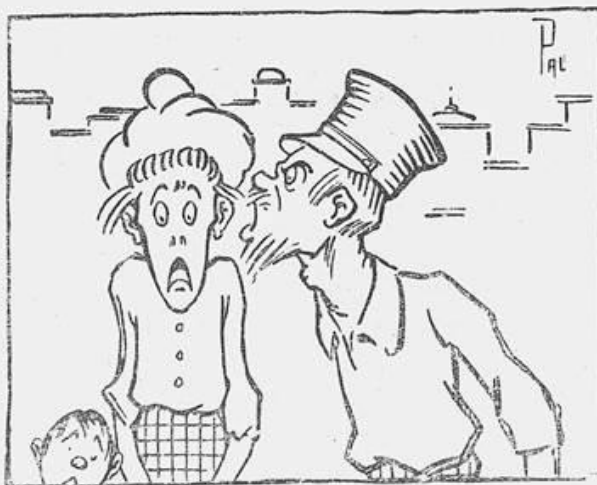
Despreoccupadas, ledas, as fadigas
Do dia já se foram e das dores
Nem mais se lembram, tudo são cantigas,
Melodias sem par, hymnos e flores.

Eu ouço a sua voz, ouço os seus passos,
Abro a janella e vejo-as saltitantes,
Mostrando os seios e exhibindo os braços.

Vão á missa do gallo e eu solitario
Fico iracundo ao vel-as já distantes,
E não poder sahir fóra de horario...

JACINTHO GÓES

NOTÍCIAS DA GUERRA EM BERLIM



Boatos de victoria

A NOSSA ENQUETE SOBRE FRADIQUE MENDES

Fala-nos Dr. Mello Nogueira

Meus caros amigos

Aprazia-me ficar metido nas encospias e assim, com vantagem, saborear os doutos pareceres dos autorizados homens de letras por Vocês consultados a respeito do admirável tipo esculpido por Eça de Queiroz na “Correspondência de Fradique Mendes”. Aguilhoadado, porém, pela generosa insistência dos amigos, insistência que tanto estimula a minha presunção de estudioso e adelgaça a timidez oriunda da falta de méritos literários, não posso esquivar-me e inicio estas linhas na iludente esperança de poder traçar algo de judicioso.

Lá, como toda a gente, a obra imane do notável escritor português e ainda conservo fortemente tauxiadas na mente as suas principais criações.

Quero ver se consigo enunciar em exíguas linhas, a minha pouco valiosa opinião, sopitando o desejo de alongar me sobre o objeto da “enquête”, que daria margem a extensas e prolixas digressões. Não devo nem quero surazinar a paciência dos leitores do “Pirralho”.

Ao meu ver, Fradique Mendes, tal qual o descreve Eça e o revelam suas cartas, representa o arcabouço exato de um tipo que Nietzsche não hesitaria em colocar na resumida e privilegiada galeria dos super-homens.

Fradique é um homem viçoso e belo, inteligente e culto, viajado e rico, formando juízos próprios e originais, desapegados às ideias feitas, despido de preconceitos e conveniências.

Para aproximar sua criação da realidade, Eça emprestou-lhe alguns senões.

Fradique ainda muito criança perdeu os pais e sua educação, pessimamente iniciada por uma velha tia estouvada que, aos sessenta anos ainda sofria dos “dardos d’amor”, foi completada por um tio casquilho e frívolo.

Sentiu-se só no mundo, muito jovem ainda, sem ligações íntimas de parentesco, sem uma instrução completa e expungida de erros e incertezas, mas rico, bastante rico. Como era de esperar, num espirito ainda não formado, Fradique aceitou os acenos de libertinagens, atirando-se ao barato da vida num prurido inexaurível de emoções novas, numa anciã desesperada de gozos inéditos e de feitos estrepitosos, procurando tomar parte em episódios de vulto, em aventuras de relevo. Dominou-o o delírio da locomoção, o irresistível anseio de viajar, de correr o mundo.

Com o perpassar dos anos assentaram-se as suas ideias. Acalmaram-se os seus primeiros ímpetos, aumentaram os seus conhecimentos, formou-se o seu caráter e só então é que se

começa a admirar o tipo criado com tanto carinho pelo exímio Eça. Fradique tinha então 33 anos.

Prematura experiência da vida, é a maneira toda sua de encarar e a existência e o seu fútil aspecto mundano de rigoroso observador do protocolo dão-lhe um ar grave, cortês e reservado que parece postiço e recheado de pedantismo.

Pura aparência, com tudo. Nada de fictício nas suas maneiras. Fradique detesta a politiquice e os politiqueiros, não ambiciona cargos nem posições, abomina o exibicionismo na sua multiforme revelação, quer seja de erudição ou de claridade, de riqueza, ou de elegância, de gosto ou de originalidade. Goza a vida a seu modo, desfrutando-a amplamente. Veste-se com sobriedade e elegância, adora o luxo e o conforto sem o atulhamento gritante tão do agrado dos *parvenus*, sem a preocupação ridícula de embasbacar as galerias.

Se fosse um Pacheco (aliás um magnífico tipo para vencer na vida e encumear-se facilmente em certos ambientes) construiria um palácio vistoso, engrotado de moveis caros, no bairro mais aristocrático de Lisboa, faria alarde de sua fortuna e relações na alta, teria carruagens luxuosas e cavalos árdegos, não perderiam ocasião de encandilar-se frequentando a estação lírica no São Carlos e a balneária em Cascaes, discorreria dogmático e solene contando coisas de todos sabidas, patentearia claridade e interesses filantrópicos fartamente declamados pela imprensa. Fradique tinha horror a tais frioleiras. De sua quinta na pitoresca Sintra saía percorrendo lentamente ora uma ora outra província lusitana, admirando a natureza de seu país e também o seu povo nas suas qualidades e defeitos, sentindo-se bem nesse meio rustico tão diferente da Lisboa “aliteratada, catita, conselheiral”. Passou grande parte da vida viajando sem ter por principal atrativo rebolear-se no sórdido atascadeiro de fáceis aventuras de frascários como fazem os jovens endinheirados. Ao contrário desses *touristes* que apenas estudam o “relevo dos momentos e a roupagem das multidões” e se enervam no tremedal dos grandes centros à cata da flor do lodo. Fradique escabichava a etnogenia dos diferentes povos que visitava, as suas religiões, a sua história, idiomas, raças, mitos filosofias. E assim observando cuidadosamente, com o seu espírito lucido e independente, conseguiu armazenar variada e profunda erudição.

Conheceu de perto os maiores vultos intelectuais do seu tempo podendo assim avaliar a intensidade, o brilho da luz que desprendiam e a grandeza das manchas que salpicam todos os sois. A sua alma tinha a discrição profunda dos fortes, só se revelando, mesmo aos mais íntimos, pelo lado do espírito, da inteligência, dos conhecimentos adquiridos, dos juízos formados, escondendo precisamente o homem afetivo, o homem coração. Sabia prestar calorosas e merecidas homenagens ao “efêmero feminino” mas não tinha confidentes, não narrava

aventuras, não se descobria e nunca abriu a boca para turificar a sua vaidade de homem, naturalmente feliz.

Expunha e defendia suas ideias e opiniões, quase sempre novas, inéditas, por vezes irreverentes mas sem a preocupação da originalidade, sem ambição de notoriedade, sem resquícios da autolatria. Repugnava-lhe a publicidade. Inteligente investidor da história e das obras antigas compreendia que, muito pouco de novo, se poderia escrever e acreditava na impotência absoluta do verbo para exprimir nitidamente as nossas impressões.

Não irei mais longe. Mas bastam essas linhas para deixar patente que Fradique representa um tipo possível e superior. E tanto é assim que pululam seus imitadores. Quantos tenho eu conhecido, dizendo coisas campanudas e impensadas, que julgam altamente originais e tomando atitudes a Fradique!

Tivesse eu tempo e espaço e contaria coisas... Felizmente as colunas do “Pirralho” são diminutas e assim não correrei o risco de cair nas iras de muita gente que, procurando imitar Fradique nada mais faz do que seguir as pegadas de Pacheco.

E em boa hora assim o fazem tais imitadores de fancaria, porque os Pachecos ascendem sempre na escala social, enquanto que os Fradiques serão uns eternos incompreendidos vítimas das descargas da calúnia, do ódio, da maledicência, rociados pela inveja, perseguido pelo sorriso desdenhoso da santimonia encorilhada.

Sim, um tipo no gênero Fradique, sem as credenciais de sua correspondência, passaria aos olhos dos que o não conhecessem intimamente por vaidoso e frívolo, pretencioso e ridículo.

Fradique foi um tipo criado com especial carinho por Eça que possuía qualidades de grande psicólogo, observador metucioso, não escapando ao alcance de sua privilegiada mira, os ridículos, as pequenices, as misérias morais, as hipocrisias e outras mazelas mil que vegetam nas sociedades com insidiosa exuberância. Mas, além de psicólogo, Eça era um revoltado e um combatente.

Repugnavam-lhe as impurezas do mundo e o seu verbo flamejante abrasava os como um ferro candente. Eis porque cada uma de suas criações representa um archote que esturrica impiedosamente ídolos em evidencia, um látego ferino que corta e dilacera preconceitos e hábitos com a força esboroante da ironia atroz.

E muitas vezes o psicólogo é obumbrado pelo combatente que, nos éstos da exacerbação deixa escapar pequenos sermões que se evidencia aos olhos observadores do leitor, produzindo ligeiras contradições que, só o exame do todo corrige. Mesmo na “Correspondência de Fradique” ... mas onde vou eu parar neste tramite?

Basta. Receio já me ter alongado mais do que devia e os meus amigos do “Pirralho” não exigem a análise da admirável obra de Eça. A pergunta que me fizeram creio tê-la respondido dentro dos limites de minhas fracas e reduzidas forças. Assim aqui pingo o ponto final.

S. Paulo, 12-12-914



A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS O DR. AMADEU AMARAL

Será Fradique Mendes um tipo representativo de vida superior?

Se me fizessem esta pergunta de viva voz e a queima-roupa, eu responderia, provavelmente, sem hesitar: — «Claro! Pois não foi Fradique um brilhante e nobre *intellectual*, um homem que organizou e regulou a sua vida pelos impulsos e necessidades de uma profunda avidez de sciencia e de beleza? Pois não é isso a vida superior — viver intensamente pelo espirito, acima da vida apagada e estreita em que vegeta o maior numero, sumido na sombra crepuscular dos instintos? — Mas, como a pergunta veio por escrito, e como me dava tempo para reflectir, entrei a examiná-la e a revolvê-la, e a desconfiar de que a resposta que ela pedia não podia ser tão simples.

A solução que espontaneamente me ocorreu no primeiro instante presupunha um certo acôrdo entre mim e vocês sobre o que se devesse entender por «vida superior». Admitido, porém, esse acôrdo, a questão seria ociosa, e equivaleria pouco mais ou menos a perguntar — se um homem superior teria vivido superiormente. Então, o que os amigos queriam não podia ser isso. O que os amigos queriam era, em ultima análise, pôr em questão o próprio conceito de vida superior, servindo-se de Fradique Mendes como de um simples ponto de referencia comum, em torno do qual circulasse a diversidade das opiniões.

Mas, nesse caso, a pergunta deixa de ser ociosa para ser terrivelmente indiscreta! Lançar por esta forma, de brusco, á boa fé de um sujeito desprevenido, na desordem e na flutuação habitual das suas ideas, uma questão assim complicada e grave, é o mesmo que agarrar um individuo que passa pacatamente pela rua, distraído e incauto, com o guarda-chuva suspenso do braço e o cigarro pendente do beijo, travar-lhe do cotovello, e desfechar-lhe esta intimação fulminante: — Venha daí, fazer uma dissertação acerca do futuro cultural do Occidente!

Que é que se deve entender por vida superior? Eis uma pergunta que eu teria feito, a mim mesmo, se ha muito não esperasse de outrem, dos que revolvem e clarificam ideas, a solução desse problema tremendo.

Para os homens de uma doutrina ou de uma fé delimitada e assente, a questão está resolvida: vida superior é aquela que serve de lhes confirmar e ilustrar a sua filosofia, a sua moral, a sua crença. Para um cristão, seria a vida impregnada de santidade; para um positivista, a que reunisse á maior junça de bom senso a maior capacidade

de acção social, dentro da Ordem; para um nietzscheano, a que exprimisse com mais impetuosa e fulgurante veemência a vontade de dominio, que é a propria alma da vida; para um tainizante, a que se ritmasse pela áncia constante de conhecer; para um cidadão abeberado em Rousseau, a vida clara e sã das almas simples, dos corações amáveis e dos espiritos limpidos, no seio maternal da natureza... Mas, fora do âmbito fechado de uma doutrina, onde a gente se haja instalado, e arrumado a bagagem das suas convicções, para o que der e vier, já não me parece tão singelo o problema.



Qual o critério certo que nos guie, se esse critério constitui justamente a grande questão, sempre aberta?

Entanto, ponderando as coisas, vemos que as diversas opiniões, por diversas que sejam, parecem assentar num terreno comum e tocar-se pelas bases. Todas colocam a vida superior na alta esfera do espirito, acima dos impulsos vagos, das paixões cegas, das ideas recebidas, dos actos imitados, dos «instintos de rebanho». Todas elas presuppõem, portanto, nos que vivem superiormente uma alta dose de originalidade, o forte desenvolvimento de uma consciencia superior. A partir daqui começam as divergencias; mas até aqui parece que todas se conciliam. Pois bem. Aqueles que se não fecham numa doutrina, e não pretendem impôr á confusa e fugitiva complexidade dos fenómenos os seus quadros inmutáveis, podem ficar em que a vida superior, presuppõe um notável alargamento da actividade consciente, — é a que por ela se rege e se coordena e delas recebe clareza e relevo.

Este é um ponto de vista psicológico, de mera observação, imparcial e amplo, e não, propriamente, uma «opinião». Abrange todos os que vivem sob um alto e acentuado predomínio do espirito — santos e sábios, guerreiros e poetas, estadistas e homens do mundo, Francisco de Assis e Pascal, Goe-

the e Pasteur, Platão, o divino, e Diógenes, o cínico. Os proprios «porcos de Epicuro», desde que fruam todos os regalos grosseiros da vida material em consequencia de uma maneira filosófica de compreender a vida, de alguma sorte vivem, — repugnantemente, é certo, — uma vida superior... E' claro que nos fica sempre de reserva o direito e mesmo o dever de optar, pessoalmente, pela forma de vida superior que se nos afigure mais bela — como somos capazes de a compreender e praticar, com a «nossa» intelligencia, o «nosso» temperamento, a «nossa» vontade, as possibílidades contidas na «nossa» organização.

Nestes termos, de certo que a encantadora criatura de Eça de Queiroz é um tipo representativo de vida superior...

* * *

Não direi que seja o «tipo ideal» para que devam tender os nossos esforços de aperfeiçoamento! Não sei qual seja, nem percebo qual possa ser o tipo de «homem ideal» por que vocês perguntam. Sei que ha figuras humanas, reais, que são fulgurantes e magnificas: não me consta que haja alguma perfeita. Não ha duas iguais. Ha — as flagrantemente diversas entre si. Tipos ideais, completos e acabados, só na literatura ou no sonho. Podem ser muito belos, podem resplender como catálogos luminosos de virtudes e de dons; faltar-lhes-há sempre alguma coisa: ter vivido.

Essa «alguma coisa» é tudo. Construir pela imaginação heroica que sejam ao mesmo tempo santos, e pensadores, e artistas, fulgindo em cada um dos seus aspectos como um diamante de primeira agua em cada uma das suas facetas, é relativamente fácil. Dificil é encontrar na realidade viva uma dessas construcções supremamente harmoniosas na sua suprema grandeza. O homem, sejam quais forem as alturas a que se eleve, é sempre homem, e leva consigo a fragilidade do barro terreno, oriçado de contradições, varado de falhas. Não ha tipos ideais. E o mais que podemos razoavelmente fazer — é dar o máximo desenvolvimento ás nossas boas forças interiores, com sincero e incessante esforço...

Realizar o máximo de elevação dentro dos limites e das condições da nossa natureza individual — é o que de melhor se pode pretender. Feliz de quem atinge essa meta — de quem se realiza a si proprio, sem sonhar em realizar, violentando e torturando a individualidade, num trabalho desesperado de cópia, um perfeito modelo imaginário!

Qui real faire l'ange fait la bête...

A NOSSA ENQUETE SOBRE FRADIQUE MENDES

Fala-nos Amadeu Amaral

Será Fradique Mendes um tipo representativo de vida superior?

Se me fizessem esta pergunta de viva voz e a queima-roupa, eu responderia, provavelmente, sem hesitar: — “Claro! Pois não foi Fradique um brilhante e nobre *intelectual*, um homem que organizou e regulou a sua vida pelos impulsos e necessidades de uma profunda avidez de ciência e de beleza? Pois não é isso a vida superior – viver intensamente pelo espírito, acima da vida apagada e estreita em que vegeta o maior número, sumido na sombra crepuscular dos instintos? – Mas, como a pergunta veio por escrito, e como me dava tempo para refletir, entrei a examiná-la e a revolvê-la, e a desconfiar de que a resposta que ela pedia não podia ser tão simples.

A solução que espontaneamente me ocorreu no primeiro instante pressupunha um certo acordo entre mim e vocês sobre o que se devesse entender por “vida superior”. Admitido, porém, esse acordo, a questão seria ociosa, e equivaleria pouco mais ou menos a perguntar – se um homem superior teria vivido superiormente. Então, o que os amigos queriam não podia ser isso. O que os amigos queriam era, em última análise, por em questão o próprio conceito de vida superior, servindo-se de Fradique Mendes como de um simples ponto de referência comum, em torno do qual circulasse a diversidade das opiniões.

Mas, nesse caso, a pergunta deixa de ser ociosa para ser terrivelmente indiscreta! Lançar por esta forma, de brusco, à boa fé de um sujeito desprevenido, na desordem e na flutuação habitual das suas ideias, uma questão assim complicada e grave, é o mesmo que agarrar um indivíduo que passa pacatamente pela rua, distraído e incauto, com o guarda-chuva suspenso do braço e o cigarro pendente do beijo, travar-lhe do cotovelo, e desfechar-lhe esta intimação fulminante: – Venha daí, fazer uma dissertação acerca do futuro cultural do Ocidente!

Que é que se deve entender por vida superior? Eis uma pergunta que eu teria feito, a mim mesmo, se há muito não esperasse de outrem, dos que revolvem e clarificam ideias, a solução desse problema tremendo.

Para os homens de uma doutrina ou de uma fé delimitada e assente, a questão está resolvida: vida superior é aquela que serve de lhe confirmar a ilustrar a sua filosofia, a sua moral, a sua crença. Para um cristão, seria a vida impregnada de santidade; para um positivista, a que reunisse à maior pujança de bom senso a maior capacidade de ação social, dentro da Ordem; para um nietzscheano, a que exprimisse com mais impetuosa e fulgurante veemência à

vontade de domínio, que é própria alma da vida; para um tainizante, a que se ritmasse pela ânsia constante de conhecer; para um cidadão abeberado em Rousseau, a vida clara e sã das almas simples, dos corações amáveis e dos espíritos límpidos, no seio maternal da natureza... Mas, fora do âmbito fechado de uma doutrina, onde a gente se haja instalado, e arrumado a bagagem das suas convicções, para o que der e vier, já não me parece tão singelo o problema.

Qual o critério certo que nos guie, se esse critério constitui justamente a grande questão, sempre aberta?

Entanto, ponderando as coisas, vemos que as diversas opiniões, por diversas que sejam, parecem assentar num terreno comum e tocar-se pelas bases. Todas colocam a vida superior na alta esfera do espírito, acima dos impulsos vagos, das paixões cegas, das ideias recebidas, dos atos imitados, dos “instintos de rebanho”. Todas elas pressupõem, portanto, nos que vivem superiormente uma alta dose de originalidade, o forte desenvolvimento de uma consciência superior. A partir daqui começam as divergências; mas até aqui parece que todas se conciliam. Pois bem. Aqueles que se não fecham numa doutrina, e não pretendem impor à confusa e fugitiva complexidade dos fenômenos os seus quadros imutáveis, podem ficar em que a vida superior, pressupondo um notável alargamento da atividade consciente, – é a que por ela se rege e se coordena e delas recebe claridade e relevo.

Este é um ponto de vista psicológico, de mera observação, imparcial e amplo, e não, propriamente, uma “opinião”. Abrange todos os que vivem sob um alto e acentuado predomínio do espírito – santos e sábios, guerreiros e poetas, estadistas e homens do mundo, Francisco de Assis e Pascal, Goethe e Pasteur, Platão, o divino, e Diógenes, o cínico. Os próprios “porcos de Epicuro”, desde que fruam todos os regalos grosseiros da vida material em consequência de uma maneira filosófica de compreender a vida, de alguma sorte vivem, – repugnantemente, é certo, – uma vida superior... É claro que nos fica sempre de reserva o direito e mesmo o dever de optar, pessoalmente, pela forma de vida superior que nos afigure mais bela – como somos capazes de a compreender e praticar, com a “nossa” inteligência, o “nosso” temperamento, a “nossa” vontade, as possibilidades contidas na “nossa” organização.

Nestes termos, de certo que a encantadora criatura de Eça de Queiroz é um tipo representativo de vida superior...

Não direi que seja o “tipo ideal” para que devam tender os nossos esforços de aperfeiçoamento! Não sei qual seja, nem percebo qual possa ser o tipo de “homem ideal” por que vocês perguntam. Sei que há figuras humanas, reais, que são fulgurantes e magníficas: não me consta que haja alguma perfeita. Não há duas iguais. Há – as flagrantemente diversas entre

si. Tipos ideais, completos e acabados, só na literatura ou no sonho. Podem ser muito belos, podem resplender como catálogos luminosos de virtudes e de dons; faltar-lhes-á sempre alguma coisa: ter vivido.

Essa “alguma coisa” é tudo. Construir pela imaginação heróis que sejam ao mesmo tempo santos, e pensadores, e artistas, fulgindo em cada um dos seus aspectos como um diamante de primeira água em cada uma das suas facetas, é relativamente fácil. Difícil é encontrar na realidade viva uma dessas construções supremamente harmoniosas na sua suprema grandeza. O homem, sejam quais forem as altura a que se eleve, é sempre homem, e leva consigo a fragilidade do barro terreno, ouriçado de contradições, varado de falhas. Não há tipos ideais. É o mais que podemos razoavelmente fazer – é dar o máximo desenvolvimento às nossas boas forças interiores, com sincero e incessante esforço...

Realizar o máximo de elevação dentro dos limites e das condições da nossa natureza individual – é o que de melhor se pode pretender. Feliz de quem atinge essa meta – de quem se *realiza* a si próprio, sem sonhar em realizar, violentando e torturando a individualidade, num trabalho desesperado de cópia, um perfeito modelo imaginário!

Qui rent faire l'ange fait la bête...



A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS OCTAVIO AUGUSTO

1.º

Será Fradique Mendes um typo representativo de vida superior?

Resposta:

Não. Nem de vida inferior. É um typo representativo de vida fictícia, fútil apezar de erudita.

2.º

Será Fradique Mendes um elegante perfeito?

Resposta:

Não, porque a erudição acima mencionada lhe tira o dom supremo da elegância pe feita, que é a ignorância.

Não ha contradicção com a resposta anterior, porque ali digo que Fradique Mendes é o typo representativo da vida fútil, posto que, por erudito, perdesse elle a faculdade essencial da elegancia perfeita, que é, como affirmei, a invejavel ignorancia de tudo, principalmente a ignorancia de si mesmo.

Como sabeis, Fradique Mendes se preocupava com o seu eu, e com esta predisposição, cria-se psychologo, e apto á critica.

E, como quem se julga apto á critica, persuade-se, com logica inabalavel, apto á creação, o personagem de Eça chegou, por causa d'aquella illusão bovariana de que fala um moderno, á conclusão de que devia fazer versos, e fel-os. Fel-os sem apagar a gloria de Leconte de Lisle, e sem fazer mal a Baudelaire, de quem, por falta de affindade espirital, se proclamava admirador.

Já algumem com maldade laconica, quiz caracterisar esse *homem de marmore* com uma phrase sibilante, e chamou-o *caixeiro viajante*.

Injustiça lamentavel. Nenhum caixeiro viajante teve ainda a ousadia de imitar Leconte e admirar Baudelaire, modestia que tem trazido certa tranquillidade a espiritos graves.

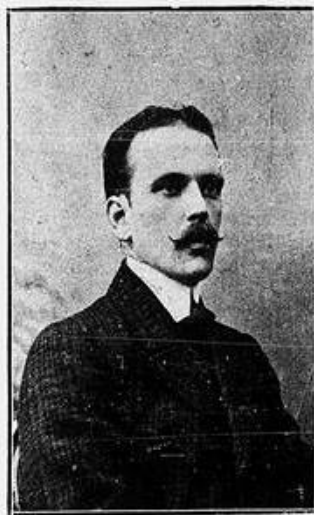
Fazeis muita questão que eu vos fale da elegancia de Fradique. Pois não é a elegancia uma questão puramente visual? E quem é capaz de ver Fradique? Eça não se preocupou com que nós o vissemos, como vemos o Maia, o João da Eça, aquella criada do *Primo Bazilio*, e o venerando ancião que perambula nos *«Maia»*. Eça não quiz que o vissemos, quiz que o admirassemos, a elle Eça, e não a Fradique.

Fraqueza, não tenho duvida, do grande escriptor. Ninguém se immortaliza nos seus personagens. Procura Shakespeare nas suas obras. Não o achareis se o procurardes como quem procura Eça em Fradique.

Vede o *Rei Lear*. E' o apogeu da arte humana. Vede Hamlet. E' Byron phphetisado, é Baudelaire, é Shelley, é Anatole France, é Machado de Assis, mas não é Shakespeare. Lembrae-vos de Othelo. Representa todas as paixões, todas as revoltas da alma contra a fa-

talidade do amor, representa o homem em acção contra si mesmo, mas não representa Shakespeare.

A *Tempestade*, o drama mais pessoal, mais subjectivo, do menos pessoal dos genios, nada tem concretamente da pessoa de Shakespeare, e não é mais do que a objectivação dramatica d'esse espirito fabulista que o obrigava a procurar os assumptos nas brumas do norte, nas paisagens poeticas e historicas de Verona, na lendaria Veneza, na longinqua Roma, na remota Grecia.



No *Sonho de uma noite de verão* vêde como se expande, em liberdade extrema, esse genio amigo da fabula, e inimigo da falsidade. Nem uma vez, porém, vem-lhe á mente o proposito de embasbacar o espectador com a sua propria personalidade.

Como que o rei do theatre moderno caprichava em mostrar a scena, attenuando e esgarçando a silhueta, demasiado actual, do actor.

E não penseis que é só Shakespeare, entre os apices da esthetica humana, entre os theoremas fundamentais do bello real, que segue essa norma, sem querer, sem sentir, sem se preocupar connosco, porque, afinal, ambicionar impor-se por meio de seus personagens inveridicos nada mais é que a consciencia, embora momentanea, da propria fraqueza, da quasi nullidade na arte e na vida humana.

Se quizerdes exemplos menos remotos, podeis lembrar-vos de Flaubert, que era emtanto violentamente pessoal em sua existencia particular e pavorosamente mysau-

thropo, de Balzac que pinton tantos caracteres e não se pintou a si mesmo, de Goethe, o assombro da philosophia esthetica do seculo passado, que, tendo representado todos os seus altos ideaes em Fausto, tendo n'elle encarnado toda a sua duvida pungente, todo o seu desespero, que é o desespero humano, nunca se lembrou, entretanto, de fazer do *Fausto* uma simples succursal da sua pessoa, um méro reclame da sua personalidade.

Que Eça de Queiroz se tivesse esquecido de si proprio, a ponto de querer reproduzir-se a si mesmo n'uma das suas creações, é fraqueza sinceramente lamentavel! E' mediocridade contra a qual protestam as suas outras obras, que certamente ainda terão vida, quando já Fradique estiver archivado, para bem da minha tranquillidade de meditativo sem elegancia, e para mal do vosso jornalismo petulante, porém original e amavel.

Voltando naturalmente á interrogação que me fazeis (se Fradique Mendes é um elegante perfeito) não serei tão cruel para com a creação, que alguns, com perversidade sem malicia, dizem predilecta de Eça de Queiroz, que vos vá confirmar n'elle a elegancia, perfeita ou imperfeita.

Para mim Fradique Mendes não é elegante, nem deselegante, nem superior, nem inferior, nem bello, nem feio, nem fútil, nem grave, por uma razão muito simples: é que elle não existe!

3.

Em caso de resposta negativa, qual é o typo ideal de homem?

Resposta:

Não é por affectação que me confesso algo embaraçado, ante a perspectiva de manifestar-me sobre o typo ideal de homem.

Sinceramente vos asseguro que preferiria que me perguntasseis qual é o typo ideal de mulher, porque, tendo eu tido a desgraça de não ser consultado ao nascer, percebi que era homem quando comecei a me preocupar com o typo ideal de mulher, pouco caso fazendo dos meus companheiros de infortunio, isto é dos homens.

E' provavel que, se fosse mulher, vos dissesse promptamente que o meu typo ideal de homem não seria nunca o de Fradique, por não ter este nem a coragem de ser diferente de todo o mundo, nem a covardia sympathica de ser com todos parecido.

Se fosse mulher, nunca perdoaria a um homem o ser mediocre, odial-o-ia menos se o visse criminoso que se o visse banal.

Não que Fradique seja banal. E' apenas impotente para manter essa immensa superioridade, que é a mola real da sua existencia, illusão que o torna futuro, impertinente e sem a fib:a necessaria para entrar na vi-

O PIRRALHO

quotidiana, encara-a e dom-a embo-a ás vezes derrotado, ás vezes baleado, mas nunca de braço dado com a popularidade facil, com a futilidade victoriosa (victoriosa porque é a futilidade de todos) com a eterna estreiteza cerebral da maioria.

Vejo que insistis commigo para que vos diga o meu typo ideal de homem.

Pois bem, o homem que eu admiraria sem restricções, que eu havia de venerar seria quem, mais forte que Zarathustra (o qual, aliás, renegou-se a si proprio voltando entre os seus semelhantes) tivesse a energia

inquebravel de se contentar de si mesmo, de saber para sempre que nada podia achar entre nós de equiparavel ao seu proprio ser, e que tudo na sociedade é falso, é mediocre, é futil, é injusto, é insupportavel.

Está claro que me refiro ao typo *ideal*, como dizeis, sendo que *ideal* significa para mim aquillo que a idea pura forma ao se concretizar n'uma aspiração. Isso é synonimo de impossivel, de não existente.

Alguns eleitos conseguiram att'ngir um começo d'esse ideal, e é a elles que vao toda a minha admiração e todo o meu respei-

to. E' áquelles que viram um dia, (e d'isso se convenceram para sempre) que tudo entre nós é tão vil, tão corriqueiro, e tão penoso, que o melhor era se retirarem nelles proprios, encolherem-se como perolas entre conchas, desprezando a humanidade, e não querendo com ella nenhum contacto sério.

Vedes pois que o typo ideal de homem é qualquer coisa, para mim, de inexistente de abstracto, mas, felizmente tereis percebido que não me falta, ás vezes, admiração sincera e respeito commovido por certos typos, não ideaes, porém excepcionaes.

Nota Politica

Teve enfim final desfecho, o já celebre caso do Rio.

Sem duvida nenhuma, estamos de pleno accordo com o eminente senador Ray Barbosa quando pouco antes do illustre senhor presidente da Republica cumprir o habeas-corpus concedido ao Sr. Nilo Peçanha, chamou esse caso presidencial de um caso nacional.

De facto. A nação inteira acompanha com vivo interesse a successão presidencial no pequeno estado do Rio e vio com enthusiasmo desusado a serie de victorias que, contra dois governos ia alcançando o illustre Dr. Nilo Peçanha.

Houve um instante, em que a causa do estadista fluminense perigou.

S. Exia. depois de brilhante campanha democratica pelo interior do seu estado; depois de uma brilhante victoria eleitoral, sentiu perigar a sua causa.

A gentaglia da Sr. Oliveira Botelho, chefiada por um tal Ponce de Leon acolytado por um tal Figueira d'Almeida, se reuniu em congresso apurador e... reconheceu presidente do estado, o tenente Sodré, heremista e... nada mais.

Nesse ponto então, o Sr. Nilo Peçanha, experimentado nas luctas politicas e convicto de que a sua causa era a causa do Direito e da Justiça, não desanimou e batendo ás portas do Supremo Tribunal, obteve a confirmação dos seus direitos o reconhecimento da Verdade e da Justiça.

Até ahí, nada de novo; o que asombrou, o que se constituiu em surpresa para toda gente, foi o presidente da Republica destes Brazis mandar dar posse ao Sr. Nilo, cumprindo assim a ordem de habeas-corpus que o Supremo lhe havia concedido.

Tão desacostumado estava já o povo brasileiro dessas boas normas da pratica do regimen republicano, que ao se ler a noticia de que o Sr. Wenceslau cumpriria o habeas-corpus parecia que se estava sonhando, tão anormal era esse cumprimento de um dever constitucional.

Felizmente a quadra negra passou e o honrado estadista que preside os eternos destinos do Brazil entrou pelo bom caminho e vae na sua reservada e digna marcha de escravo da Lei e cultuador da Justiça.

Ao illustre estadista Dr. Nilo Peçanha, por cuja causa aqui nos batemos, enviamos o melhor dos nossos abraços com a quasi certeza que agora temos, de que após quatro annos de eclipse do regimen republicano, estamos no recto caminho democratico e liberal, da Liberdade e da Justiça!

D.

VITA NUOVA

Eu não sou mais o heroe de mil victorias
Que o peito expunha ás lanças inimigas.
Embragado de sonhos e de glorias
Supportando miserias e fadigas.

Não sou mais personagem das historias
De amor e de seu sequito de entrigas;
Puz de lado as conquistas illusorias,
Quebrei lanças, viseiras e lorigas.

Hoje sou um burguez equilibrado
Cheio de preconceitos e temores,
Que censura e lastima o seu passado.

Longe da luta horrifica e assassina
Não tenho mais rivaes, nem contendores,
Com excepção do vendeiro lá da esquina...

JACINTHO GÓES

O ESTADO DE S. PAULO

Completo mais um anno de existencia no dia 4, *O Estado de S. Paulo*, o grande jornal diario que se publica sob a direcção sabia de Julio de Mesquita

A elle, como a Nestor Pestana e Amadeu Amaral os dois valorosos elementos do possante matutino, os nossos cumprimentos effusivos.

COISAS DE ARTE
OCTAVIO AUGUSTO

Responde hoje á nossa *enquête* sobre Fradique Mendes, o dr. Octavio Augusto Inglez de Souza.

Octavio Augusto foi um dos primeiros amigos bons do *Pirralho*, teudo deixado collaboração em prosa e verso nos primeiros numeros da nossa

A NOSSA ENQUETE SOBRE FRADIQUE MENDES

Fala-nos Octavio Augusto

Será Fradique Mendes um tipo representativo de vida superior?

Resposta:

Não. Nem de vida inferior. É um tipo representativo de vida fictícia, fútil apesar de erudita.

2º

Será Fradique Mendes um elegante perfeito?

Resposta:

Não, porque a erudição acima mencionada lhe tira o dom supremo da elegância perfeita, que é a ignorância.

Não há contradição com a resposta anterior, porque aí digo que Fradique Mendes é o tipo representativo da vida fútil, posto que, por erudito, perdesse ele a faculdade essencial da elegância perfeita, que é, como afirmei, a invejável ignorância de tudo, principalmente a ignorância de si mesmo.

Como sabeis, Fradique Mendes se preocupava com o seu *eu*, e com esta predisposição, cria-se psicólogo, e apto à crítica.

E, como quem se julga apto à crítica, persuade-se, com lógica inabalável, apto à criação, o personagem de Eça chegou, por causa daquela ilusão bovariana de que fala um moderno, à conclusão de que devia fazer versos, e fê-los. Fê-los sem apagar a glória de Leconte de Lisle, e sem fazer mal a Baudelaire, de quem, por falta de afinidade espiritual, se proclamava admirador.

Já alguém com maldade lacônica, quis caracterizar esse *homem de mármore* com uma frase sibilante, e chamou-o *caixeiro viajante*.

Injustiça lamentável. Nenhum caixeiro viajante teve ainda a ousadia de imitar Leconte e admirar Baudelaire, modéstia que tem trazido certa tranquilidade a espíritos graves.

Fazeis muita questão que eu vos fale da elegância de Fradique. Pois não é a elegância uma questão puramente visual? E quem é capaz de ver Fradique? Eça não se preocupou com que nós o víssemos, como vemos o Maia, o João da Ega, aquela criada do *Primo Basílio*, e o venerando ancião que perambula nos “*Maiais*”. Eça não quis que o víssemos, quis que o admirássemos, a ele Eça, e não a Fradique.

Fraqueza, não tenho dúvida, do grande escritor. Ninguém se imortaliza nos seus personagens. Procure Shakespeare nas suas obras. Não o achareis se o procurardes como quem procura Eça em Fradique.

Vede o *Rei Lear*. É o apogeu da arte humana. Vede Hamlet. É Byron profetizado, é Baudelaire, É Shelley, é Anatole France, é Machado de Assis, mas não é Shakespeare. Lembrai-vos de Othelo. Representa todas as paixões, todas as revoltas da alma contra a fatalidade do amor, representa o homem em ação contra si mesmo, mas não representa Shakespeare.

A *Tempestade*, o drama mais pessoal, mais subjetivo, do menos pessoal dos gênios, nada tem concretamente da pessoa de Shakespeare, e não mais do que a objetivação dramática desse espírito fabulista que o obrigava a procurar os assuntos nas brumas do norte, nas paisagens poéticas e históricas de Verona, na lendária Veneza, na longínqua Roma, na remota Grécia.

No *Sonho de uma noite de verão* vede como se expande, em liberdade extrema, esse gênio amigo da fábula, e inimigo da falsidade. Nem uma vez, porém, vem-lhe à mente o propósito de embasbacar o espectador com a sua própria personalidade.

Como que o rei do teatro moderno caprichava em mostrar a cena, atenuando e esgarçando a silhueta, demasiado atual, do ator.

E não penseis que é só Shakespeare, entre os ápices da estética humana, entre os teoremas fundamentais do belo real, que segue essa norma, sem querer, sem sentir, sem se preocupar conosco, porque, afinal, ambicionar impor-se por meio de seus personagens inverídicos nada mais é que a consciência, embora momentânea, da própria fraqueza, da quase nulidade na arte e na vida humana.

Se quiserdes exemplos menos remotos, podeis lembrar-vos de Flaubert, que era entanto violentamente pessoal em sua existência particular e pachorrentamente misantropo, de Balzac que pintou tantos caracteres e não se pintou a si mesmo, de Goethe, o assombro da filosofia estética do século passado, que, tendo representado todos os seus altos ideais em Fausto, tendo nele encarnado toda a sua dúvida pungente, todo o seu desespero, que é o desespero humano, nunca se lembrou, entretanto, de fazer do *Fausto* uma simples sucursal da sua pessoa, um mero reclame da sua personalidade.

Que Eça de Queiroz se tivesse esquecido de si próprio, a ponto de querer reproduzir-se a si mesmo numa das suas criações, é fraqueza sinceramente lamentável! É mediocridade contra a qual protestam as suas outras obras, que certamente ainda terão vida, quando já Fradique estiver arquivado, para bem da minha tranquilidade de meditativo sem elegância, e para mal do vosso jornalismo petulante, porém original e amável.

Voltando naturalmente à interrogação que me fazeis (se Fradique Mendes é um elegante perfeito) não serei tão cruel para com a criação, que alguns, com perversidade sem malícia, dizem predileta de Eça de Queiroz, que vos vá confirmar nele a elegância, perfeita ou imperfeita.

Para mim Fradique Mendes não é elegante, nem deselegante, nem superior, nem inferior, nem belo, nem feio, nem fútil, nem grave, por uma razão muito simples: é que ele não existe!

3º

Em caso de resposta negativa, qual é o tipo ideal de homem?

Resposta:

Não é por afetação que me confesso algo embaraçado, ante a perspectiva de manifestar-me sobre o tipo ideal de homem.

Sinceramente vos asseguro que preferiria que me perguntásseis qual é o tipo ideal de mulher, porque, tendo eu tido a desgraça de não ser consultado ao nascer, percebi que era homem quando comecei a me preocupar com o tipo ideal de mulher, pouco caso fazendo dos meus companheiros de infortúnio, isto é dos homens.

É provável que, se fosse mulher, vos dissesse prontamente que o meu tipo ideal de homem não seria nunca o de Fradique, por não ter este nem a coragem de ser diferente de todo o mundo, nem a covardia simpática de ser com todos parecido.

Se fosse mulher, nunca perdoaria a um homem o ser medíocre, odiá-lo-ia menos se o visse criminoso, que se o visse banal.

Não que Fradique seja banal. É apenas impotente para manter essa imensa superioridade, que é a mola real da sua existência, ilusão que o torna fútil, impertinente e sem a fibra necessária para entrar na vida quotidiana e encará-la e domá-la embora as vezes derrotado, as vezes baleado, mas nunca de braço dado com a popularidade fácil, com a futilidade vitoriosa (vitoriosa porque é a futilidade de todos) com a eterna estreiteza cerebral da maioria.

Vejo que insistis comigo para que vos diga meu tipo ideal de homem.

Pois bem, o homem que eu admiraria sem restrições, que eu havia de venerar seria quem, mais forte que Zarathustra (o qual, aliás, renegou-se a si próprio voltando entre os seus semelhantes) tivesse a energia inquebrável de se contentar de si mesmo, de saber para sempre que nada podia achar entre nós de equiparável ao seu próprio ser, e que tudo na sociedade é falso, é medíocre, é fútil, é injusto, é insuportável.

Está claro que me refiro ao tipo *ideal*, como dizeis, sendo que *ideal* significa para mim aquilo que a ideia pura forma ao se concretizar numa aspiração. Isso é sinônimo de impossível, de não existente.

Alguns eleitos conseguiram atingir um começo desse ideal, e é a eles que vae toda a minha admiração e todo o meu respeito. É aqueles que viram um dia, (e disso se convenceram

para sempre) que tudo entre nós é tão vil, tão corriqueiro, tão penoso, que o melhor era se retirarem neles próprios, encolherem-se como perolas entre conchas, desprezando a humanidade, e não querendo com ela nenhum contato sério.

Vedes pois que o tipo ideal de homem é qualquer coisa, para mim, de inexistente de abstrato, mas, felizmente tereis percebido que não me falta, as vezes, admiração sincera e respeito comovido por certos tipos, não ideais, porém excepcionais.

A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS JACOMINO DEFINE

Fradique é um heroe irreall, uma phantasia litteraria. Elle encarna de certo algumas idéas, alguma maneira de ver e de sentir de Eça de Queiroz, na sua primeira phase litteraria.

Mas a sua vida é vaga, ondeante, não se esteia na realidade como essas outras figuras do Eça, que vós sabeis, — antes é feita de phrases, de "poses", de litteratura.

Fradique não é um typo, é uma abstracção romantica, uma figura brilhante e idealisada, encarregada de soltar sobre a arte e sobre a vida phrases e paradoxos sciintillantes, e de escrever, à guiza de cartas, algumas das chronicas mais bellas que ha em portuguez.

O seu amor da arte, o seu culto da forma, o seu ideal de uma vida livre, ambulante e faustosa, Eça de Queiroz quiz extrinsecal-os numa obra de arte e personificou tudo isso em Fradique. Mas vê-se que tudo isso é uma figuração, não tem raizes profundas em Fradique, não nasce da sua vida, dos seus actos, da sua alma.

Assim, Fradique nunca existiu, é apenas um porta-voz. Mas o interessante (o que viria provar mais uma vez que não é o meio que faz a obra, mas sim a obra que faz o meio) é isto: que depois do apparecimento de Fradique, elle creou uma atmosphera "fradiqueana," agiu catalyticamente, e houve innumeras pessoas que se julgaram, tentaram ou quizeram ser Fradique.

Houve um tempo em que o ideal de muita gente foi viajar o Oriente e as grandes metropoles, ter fatos irreprehensíveis, innumeraveis gravatas de seda e algumas cabaiaes idem, tractar por tu os homens gloriosos das lettras francezas e ter alguma aventura no grande mundo.

O inconveniente era que para isso era preciso, alem de outros dotes, muito dinheiro. Por isso muitos Fradiques ficaram em incubação.

Ora, sem criticar demais essas aspirações mais ou menos plausíveis e agradáveis, convenhamos que isso não é um ideal superior.

Hoje preferem-se, eu pelo menos prefiro, os heroes obscuros ou gloriosos

que trabalham, que penam, que produzem, que se sacrificam por uma causa, por uma idéa, por um amor, que se immolam ao dever, ao pão, à familia, os que pela palavra ou pela acção, pelo pensamento ou pelo exemplo dignificam e explanam a tarefa da existencia.

Mas, dir-me-hão: Fradique pensa, Fradique estuda, Fradique mistura-se à vida dos povos, principalmente os de saboroso exotismo, estuda-lhes as origens, a religião, as almas.

Puro dilettantismo!



Elle não se dá a um fim, a uma obra, a um ideal. É uma flor de luxo que se nutre de todos os requintes, de todas as suavidades, de todas as espumas da civilização. Nobilita uma certa curiosidade intellectual, mas essa mesmo desordenada, saltitante, infructifera.

Fradique representa o dilettante rico e esteril, a borboleta irisada e irrequieta, a abelha que suga o mel de todas as flores, sem ao menos espalhar inconscientemente o pollen fecundo pelo mundo.

Bem sei que o autor nos falla de apontamentos bastos, de planos, de obras esboçadas e inacabadas sob o futil pretexto de que ninguém sabe escrever. Contra-producente resalva!

E' verdade, ninguém sabe escrever, no sentido de que não ha nada perfeito, e todos sabem escrever desde que tenham realmente alguma coisa a dizer.

Assim, Fradique é uma actividade desordenada e anomala, não se mistura aos homens, aos eventos, às creações do seu tempo, é um perdlario e um sceptico, e portanto um corruptor.

Em lugar de ser um typo superior, é uma flor perversa de civilização, um producto falho e ficticio, um exemplo deleterio e malsão, apesar da sua apparencia seductora.

E tão consciente estava d'isso o maravilhoso Eça, que nos deu d'elle uma segunda edição correcta, grandiosa e humanisada, nessa soberba figura do Jacintho, que nos reconcilia com a natureza e com a vida, de uma maneira tão simples e tão grande!

Encantador e inconsistente Fradique vae até o fim sem desenhencillar-se da idealidade e da litteratura.

Mesmo a sua morte tem não sei que de frio e distante, que não commove nem entristece.

As suas cartas nada têm de intimo, de pessoal, de revelador; são deliciosas por que pela sua bocca falla o autor, e a prosa de Eça é uma selva de encantos.

Assim, Fradique nos diverte e enleva, nos acaricia e agita, mais pela virtude artistica que o anima do que pelo seu conteúdo moral ou psychologico.

Não é esse o fim da obra d'arte, não foi isso que quiz o seu autor, esse mestre delicioso e irresistivel?

Mas Eça de Queiroz não precisa de exegeses nem de apologias.

A' medida que passam os annos, a sua obra se destaca cada vez mais pura e mais grande.

Elle e Camões são os dois magos, os dois maiores artistas, os dois maiores creadores da lingua.

Admiremo-os, sem esperanza de dizer tudo o que valem e o que encerram.

Quanto ao ideal de uma vida superior, talvez esteja nesses de que acima fallei, talvez esteja em Jacintho, talvez na vida do proprio Eça de Queiroz. Digo talvez, porque o ideal depende do gosto... e depois é tão difficil responder a essas perguntas com este calor!

A NOSSA ENQUETE SOBRE FRADIQUE MENDES

Fala-nos Jacomino Define

Fradique é um herói irreal, uma fantasia literária. Ele encarna decerto algumas ideias, alguma maneira de ver e de sentir de Eça de Queiroz, na sua primeira fase literária.

Mas a sua vida é vaga, ondeante, não se esteia na realidade como essas outras figuras do Eça, que vós sabeis, – antes é feita de frases, de “poses”, de literatura.

Fradique não é um tipo, é uma abstração romântica, uma figura brilhante e idealizada, encarregada de soltar sobre a arte e sobre a vida frases e paradoxos cintilantes, e de escrever, à guisa de cartas, algumas das crônicas mais belas que há em português.

O seu amor da arte, o seu culto da forma, o seu ideal de uma vida livre, ambulante e faustosa, Eça de Queiroz quis extrínseca-los numa obra de arte e personificou tudo isso em Fradique. Mas vê-se que tudo isso é uma figuração, não tem raízes profundas em Fradique, não nasce da sua vida, dos seus atos, da sua alma.

Assim, Fradique nunca existiu, é apenas um porta-vos. Mas o interessante (o que viria provar mais uma vez que não é o meio que faz a obra, mas sim a obra que faz ou modifica o meio) é isto: que depois do aparecimento de Fradique, ele criou uma atmosfera “fradiqueana”, agiu cataliticamente, e houve inúmeras pessoas que se julgaram, tentaram ou quiseram ser Fradique.

Houve um tempo em que o ideal de muita gente foi viajar ao Oriente e às grandes metrópoles, ter fatos irrepreensíveis, inumeráveis gravatas de seda e algumas cabaiais idem, tratar por tu os homens gloriosos das letras francesas e ter alguma aventura no grande mundo.

O inconveniente era que para isso era preciso, além de outros dotes, muito dinheiro. Por isso muitos Fradiques ficaram em incubação.

Ora, sem criticar demais essas aspirações mais ou menos plausíveis e agradáveis, convenhamos que isso não é um ideal superior.

Hoje preferem-se, eu pelo menos prefiro, os heróis obscuros ou gloriosos que trabalham, que penam, que produzem, que se sacrificam por uma causa, por uma ideia, por um amor, que se imolam ao dever, ao pão, à família, os que pela palavra ou pela ação, pelo pensamento ou pelo exemplo dignificam e explanam a tarefa da existência.

Mas, dir-me-ão: Fradique pensa, Fradique estuda, Fradique mistura-se à vida dos povos, principalmente os de saboroso exotismo, estuda-lhes as origens, a religião, as almas.

Puro diletantismo!

Ele não se dá a um fim, a uma obra, a um ideal. É uma flor de luxo que se nutre de todos os requintes, de todas as suavidades, de todas as espumas da civilização. Nobilita-o uma certa curiosidade intelectual, mas essa mesmo desordenada, saltitante, infrutífera.

Fradique representa o diletante rico e estéril, a borboleta irisada e irrequieta, a abelha que suga o mel de todas as flores, sem ao menos espalhar inconscientemente o pólen fecundo pelo mundo.

Bem sei que o autor nos fala de apontamentos bastos, de planos, de obras esboçadas e inacabadas sob o fútil pretexto de que ninguém sabe escrever. Contraproducente ressalva!

É verdade, ninguém sabe escrever, no sentido de que não há nada perfeito, e todos sabem escrever desde que tenham realmente alguma coisa a dizer.

Assim, Fradique é uma atividade desordenada e anômala, não se mistura aos homens, aos eventos, às criações do seu tempo, é um perdulário e um séptico, e portanto um corruptor.

Em lugar de ser um tipo superior, é uma flor perversa de civilização, um produto falho e fictício, um exemplo deletério e malsão, apesar da sua aparência sedutora.

E tão consciente estava disso o maravilhoso Eça, que nos deu dele uma segunda edição correta, grandiosa e humanizada, nessa soberba figura do Jacinto, que nos reconcilia com a natureza e com a vida, de uma maneira tão simples e tão grande!

Encantador e inconsistente Fradique vai até o fim sem desenhencilhar-se da idealidade e da literatura.

Mesmo a sua morte tem não sei que de frio e distante, que não comove nem entristece.

As suas cartas nada têm de íntimo, de pessoal, de revelador; são deliciosas porque pela sua boca fala o autor, e a prosa de Eça é uma selva de encantos.

Assim, Fradique nos diverte e enleva, nos acaricia e agita, mais pela virtude artística que o anima do que pelo seu conteúdo moral ou psicológico.

Não é esse o fim da obra de arte, não foi isso que quis o seu autor, esse mestre delicioso e irresistível?

Mas Eça de Queiroz não precisa de exegeses nem de apologias.

À medida que passam os anos, a sua obra se destaca cada vez mais pura e mais grande.

Ele e Camões são os dois magos, os dois maiores artistas, os dois maiores criadores da língua.

Admiremo-los sem esperança de dizer tudo o que valem e o que encerram.

Quanto ao ideal de uma vida superior, talvez esteja nesses de que acima falei, talvez esteja em Jacinto, talvez na vida do próprio Eça de Queiroz. Digo talvez, porque o ideal depende do gosto... e depois é tão difícil responder a essas perguntas com este calor!



A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS NUTO SANT'ANNA

Fradique Mendes foi extravagante e perdidário. Saturado de um sem numero de philosophias, levou a vida inteira viajando, quasi sempre só, aborrecidamente. Estudou religiões de paizes barbaros, criticou mordazmente homens e cousas, esbanjou inutilmente a immensa fortuna que lhe não custou nem uma baga de suor. E' um typo puramente romantico. Não conheço ninguém que nem de longe se lhe possa comparar: uns são ricos, fartamente ricos de dinheiro, mas pobres de idéas, horrorosamente pobres; outros são pobres de dinheiro e ricos de genio; outros ainda, ricos de dinheiro, ricos de genio, mas não aspiram a figurar ao lado dos personagens irreaes que fariam a gloria de Dumas, de Montépin, de Ponson. Basta ter genio para não descer ao exaggero ridiculo do exhibicionismo. Dahi o ser Fradique Mendes genuinamente artificial. Mas, ainda concretizado em carne, ossos e sobrecasaca, eu o reputaria inferior ao Pacheco, ao Theodorico Raposo, ao Jacintho, ao Conselheiro Acacio...

Fradique Mendes, como poeta, seria talvez um typo representativo de vida superior, se a ancia febril de perfeição não lhe mutilasse o genio, se a sua sensibilidade de estheta não repudiase as estrophes das *Lapidarias*, se o seu egoismo literario não lhe atrophia-se a expansão productiva da sua arte. Tivesse sido e não repudiaria, com aquella indiferença sceptica de incontentado, as composições que produziu por dilettantismo e por acaso, e que os seus leitores taxavam, deslumbra-dos, de magnificas e monumentaes. Um artista de raça, um escriptor mediocre ou um desses individuos semi-quadrupedes que por ahi passeiam insolentemente a sua fatuidade jámais deixaram de quedar-se commovidos ante o trabalho proprio. E Fradique, eternamente armado de uma indifferença, talvez postica, pelos seus poemas, dá-nos a dolorosa impressão de um conquistador superficialmente letrado em indices e lombadas, quando o vemos falar aquella Clara tão delicosa, naquellas cartas tão quentes e tão macias...

Fradique Mendes, que não teve credores, que não teve um lar com esposa e filhos, que não soffreu as agruras do trabalho, não foi grande nem no dia em que deixou cahir um óbolo na saccola murcha de umas creanças maltrapilhas, pelas mãos do



Smith. Se bem que praticasse um acto assim philanthropico na intimidade, sem o apregoar pelas columnas das gazetas e com a consciencia de quem andava como um justo, tal generosidade assumiu proporções deficientes e contraproducentes, não passando de um reflexo fugitivo e discrepante da sua larga intelligencia. Dar esmolas aos mendigos profissionais, na rua, ao pé de todos, para que todos vejam; por intermedio de algum jornal, para que todos saibam, ou mesmo em casa, por um laçao de libré, não é ser caridoso. E' que Fradique, que se preocupava quasi exclusivamente com exotismos, não previu que com aquella esmoia poderia sustentar vicios de paes vagabundos ou contribuir involuntariamente para a proliferação de alguma familia invalida, de degenerados ou enfermos, que porventura medrasse á sombra maternal da piedade urbana. Por que não auxiliava elle os institutos de caridade?

Porque não salvava do opprobrio e da miseria gente válida que soffresse as investidas da sorte madrasta? A sua erudição e o seu gosto artistico nada perderiam com uma pratica mais sensata e mais humana da grande virtude.

Além disso, em amor, foi tambem de uma vulgaridade burgueza. E' incrível que um homem sabio, que levou toda uma existencia a guerrear o ridiculo, se quedasse por uma noite a tora, depois de deixar a companheira entretida com as iguarias de uma ceia, a contemplar um pescoço branco, uns hombros largos, uma cabelleira loura. Ali, sob a janella da sua amiga, rondou elle por horas e horas, luxuriosamente, como um cão de fila... Não se pode ser mais inferior e mais chato.

Será Fradique Mendes um elegante perfeito? Absolutamente não sei o que é ser elegante. Será andar pelos ultimos figurinos? frequentar as rodas mais altas? discutir modas com senhoras futeis? levar por uma corrente um enorme perdigueiro através das ruas? assistir apenas ao ultimo acto das representações? dizer graças á visinha e provocar a mulher do proximo? Será trocar a noite pelo dia, frequentar os clubs, usar monoculo? Se é a isso que se chama ser elegante, Fradique Mendes não o foi. Preocupava-se elle mais com as suas tendencias analyticas, com as viagens e a critica implacavel, do que com a pelintrice, que se não é bem elegancia pouco lhe falta para confundir-se com ella. Fradique Mendes não foi positivamente um elegante perfeito: envelheceu estupidamente e estupidamente arrebitou aos 50 annos. Levou-o uma pleurisia quasi fulminante, quando devera, á feição de Petronio, o Arbitro da Elegancia, partir da existencia menos prosaicamente, nem que fosse pela porta do suicidio. Os elegantes morrem assim, elegantemente...

Para mim, o typo ideal do homem é tanto Budha como Jesus Christo.



A NOSSA ENQUETE SOBRE FRADIQUE MENDES

Fala-nos Nuto Sant'Anna

Fradique Mendes foi extravagante e perdulário. Saturado de um sem número de filosofias, levou a vida inteira viajando, quase sempre só, aborrecidamente. Estudou religiões de países bárbaros, criticou mordazmente homens e coisas, esbanjou inutilmente a imensa fortuna que lhe não custou nem uma baga de suor. É um tipo puramente romântico. Não conheço ninguém que nem de longe se lhe possa comparar: uns são ricos, fartamente ricos de dinheiro, mas pobres de ideias, horrorosamente pobres; outros são pobres de dinheiro e ricos de gênio; outros ainda, ricos de dinheiro, ricos de gênio, mas não aspiram a figurar ao lado dos personagens irreais que fariam a glória de Dumas, de Montépin, de Ponson. Basta ter gênio para não descer ao exagero ridículo do exibicionismo. Daí o ser Fradique Mendes genuinamente artificial. Mas, ainda concretizado em carne, ossos e sobrecasaca, eu o reputaria inferior ao Pacheco, ao Theodorico Raposo, ao Jacinto, ao Conselheiro Acácio...

Fradique Mendes, como poeta, seria talvez um tipo representativo de vida superior, se a ânsia febril de perfeição não lhe mutilasse o gênio, se a sua sensibilidade de esteta não repudiasse as estrofes das Lapidarias, se o seu egoísmo literário não lhe atrofiasse a expansão produtiva da sua arte. Tivesse sido e não repudiaria, com aquela indiferença céptica de incontentado, as composições que produziu por diletantismo e por acaso, e que os seus leitores taxavam, deslumbrados, de magníficas e monumentais. Um artista de raça, um escritor medíocre ou um desses indivíduos semi quadrúpedes que por aí passeiam insolentemente a sua fatuidade jamais deixaram de quedar-se comovidos ante o trabalho próprio. E Fradique, eternamente armado de uma indiferença, talvez postiça, pelos seus poemas, dá-nos a dolorosa impressão de um conquistador superficialmente letrado em índices e lombadas, quando o vemos falar aquela Clara tão deliciosa, naquelas cartas tão quentes e tão macias...

Fradique Mendes, que não teve credores, que não teve um lar, com esposa e filhos, que não sofreu as agruras do trabalho, não foi grande nem no dia em que deixou cair um óbolo na sacola murcha de umas crianças maltrapilhas, pelas mãos do Smith. Se bem que praticasse um ato assim filantrópico na intimidade, sem o apregoar pelas colunas das gazetas e com a consciência de quem andava como um justo, tal generosidade assumiu proporções deficientes e contraproducentes, não passando de um reflexo fugitivo e discrepante da sua larga inteligência. Dar esmolas aos mendigos profissionais, na rua, ao pé de todos, para que todos vejam; por intermédio de algum jornal, para que todos saibam, ou mesmo em casa, por um lacaio de libré, não é ser caridoso. É que Fradique, que se preocupava quase exclusivamente

com exotismos, não previu que com aquela esmola poderia sustentar vícios de pais vagabundos ou contribuir involuntariamente para a proliferação de alguma família invalida, de degenerados ou enfermos, que porventura medrasse à sombra maternal da piedade urbana. Por que não auxiliava ele os institutos de caridade?

Porque não salvava do opróbrio e da miséria gente válida que sofresse as investidas da sorte madrasta? A sua erudição e o seu gosto artístico nada perderiam com uma prática mais sensata e mais des humana da grande virtude.

Além disso, em amor, foi também de uma vulgaridade burguesa. É incrível que um homem sábio, que levou toda uma existência a guerrear o ridículo, se quedasse por uma noite a fora, depois de deixar a companheira entretida com as iguarias de uma ceia, a contemplar um pescoço branco, uns ombros largos, uma cabeleira loura. Ali, sob a janela da sua amiga, rondou ele por horas e horas, luxuriosamente, como um cão de fila... Não se pode ser mais inferior e mais chato.

Será Fradique Mendes um elegante perfeito? Absolutamente não sei o que é ser elegante. Será andar pelos últimos figurinos? frequentar as rodas mais altas? discutir modas com senhoras fúteis? levar por uma corrente um enorme perdigueiro através das ruas? assistir apenas ao último ato das representações? dizer graças à vizinha e provocar a mulher do próximo? Será trocar a noite pelo dia, frequentar os clubes, usar monóculo? Se é a isso que se chama ser elegante, Fradique Mendes não o foi. Preocupava-se ele mais com as suas tendências analíticas, com as viagens e a crítica implacável, do que com a pelintrice, que se não é bem elegância pouco lhe falta para confundir-se com ela. Fradique Mendes não foi positivamente um elegante perfeito: envelheceu estupidamente e estupidamente arrebentou aos 50 anos. Levou-o uma pleurisia quase fulminante, quando devera, à feição de Petrônio, o Arbitro da Elegância, partir da existência menos prosaicamente, nem que fosse pela porta do suicídio. Os elegantes morrem assim, elegantemente.

Para mim, o tipo ideal do homem é tanto Buda como Jesus Cristo.



A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS CLAUDIO DE SOUZA

Será Fradique Mendes um typo representativo de vida superior?

Como a acção humana tende quasi sempre ou para um proveito ou para uma volupia fico a scismar: — Qual o proveito ou qual a volupia que pôde resultar da enquête do Pirralho sobre Fradique Mendes? Para o publico, para o grande publico, Fradique Mendes é um desconhecido e quanto aos intellectuaes cada qual o comprehende a seu modo e em se lhes dando corda, volupia ou proveito não poderia haver da logomachia interminavel e esteril que resultaria.

Para os intellectuaes Fradique é Fradique, como Accacio é Accacio e Hermes é Hermes... Ficções ou realidade uma vez que a cada um delles se desnudou a individualidade e della se copiou a imagem com o pantofo de uma observação intelligente, ao qual não escaparam nem as minimas amonituações veruosas, nem as irregularidades do granido popular, nem as mais imperceptiveis excavações acneicas, marcon-se á perfeição da obra o espaço que deve occupar na nossa admiração e não ha mais a embrulha-la em controversias infecundas. Resta ás vezes a these philosophica que o espirito cavilheiro dos investigadores viciados quer descobrir em todos os aspectos da vida.

Qual é o criterio philosophico que pôde orientar a definição de vida superior? Amadeu Amaral no seu pittoresco e brilhante depoimento insistiu em que o conceito da vida superior — como aliás, digo eu, todos os conceitos abstractos — varia de individuo a individuo e depende de cada creença, de cada philosophia e quicá de cada dyspepsia! Não é possível pois armar para elle uma formula geral na qual, como os fragmentos de um *puzzle*, possam ajustar-se todos os criterios individuaes. Amadeu Amaral tentou defini-la do seguinte modo: «A vida superior presuppondo um notavel alargamento da actividade consciente — é o que por ella se rege e se coordena e della recebe claridade e relevo». A formula do meu eminente confrade da Academia Paulista de Lettras é bastante ampla e como elle mesmo o affirmava, nella podem caber concepções dispare e oppostas; ha lugar para todos, até para o *Epicuri de grege porcum...*

Ora eu que sem favor me referi á dissertação de Amadeu Amaral com dois qualificativos encomiasticos, não vejo como encaixar alli o meu conceito de vida superior. Eu acho que não basta que uma vida seja regida e coordenada por uma hyperactividade consciente para que se a distingua com o epitheto da superioridade. Hyperactividade consciente e muitas vezes fulgurante e exercem em proveito individual e em detrimento colectivo homens de iniciativa ousada e de

acção precisa e violenta e o caracter limitadamente individualista que lhes assigna a acção não é positivamente o que deve caracterisar uma vida superior. No meu modo modesto de vêr a vida superior independe de hyperactividade consciente, mas não independe de um ideal qualquer que a determine e lhe dê brilho durador. Servida por uma mentalidade robusta ella se realiza no gabinete dos grandes pesquisadores, nos laboratorios dos grandes creadores, no atelier dos artistas, na bibliotheca dos philosophos e dos mestres; apagada como irradiação psychica ella não deixa no emtanto de se realizar vestida com o burel da irman de caridade, do evangelizador, do catechista, sob todas as formas do altruismo ou ainda sob a forma estoica dos pantheistas da escola de Zenon.



Fradique não cabe nem ent. e os primeiros nem entre os segundos. Mero dilettante, installado com conforto, sem um ideal ou um programma, Fradique correu o Mundo, as escolas e as theorias, em busca apenas de «uma emoção ou surpresa intellectual» que lhe proporcionavam tres ou quatro paradoxos, impertinentemente rebuscados, que elle inscrevia sobre o velino azulado de um hotel de luxo e divertia-se a enviar a amigos distantes.

Ora a vida do dilettante, em Arte ou fóra della, é a vida ás vezes brilhante mas sempre inutil da cigarra que canta ao sol triumphante de uma paisagem magnifica. Mais ou menos banal, empoeirada do preciosismo dos pedantes ou carminada pelo pudor das almas singelas, ella é feita de uma camada inconsistente de cold-cream sobre a qual os factos deixam apenas as impressões digitas ligeiras e apagadas do manuseio quasi subconsciente de um album de gravuras.

Fradique foi talvez um dilettante menos banal que os demais de sua casta, detendo-se enamorado na estrada, para colher os rubis vivos de um galho de fuchsia e debruçar-se da fita do seu Panamá ou para florir a botoeira do casaco com uma orchidea rara desalbrochada na ruína veneravel de um roble annoso — adornando a sua esthesia com principios e deducções colhidas na sua deambulação intelligente.

Nem por isso elle deixa de ser o vagabundo rico e curioso, inutil e prejudicial, que olha a vida no vagar saciado de um post-cibum, atravez do fumo azulado de um Havana, affirmando com emphase e despuodrada preguica, á secular geometria, para seu desfastio e horripilação da Tradição e da Regra que «a distancia mais curta entre dois pontos é uma curva vadia e delirante».

Fradique folheou mentalment, pelo indice, pois para mais não dá a exiguidade de uma existencia humana tão dispersa, os monumentos megalithicos da Andalusia, as habitações lacustres, a mythologia dos povos Aryanos, a magia Chaldaica; as raças Polynesianas, o direito costumario dos cafres, a christianisação dos denses pagãos, o habismo, as Pantheras de Batignolles, o Positivismo, o Theosofismo, o Carlismo, o Nihilismo et coetera «de sorte que delle bem se pode diser que foi o devoto de todas as religiões, o partidario de todos os partidos, o discipulo de todas as philosophias — cometa errante atravez das ideias».

Não lhe falta o brilho, aliás efemero, de uma linda flor de mundanismo, que trescala o perfume turbador das sedas quentes das cortezans de luxo — flor pubescente de curiosidade brilhante enjos cilios vibram de leve ao sopro de uma brisa aromal — mas não se trata positivamente de uma vida superior. São vidas que se acendem e se apagam zebrecando o hoisonte com as faiscas intermitentes dos coleopteros luminosos, cujo rasto se perde na mancha sombria do espaço.

Como criação litteraria Fradique é o Eça e ao Eça não se analisa, o tempo é escasso para que se o admire. Toda a sua arte é feita num só bloco: — isogona, isomorpha e isotonica — estaqueada no mesmo substractum impressionista e cuja originalidade e brilho nenhum outro escriptor de lingua portuguesa conseguiu ultrapassar... nem mesmo o senhor José Verissimo. Eu não conheço, como este senhor, duas qualidades de Eça, um bom e um ruim. Eça para mim é um só, é o Eça admiravel em cuja prosa irrequieta, como sobre uma superficie gelatinosa, coisas, pessoas, idóls, fetiches, dançam ao compasso da ironia deliciosa que com um manto diaphano de phantasia quix cobrir a forte e magnifica nudez da verdade.

A NOSSA ENQUETE SOBRE FRADIQUE MENDES

Fala-nos Cláudio de Souza

Será Fradique Mendes um tipo representativo de vida superior?

Como a ação humana tende quase sempre ou para um proveito ou pra uma volúpia fico a cismar: – Qual o proveito ou qual a volúpia que pode resultar da enquête do Pirralho sobre Fradique Mendes? Para o público, para o grande público, Fradique Mendes é um desconhecido e quanto aos intelectuais cada qual o compreende a seu modo e em se lhes dando corda, volúpia ou proveito não poderia haver da logomaquia interminável e estéril que resultaria.

Para os intelectuais Fradique é Fradique, como Acácio é Acácio e Hermes é Hermes... Ficções ou realidade uma vez que a cada um deles se desnudou a individualidade e dela se copiou a imagem com o pantógrafo de uma observação inteligente, ao qual não escaparam nem as mínimas amonticulações verrucosas⁸¹, nem as irregularidades do granido porular, nem as mais imperceptíveis escavações acnéicas, marcou-se à perfeição da obra o espaço que deve ocupar na nossa admiração e não há mais a embrulha-la em controvérsias infecundas. Resta às vezes a tese filosófica que o espírito cuvilheiro dos investigadores viciados quer descobrir em todos os aspectos da vida.

Qual é o critério filosófico que pode orientar a definição de vida superior? Amadeu Amaral no seu pitoresco e brilhante depoimento insistiu em que o conceito da vida superior – como aliás, digo eu, todos os conceitos abstratos – varia de indivíduo a indivíduo e depende de cada crença, de cada filosofia e quiçá de cada dispepsia! Não é possível pois armar para ele uma fórmula geral na qual, como os fragmentos de um *puzzle*, possam ajustar-se todos os critérios individuais. Amadeu Amaral tentou defini-la do seguinte modo: “A vida superior pressupondo um notável alargamento da atividade consciente – é o que por ela se rege e se coordena e dela recebe claridade e relevos”. A fórmula do meu eminente confrade da Academia Paulista de Letras é bastante ampla e como ele mesmo o afirma, nela podem caber concepções dispares e opostas; há lugar para todos, até para o *Epicuri de grege porcum...*

Ora eu que sem favor me referi à dissertação de Amadeu Amaral com dois qualificativos encomiásticos, não vejo como encaixar ali o meu conceito de vida superior. Eu acho que não basta que uma vida seja regida e coordenada por uma hiperatividade consciente para que se a distinga com o epíteto da superioridade. Hiperatividade consciente e muitas vezes fulgurante exercem em proveito individual e em detrimento coletivo homens de iniciativa ousada e de ação precisa e violenta e o caráter limitadamente individualista que lhes assinala a ação não é

⁸¹ (ve rucosas)

positivamente o que deve caracterizar uma vida superior. No meu modo modesto de ver a vida superior independe de hiperatividade consciente, mas não independe de um ideal qualquer que a determine e lhe dê brilho duradouro. Servida por uma mentalidade robusta ela se realiza no gabinete dos grandes pesquisadores, nos laboratórios dos grandes criadores, no atelier dos artistas, na biblioteca dos filósofos e dos mestres; apagada como irradiação física ela não deixa no entanto de se realizar vestida com o burel da irmã de caridade, do evangelizador, do catequista, sob todas as formas do altruísmo ou ainda sob a forma estoica dos panteístas da escola de Zenon.

Fradique não cabe nem entre os primeiros nem entre os segundos. Mero diletante, instalado com conforto, sem um ideal ou um programa, Fradique correu o Mundo, as escolas e as teorias, em busca apenas de “uma emoção ou surpresa intelectual” que lhe proporcionavam três ou quatro paradoxos, impertinentemente rebuscados, que ele inscrevia sobre o velino azulado de um hotel de luxo e divertia-se a enviar a amigos distantes.

Ora a vida do diletante, em Arte ou fora dela, é a vida às vezes brilhante mas sempre inútil da cigarra que canta ao sol triunfante de uma paisagem magnífica. Mais ou menos banal, empoeirada do preciosismo dos pedantes ou carminada pelo pudor das almas singelas, ela é feita de uma camada inconsistente de cold-cream sobre a qual os fatos deixam apenas as impressões digitais ligeiras e apagadas do manuseio quase subconsciente de um álbum de gravuras.

Fradique foi talvez um diletante menos banal que os demais de sua casta, detendo-se enamorado na estrada, para colher os rubis vivos de um galho de fúcsia e debruçar-se da fita do seu Panamá ou para florir a botoeira do casaco com uma orquídea rara desabrochada na ruína venerável de um roble anoso – adornando a sua estesia como princípios e deduções colhidas na sua deambulação inteligente.

Nem por isso ele deixa de ser o vagabundo rico e curioso, inútil e prejudicial, que olha a vida no vagar saciado de um post-cibum, através do fumo azulado de um Havana, afirmando com ênfase e despidorada preguiça, à secular geometria, para seu desfastio e horripilação da Tradição e da Regra que “a distância mais curta entre dois pontos é uma curva vadia e delirante”.

Fradique folheou mentalmente, pelo índice, pois para mais não dá a exiguidade de uma existência humana tão dispersa, os monumentos megalíticos da Andaluzia, as habitações lacustres, a mitologia dos povos Arianos, a magia Chaldaica; as raças Polinésias, o direito costumario dos cafres, a cristianização dos deuses pagãos, o babismo, as Panteras de Batignolles, o Positivismo, o Teosofismo, o Carlismo, o Niilismo etc “de sorte que dele bem se

pode dizer que foi o devoto de todas as religiões, o partidário de todos os partidos, o discípulo de todas as filosofias – cometa errante através das ideias”.

Não lhe falta o brilho, aliás efêmero, de uma linda flor de mundanismo, que trescala o perfume turbador das sedas quentes das cortesãs de luxo – flor pubescente de curiosidade brilhante cujos cílios vibram de leve ao sopro de uma brisa aromal – mas não se trata positivamente de uma vida superior. São vidas que se acendem e se apagam zebreando o horizonte com as faíscas intermitentes dos coleópteros luminosos, cujo rastro se perde na mancha sombria do espaço.

Como criação literária Fradique é ao Eça e o Eça não se analisa, o tempo é escasso para que se admire. Toda a sua arte é feita num só bloco: – isógona, isomorfa e isotônica – estaqueada no mesmo substratum impressionista e cuja originalidade e brilho nenhum outro escritor de língua portuguesa conseguiu ultrapassar... nem mesmo o senhor José Veríssimo. Eu não conheço, como este senhor, duas qualidades de Eça, um bom e um ruim. Eça para mim é um só, é o Eça admirável em cuja prosa irrequieta, como sobre uma superfície gelatinosa, coisas, pessoas, ídolos, fetiches, dançam ao compasso da ironia deliciosa que com um manto diáfano de fantasia quis cobrir a forte e magnífica nudez da verdade.



A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS G. DE ANDRADE E ALMEIDA

Meu caro Oswald,

Foi por uma destas manhãs saudáveis, de luz violenta, que saí, em vagabunda romaria, por bazares e exposições d'arte, á procura d'um busto de Voltaire.

Não me atrevia a suspirar por uma reprodução feliz da obra-prima de Houdon, ou do marmore de Pigalle: uma despretenciosa cabeça do philosopho ironico de Ferney era o que me bastava para pôr, como desejava, um sorriso de gesso num canto austero de bibliotheca. Mas, voltei, desolado, sem o meu Voltaire, seismando melancolicamente na deficiência artistica desta nossa importada Capital.

Então, como me sentisse absurdamente disposto a pesquisas, lembrei-me das perguntas com que V., ó benevolo Oswald, complacientemente me distinguia, pelas columnas travessas do seu interessante PIRRALHO, incluindo-me na lista dos inquiridos sobre a aspera questão da vida superior. E, de lanterna em punho, peregrinei perdidamente por historias, litteraturas e philosophias, em busca de um homem, o Homem, deante do qual eu devesse apagar, como o vadio Diogenes, a luzinha cynica.

Tal como da caça infructifera ao busto do sarcastico philosopho, assim tambem emergi, fatigado, desse jornada erudita, com a lanterna nomade bem acesa e mais umas tres ou quatro interrogações no espirito!

Cultores do bello em todos os seus matizes, engenheiros profundos de theorias complicadas, mundanos d'insolente correcção — muitos encontrei, grandes, geniaes... mas desastrosamente fracos.

Aqui, escutei, sublinhando um golpe audacioso de camartello, o «Fala, já que vives!» do arrogante idolatra de si mesmo; ali, ouvi de Stirner, o precursor atrevido do funesto nitzscheismo, esse intoleravel «Eu sou o Unico» — denunciador da tremula centella humana; além, avistei, arrojadamente *rûpé*, Morny, o filho apocrypho e soberbo da rainha Hortensia, exhibindo, por praças e salões, esse compromettedor brazão com aquella suggestiva hortensia posta escandalosamente em barra!

Em todos, meu caro Oswald, em todos, essa mesma tresloucada volupia de não querer ser homem...

Aborrecido, deixei de parte os *in-folios* empoirados da insipida historia dos homens reaes e, recorrendo á dos artificiaes, puz-me a folhear a sympathica brochura do phantastico escultor de Fradique Mendes. Será

este um typo representativo de vida superior? — Parece. E parece, porque fez duas campanhas, apostolon uma religião, trilhou os cinco continentes, absorveu tantas civilizações, percorreu todo o saber do seu tempo; parece, porque nelle se sente brotar, tepida e generosamente, o leite da bondade humana; parece, porque era desses, «singularmente raros, que encontrando, num agreste dia d'inverno, um pequenino que pede, transido de frio — páram sob a chuva e sob o vento, desapertam pacientemente o paletot, descalçam pacientemente a luva,



para vasculhar no fundo da algibeira, á procura da moeda de prata que vae ser o caôr e o pão de um dia; parece, sim, porque amou, amou a Mulher «na simples» e boa lei natural, como os Faunos amavam as Nymphas; e porque rezou: «Creio na Vida toda — poderosa, creadora do céo e da terra»...

Parece, sim, o homem superior, mas não o é. Não o é, porque foi titubeantemente o camaleão, o devoto de todas as Religiões, o partidario de todos os Partidos, o discipulo de todas as Philosophias; porque só andou, egoístamente, á busca de verdades que não eram pa'a o ruido e para o mundo; porque não deixou uma obra, pois Fradique «nunca foi verdadeiramente um autor»; faltou-lhe, para isso, «a certeza do seu valor definitivo, a arte paciente, o querer forte, para produzir aquella forma que elle con-

cebêra em abstracto, como a unica digna de encarnar as suas idéas»; não o é, porque teve a «desconfiança de si mesmo como pensador, como escriptor e creador d'uma prosa»; porque «faltou-lhe na vida um fim sério e supremo, que as suas qualidades, em si excellentes, concorressem a realisar»; porque, ao seu cerebro «admiravelmente construido e mobilado, faltou uma idéa que o alugassem, para viver e governar lá dentro»; e, principalmente, porque faltou «ás suas multiplas e fortes aptidões coordenação e convergência para um fim superior».

Assim, com a sua individualidade pujante, com a sua indolente curiosidade, com a sua erudição impubere, a subtil e preciosa figurinha do Eça, o seductor Fradique, «ce type idéal que les jeunes gens adoptent en commençant la vie et sur lequel ils se façonnent presque à leur insu» — não passa d'um delizioso elegante, d'um mundano requintado e culto.

Inteligentemente decalcado sobre o proprio Eça e sobre aquelles que o seu engenhoso autor mais amou e comprehendeu em vida, Carlos Fradique Mendes é o resultado magnifico de pacientes mutilações, de parcelas selectas, formando um todo, senão homogéneo, pelo menos extremamente bello, e harmonioso como um vitral de presbyterio ou um mosaico de serralho... Fradique foi um grande elegante, um elegante perfeito, um elegante ao qual não faltou a cultura bastante, necessaria, essa cultura fina e malleavel que completa a elegancia, vestindo com graça o espirito e inspirando na escólha difficil das cheviotes...

Elegantissimo, vinjado e lido, delle se pode dizer que foi uma edição vernacula do Baeckecker... encadernado no Poole!

Innaccessivel ao *cotitismo*, Fradique foi o elegante supremo porque soube, com abundante gosto e rara solidez, atar em si, indissolavelmente, as duas elegancias: a d'exterior — vestindo-se custosamente em Londres — e a d'interior — educando superiormente o espirito.

Tão genuinamente elegante era Fradique, que si V., meu caro Oswald, o despojasse do impecavel casaco londrino, mettendo o sacrilegamente n'uma pessima rabona d'inspiração infeliz, elle, o adoravel Fradique, continuaria a ser o bem-amado de Anna de Léon, «um Lucrecio moço, em plena gloria, todo nos sonhos da Virtude e da Artes; elle faria, do mesmo modo, sorrir a botocira decrepita da conselheiral rabona com aquellas suas mesmas rosas «que eram sempre as



mais frescas, como a idéa do seu espirito, a mais original!; elle continuaria a ser o *gentleman* que escolhe um perfume, bebe goles de chá que lhe manda Gran-duque Vladimir, que dicta a um creado de calção telegrammas que vão levar noticias suas aos *bondoirs* de Pariz e de Londres, e que, depois de tudo isto, fecha a sua porta ao mundo e lê Sophocles no original....

Embora dentro dessa odiosa sobre-casaca com que V., ó perverso Oswald, tentasse compromettel-o, Fradique seria ainda aquelle mesmo que tira a charuteira e dá uma *synthese* profunda, de uma transparencia de crystal, sobre a guerra do Peloponeso; que, depois, accende o charuto e explica o feitiço e o metal do cinto de Leonidas!

Continuasse V. temível Oswald, a sua

monstruosa obra de demolição, applicando ao nosso Fradique umas horrorosas mangas de lustrina e fazendo-o sentar-se, intimidado e de barba amanhecida, a uma detestavel meza da burocratica 4.^a secção da Repartição dos Correios e V. veria ainda esse sceptico de finas letras, que cuidava dos males humanos envolto em cabaia de seda, encher de sua escripta cora cerrada e fina, ora hesitante e demorada, ora mais fluida e rapida, não um vergonhoso rectangulo de papel al-masso, mas aquellas «explendidas folhas de Whatman, trazendo a um canto as iniciaes F. M., minusculas, simples, em esmalte escarlate»!

Porisso, meu caro Oswald, é que Fradique, representando, para mim, o homem das subtilezas, o amado dos salões, um guloso do

inédito, alguém «que passou infinitamente curioso e attento», realiza fartamente o typo idéal do elegante perfeito.

Mas, quanto ao o homem superior, o super-homem, esse, Oswald amigo, quando um dia, V. quizer procural-o através do tempo e do espaço, com insistente ardor lhe recomendo: — deixe de pa:te a lanterna vadia e imprestavel de Diogenes «leve, leve apenas a lampada maravilhosa de Aladino! Que com ella terá V. satisfeito, sem esforço algum nem inuteis pernas, o mais esdruxulo capricho que possa tecer a sua delirante phantasia.

Sempre ao seu grato dispôr.

G. DE ANDRADE E ALMEIDA

Palcos & Fitas

São José — Realizou-se quarta-feira ultima neste theatro um espectáculo de variedades em beneficio das victimas do terremoto recentemente occorrido na Italia.



O theatro ficou completamente cheio e o publico divertiu-se a valer.

Brazil Cinema — Sempre animadissimas as secções deste magnifico cinema.

A empreza organiza sempre um programma excellent de modo a attrahir o publico, que todas as noites enche o confortavel e aristocratico cinema.

Iris Theatre — Têm sido muito concorridos os espectaculos deste cinema.

As fitas exhibidas durante a semana que finda foram apreciadissimas.

Hoje *soirée* de gala.

Biblioteca da Torça Publica do Estado DE SÃO PAULO

O movimento desta Biblioteca durante o mez de Dezembro p. findo, foi o seguinte: —

Obras sahidas para leitura: — 515 — sendo em litteratura 206, assumptos militares 87, didacticos 50, historia

40, educação 30, legislação militar 38, sciencia 30, economia 24, religião 20. Destas obras foram 215 em Portuguez, 80 em Francez, 60 em Italiano, 40 em Hespanhol, 20 em Allemão.

Deram entrada na Biblioteca 26 volumes offertados, 3 pelo sr. Affonso A. de Freitas. 16 pelo sr. capitão Raymundo Bo-Amar, 3 pelo sr. capitão dentista Mario Las Casas e 4 pelo soldado Francisco de Souza Guedes.

Obras sahidas o anno p. passado foram: 2094; em Portuguez 952, em Francez 378, em Italiano 259, em Hespanhol 256, e em Allemão 249.

São Paulo, 1 de Janeiro de 1915.

O CASO DO RIO



O P. R. C. continua a puxar

Drs.

Antonio Define

Raul Corrêa da Silva

— e —

Dolor Brito Franco

ADVOGADOS

Rua 15 de Novembro, 50-B - (Sala 7)

ATTENDEM DAS 12 ÀS 15

A NOSSA ENQUETE SOBRE FRADIQUE MENDES

Fala-nos G. de Andrade e Almeida

Meu caro Oswald,

Foi por uma destas manhãs saudáveis, de luz violenta, que saí, em vagabunda romaria, por bazares e exposições de arte, à procura de um busto de Voltaire.

Não me atrevia a suspirar por uma reprodução feliz da obra-prima de Houdon, ou do mármore de Pigalle: uma despretensiosa cabeça do filósofo irônico de Ferney era o que me bastava para pôr, como desejava, um sorriso de gesso num canto austero de biblioteca. Mas, voltei, desolado, sem o meu Voltaire, cismando melancolicamente na deficiência artística desta nossa importada Capital.

Então, como me sentisse absurdamente disposto a pesquisas, lembrei-me das perguntas com que você, ó benévolo Oswald, complacentemente me distinguiu, pelas colunas travessas do seu interessante PIRRALHO, incluindo-me na lista dos inquiridos sobre a áspera questão da vida superior. E, de lanterna em punho, peregrinei perdidamente por histórias, literaturas e filosofias, em busca de um homem, o Homem, diante do qual eu devesse apagar, como o vadio Diógenes, a luzinha cínica.

Tal como da caça infrutífera ao busto do sarcástico filósofo, assim também emergi, fatigado, dessa jornada erudita, com a lanterna nômade bem acesa e mais umas três ou quatro interrogações no espírito!

Cultores do belo em todos os seus matizes, engenheiros profundos de teorias complicadas, mundanos de insolente correção – muitos encontrei, grandes, geniais ... mas desastrosamente fracos.

Aqui, escutei, sublinhando um golpe audacioso de camartelo, o “Fala, já que vives!” do arrogante idolatra de si mesmo; ali, ouvi de Stirner, o precursor atrevido do funesto nitzscheismo, esse intolerável “Eu sou o Único” – denunciador da trêmula centelha humana; além, avistei, arrojadamente *râpé*, Morny, o filho apócrifo e soberbo da rainha Hortênsia, exibindo, por praças e salões, esse comprometedor brasão com aquela sugestiva hortênsia posta escandalosamente em barra!

Em todos, meu caro Oswald, em todos, essa mesma tresloucada volúpia de não querer ser homem...

Aborrecido, deixei de parte os *in-folios* empoeirados da insípida história dos homens reais e, recorrendo à dos artificiais, pus-me a folhear a simpática brochura do fantasioso escultor de Fradique Mendes. Será este um tipo representativo de vida superior? – Parece. E parece,

porque “fez duas campanhas, apostolou uma religião, trilhou os cinco continentes, absorveu tantas civilizações, percorreu todo o saber do seu tempo”; parece, porque nele se sente “brotar, tépida e generosamente, o leite da bondade humana”; parece porque era desses, “singularmente raros, que encontrando, num agreste dia de inverno, um pequenino que pede, franzido de frio – param sob a chuva e sob o vento, despertam pacientemente o paletó, descalçam pacientemente a luva, para vasculhar no fundo da algibeira, à procura da moeda de prata que vai ser o calor e o pão de um dia”; parece, sim, porque amou, amou a Mulher “na simples e boa lei natural, como os Faunos amavam as Ninfas” e porque rezou: “Creio na Vida toda – poderosa, criadora do céu e da terra”...

Parece, sim, o homem superior, mas não o é. Não o é porque foi titubeantemente o camaleão, “o devoto de todas as Religiões, o partidário de todos os Partidos, o discípulo de todas as Filosofias”; porque só andou, egoisticamente, “à busca de verdades que não eram para o ruído e para o mundo”; porque não deixou uma obra, pois Fradique “nunca foi verdadeiramente um *autor*”; faltou-lhe, para isso, “a certeza do seu valor *definitivo*, a arte paciente, o querer forte, para produzir aquela forma que ele concebera em abstrato, como a única digna de encarnar as suas ideias”; não o é, porque teve a “desconfiança de si mesmo como pensador, como escritor e criador de uma prosa”; porque “faltou-lhe na vida um fim sério e supremo, que as suas qualidades, em si excelentes, concorressem a realizar”; porque, ao seu cérebro “admiravelmente construído e mobiliado, faltou uma ideia que o alugasse, para viver e governar lá dentro”; e, principalmente, porque faltou “às suas múltiplas e fortes aptidões coordenação e convergência para um fim superior”.

Assim, com a sua individualidade pujante, com a sua indolente curiosidade, com a sua erudição impúbere, a sutil e preciosa figurinha do Eça, o sedutor Fradique, “ce type idéal que les jeunes gens adoptent en commençant la vie et sur lequel ils se façonnent presque à leur insu” – não passa de um delicioso elegante, de um mundano requintado e culto.

Inteligentemente decalcado sobre o próprio Eça e sobre aqueles que o seu engenhoso autor mais amou e compreendeu em vida, Carlos Fradique Mendes é o resultado magnífico de pacientes mutilações, de parcelas seletas, formando um todo, senão homogêneo, pelo menos extremamente belo, e harmonioso como um vitral de presbitério ou um mosaico de serralho... Fradique foi um grande elegante; um elegante perfeito, um elegante ao qual não faltou a cultura bastante, necessária, essa cultura fina e maleável que completa a elegância, vestindo com graça o espírito e inspirando na escolha difícil das cheviotes...

Elegantíssimo, viajado e lido, dele se pode dizer que foi uma edição vernácula do Baedeker... encadernado no Poole!

Inacessível ao *catitismo*, Fradique foi o elegante supremo porque soube, com abundante gosto e rara solidez, atar em si, indissolivelmente, as duas elegâncias: a do exterior – vestindo-se custosamente em Londres – e a do interior – educando superiormente o espírito.

Tão genuinamente elegante era Fradique, que se você, meu caro Oswald, o despojasse do impecável casaco londrino, metendo o sacrilegamente numa péssima rabona de inspiração infeliz, ele, o adorável Fradique, continuaria a ser o bem-amado de Anna de Leon, “um Lucrecio moço, em plena glória, todo nos sonhos da Virtude e da Arte”; ele faria, do mesmo modo, sorrir a botoeira decrépita da conselheiral rabona com aquelas suas mesmas rosas “que eram sempre as mais frescas, como a ideia do seu espírito, a mais original”; ele continuaria a ser o *gentleman* que “escolhe um perfume, bebe goles de chá que lhe manda Gran-duque Vladimir, que dita a um criado de calção telegramas que vão levar notícias suas aos *boudoirs* de Paris e de Londres, e que depois de tudo isso, fecha a sua porta ao mundo e lê Sôphocles no original”...

Embora dentro dessa odiosa sobrecasaca com que você, ó perverso Oswald, tentasse comprometê-lo, Fradique seria ainda aquele mesmo que “tira a charuteira e dá uma síntese profunda, de uma transparência de cristal, sobre a guerra do Peloponeso; que, depois, acende o charuto e explica o feitio e o metal do cinturão de Leonidas”!

Continuasse você, querido Oswald, a sua monstruosa obra de demolição, aplicando ao nosso Fradique umas horrorosas mangas de lustrina e fazendo-o sentar-se, intimidado e de barba adormecida, a uma detestável mesa da burocrática 4ª secção da Repartição dos Correios e você veria ainda esse “séptico de finas letras, que cuidava dos males humanos envoltos em cambaias de seda” encher de sua escrita “ora cerrada e fina, hora hesitante e demorada, ora mais fluida e rápida”, não um vergonhoso retângulo de papel almaço, mas aquelas “esplêndidas folhas de Whatman, trazendo a um canto as iniciais F. M., minúsculas, simples, em esmalte escarlate”!

Por isso, meu caro Oswald, é que Fradique, representando, para mim, o homem das sutilezas, o amado dos salões, um guloso do inédito, alguém “que passou infinitamente curioso e atento”, realiza fartamente o tipo ideal do elegante perfeito.

Mas, quanto ao homem superior, o super-homem, esse, Oswald amigo, quando, um dia, você quiser procurá-lo através do tempo e do espaço, com insistente ardor lhe recomendo: - deixe de parte a lanterna vadia e imprestável de Diogenes e leve, leve apenas a lâmpada maravilhosa de Aladino! Que com ela terá você satisfeito, sem esforço algum nem inúteis pernadas, o mais esdrúxulo capricho que possa tecer a sua delirante fantasia.

Sempre ao seu grato dispor.

G. de Andrade e Almeida



A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS PEDRO RODRIGUES DE ALMEIDA

Curiosa e interessante é, sem dúvida, a *enquête* do Pirralho sobre Fradique Mendes. Curiosa e interessante, não pelo seu ponto de partida, que é a obra phantásica de Eça, mas pela forma multipla de interpretação, que se pode dar a esse breve e a um tempo, amplo questionário, em que se ella molda e apresenta.

E assim é; bem complexa se nos afigura a resposta e muito mais nos houverá de parecer complicada, si, para logo, nos não convencessemos de que a nossa opinião, o nosso modo de vêr pessoal é só, é unicamente o que se nos pede e exige.

E para encurtar preambulos, que preambular é dos indecisos — já o disse um antigo de bom humor — entemos espalmadamente a considerar essas transcendentes interrogações, que se nos alinham diante dos olhos.

Será Fradique Mendes um typo representativo de vida superior?

Não. E para aduzir as razões, que dictam tão de prompto essa terrível negativa, urge que se estabeleça, sem tardança, o que, em nossa maneira de visionar as coisas, se pôde chamar um typo representativo de vida superior, ou mais resumidamente, um homem superior no largo sentido da expressão. O homem superior, nós o encaramos sob dois aspectos: em si, na sua organização psychica, na sua vida intima, ou socialmente, em as relações que mantém com o mundo em cujo contacto vive.

Para que um homem seja intimamente, *organicamente*, digamos assim, espiritualmente o vocabulo, verdadeiramente superior, é necessario que nelle exista perfeita harmonia das faculdades; é necessario que sejam harmonicas as suas diversas manifestações de actividade.

Expliquemos: intelligencia, caracter e coração devem contrabalançar-se, para dar ao individuo a unidade distinctiva, a saliência visivel, que se procura.

Uma das faculdades sobreleva ás outras, isso é inevitavel quasi; preciso se faz, porém, que com o alargar-se d'esta, cujo vigor é mais intenso, não se deixem as outras estiolar. O homem psychico conhece-se pelas suas obras; assim, pois, é superior aquelle que, tendo em si o equilibrio desejado, singularmente se evidencia ou pelo espirito, ou pelo coração ou pelo caracter. D'onde, por diferentes modos se revela a superioridade.

E' superior o especialista, o que se aperfeiçoou num ramo da arte ou da sciencia e,

pelo trabalho productivo, nessa especialidade se salienta com empolgante relevancia, desde que lhe não falem qualidades de vontade e de sentimento; nobreza nos actos e firmeza nas convicções.

E' superior aquelle que leva a intransigencia do caracter ao heroismo do sacrificio, si o não faz com mesquinhez de coração e tem no espirito as luzes precisas para pesquisar e comprehender o alcance do que pratica.

E' superior o que leva a caridade á abnegação, sabendo manter-se integro e agindo lucidamente, isto é conservando a-larados



pela razão os magníficos excessos do coração donos.

Visto assim o homem superior, em si, examinemos o sob o ponto de vista social.

E' superior socialmente falando, o homem que transplantado para o grande mundo, para os centros requintadamente *chics*, guarda as suas grandes qualidades interiores e sem transigir com as exigencias, que o meio impõe, atravessa os salões, conservando no plasma da elegancia exterior e da etiquêta, o natural perfeito; é o homem que, despretenciosamente, entre as graças descuidadas do sorriso facil, deixa cabir perolas de fina espiritualidade, e congregando as atenções porque sabe encontrar o X dos agrupamentos, porque percebe logo o segredo de fundir todos os antagonismos, vae, senhor dos seus principios, conquistando, sem irritar, as sympathias do coração e as adhesões da intelligencia; é o que tem para tudo a obser-

vação justa, a interpretação exacta, e ostenta na conversação, uma visão nitida da vida, de envolta com engastes preciosos de erudição; é o que, nas galas do baile revela, em serena despretenção de homem e seducções espontaneas de *coeur*, a personalidade inteira, sem uma falha, que a defôrme ou uma *pose*, que a complice.

Tomemos essa extranha e imponderavel figura de Carlos Fradique Mendes e analisemo-la, sem tocaias de pensamento, á luz desse critério.

Em primeiro logar, falta-lhe a harmonia; a sua versatilidade, assaz observada por todos que o estudaram, é uma falha de caracter, que, si não tem o rebo das grandes jaças que inutilizam, é sufficiente e bastante para desconcertar-lhe a inteireza. Fradique é, na accepção mais lata da palavra, um *dilettante* e todo o *dilettante* absoluto é um falho.

Si passarmos da questão do equilibrio a estudal-o em cada uma das suas faculdades, achamos, sem minimo esforço, que nada o recommenda para tomar lugar no panteão da rigorosamente superiores.

Intellectualmente, nada produziu, não teve obras que o reveassem e o que deixou, em correspondencia, são paginas de brilho fugaz, erudição exotica e preo enpação de *verve*, onde, não raro, pelo méro prazer de *épater*, impulsivamente se arvora em conselheiro extravagante, como naquella carta em que se elle derrama em satyra abundante contra o estado das linguas e, pelo simples gosto de fazer pilheria, colloca uma velha tia, em attitudes grotescas, por todos os hoteis do mundo, a cantar de gallinha, diante dos *garçons*, para pedir ovos.

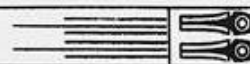
Inconstante e curioso, percorren como *touriste* os continentes do mundo e as provincias do saber humano.

Como homem de caracter nada fez, que o distinguisse; faltou-lhe até a coragem precisa para, vendo os defeitos de seu paiz, verberar os publicamente, num nobre intento de saneamento moral. Fel-o apenas na intimidade.

Como homem de coração, foi vulgarmente caridoso, caridoso como o é quem tem dinheiro abundante e possui um fundo medianamente compassivo e bom, porque isso de parar «sob a chuva» e sob o vento e desaperatar pacientemente o paletot e descalçar pacientemente a luva para dar esmola é um pormenor que pouco significa e não basta para caracterisar a superioridade por essa



O PIRRALHO



face; e demais, nunca ninguém pensou em collocar Fradique-coração acima de Fradique-intelligencia.

Em si, elle não é, pois, um homem superior. E socialmente, sel-o-á?

A nosso vêr, não o é também. No trato social, falta-lhe o natural perfeito, como, aliás, em tudo, por ser elle apenas uma sombra de homem.

A sua passagem pelos salões, pelo trato de seus pares resente-se do rebuscado e do artificial; frequentemente, tem Fradique gestos amaneirados e attitudes de pose.

E é sobre o mais, um cultôr apaixonado do paradoxo. Hoje, é o paradoxo, em verdade, uma instituição; adquirio elle, nos salões, fôros de soberano. O homem superior, porem, não pode e não deve abusar dessa liberdade.

Temos para nós que o paradoxo lhe é permitido; assiste-lhe o direito de usal-o, mas, unicamente como uma transição, como uma *plaisanterie* da intelligencia em que repousa o espirito das synthases elevadas, das analyses minuciosas, das observações originaes, como um recurso, quando lhe falta o chão no correr da *causerie*; referimo-nos, ainda assim, ao paradoxo jocoso, ao paradoxo para divertir, ao paradoxo pilheria ou trocadilho e não ao paradoxo pretencioso, que tanto seduzio ao nosso heroe.

Esse é intoleravel.

Será Fradique um elegante perfeito?

Considerando nós a elegancia perfeita como sendo um resultado do exterior e do interior; do perfeito interior e do exterior perfeito, pare e-nos que só pode ser elegante perfeito o homem superior.

Donde, Fradique, um grande elegante, um requintado, um acabadissimo elegante, não é um elegante perfeito.

Qual o typo ideal de homem?

Estribando-nos nas considerações que, sobre o homem superior, anteriormente, examinamos, a nossa resposta sabe clara e simples: o typo ideal de homem será o que, em mais alto gráo, realizar a harmonia de todas as faculdades e revelar em trabalho, em acção e em vida a unidade do sér; será o que equilibradamente *uno* e superior, nas tendencias e nos actos, conseguir a visão nitida das coisas, a comprehensão perfeita das responsabilidades, a noção clara do dever, o instinto definido da fecundidade consciente.

O typo ideal de homem será pois o que mais completamente viver, no grande sentido, no sentido nobre, elevado e inteiro da palavra.

AS CARTAS D'ABAX'O O PIQUES

A Legge das Tabuletta



O «Stado» impublicó o meise passato um bunito artigo ingoppa a «a legge das tabuletta» che stá una legge fazida ingoppa a Camara Municipala, do inlustro vereadore bar.

rado, o gorunello Piedadó.

Ista legge stá pruibindo spressamente c'oa pena di murta i ottos dia di gadèa tuttos nigoziente chi butá tabuletta co nomino stranière inzima da a gaza. Pur istu amutivè tuttos pissoalo che tenia o nomino stranière già pigáro da fazê a traduçó co inlustro pidigrotta dottore Spensere Vampré che també tive di atraduzi o nomino p'ra non pagá murta; aóra illo si xame o dott. Vapr'elli.

A «Casa Allemã» fui intimada pr'a mudá mediatamente o nomino por causa chi «allema» é straniéro, i o Vapr'elli mandô atraduzi: Casa Brazileira.

A «Casa Xique» do Elia Turco, c'oa nóva legge si xame aóra a «Casa do Xico.»

Istas duas só traducós du pé da lettra, ma una traduçó molto xique fiz a gaza «Au Bon Diable» che ficó si axamano «O Cusarunhes» i non é nu pé da lettra ma tê o mesimo sintido. A «Laite» també mudô; inveiz di «Light and Power Company Limited» ficó «Leite di páu i gampanigna smartada.»

Tê argumas traducó chi non cumpagna o «vernaco» (vernaco é a lingua brazileira do tempo de Camonhes). Ma as traducó du Vapr'elli só tuttas vernaca come ista per insemplio: «Garage Auto-Omnia» che o Vapr'elli atraduzi p'ra «Garagia Autonia.»

Algumas traducós ficáro molto feia come per insemplio o «Skating Palaco» che ficó «Palazzo Catinga» i a «Casa Garraux» che ficó seno «Casa Agarrô.» Até aparece o Lacarato chi vive agarrano a genti p'ra buttá na gadèia.

A «Rotisserie» o Vapr'elli non fui gapaze di traduzi pur causa che illo non sabi ingreiz, ma io chi só gotúba nu ingreiz atraduzi i mandê p'rellis: «Otello do Arroiz co Siri.»

Lá nu abaix'o Piques tenia una arfaiataria d'un tale Gioachino che si xamava «Tailleur pour Dames»; intô o Gioachino mi apagó cincó e io atraduzi pr'elli: — «Tai, madama!» (Traduçó nu pé da lettra).

A «Casa Excelsior» i a «Casa Michel» ficáro si xamáno «Casa du Cerço» i «Casa du Miguele»

O banque «Le Crédit Foncier» també fui io chi atraduzi i ganhê..... dozemillequinheiro. Ficó acussi: «Non credite no Fonseca!» Videntemente istu Funseca é o Funseca Hermeze...

A «Casa Germano» ficó a «Casa Gargamano» i o bondi «Lameda Glette» si xame aóra o bondi do «Armêda Netto.»

Come si dexemos vê os inlettore algumas traducó furo fazida co pé da lettra, otras só co sintido ma tê argumos chi non si podi atraduzi sinó molto adifferentementi come: «Diario Popular» chi ficó «Giurná das Guzignêra» o «Giurná das Asnêra.»

Ma o piore di tuttos fui a «Gademía Baolista di lettras» chi non té traducó né co pé da lettra, né co sintido i né sê sintido.

O migno saló che si xamavo «Saló d'Abax'o Piques» io puteva atraduzi: «Saló im baxo do Piques» ma axê migliore mudá o nomino che si xame aóra: — *Saló dos Alliado.*

JUÓ BANANÊRE.

O PIRRALHO... NO RIO

Por estar enfermo o redactor do «O Pirralho no Rio», deixa de sahir hoje esta nossa apreciada secção.

A NOSSA ENQUETE SOBRE FRADIQUE MENDES

Fala-nos Pedro Rodrigues de Almeida

Curiosa e interessante é, sem dúvida, a *enquête* do Pirralho sobre Fradique Mendes. Curiosa e interessante, não pelo seu ponto de partida, que é a obra fantasiosa de Eça, mas pela forma múltipla de interpretação, que se pode dar a esse breve e a um tempo, amplo questionário, em que se ela molda e apresenta.

E assim é; bem complexa se nos afigura a sua resposta e muito mais nos houvera de parecer complicada, se, para logo, nos não convencêssemos de que a nossa opinião, o nosso modo de ver pessoal é só, é unicamente o que se nos pede e exige.

E para encurtar preâmbulos, que preambular é dos indecisos – já o disse um antigo de bom humor – entremos espalmadamente a considerar essas transcendentais interrogações, que se nos alinham diante dos olhos.

Será Fradique Mendes um tipo representativo de vida superior?

Não. E para aduzir as razões, que ditam tão de pronto essa terrível negativa, urge que se estabeleça, sem tardança, o que, em nossa maneira do visionar as coisas, se pode chamar um tipo representativo de vida superior, ou mais resumidamente, um homem superior no largo sentido da expressão. O homem superior, nós o encaramos sob dois aspectos: em si, na sua organização psíquica, na sua vida íntima, ou socialmente, em as relações que mantém com o mundo em cujo contato vive.

Para que um homem seja intimamente, *organicamente*, digamos assim, espiritualizando o vocábulo, verdadeiramente superior, é necessário que nele exista perfeita harmonia das faculdades; é necessário que sejam harmônicas as suas diversas manifestações de atividade.

Explicuemos: inteligência, caráter e coração devem contrabalancear-se, para dar ao indivíduo a unidade distintiva, a saliência visível, que se procura.

Uma das faculdades sobreleva às outras, isso é inevitável quase; preciso se faz, porém, que com o alargar-se desta, cujo vigor é mais intenso, não se deixem as outras estiolar. O homem psíquico conhece-se pelas suas obras; assim, pois, é superior aquele que, tendo em si o equilíbrio desejado, singularmente se evidencia ou pelo espírito, ou pelo coração ou pelo caráter. De onde, por diferentes modos se revela a superioridade.

É superior o especialista, o que se aperfeiçoou num ramo da arte ou da ciência e, pelo trabalho produtivo, nessa especialidade se salienta com empolgante relevância, desde que lhe não falem qualidade de vontade e de sentimento; nobreza nos atos e firmeza nas convicções.

É superior aquele que leva a intransigência do caráter ao heroísmo do sacrifício, se o não faz com mesquinhez de coração e tem no espírito as luzes precisas para pesar e compreender o alcance do que praticou.

É superior o que leva a caridade à abnegação, sabendo manter-se íntegro e agindo lucidamente, isto é, conservando aclarados pela razão os magníficos excessos do coração donoso.

Visto assim o homem superior, em si, examinemo-lo sob o ponto de vista social.

É superior socialmente falando, o homem que transplantado para o grande mundo, para os centros requintadamente *chics*, guarda as suas grandes qualidades interiores e sem transigir com as exigências, que o meio impõe, atravessa os salões, conservando no plasma da elegância exterior e da etiqueta, o natural perfeito; é o homem que, despretensiosamente, entre as graças descuidadas do sorriso fácil, deixa cair pérolas de fina espiritualidade, e congregando as atenções porque sabe encontrar o X dos agrupamentos, porque percebe logo o segredo de fundir todos os antagonismos, vai, senhor dos seus princípios, conquistando, sem irritar, as simpatias do coração e as adesões da inteligência; é o que tem para tudo a observação justa, a interpretação exata, e ostenta na conversação, uma visão nítida de vida, de envolta com engastes preciosos de erudição; é o que, nas galas do baile revela, em serena despretensão de homem e sedução espontâneas de *caus ur*, a personalidade inteira, sem uma falha, que a deforme ou uma *pose*, que a complique.

Tomemos essa estranha e imponderável figura de Carlos Fradique Mendes e analisemo-la, sem tocaias de pensamentos, à luz deste critério.

Em primeiro lugar, falta-lhe a harmonia; a versatilidade, assaz observada por todos os que o estudaram, é uma falha de caráter, que, se não tem o relevo das grandes jaças que inutilizam, é suficiente e bastante para desconcertar-lhe a inteireza. Fradique é na acepção mais lata da palavra, um *diletante* e todo o *diletante* absoluto é um falho.

Se passarmos da questão do equilíbrio a estudá-lo em cada uma das suas faculdades, acharemos, sem mínimo esforço, que nada, o recomenda para tomar lugar no pantheon dos rigorosamente superiores.

Intelectualmente, nada produziu, não teve obras que o revelassem e o que deixou, em correspondência, são páginas de brilho fugaz, erudição exótica e preocupação de *rerre*⁸², onde, não raro, pelo mero prazer de *epater*, impulsivamente se arvora em conselheiro extravagante, como naquela carta em que se ele derrama em sátira abundante contra o estudo das línguas e,

⁸² Palavra não identificada

pelo simples gosto de fazer pilheria, coloca uma velha tia, em atitudes grotescas, por todos os hotéis do mundo, a cantar de galinha, diante dos *garçons*, para pedir ovos.

Inconstante e curioso, percorreu como *touriste* os continentes do mundo e as províncias do saber humano.

Como homem de caráter nada fez, que o distinguisse; faltou-lhe até a coragem precisa para, vendo os defeitos de seu país, verbera-los publicamente, num nobre intento de saneamento moral. Fê-lo apenas na intimidade.

Como homem de coração, foi vulgarmente caridoso, caridoso como o é quem tem dinheiro abundante e possui um fundo medianamente compassivo e bom, porque isso de parar “sob a chuva e sob o vento e desapertar pacientemente o paletó e descalçar pacientemente a luva” para dar esmola é um pormenor que pouco significa e não basta para caracterizar a superioridade por essa face; e demais, nunca ninguém pensou em colocar Fradique-coração acima de Fradique-inteligência.

Em si, ele não é, pois, um homem superior.

E socialmente, sê-lo-á?

A nosso ver, não o é também. No trato social, falta-lhe o natural perfeito, como, aliás, em tudo, por ser ele apenas uma sombra de homem.

A sua passagem pelos salões, pelo trato de seus pares ressentem-se do rebuscado e do artificial; frequentemente, tem Fradique gestos amaneirados e atitudes de pose.

E é sobre o mais, um cultor apaixonado do paradoxo. Hoje, é o paradoxo, em verdade, uma instituição; adquiriu ele, nos salões, foros de soberanos. O homem superior, porém, não pode e não deve abusar dessa liberdade.

Temos para nós que o paradoxo lhe é permitido; assiste-lhe o direito de usá-lo, mas, unicamente como uma transição, como uma *plaisanterie* da inteligência em que repousa o espírito das sínteses elevadas, das análises minuciosas, das observações originais, como um recurso, quando lhe falta o chão no correr da *causerie*; referimo-nos, ainda assim, ao paradoxo jocoso, ao paradoxo para divertir, ao paradoxo pilheria ou trocadilho e não ao paradoxo pretencioso, que tanto seduziu ao nosso herói.

Esse é intolerável.

Será Fradique um elegante perfeito?

Considerando nós a elegância perfeita como sendo um resultado do exterior e do interior; do perfeito interior e do exterior perfeito, parece-nos⁸³ que só pode ser elegante perfeito o homem superior.

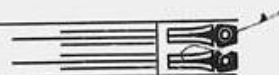
Donde, Fradique, um grande elegante, um requintado, um acabadíssimo elegante, não é um elegante perfeito.

Qual o tipo ideal de homem?

Estribando-nos nas considerações que, sobre o homem superior, anteriormente, exaramos, a nossa resposta sai clara e simples: o tipo ideal de homem será o que, em mais alto grau, realizar a harmonia de todas as faculdades e revelar em trabalho, em ação e em vida a unidade do ser; será o que equilibradamente *uno* e superior, nas tendências e nos atos, conseguir a visão nítida das coisas, a compreensão perfeita das responsabilidades, a noção clara do dever, o instinto definido da fecundidade consciente.

O tipo ideal de homem será pois o que mais completamente viver, no grande sentido, no sentido nobre, elevado e inteiro da palavra.

⁸³ (pare e-nos)



A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS RICARDO SEVERO

Amigo Snr. Redactor.

Sempre encontrei que *O Pirralho* houvesse por bem deixar tranquillo o humilde mestreal que, por vossa culpa, vos derige tão mal talladas lettras. Se houvesse sequer suspeitado da feia catadura da vossa ultima intimação, asseguro-vos que desde logo teria comparecido; mas tal não era de presumir em semblante que só a juvenil humorismo devêra andar affeito!

Cumpro pois o ordenamento — e mais vale tarde que nunca — senão como pendeça, ao menos para não desmerecer no conceito de tão pechoso senhor e amigo.

Tenho que responder se *Fradique Mendes* é um typo representativo de vida superior, se é um elegante perfeito; e se nada disto é, qual o typo ideal de homem.

Começo por pousar o camartello e a trolha — symbolicos utensilios da nossa confraria — sacudir os salpicos de argamassa e descer do andaimae para vos escrever, sobre um canhoto de peroba, algo do que me pedis, em certos momentos de lazer. Não suporeis que, á vista de tão primitivas maneiras, vou tomar a *tabella* encerrada e o *deliciao stilum* para vos gravar em idioma classico uma epistola de inportante e didatica compostura.

Uso é certo o grosseiro giz de canteiro, com o qual não poderei traçar senão grandes carnetêres ideographicos, como esquisos em tamanho natural sobre a face rugosa de um muro, evidentes e geometricos como blocos de cantaria. Cada qual em seu mistér.

Esta circumstancia patenteará inicialmente a orientação somatica do meu julgamento em relação ao vosso inquerito.

Ha com effeito em cada artifice um caracter profissional, que se accentua desde a alma até á vestimenta. Se applicarmos ao caso concreto uma anthropometria especial, com series, quadros e typos, seguramente obteremos o conhecimento exacto, em peso e medida, dessa influencia do modo de vida na composição anatomica da phisionomia individual. Generalisando, poderemos dizer que, desde o magarêfe ao superdino *clubman*, desde o cavouqueiro ao mais sublime artista, destâcam-se typos que estão para o seu mistér em uma relação harmonica, caracteristica, que é como uma definição da sua individualidade.

E, pela mesma formula anthropometrica ser-nos-hia facil restabelecer, sem consulta directa, o que pensam de Fradique um estivador ou um conselheiro de estado.

Ora, meu senhor, daqui se concluo *a priori* que não é um modesto alvenel, homem profissionalmente constructor, que produz obra massiga de alvenaria, quem tem de lobiigar qualquer coisa de espiritualmente superior nessa figura vagabunda e indefinida, tão belamente descripta pelo nosso querido Eça de Queiroz.

Esse Fradique é meramente um *dilettante* no sentido completo do termo, phisico, moral e intellectual.



Procura o auctor desviar do seu precioso modelo, a pécha banal de dilettantismo, mas tanto mais insiste quanto mais caracteriza esse «touriste da intelligencia», «cometa errando atravez as ideias», não obstante a sua originalidade de expressão e a sua «percepção extraordinaria da realidade». Elle proprio se confessa em uma carta a Oliveira Martins: «temporal e espiritualmente fiquei simplesmente um *touriste*».

Até parece que de nascença se lhe manifestou a balda errante, pois que viu luz em uma ilha, local minimo, como um ponto no centro do oceano infinito que se debate em eterna e ansiosa mobilidade entre os continentes firmes do mundo. Desse motu continuo participou a sua vida inteira; pereorreu todas as terras e eruson todos os mares, viu todas as artes, estudou todas as sciencias e religiões, viveu com todos os povos, gozou todos os prazeres mundiaes, correu perigos de ferro, agoa e fogo, foi um homem feliz nos amôres, e veio a morrer sem martyrio, nas melhores graças dos seus bons fados.

E esse homem são e escorreito passou pelo mundo sem deixar a impressão de um só passo; não edificou uma casa, não escreveu um simples periplo ou roteiro do seu fadário; nada fez na sua terra ou na dos outros, não plantou uma arvore, nem o modesto pé de conve que symbolisa na horta a malga do caldo, uma lareira fumegante, uma familia, a tradição... nem sequer um filho!

Nos seus erros desordenados não se deixou tambem suggestionar pelo quixotismo proprio da raça, abrindo no seu vago destino, em um gesto preciso e caracteristico, essa brêcha luminosa, por onde sortiram outros cavalheiros, errantes como elle, mas que, atraz de sonhadas aventuras, foram até á gloria immorredoura das epopeias.

Não sinto, portanto, a minima *sympathia* por essa creatura inutil, egoista, que não desempenhou na humanidade ou na sua grey a mais singela funcção vital ou constructiva. Como pedreiro, tenho-o em fraca conta, e como homem em somenos va'or considero o seu corpo másculo, apesado, de requintado aceito, com as suas qualidades inaeacteristicas de intelligencia.

Concluo por negar-lhe essa superioridade e condemnante perfeição, pelas quaes virtudes me perguntaes.

Constituiu o assumpto de um bello livro de Eça de Queiroz; foi talvez o seu unico papel de realce. É uma figura litteraria, inconstructiva por outros processos; chamae pintores e esculptores, e mandae-os modelar em luz, em côr, em marmore, esse pretendido *super-homem*; cada qual inventará o seu typo sem que um unico delles tenha a belleza esthetica, essa parcella de absoluto que só emana do caracter, da verdade, cristallisada em obra de arte. Podeis, quando muito, affeição-lo em barro, ou desenhá-lo a traços leves, fugazes, como em uma caricatura.

Applicae a esses exemplares typicos as nossas formulas de anthropometria profissional; desta analyse resultará uma variedade de multiformes aspectos, de tantos figurinos quantas as modas atravez dos tempos e das sociedades. Provém esses especimens das aristocracias decalidas, padreadas pela burguesia que ascende á alta roda da sociedade moderna; são creados em postos homotechnicos de complexas gymnasticas e desportos; conhecem o mundo todo atravez do turismo circulatorio e do criterio *Baedeke-riano*; e são influenciados pela litteratura das viagens maravilhosas — cujos heroes nos



O PIRRALHO



enceram de aventura a nossa mocidade, desde as suas phantasticas explorações ao centro da terra, pelo fundo dos mares, até aos planetas, viajando em obuzes com o interior confortavel dos *Pullman-cars*.

Esta classe invadiu em uma torrente de *snobismo* a sociedade dita de bom-tom, substituindo nas democracias actuaes a casta fidalga e tomando raizes no prolifero alfofre da burguesia, com escanda osas desgarradas pelos estremados vios, proprios da decadencia aristocratica e do exagero zimiamente imitativo dos neophitos burguezes. Vamos encontrá-los em todos os paizes, pretendendo constituir uma casta distincta com seus clubs, palacetes e alcóices, e sempre com o mesmo dilettantismo de pedante nullidade, pomposos no seu enfatuado egotismo.

Não posso deslembrar o quadro final daquella respeitavel matrona, nobre avoenga do nosso illustre Fradique, que falleceu

dentro de um caramanchão de rosas, quando escutava a viola que o ex-bolleiro repicava com os dedos carregados de aneis! E esta nota ancestral é um estygma profundo que não se apaga mais da existencia de uma gerarchia, como as façanhas dos seus nobres antepassados.

Não escapoa ao subtil realismo Eça de Queiroz este incidente do quadro genealogico do seu heroe, cuja feitura litteraria nos encanta pela inconfundivel originalidade da sua forma. Por incomprehensão se attribue ao magistral escriptor o intuito de crear um typo superior de homem; de suprema elegancia. A sua monographia, porém, é analytica e deve lêr-se sem desperdiçar os minimos detalhes; della não resultam syntheses, não é um livro de these; Fradique é um caso, não é um modelo.

Desses Fradiques de imitação — que os ha por toda parte — não me recomendeis

nenhum, amigo redactor, pois desde já vos declaro que em nosso humilde estaleiro nem para serventes de amassadouro serão prestadios.

Á vossa ultima interrogação não respondo por agora. Como não me é dado invocar os mestres do seculo de *Pericles*, que estabeleceram os canones da belleza humana, terei que recorrer á collaboração dos vossos humoristas para compôr typos vários de homens para vários gostos, assoprando para longe essa nevoa de ideal que nada exprime aqui como adjectivação e menos como aureola, endeusando qualquer exemplar, por mais puro que seja, do sexo masculino.

E regresso, entretimentos, ao meu andaime, a continuar a obscura faina quotidiana, e interminavel, de fabricar lareiras e alcovas para aninhar a prolifica familia humana.

Até á vista, caro sr. Redactor.

Palcos & Fitas

São José

A troupe luso-brasileira que trabalha neste theatro não desanima, apesar do pouco successo monetario que tem tido.

E' que os artistas, como já dissemos no ultimo numero, são uns bons sujeitos.



Brasil Cinema

Sempre animados os espectaculos deste elegante cinema, onde se reúne o nosso mundo chi.

Hontem foi exhibido o 1º numero da *Revista Brasil Cinema*, que é sem duvida um grande triumpho para a cinematographia em São Paulo.

Iris

O film de successo retumbante exhibido nesta semana no cinema da rua Quinze foi o *Zat-La-Mort*.

E' uma fita longa e optimamente organizada.

O enredo é interessantissimo, cheio de episodios emocionantes e revestidos de uma realidade de vida, muito pouco commun nas fitas que se exhibem por aqui.

E' com enthusiasmo, portanto, que aconselhamos aos nossos leitores, o bellissimo film *Zat-La-Mort*.

G. D. Santa Cecilia

Com a *revuette* «*Tim Tim Mirim*», em *reprise*, a sympathica sociedade dramatica realison, em 27 de Fevereiro, a commemoração da posse da nova Directoria.

Comquanto a concorrência fosse muito maior, aumentando a responsabilidade dos amadores — o desempenho da peça esteve na altura da primeira representação, de que em tempo demos noticia.

Mais uma vez tivemos occasião de apreciar o garbo e a *aigance*, natural e fina, de Mlle. Adelaide Filgueiras, no papel de *Idéa*: a observação e o capricho com que Mlle. Antonietta Haro interpretou a *caracteristica Genovera*: a discreção e graça de Mlle. Olivia Pacheco, nos papeis de *Hespanhola* e *Bahiana*, principalmente neste. Mlle. Alcina Cesar nos deu, como da primeira vez, uma graciosissima *ingenuea Mariçôta*.

No desempenho dos papeis masculinos notámos a mesma naturalidade e graça. Sallientamos entretanto, por dever de absoluta justiça, o admiravel e estupendo *coronel Fagundes*, interpretado por João Malta, incontestavelmente uma vocação artistica. Esteve tambem muito a vontade no papel de *Dolegado da roça*, o espirituoso e intelligente amador, Francisco Nascimento (Chiquito).

No terceiro acto, parte de variedades, fizeram-se ouvir — Mlle Olga Vergueiro que cantou com muita expressão a «Canção do Exilio» e «O Gondoleiro do Amor»: — Enrico Mendes, com a firmeza de sempre, um trecho da Dançarina Descalça; e, com voz limpida e bem timbrada o tenor Jorge Balbo cantou uma aria de «*I Pagliacci*».

A orchestra, sob a disciplinada regencia do Maestro Lorena, esteve irreprehensivel.

— Aos esforços ingentes do Director do Gremio, sr. Juvencio de Carvalho devemos a dita de assistir a *réprise* do *Tim Tim Mirim*.

— No dia 13 do corrente, o Gremio levará á scena o drama em 4 actos «*Grilheta*» e a comedia «*O Pintor*». Nessa *récita* tomarão parte todos os amadores do Gremio.

J. FELIZARDO

COISAS DA POLITICA

Todos os jornaes de S. Paulo, noticiando o resultado da apuração do segundo districto erraram lamentavelmente.

Gentil representante de S. Paulo na camara federal mostrou-nos uma copia authenticada da acta pela qual vimos que o verdadeiro resultado é o seguinte:

Prudente de Moraes	— 20.810
Cincinato Braga	— 17.330
Marcolino Barretto	— 17.336
Alvaro de Carvalho	— 17.025
Cezar Lacerda Vergueiro	— 15.986
Alberto Sarmento	— 15.753
Arthur Witacker	— 13.074

Como se vê, pelo resultado authenticado que acima publicamos, o deputado menos votado, não é o sr. Cezar Vergueiro como a principio se propalou.

Cabera tambem ao sympathico deputado paulista sr. Lacerda Vergueiro, o secretario da camara durante os trabalhos do reconhecimento, por ser o mais moço de todos os representantes federaes dos Estados tendo desbancado o ardoroso deputado Mauricio de Lacerda da agradável posição de *enfant gaté* ou benjamin, da camara dos Deputados Federaes.

Já se vê portanto que a pouca idade na Camara é um empecilho á vadiação, pois o logar dado ao mais moço dos deputados nos trabalhos do reconhecimento, é um dos mais trabalhosos.

Papellaria Define

RUA FLORENCIO DE ABREU, 88

Officinas e Deposito N. 70

S. PAULO

A NOSSA ENQUETE SOBRE FRADIQUE MENDES

Fala-nos Ricardo Severo

Amigo Senhor Redator.

Sempre cuidei que *O Pirralho* houvesse por bem deixar tranquilo o humilde mesteiral que, por vossa culpa, vos dirige tão mal talhadas letras. Se houvesse sequer suspeitado da feia catadura da vossa última intimação, asseguro-vos que desde logo teria comparecido; mas tal não era de presumir em semblante que só a juvenil humorismo devera andar afeito!

Cumpro pois o ordenamento – e mais vale tarde que nunca – senão como pendência, ao menos para não desmerecer no conceito de tão pechoso senhor e amigo.

Tenho que responder se *Fradique Mendes* é um tipo representativo de vida superior, se é um elegante perfeito; e se nada disso é, qual tipo ideal de homem.

Começo por pousar o camartelo e a trolha – simbólicos utensílios da nossa confraria – sacudir os salpicos de argamassa e descer do andaime para vos escrever, sobre um canhoto de peroba, algo do que me pedis, em curtos momentos de lazer. Não suporeis que, à vista de tão primitivas maneiras, vou tomar a *tabela* encerada e o delicado *stilum* para vos gravar em idioma clássico uma epístola de importante e didática compostura.

Uso é certo o grosseiro giz de canteiro, com o qual não poderei traçar senão grandes caracteres ideográficos, como esboços em tamanho natural sobre a face rugosa de um muro, evidentes e geométricos como blocos de cantaria. Cada qual em seu mister.

Esta circunstância patenteará inicialmente a orientação somática do meu julgamento em relação ao vosso inquérito.

Há com efeito em cada artífice um carácter profissional, que se acentua desde a alma até a vestimenta. Se aplicarmos ao caso concreto uma antropometria especial, com series, quadros e tipos, seguramente obteremos o conhecimento exato, em peso e medida, dessa influência do modo de vida na composição anatômica da fisionomia individual. Generalizando, poderemos dizer que, desde o magarefe ao superfino *clubman*, desde o cavouqueiro ao mais sublime artista, destacam-se tipos que estão para o seu mister em uma relação harmônica, característica, que é como uma definição da sua individualidade.

E, pela mesma fórmula antropométrica ser-nos-ia fácil restabelecer, sem consulta direta, o que pensam de Fradique um estivador ou um conselheiro de estado.

Ora, meu senhor, daqui se conclui *à priori* que não é um modesto alvenel, homem profissionalmente construtor, que produz obra maciça de alvenaria, quem tem de lobrigar

qualquer coisa de espiritualmente superior nessa figura vagabunda e indefinida, tão belamente descrita pelo nosso querido Eça de Queiroz.

Esse Fradique é meramente um *diletante* no sentido completo do termo, físico, moral e intelectual.

Procura o autor desviar do seu precioso modelo, a pecha banal de diletantismo, mas tanto mais insiste quanto mais caracteriza esse “touriste da inteligência”, “cometa errando através as ideias”, não obstante a sua originalidade de expressão e a sua “percepção extraordinária da realidade” Ele próprio se confessa em uma carta a Oliveira Martins: “temporal e espiritualmente fiquei simplesmente um *touriste*”.

Até parece que de nascença se lhe manifestou a balda errante, pois que viu luz em uma ilha, local mínimo, como um ponto no centro do oceano infinito que se debate em eterna e ansiosa mobilidade entre os continentes firmes do mundo. Desse motu-continuo participou a sua vida inteira; percorreu todas as terras e cruzou todos os mares, viu todas as artes, estudou todas as ciências e religiões, viveu com todos os povos, gozou todos os prazeres mundiais, correu perigos de ferro, água e fogo, foi um homem feliz nos amores, e veio a morrer sem martírio, nas melhores graças dos seus bons fados.

E esse homem são e escoreito passou pelo mundo sem deixar a impressão de um só passo: não edificou uma casa, não escreveu um simples périplo ou roteiro do seu fadário; nada fez na sua terra ou na dos outros, não plantou uma árvore, nem o modesto pé de couve que simboliza na horta a malga do caldo, uma lareira fumegante, uma família, a tradição... nem sequer um filho!

Nos seus erros desordenados não se deixou também suggestionar pelo quixotismo próprio da raça, abrindo no seu vago destino, em um gesto preciso e característico, essa brecha luminosa, por onde sortiram outros cavalheiros, errantes como ele, mas que, atrás de sonhadas aventuras, foram até à glória imorredoura das epopeias.

Não sinto, portanto, a mínima simpatia por essa criatura inútil, egoísta, que não desempenhou na humanidade ou na sua grey a mais singela função vital ou construtiva. Como pedreiro, tenho-o em fraca conta, e como homem em somenos valor considero o seu corpo másculo, apessoado, de requintado asseio, com as suas qualidades incaracterísticas de inteligência.

Concluo por negar-lhe essa superioridade e concomitante perfeição, pelas quais virtudes me perguntais.

Constituiu o assunto de um belo livro de Eça de Queiroz; foi talvez o seu único papel de realce. É uma figura literária, inconstitível por outros processos; chamaí pintores e

escultores, e mandai-os modelar em luz, em cor, em mármore, esse pretendido **super-homem**; cada qual inventará o seu tipo sem que um único deles tenha a beleza estética, essa parcela de absoluto que só emana do caráter, da verdade, cristalizada em obra de arte. Podeis, quando muito, afeiçoá-lo em barro, ou desenhá-lo a traços leves, fugazes, como em uma caricatura.

Aplicai a esses exemplares típicos as nossas fórmulas de antropometria profissional; desta análise resultará uma variedade de multiformes aspectos, de tantos figurinos quantas as modas através dos tempos e das sociedades. Proveem esses espécimens das aristocracias decaídas, padreadas pela burguesia que ascende à alta roda da sociedade moderna; são criados em postos homo técnicos de complexas ginásticas e desportos; conhecem o mundo todo através do turismo circulatório e do critério **Baedekeriano**; e são influenciados pela literatura das viagens maravilhosas – cujos heróis nos encheram de aventura a nossa mocidade, desde as suas fantásticas explorações ao centro da terra, pelo fundo dos mares, até aos planetas, viajando em obuses com o interior confortável dos *Pullman-cars*.

Esta classe invadiu em uma torrente de *snobismo* a sociedade dita de bom-tom, substituindo nas democracias atuais a casta fidalga e tomando raízes no prolifero alfobre da burguesia, com escandalosas desgarradas pelos estremados vícios, próprios da decadência aristocrática e do exagero simiamente imitativo dos neófitos burgueses. Vamos encontrá-los em todos os países, pretendendo constituir uma casta distinta com seus clubes, palacetes e alcoices, e sempre com o mesmo diletantismo de pedante nulidade, pomposos no seu enfatuado egotismo.

Não posso deslembrar o quadro final daquela respeitável matrona, nobre avoenga do nosso ilustre Fradique, que faleceu dentro de um caramanchão de rosas, quando escutava a viola que o ex-bolieiro repicava com os dedos carregados de anéis! E esta nota ancestral é um estigma profundo que não se apaga mais da existência de uma hierarquia, como as façanhas dos seus nobres antepassados.

Não escapou ao sutil realismo Eça de Queiroz este incidente do quadro genealógico do seu herói, cuja feitura literária nos encanta pela inconfundível originalidade da sua forma. Por incompreensão se atribui ao magistral escritor o intuito de criar um tipo superior de homem, de suprema elegância. A sua monografia, porém, é analítica e deve ler-se sem desperdiçar os mínimos detalhes; dela não resultam sínteses, não é um livro de tese; Fradique é um caso, não é um modelo.

Desses Fradiques de imitação – que os há por toda a parte – não me recomendeis nenhum, amigo redator, pois desde já vos declaro que em nosso humilde estaleiro nem para serventes de amassadouro serão prestadios.

À vossa última interrogação não respondo por agora. Como não me é dado invocar os mestres do século de *Pericles*, que estabeleceram os cânones da beleza humana, terei que recorrer à colaboração dos vossos humoristas para compor tipos vários de homens para vários gostos, assoprando para longe essa nevoa de ideal que nada exprime aqui como adjectivação e menos como aureola, endeusando qualquer exemplar, por mais puro que seja, do sexo masculino.

E regresso, entrementes, ao meu andaime, a continuar a obscura faina quotidiana, e interminável, de fabricar lareiras e alcovas para aninhar a prolífica família humana.

Até à vista, caro Sr. Redator.



A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS MOACYR PISA

— Será Fradique Mendes um homem superior? A resposta apresenta, para mim, duas grandes dificuldades. Uma é fundamental: para não dizer tolice, eu carecia saber, claramente, o sentido exacto em que, na pergunta do *Pirralho*, está empregada a expressão *homem superior*; a outra está no seguinte: deve a gente, afim de bem definir, conhecer o objecto a ser definido, e eu, fraqueza, confesso que apenas de nome conheço Fradique Mendes... Tenho ouvido falar nelle como quem ouve falar numa pessoa qualquer, muito distincta, cujos predicados, na bocca dos outros, despertam a nossa admiração, mas que, nem porisso, deixam de ser-nos pessoalmente estranhas.

Eu conheço Fradique Mendes como conhecia o Conselheiro Accacio, antes de haver lido o *Primo Basilio*. Com uma differença apenas: e é que do Conselheiro eu tinha uma opinião formada, e seria capaz do arrojo de discutir-lhe a egregia personalidade, porque, todos os dias, no trato social, me apontavam, a dedo, typos, no espirito, irmãos gemeos delle. Eu ouvia repetir sempre, a cada passo: «Fulano não diz senão logares communs, é um formidável Accacio». E, assim, não me era naturalmente difficil chegar á conclusão do que seria o individuo tomado para termo de comparação.

A circumstancia, porem, de eu conhecer Fradique Mendes apenas de nome, não reveste, para mim, uma importancia decisiva. Para attender á solicitação amavel do *Pirralho*, eu poderia fingir grande intimidade com o heroe, e dissertar ali por uma meia duzia de paginas, *estudando-lhe a psychologia, dissecando-o fibra a fibra*. E asseguro, á puridade, que, agindo de tal forma, não seria eu, absolutamente, um critico de processos originaes, pois que, como lá diziam os antigos, *nihil nocum sub sole*. E eu, nestas coisas,

como em quasi tudo, estou, de ordinario, de plenissimo accôrdo com os antigos...

Mas, se esta difficuldade de não conhecer *pessoalmente* Fradique Mendes é de facil remoção, a outra subsiste intransponivel, como uma muralha chinesa.

Homem superior? Se a expressão se empregasse na acepção vulgar, a resposta seria facilima: os homens



superiores, neste sentido, pollulam por toda a parte. Todo o cidadão seria, mais ou menos, um homem superior: este, superior pelo talento; aquelle, superior pelo heroismo guerreiro; aquelle outro, superior pela serenidade com que encara as adversidades da sorte... E teriam mesmo plena justificação as phrases deste jaez: «Fulano é um typo *superiormente* idiota; Sicrano, um individuo *superiormente* animal»...

E pessoa nenhuma se abalouçaria a acoimar de impropriedade aquellas expressões caracteristicas de certos *reclames commerciaes*: manteiga superior, queijo superior.... Em uma palavra, neste primeiro sentido, confunde-se a superioridade dos loucos

com a da manteiga, do queijo, etc....

Na acepção restricta, porém, a coisa é muito mais grave. Ouço, continuamente, falar em *homens inferiores*, e já os tenho encontrado. Homens superiores, jamais os pude encontrar. Talvez por ter sido commigo ingrata a natureza, mas é a verdade purissima...

A minha *idêa de superioridade* exige muito: acho que um homem superior tem de ser um homem perfeito, ideal, sem desfallecimentos na vida, sem nada que indique uma fraqueza por um momento. E momentos de fraqueza têm-nos tido todos os homens: teve-os Adão no Paraizo, teve-os Napoleão, como Bazaine; o marechal Hermes, como Ruy Barbosa; o meu bom amigo Joaquim Correia zangando-se commigo por umas brincadeiras innocentes, como eu forjando esta tirada tragica para o "*Pirralho*"... Christo seria, talvez, um homem superior; mas Christo não era um homem, era um deus. E, depois, pensando bem, chegar-se á no resultado de que tambem elle commetteu, na sua existencia terrena, a grande fraqueza de sacrificar-se inutilmente por esta humanidade vagabunda...

Será Fradique Mendes um homem superior? A pergunta formulada pelo *Pirralho* fica, pois, de minha parte, sem resposta. Pelo menos, enquanto eu não me deliberar a ler a *Correspondencia* do heroe, que deve ser, naturalmente, muito interessante, mas que, para mim, é ainda assumpto em que não tive tempo de metter o dente. Fradique Mendes, pela fama, parece-me um cavalheiro muito distincto e apreciavel; será talvez, ainda, para mim, a revelação do homem superior, do homem que até hoje eu não lograra descobrir. Mas não lhe fui, por ora, apresentado: não ligo o nome a pessoa....

A NOSSA ENQUETE SOBRE FRADIQUE MENDES

Fala-nos Moacyr Pisa

— Será Fradique Mendes um homem superior? A resposta apresenta, para mim, duas grandes dificuldades. Uma é fundamental: para não dizer tolice, eu carecia saber, claramente, o sentido exato em que, na pergunta do *Pirralho*, está empregada a expressão *homem superior*; a outra está no seguinte: deve a gente, afim de bem definir, conhecer o objeto a ser definido, e eu, franqueza, confesso que apenas de nome conheço Fradique Mendes... Tenho ouvido falar nele como quem ouve falar numa pessoa qualquer, muito distinta, cujos predicados, na boca dos outros, despertam a nossa admiração, mas que, nem por isso, deixam de ser-nos pessoalmente estranhas.

Eu conheço Fradique Mendes como conhecia o Conselheiro Acácio, antes de haver lido o *Primo Basílio*. Com uma diferença apenas: e é que do Conselheiro eu tinha uma opinião formada, e seria capaz do arrojo de discutir-lhe a egrégia personalidade, porque, todos os dias, no trato social, me apontavam, a dedo, tipos, no espírito, irmãos gêmeos dele. Eu ouvia repetir sempre, a cada passo: “Fulano não diz senão lugares comuns, é um formidável Acácio”. E, assim, não me era naturalmente difícil chegar à conclusão do que seria o indivíduo tomado para termo de comparação.

A circunstância, porém, de eu conhecer Fradique Mendes apenas de nome, não reveste, para mim, uma importância decisiva. Para atender à solicitação amável do *Pirralho*, eu poderia fingir grande intimidade com o herói, e dissertar aí por uma meia dúzia de páginas, *estudando-lhe a psicologia, dissecando-o fibra a fibra*. E asseguro, à pureza, que, agindo de tal forma, não seria eu, absolutamente, um crítico de processos originais, pois que, como lá diziam os antigos, *nihil novum sub sole*. E eu, nestas coisas, como em quase tudo, estou, de ordinário, de pleníssimo acordo com os antigos...

Mas, se esta dificuldade de não conhecer *pessoalmente* Fradique Mendes é de fácil remoção, a outra subsiste intransponível, como uma muralha chinesa.

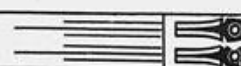
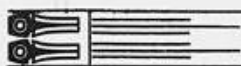
Homem superior? Se a expressão se empregasse na acepção vulgar, a resposta seria facilíssima: os homens superiores, neste sentido, pululam por toda parte. Todo o cidadão seria, mais ou menos, um homem superior: este, superior pelo talento; aquele, superior pelo heroísmo guerreiro; aquele outro, superior pela serenidade com que encara as adversidades da sorte... E teriam mesmo plena justificação as frases deste jaez: “Fulano é um tipo *superiormente* idiota; Sicrano, um indivíduo *superiormente* animal” ...

E pessoa nenhuma se abalouçaria a acoimar de impropriedade aquelas expressões características de certos *reclames* comerciais: manteiga superior, queijo superior.... Em uma palavra, neste primeiro sentido, confunde-se a superioridade dos loucos com a da manteiga, do queijo, etc....

Na acepção restrita, porém, a coisa é muito mais grave. Ouço, continuamente, falar em *homens inferiores*, e já os tenho encontrado. Homens superiores, jamais os pude encontrar. Talvez por ter sido comigo ingrata a natureza, mas é a verdade puríssima...

A minha *ideia de superioridade* exige muito: acho que um homem superior tem de ser um homem perfeito, ideal, sem desfalecimentos na vida, sem nada que indique uma fraqueza por um momento. E momentos de fraqueza têm-nos tido todos os homens: teve-os Adão no Paraíso, teve-os Napoleão, como Bazaine; o marechal Hermes, como Ruy Barbosa; o meu bom amigo Joaquim Correia zangando-se comigo por umas brincadeiras inocentes, como eu forjando esta tirada trágica para o “Pirralho” ... Cristo seria, talvez, um homem superior, mas Cristo não era um homem, era um deus. E, depois, pensando bem, chegar-se-á ao resultado de que também ele cometeu, na sua existência terrena, a grande fraqueza de sacrificar-se inutilmente por esta humanidade vagabunda...

Será Fradique Mendes um homem superior? A pergunta formulada pelo *Pirralho* fica, pois, de minha parte, sem resposta. Pelo menos, enquanto eu não me deliberar a ler a *Correspondência* do herói, que deve ser, naturalmente, muito interessante, mas que, para mim, é ainda assunto em que não tive tempo de meter o dente. Fradique Mendes, pela fama, parece-me um cavalheiro muito distinto e apreciável; será talvez, ainda, para mim, a revelação do homem superior, do homem que até hoje eu não lograra descobrir. Mas não lhe fui, por ora, apresentado: não ligo o nome a pessoa....



A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS PLÍNIO BARRETO

Consulta

- 1.º Será Fradique Mendes um typo representativo de vida superior?
- 2.º Será Fradique um elegante perfeito?
- 3.º Em caso de resposta negativa, qual o typo ideal de homem?

Resposta

Ao 1.º Não. Fradique não é typo representativo de coisa alguma. Fradique é uma pura ficção literária, bel'a porque sah'u de uma imaginação rica e harmoniosa, mas sem a minima consistencia. Vale, como obra de arte, tanto quanto valeria uma figura de Phidias esculpida num torrão de assucar. E' um mimo, é um primor, mas não é humano. E' tão humano como uma estatua, admiravelmente cinzelada, a que se puzessem os braços no lugar das pernas e as pernas no lugar dos braços. Fradique é um homem de azas, e eu me comprometto a ler sem dormir os discursos do Instituto Historico se alguém me provar que já encontrou algum homem de azas. De quatro pés dizem que ha — e eu acredito, não porque os tinha visto, mas pelas pegadas que, ás vezes, deixam no caminho ..

Não. Fradique não é typo representativo de vida superior, nem de qualquer outra vida. Será, quando muito, representativo de um estado mental. Eça acordou um d'a enfastiado dos homens e não tendo á mão, para se distrair, nenhum tratado de metaphisica, cruzou os braços, por traz da cabeça, nos travesseiros moles, espichou as pernas e poz-se a imaginar um typo ideal de homem. O que conseguiu foi produzir um typo que de humano só tem o gesto, inferior, portanto, áquelle do Camões que, além do gesto, tinha tambem o peito...

O typo é interessante, não ha duvida. Mas todas as ficções, com excepção das pessoas jurídicas, costumam ser interessantes.

Sei que para muita gente Fradique Mendes é havido como um homem superior. E' um erro. Ainda mesmo que se reconhecessem nelle alguns attributos realmente humanos, não se poderia, com fundamento razoavel, considerá-lo um homem superior.

O que caracteriza o homem superior é o poder de fazer o mal inutilizado pela vontade inabalavel de não usar desse poder.

Ora, Fradique é um temperamento passivo ou, se quizerem, um temperamento neutro. Não é capaz nem de grandes maldades nem de grandes sacrificios. É uma simples ma-

china de idéas e as machinas não tem aquillo que leva os homens ás cumiadas do sublime e aos abysmos do ridículo — o coração. Fradique é indifferente. Até os seus amores são frios, tão frios que o não fazem commetter nenhuma tolíce. Elle ama só para alinhar periodos lindos e encaixar nesses periodos, nos logares em que devia correr, cálida e impetuosa, uma torrente de sentimentos, duas ou tres idéas scintillantes. O amor é-lhe apenas, como tudo mais no mundo e na vida, um thema para divagações literarias. Tudo nelle é attitúde e estylo. Por isso é que sua companhia, encantadora a principio, acaba por se tornar fatigante.



E falta a Fradique aquillo que nos homens de carne e osso é o sal da convivencia: a possibilidade de dizer e de fazer asne'ras. A sua perfeição irrita.

Ao 2.º Tambem não. Devia antes dizer que estava prejudicado com a resposta dada ao primeiro. Fradique tem elegancias ideaes — como as do Cyrano — mas não tem a elegancia do seu tempo e da sua roda. Era um homem que não contrahia dividas ou, se contrahia, as pagava e do qual nunca se soube que se desse a disrute com mulheres publicas. A ausencia nel'e destes dois traços mais nobres da elegancia contemporanea mostra que, apeado das nuvens em que Eça o collocou, Fradique, reduzido á massa humana, não passaria de um pedante intelligente.

Ao 3.º O typo ideal de homem é o filho mais viçoso de Fradique: é o Pacheco.

Pacheco, silencioso e grave, é, na sua gravidade e no seu silencio, a quinta essencia do homem contemporaneo.

Aquillo, sim, tem vida, tem carne, tem ossos, tem mus'ulos, e, o que mais é, tem semelhantes.

No dia em que houver de lançar os filhos na luta pela vida ainda lhes direi, da soleira da porta, engulindo a ultima lagrima e disfarçando o derradeiro suspiro:

— Ide, meus amigos; ide e sede Pachecos. Sede Pachecos, ou sereis vencidos.

O ser Pacheco não é, como muita gente pensa, um dom de nascença. Pode ser de nascença, e é este o caso mais frequente, mas pôde tambem ser adquirido.

Individuos enconheço, intelligentes, activos, sympathicos, que, guindados a postos elevados, se transformaram de repente e assumiram o aspecto severo e rebarbativo de monos empalhados. Não falam ou, se falam, é por monosyllabos. Não conhecem ninguém e quando distinguem algum mortal com uma saudação imperceptivel, o cumprimento desce do alto, rapido e jogado como uma pedra.

E' que se iniciaram no pachequismo. Perceberam logo — as alturas, como se sabe, alargam o horizonte visual — que sem esse capote não ha quem resista ao vento gelado dos cumes ..

No dia em que Ray Barbosa fechasse o genio numa gaveta, deitasse fora a chave e fosse para o Senado disputar aos collegas o premio do silencio ou dos monosyllabos inexpressivos, haviam de ver se não se lhe abriam com facilidade as portas de todas as posições de que, systematicamente, o tem afastado a pantheocia nacional.

Confesso, porém, que não é facil adquirir o pachequismo. Sem alguma tendencia natural, adormecida no intimo do individuo e opportunamente despertada, não se logra fazer obra limpa. Entre os politicos, por exemplo, é visivel a olho nú a differença entre o Pacheco de nascença e o Pacheco por estudo. Aquelle, não só faz a carreira com mais celeridade, como revela no ar embecerrado, um que tão inconfundivel como intraduzivel, ausente no outro e distinctivo da raça.

Mas essa difficuldade não deve desanimar os que se iniciam na vida e desejam triumphar.

Labor omnia vincit affirmavam os romanos, e os romanos sabiam o que diziam.

Poucos filhos se hão de parecer menos com o pae do que Pacheco com Fradique.

O PIRRALHO

Mas a dissimelhança entre pae e filho é frequente. Marco Aurelio, que era um código de moral, não foi pae de Commodo, que era um compendio de infamias? E' exacto que a maledicencia explicava a diversidade pelo temperamento assás expansivo da graciosa imperatriz Faustina...

Mas, sem essa ou outra explicação, o caso pode-se dar. Tem-se visto.

Parecido, ou não, um com o outro, creiam-me, porém, que o filho, neste caso, vale muito mais que o pae.

Para S. Paulo, então, não vejo, na galeria humana, modelo mais apropriado. Isto aqui é o paraizo da especie. No dia em que um Pacheco authenticco não fizer carreira em S. Paulo bem como no dia em que explicarem por outro motivo que não o pachequismo a

preem'nencia que na politica e na sociedade, na politica sobretudo, tomaram certas personagens — mudarme-hei para outro planeta, ou, se a viagem ficar dispendiosa, irei pedir hospedagem, no seu luxuoso pensionato de Juquery, ao meu distincto amigo dr. Franco da Rocha...

É este o meu parecer. S. M. J.

S. Paulo, Março 1915.

AS CARTAS D'ABAX'O O PIQUES

A riorganisaçô du P. R. C. Baulista — O pissoalo na zona — O Capitô, o Morêre da Sirva i o Rudigéro — O Dionisio també — Viva o Capitô — A Cumissô Centrale perto distu pissoalo non é nada!



O urtimo fattimo impurtanto distus urtimo tempo, é sê duvida a riorganisaçô do Partido Republicano Conservatorio Paulista, che stá o direttore generale delli o Pihêre maxucado chi tẽ uma brutta

infruenza pulittica inzima du Bellezinho i du Pridenti da a Republiga, ma che non vale nada qui in Zan Baolo.

Antigamente gia tive aqui istu partito co nonimo di partito «hermiste» o partido «capitista» che significano «hermiste» partido pulittico inzima du Hermeze i capitista, idimo, idimo du Capitô!

Ma, n'aquillos bon tempo illos ainda tinha arguns inlettore che era o Piedadô, o Piedadigno i o pissoalo do «Zan Baolo».

Aora inveiz nó! O Piedadô stá fastado da pulittica até as primiêra inleçô chi uvé. O Piedadigno desaparecê da zona, non sê p'ra ondi. O «Zan Baolo» murreu di quebradêra... Aóra só tẽ o Dionisio.

A riorganisaçô tive lugaro nu palazzo du Capitô, c'oa sistenza xiigna a gunha! Tenia maise di ventis qua-

tro pirsona. Tenia una profunda inluminacô giapponese nu giardino, c'oas lanternigna di tuttos colore. Nu portô tenia duos funzionario molto chique, vistido di gazaka.

Io també fui incunvidado; intô io xiguê, dê uns brutto gumprimento p'rus tale funzionario, tirê do o burso o migno cartô di envitto speciali i fui intrâno di barrigula.

Quano xiguê p'ra intrâ, o Dionisio che stava na a porta mi diSSI p'ra mim che io dê uma brutta ratta, pur causa que tenia gumprimentado os purtiêre.

— Ma che portière, sô pidaço di animale!

— Eh! aquillos duos di gazaka lá inzima do o purtô.

Agurigna mesimo io já iva fazeno un fecha co Dionisio, ma disposa si alembre che se io faceva o fecha, si dexava stragá c'oa a festa, intô non liguê i fui andâno.

As nove ôra in puntigno incominciô a festa, c'oa sessô di riorganisaçô i inleçô da Cumissô Centrale.

Tive varos discurso inrusivio nu bêstia do Rudigero inlogiano o Capitô, a sua assô pulittica i morale i os briglianti servicio che illo tẽ prestado p'ra a Patria, co ricenceamento i c'oa pruteçô dus indio, i terminô acussi:

«... con istu typo inergimo, istu colore branco di neve, o tupette tẽ bunitigno, o espirito acuto come a punta d'un ganivette, é sê duvida o typo ideale dus xefe polittico.

Viva o Capitô.»

O Rudigéro foi inergigamente apraudido e io dê un begigno mesimo inzima da gabeza delli.

Tive disposa a inleçô ficando dista maniera acunstituio o partito:
Comissô Centrale: Capitô.
Segretario: Rudigéro.

Tisoriêre: direttore du ricenziamento:
Morêre da Sirva.

Portière: Dionisio.

Ficô també ariservido di mandâ agente p'ra tuttos lugáro du interiore p'ra cavá inleitore. Io co Xico Sapatière vamos cavá.

Aterminada a inleçô tive un «fava-ô-croque» i insiguidamente un brutto ballo, cumpanhado con una sessô da a banda da a forza publiga.

Tuttos munno dançáro e eo també. P'ra cabá a vesta io co Dionisio fizemos un brutto fecha pur causa d'aquillo nigozio da ratta che illo aparlô che io fiz. Io fui tumâ uma satisfacô delli, dai illo stava nu porre i fizemos um brutto fecha.

Intô fumos durmi nu páu.

JUÔ BANANÊRE.

Soldado que está na guerra
Tendo um minuto de folga
Em vez de comer o lunch
Fuma dez cigarros Olga

Os nossos instantaneos



A NOSSA ENQUETE SOBRE FRADIQUE MENDES

Fala-nos Plínio Barreto

Consulta

1º Será Fradique Mendes um tipo representativo de vida superior?

2º Será Fradique um elegante perfeito?

3º Em caso de resposta negativa, qual o tipo ideal de homem?

Resposta

Ao 1º Não. Fradique não é tipo representativo de coisa alguma. Fradique é uma pura ficção literária, bela porque saiu de uma imaginação rica e harmoniosa, mas sem a mínima consistência. Vale, como obra de arte, tanto quanto valeria uma figura de Phidias esculpida num torrão de açúcar. É um mimo, é um primor, mas não é humano. É tão humano como uma estátua, admiravelmente cinzelada, a que se pusessem os braços no lugar das pernas e as pernas no lugar dos braços. Fradique é um homem de azas, e eu me comprometo a ler sem dormir os discursos do Instituto Histórico se alguém me provar que já encontrou algum homem de azas. De quatro pés dizem que há – e eu acredito, não porque os tenha visto, mas pelas pegadas que, às vezes, deixam no caminho...

Não. Fradique não é o tipo representativo de vida superior, nem de qualquer outra vida. Será, quando muito, representativo de um estado mental. Eça acordou um dia enfasiado dos homens e não tendo à mão, para se distrair, nenhum tratado de metafísica, cruzou os braços, por trás da cabeça, nos travesseiros moles, espichou as pernas e pôs-se a imaginar um tipo ideal de homem. O que conseguiu foi produzir um tipo que de humano só tem o gesto, inferior, portanto, àquele do Camões que, além do gesto, tinha também o peito...

O tipo é interessante, não há dúvida. Mas todas as ficções, com exceção das pessoas jurídicas, costumam ser interessantes.

Sei que para muita gente Fradique Mendes é havido como um homem superior. É um erro. Ainda mesmo que se reconhecessem nele alguns atributos realmente humanos, não se poderia, com fundamento razoável, considerá-lo um homem superior.

O que caracteriza o homem superior é o poder de fazer o mal inutilizado pela vontade inabalável de não usar desse poder.

Ora, Fradique é um temperamento passivo ou, se quiserem, um temperamento neutro. Não é capaz nem de grandes maldades nem de grandes sacrifícios. É uma simples máquina de ideias e as máquinas não têm aquilo que leva os homens às cumiadas do sublime e aos abismos do ridículo – o coração. Fradique é indiferente. Até os seus amores são frios, tão frios que o não

fazem cometer nenhuma tolice. Ele ama só para alinhar períodos lindos e encaixar nesses períodos, nos lugares em que devia correr, cálida e impetuosa, uma torrente de sentimentos, duas ou três ideias cintilantes. O amor é-lhe apenas, como tudo mais no mundo e na vida, um tema para divagações literárias. Tudo nele é atitude e estilo. Por isso é que sua companhia, encantadora a princípio, acaba por se tornar fatigante. E falta a Fradique aquilo que nos homens de carne e osso é o sal da convivência: a possibilidade de dizer e de fazer asneiras. A sua perfeição irrita.

Ao 2º Também não. Devia antes dizer que estava prejudicado com a resposta dada ao primeiro. Fradique tem elegâncias ideais – como as do Cyrano – mas não tem a elegância do seu tempo e da sua roda. Era um homem que não contraía dívidas ou, se contraía, as pagava e do qual nunca se soube que se desse a desfrute com mulheres públicas. A ausência nele destes dois traços mais nobres da elegância contemporânea mostra que, apeado das nuvens em que Eça o colocou, Fradique, reduzido à massa humana, não passaria de um pedante inteligente.

Ao 3º O tipo ideal de homem é o filho mais viçoso de Fradique: é o Pacheco.

Pacheco, silencioso e grave, é, na sua gravidade e no seu silêncio, a quinta essência do homem contemporâneo.

Aquilo, sim, tem vida, tem carne, tem ossos, tem músculos, e, o que mais é, tem semelhantes.

No dia em que houver de lançar os filhos na luta pela vida ainda lhes direi, da soleira da porta, engolindo a última lágrima e disfarçando o derradeiro suspiro:

-Ide, meus amigos; ide e sedes Pachecos. Sede Pachecos, ou sereis vencidos.

O ser Pacheco não é, como muita gente pensa, um dom de nascença. Pode ser de nascença, e é este o caso mais frequente, mas pode também ser adquirido.

Indivíduos eu conheço, inteligentes, ativos, simpáticos, que, guindados a postos elevados, se transformaram de repente e assumiram o aspecto severo e rebarbativo de monos empalhados. Não falam ou, se falam, é por monossílabos. Não conhecem ninguém e quando distinguem algum mortal com uma saudação imperceptível, o cumprimento desce do alto, rápido e jogado como uma pedra.

É que se iniciaram no pachequismo. Perceberam logo – as alturas, como se sabe, alargam o horizonte visual – que sem esse capote não há quem resista ao vento gelado dos cumes...

No dia em que Ruy Barbosa fechasse o gênio numa gaveta, deitasse fora a chave e fosse para o Senado disputar aos colegas o prêmio do silêncio ou dos monossílabos inexpressivos,

havam de ver se não se lhe abriam com facilidade as portas de todas as posições de que, sistematicamente, o tem afastado a pambeocia nacional.

Confesso, porém, que não é fácil adquirir o *pachequismo*. Sem alguma tendência natural, adormecida no íntimo do indivíduo e oportunamente despertada, não se logra fazer obra limpa. Entre os políticos, por exemplo, é visível a olho nu a diferença entre o Pacheco de nascença e o Pacheco por estudo. Aquele, não só faz a carreira com mais celeridade, como revela no ar embezerrado, um *que* tão inconfundível como intraduzível, ausente no outro e distintivo da raça.

Mas essa dificuldade não deve desanimar os que se iniciam na vida e desejam triunfar.

Labor omnia vincit afirmavam os romanos, e os romanos sabiam o que diziam.

Poucos filhos se hão de parecer menos com o pai do que Pacheco com Fradique. Mas a dissemelhança entre pai e filho é frequente. Marco Aurélio, que era um código de moral, não foi pai de Commodo, que era um compendio de infâmias? É exato que a maledicência explicava a diversidade pelo temperamento assas expansivo da graciosa imperatriz Faustina...

Mas, sem essa ou outra explicação, o caso pode-se dar. Tem-se visto.

Parecido, ou não, um com o outro, creiam-me, porém, que o filho, neste caso, vale muito mais que o pai.

Para S. Paulo, então, não vejo, na galeria humana, modelo mais apropriado. Isto aqui é o paraíso da espécie. No dia em que um Pacheco autêntico não fizer carreira em S. Paulo bem como no dia em que explicarem por outro motivo que não o pachequismo a preeminência que na política e na sociedade, na política sobretudo, tomaram certas personagens – mudar-me-ei para outro planeta, ou, se a viagem ficar dispendiosa, irei pedir hospedagem, no seu luxuoso pensionato de Juquery, ao meu distinto amigo Dr. Franco da Rocha...

É este o meu parecer. S.M.J.

S. Paulo, Março 1915.



A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS JOSÉ AGUDO

Fradique Mendes é um typo exclusivamente literário, filho da imaginação do seu autor. O autor porém, seja esse o mais rico e o mais pródigo de concepções artísticas, nada crêa do nada. É como o pae carnal de qualquer individuo. O seu filho pode parecer-se com elle physica e moralmente, mas, além dessa semelhança, muitos característicos deve ter dos seus antepassados paternos e maternos.

O individuo é uma somma. A unidade individual não existe senão theoreticamente. A unica differença que se nota entre os filhos carnaes e espirituaes é que estes não só reflectem as tendencias paternas ou maternas mas até as do seu tempo e as do ambiente em que elles surgem e evoluem, ao passo que aquelles, legítimos ou não, — isso pouco importa —, trazem consigo apenas as influencias ancestrais e as dos seus progenitores. As influencias do meio só mais tarde agem e reagem sobre elles, depois permanecem e principalmente quando começam a educar-se. É que os filhos espirituaes são estáticos, e os carnaes — dynamicos.

Ora, Fradique Mendes, considerado do ponto de vista puramente conceptual, é a prova mais flagrante desse extranho mixto de quichotismo e sanchismo que reside em qualquer individuo, mórmente quando esse individuo pretende erguer-se e erguer-se de facto acima do nivel dos seus contemporaneos. É simultaneamente louco e sensato, ridiculo e pratico, nuvem e lódo aguiá e tico-tico... Tem a mania da perfeição artistica, e resvala no terra-a-terra das frivolidades indumentarias. É um exegeta de religiões e perquiridor de systemas

philosophicos, e queda-se todo baboso deante do "*ephemero feminino*". Perlustra os paizes exóticos e gasta grande parte do seu tempo e do seu dinheiro em Pariz como qualquer *vasta* americano. É rico mas não sabe gerir nem aplicar a sua fortuna...

E porque é elle assim? porque Eça de Queiroz, seu pai espiritual, tinha, entre outras a futil preocupação das gravatas e era amigo de Ramalho Ortigão, que tinha tambem a preocupação das pengas e dos banhos...

Além disso, Eça de Queiroz cultivou a amizade de ricos e inteligentes *globetrotters* que desbaratavam a propria fortuna sem preocupações utilitarias, e elle mesmo em certa época de sua vida foi ao Oriente gastar dinheiro e abeberar-se das mesmas impressões que outr'ora encantaram Chateaubriand, Gauthier e outros próceres do Romantismo.

Residindo largo tempo em Pariz, onde se congregam habitualmente e periodicamente os mais curiosos exemplares da imbecilidade humana provindos de todos os pontos do globo, a sua observação perspicaz e arguta incidia fatalmente sobre esses individuos e havia de reflectir-se naturalmente nos typos de sua concepção.

Fradique é como que a synthese desses typos, e *A Cidade e as Serras*, essa bellissima satyra da civilização chamada occidental, está inçada delles. Quem é o Jacintho do 202, senão o proprio Fradique Mendes mais humano e por isso mesmo mais verdadeiro?

Mas quem disser que Fradique é o typo do homem superior, revela uma noção muito falsa do que seja a superioridade masculina.

Como typo literario, elle é um dos melhores que ha na literatura portugueza, e tanto que a imitação desse typo tem proliferado assombrosamente em verdadeiras caricaturas cada qual mais grotesca.

Será Fradique Mendes o typo do elegante perfeito? E' possível que o fosse no seu tempo, porque a elegancia, que é pura questão de moda, não tem *Canon* immutavel. Os elegantes do seu tempo não usavam pulseiras com relógios nem braceletes metálicos nas pernas, porque ainda se não tinham feminizado como hoje; nem raspavam a cara, porque não queriam que ninguém os confundissse com lacaios, cocheiros e *garçons*...

Typo de elegante perfeito foi Petronio, que até conquistou o titulo de Arbitro das Elegancias; mas quem será bastante ousado para o imitar hoje em dia, neste seculo de automoveis, aeroplanos e machinas de escrever?...

Em resumo: Fradique Mendes é um typo evolutivamente incompleto e falho. Começa a expandir-se nas *Lapidarias*, que renega depois; consegue attrahir a admiração de alguns seus contemporaneos, e morre estupidamente antes de esboçar sequer o equilibrio final da sua individualidade.

Como typo literario, é eminentemente irradiante, e a prova consiste nas imitações que provoca. Como typo social, é ninamente absorvente, e a prova está na admiração que desperta... Mas, como em todas as espheras conceptuaes lhe falta o equilibrio final, resulta um typo ficticio, inverosimil e inutil.

Salvo melhor juizo.



A NOSSA ENQUETE SOBRE FRADIQUE MENDES

Fala-nos José Agudo

Fradique Mendes é um tipo exclusivamente literário, filho da imaginação do seu autor. O autor porém, seja esse o mais rico e o mais pródigo de concepções artísticas, nada cria do nada. É como o pai carnal de qualquer indivíduo. O seu filho pode parecer-se com ele física e moralmente, mas, além dessa semelhança, muitos característicos deve ter dos seus antepassados paternos e maternos.

O indivíduo é uma soma. A unidade individual não existe senão teoricamente. A única diferença que se nota entre os filhos carnis e espirituais é que estes não só refletem as tendências paternas ou maternas mas até as do seu tempo e as do ambiente em que eles surgem e evoluem, ao passo que aqueles, legítimos ou não, – isso pouco importa –, trazem consigo apenas as influências ancestrais e as dos seus progenitores. As influências do *meio* só mais tarde agem e reagem sobre eles, depois permanecem e principalmente quando começam a educar-se. É que os filhos espirituais são estáticos, e os carnis – dinâmicos.

Ora, Fradique Mendes, considerado do ponto de vista puramente concepcional, é a prova mais flagrante desse estranho misto de quichotismo e sanchismo que reside em qualquer indivíduo, mormente quando esse indivíduo pretende erguer-se e erguer-se de fato acima do nível dos seus contemporâneos. É simultaneamente louco e sensato, ridículo e prático, nuvem e lodo águia e tico-tico... Tem a mania da perfeição artística, e resvala no terra-a-terra das frivolidades indumentárias. É um exegeta de religiões e perquiridor de sistemas filosóficos, e queda-se todo baboso diante do “*efêmero feminino*”. Perlustra os países exóticos e gasta grande parte do seu tempo e do seu dinheiro em Paris como qualquer *rasta* americano. É rico mas não sabe gerir nem aplicar a sua fortuna...

E por que é ele assim? Porque Eça de Queiroz, seu pai espiritual, tinha, entre outras a fútil preocupação das gravatas e era amigo de Ramalho Ortigão, que tinha também a preocupação das pengas e dos banhos...

Além disso, Eça de Queiroz cultivou a amizade de ricos e inteligentes *globetrotters* que desbaratavam a própria fortuna sem preocupações utilitárias, e ele mesmo em certa época de sua vida foi ao Oriente gastar dinheiro e abeberar-se das mesmas impressões que outrora encantaram Chateaubriand, Gauthier e outros próceres do Romantismo.

Residindo largo tempo em Paris, onde se congregam habitualmente e periodicamente os mais curiosos exemplares da imbecilidade humana provindos de todos os pontos do globo, a

sua observação perspicaz e arguta incidia fatalmente sobre esses indivíduos e havia de refletir-se naturalmente nos tipos de sua concepção.

Fradique é como que a síntese desses tipos, e *A Cidade e as Serras*, essa belíssima sátira da civilização chamada ocidental, está inçada deles. Quem é o Jacinto do 202, senão o próprio Fradique Mendes mais humano e por isso mesmo mais verdadeiro?

Mas quem disser que Fradique é o tipo do homem superior, revela uma noção muito falsa do que seja a superioridade masculina.

Como tipo literário, ele é um dos melhores que há na literatura portuguesa, e tanto que a imitação desse tipo tem proliferado assombrosamente em verdadeiras caricaturas cada qual mais grotesca.

Será Fradique Mendes o tipo do elegante perfeito? É possível que o fosse no seu tempo, porque a elegância, que é pura questão de moda, não tem *Canon* imutável. Os elegantes do seu tempo não usavam pulseiras com relógios nem braceletes metálicos nas pernas, porque ainda se não tinham feminizado como hoje; nem raspavam a cara, porque não queriam que ninguém os confundisse com lacaios, cocheiros e *garçons*...

Tipo de elegante perfeito foi Petrônio, que até conquistou o título de Árbitro das Elegâncias; mas quem será bastante ousado para o imitar hoje em dia, neste século de automóveis, aeroplanos e máquinas de escrever? ...

Em resumo: Fradique Mendes é um tipo evolutivamente incompleto e falho. Começa a expandir-se nas *Lapidárias*, que renega depois; consegue atrair a admiração de alguns seus contemporâneos, e morre estupidamente antes de esboçar sequer o equilíbrio final da sua individualidade.

Como tipo literário, é eminentemente irradiante, e a prova consiste nas imitações que provoca. Como tipo social, é nimamente absorvente, e a prova está na admiração que desperta ... Mas, como em todas as esferas conceituais lhe falta o equilíbrio final, resulta um tipo fictício, inverossímil e inútil.

Salvo melhor juízo.



A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS MONTEIRO LOBATO

Começo pelo fim: qual o typo ideal de homem?

Para mim é o que se desenrola na vida como um novello, ou — falando lindo e com maiúsculas — o que se *affirma* na Vida pelo desenvolvimento logico, harmonico, eurythmico, integral de todos os instinctos nobres da sua individualidade, e sabe ser *Elle* em todas as circumstancias, e quando morre faz jús ao mais eloquente dos epitaphios: foi um Homem!

Tal qual a arvore da floresta que desdobrou, no lento dobrar dos annos, uma a uma, té ás ultimas consequencias, sem retrocessos como sem paradas, sem vacillações como sem solução de continuidade, todo o programma vital preestabelecido em summa io na semente.

Aquelle cedro que enfiando os olhos pela janella vejo no pasto a dominar o valle, em attitude de rei antigo, nunca se viu conformado pela mão do jardineiro, desconhece os golpes do podão em trabalhos de poda, não teve cerquinha emtorno quando menino, nem regas, nem adabos. Cresceu livre e despeado, como o quiz e como lhe soube, na só instigação da *vis insita* da sua logica vegetal. Egalhou na absoluta independencia de quem não encontra no ar, preestabelecida e arbitraria, uma geometria severa, d'olculos, a lhe dosar a compasso o angulo da galhaça, a delimitar o diametro do tronco, a impor um Manual do Bom Tom á sua enflorescencia, ao modo de circular a seiva, ao dispositivo das fibras. E' uma sadia semente levada ás duradeiras conclusões logicas de um sadio desabrochar em cedro.

E', porisso, bello. Já as laranjeiras do pomar ao pé soffreram a constricção externa da moldagem. Semeadas em alfobre foram em tempo transplantados para ali, ali alinhadas, enxertadas, podadas, caídas, adubadas.

São creaturas mansas de um senhor, fencundas no seu annual embolotar-se de saboiosos fructos mas... laranjeiras.

O cedro altivo as olha d'alto, como as ovelhas d'um rebanho, elle que é a Força, a Belleza e dá aos humanos a inesquecivel impressão dum Super-arvore. E eu, comendo a laranja, todo paladar para a fruta e todo estereio para o pé que a produz, é no vulto arrogante do cedro que regalo o Olho gozoso e a Ideia. E se me tenho mão de berrar em sua gloria um *pean* com: *Evolvés e Avés e Hurrahs* é que — covarde laranjeira humana! — receio pare de trabalhar

e me olhe com ar onde se lê: o patrão amo, que está lonco! aquelle sordido ca' oculo que lá esta correndo a enxada (co' rendo!) no pomar.

Ora, Fradique desenvolveu-se na vida como o cedro? Sim. Eça, que o biographou, demonstra, não omitindo sequer um pormenor elucidativo, que foi harmonico, que foi integral, que foi logico a sua ecclosão no seio da vida. Logo, Fradique é um homem superior.

Que lhe faltou? Nada, nem sequer o leite da bondade humana, a bondade do fo te que é um dom, diversa da bondade do fraco que é um calculo.



Foi bello — Eça gasta seus melhores adjectivos no provalo; aggrega-lhe a todo instante o seu *tipo*, o seu *forte* e o seu *calmo*, trindade qualificativa de que mais abusa em todos os seus livros, para nol'o apresentar appollineo. Bello e são, de corpo e d'alma, fonte perenne de fluidos sympathicos, amavel dos homens das coisas e das mulheres.

Foi rico — a vóco dos Açores legou-lhe com o milhão de cruzados a carta d'alforr'a ás contingencias pecuniarias da vida moderna. Foi intelligente, foi chistoso, foi humorista, foi fino: sua correspondencia ahí está para comprova a quem se não fiar das palavras do biographo. Foi util. Util? Sim: ensinava aos homens a belleza do corpo e da alma, a alegria e o amor á vida.

Procurava o amago das coisas, fugindo assim á pécha de dilettante que borboleteia pela rama; afundava dentro das ideias e

das philosophias e dentro até das religiões, embebendo-se nellas, *conscientemente*, de cada uma (não esquece de o declarar seu biographo) tirando um acrescimo de substancia e em cada uma deixando algo do calor, da energia do seu elemento pensante. Como apodar de inutil a quem assim prestava o concurso de seu valor pessoal ao accrescimento dos thesouros mentaes, levando um omnimodo obulo á ubiqna torre de Spandau do pensamento humano? +

Quem como elle possuiu mais apurado o agudo faro da Realidade que faz distinguir no «nevoeiro de Londres» da vida se o vulto informe diluido na bruma é a estatua do heróe ou um entalho? Religiosamente, quem mais que Fradique foi melhor sacerdote da, entre todas as verdadeiras religiões, a unica religião verdadeira: a Vida Toda Poderosa?

Bisbilhoteiro da bisbilhotice que leva a descobrir a America, encelleirou as melhores noções de todos os conhecimentos sem descanbar em um erudito. O erudito pesa como chumbo, cae em uso d'olculos aos 30 annos e, ao cabo, encaderna-se em vitella.

Sabio foi e no melhor sentido da palavra, erudito nunca: investigava até em quanto podia extrahir das sciencias e factos uma emoção ou surpresa intellectual. O erudito vae alem, attinge ao fastio e acaba nas hemorrhoidas.

Foi um intellectual? Essa pécha não calha a uma actividade multiforme corporea, mental e moral a um tempo, efficiente e constructora... constructora de que? Do seu *Eu* d'excepção, fortissimo, tão util a si proprio como a vida circumvolvente em enjose actuava como um foco. E por ahí alem. Não acudia a Eça vinco illustre de personalidade que não guindasse em seu heróe. Ora, se assim é (e é assim) em que literatura se nos aponta typo mais emblematico do homem superior?

Um criterio humanissimo para avaliar de Fradique:

— Se te fosse dado, leitor, amoldar tua vida ao teu geito, como querias ser?

A esta pergunta responde o leitor e com elle toda a humanidade:

— Rico, bello, intelligente, creador, homem d'ação, bondoso, forte, fino, elegante, amavel, amado, saude d'aço, typo 2 de boa torração...

— Ora, isso tudo inda é ser menos que ser Fradique, no qual taes qualidades se requintavam das sublis cambiantes com que Eça, seu creador, o cumulo de amores

O PIRRALHO

capricho. Logo, Fradique é um homem superior. Quanto a realidade do typo isto é outra questão. Está claro que é um typo imaginário, agglutinativo. A vida real v'ça e vige em optimos Accacios e Pachecos, nunca em Frad'ques.

Nas respostas anteriores vejo que se lhe nega o «typismo» de homem superior, o que pressuppõe nos respondentes uma concepção mais apurada que a de Eça de Queiroz.

Infelizmente não se diz qual seja, o que me leva a crer de duas uma: ou que o

mundo progrediu muito de Eça para cá, ou que tal typo diante do qual se subalternisa Fradique Mendes seja nem mais nem menos... o Conselheiro Accacio. Eu de mim continuo a admirar Fradique com a mesma parva admiração do seu biograph; e, até, não me pejo confessar o: invejo-o! E tanto, que bem se me dava trocar o meu cargo de presidente da Comissão d'Agricultura de Caçapava por me transfundir nelle e viver a sua vida um mez só que fosse.

— Grande pulha!

— Seja. Aqui na terra, cevando porcos, tendo como unico en'voo esthetico o cedro — Fradique vegetal de verde coma — e desconhecedor dos novos e peregrinos ideaes de vida humana que florem na Cidade, atazadão que sou, responderia á Fada que se me brotasse do solo propondo uma metamorphose a Fausto: quero ser Carlos Fradique Mendes, e já!

Caçapava, Março de 1915.

GRAPHOLOGIA

Aldebaran:

Dotado de regular energia, actividade, intelligencia, espirito de combate. Sabe precisar o momento opportuno. Alguma originalidade. Assimilação, tenacidade, temperamento de protecção aos fracos e aos vencidos. Decide, resolve e é categorico nas suas afirmações. Desejo de renome. Amor do confortavel, da vida publica, do luxo, das cousas elegantes. Sobre o ponto de vista moral, tem lances de nobresa, alma nobre e franca. Cultura de espirito, dono de seus sentimentos, como de suas impressões. A cabeça prepondera aos impulsos do coração.

Calmo, reservado, uma linha de conducta toda pessoal. Pela assignatura nota-se que differe bem da Carta. Forçou um pouco em dissimular.

V. de Taunay:

Espirito moderado, transige pela bondade.

Inconstante, natureza delicada. Não persiste e é rapido nas suas determinações. Intelligente e traços de grande honestidade.

S. V. S. R. M. S. Z. O. B. P.

Tem convicção. Explendida palestra. Imaginação e enthusiasmo. Maneiras meigas. Uma natural indolencia de pessoa intelligente. Não sabe perseverar. Um mixto de actividade, mas soffre o effeito da atmosphera que é feliz.

Burly:

Distrahida, positiva, franca, tem espontaneidade, ardor, vivacidade. Tem momentos de excepcional bondade. Intelligente e capri hosa.

Flôr de tollices:

Imaginação entusiastica e poetica. Pensamento que vaga muito, envolvendo-se nas nuvens em busca de um ideal. Mysticismo. Natureza sensitiva um pouco autoritaria pela susceptibilidade. Intelligente e carinhosa; quando sentir querer tem excessos de capricho.

Incognito:

Temperamento normalizado. Recebe as impressões boas ou más com calma. Gosta de caminhar direito, tranquillo, tem o gran-

de desejo de se elevar e renome, de alcançar alguma cousa que preoccupa seu espirito.

Pela assignatura que soffreu disfarce, é de quem chora e sente uma decepção na vida.

Daisy:

Benevolencia e doença. Regular condescendencia e correção. Elevação e simplicidade. Conserva as formas tradicionaes, discreta, sabe occultar seus intimos pensamentos, tem gosto, ordem, e singularidade no modo de agir.

Candura, sensibilidade, natureza um pouco melancolica e sem energia. Ha entretanto occasiões de muito enthusiasmo, ama o maravilhoso, vibra e sente.

M. de Urucubaca:

Assimila, liga bem os seus pensamentos, tem o cuidado e o receio. Docil por temperamento e com generosidade. Enthusiasmo pelo bello, admiração pelas artes. Character sincero ás vezes humilde até a resignação, tem a forma graciosa e intelligente.

Simplicidade infantil, grande aspiração, pondo em duvida realis-a.

Sevéro:

Temperamento de iniciativa. Empreheende e executa. Espirito mercantil sado. Egoismo preponderante, coração frio e indifferente. Não se impressiona e não sente. Espirito sem cultivo, tendo methodo por educação e interesse. Tém cóleras intimas que sabe dissimular prodigiosamente. Economia não por temperamento, por dever. Não se sente feliz tendo a'guma cousa que tortura o espirito. Sociavel ás vezes, e isso para não se ieo'ar por completo.

Lolita:

Gosta muito de posar. Bom humor, recebe a boa e a má impressão com sangue frio e calma, tem a mania das cousas muito directas, tem desejo de renome e aspirações. Vontade mais viva que forte capricho e muito cuidadosa. Estado d'alma muito bom, e tem a meiguice natural. Duplamente affectuosa. É perseverante, intelligente e espirito finissimo.

Violeta de Parma:

Fidelidade, nobresa, vivacidade e independencia de character.

É distrahida, e tem actividade e «sans facons». Character sympathico, espirito fino, distincção, estabilidade e intelligencia. Sente a impressão de tudo, e é extraordinariamente emotiva.

Admiração pelas artes e alguma revelação poetica.

Guia:

Simplicidade e gosto esthetico. Optima assimilação, formas tradicionaes. Espirito vivo e espontaneo. Intelligente.

Maura:

Genio mais poetico que filosofico. Muito complacente. Fraquesa e má vontade, irresoluta e impressionavel. Precipita pelo excesso de sensibilidade. Intelligente e alma muito piedosa. Tem sympathia occulta.



HERANÇA OU FELIZ ESPECULAÇÃO. UM TRIANGULO FORMADO POR DUAS LINHAS, UMA SUBINDO OUTRA DESCENDO.

HENRIQUE SILVA

NOTA: — Endereçar as cartas á redacção do Pirralho, secção Graphologia, Caixa 1026.

A NOSSA ENQUETE SOBRE FRADIQUE MENDES

Fala-nos Monteiro Lobato

Começo pelo fim: qual o tipo ideal de homem?

Para mim é o que se desenrola na vida como um novelo, ou – falando lindo e com maiúsculas – o que *se afirma* na Vida pelo desenvolvimento lógico, harmônico, eurrítmico, integral de todos os instintos nobres da sua individualidade, e sabe ser *Ele* em todas as circunstâncias, e quando morre faz jus ao mais eloquente dos epitáfios: foi um Homem!

Tal qual a árvore da floresta que desdobrou, no lento dobrar dos anos, uma a uma, até às últimas consequências, sem retrocessos como sem paradas, sem vacilações como sem solução de continuidade, todo o programa vital preestabelecido em sumario na semente.

Aquele cedro que enfiando os olhos pela janela vejo no pasto a dominar o vale, em atitude de rei antigo, nunca se viu conformado pela mão do jardineiro, desconhece os golpes do podão em trabalhos de poda, não teve cerquinha em torno quando menino, nem regras, nem adubos. Cresceu livre e despeado, como o quis e como lhe soube, na só instigação da *vis insita* da sua lógica vegetal. Esgalhou na absoluta independência de quem não encontra no ar, preestabelecida e arbitrária, uma geometria severa, de óculos, a lhe dosar a compasso o ângulo da galhaça, a delimitar o diâmetro do tronco, a impor um Manual do Bom Tom à sua enfolhescência, ao modo de circular a seiva, ao dispositivo das fibras. É uma sadia semente levada às duradeiras conclusões lógicas de um sadio desabrolhar em cedro.

É, por isso, belo. Já as laranjeiras do pomar ao pé sofreram a constrição externa da moldagem. Semeadas em alfobre foram em tempo transplantados para ali, ali alinhadas, enxertadas, podadas, caídas, adubadas.

São criaturas mansas de um senhor, fecundas no seu anual embolotar-se de saborosos frutos mas ... laranjeiras.

O cedro altivo as olha do alto, como as ovelhas de um rebanho, ele que é a Força, a Beleza e dá aos humanos a inesquecível impressão de uma Super-árvore. E eu, comendo a laranja, todo paladar para a fruta e todo esterco para o pé que a produz, é no vulto arrogante do cedro que regalo o Olho gozoso e a Ideia. E se me tenho mão de berrar em sua glória um *pean* com Evohés e Aves e Hurrahs é que – covarde laranjeira humana! – receio pare de trabalhar e me olhe com ar onde se lê: o patrão amo, que está louco! Aquele sórdido caboclo que lá está correndo a enxada (correndo!) no pomar.

Ora, Fradique desenvolveu-se na vida como o cedro? Sim. Eça, que o biografou, demonstra, não omitindo sequer um pormenor elucidativo, que foi harmônico, que foi integral, que foi lógica a sua eclosão no seio da vida. Logo, Fradique é um homem superior.

Que lhe faltou? Nada, nem sequer o leite da bondade humana, a bondade do forte que é um dom, diversa da bondade do fraco que é um cálculo.

Foi belo – Eça gasta seus melhores adjetivos no prová-lo; agrega-lhe a todo instante o seu *rijo*, o seu *forte* e o seu *calmo*, trindade qualificativa de que mais abusa em todos os seus livros, para nele apresentar apolíneo. Belo e são, de corpo e de alma, fonte perene de fluídos simpáticos, amável dos homens das coisas e das mulheres.

Foi rico – a vovó dos Açores legou-lhe com o milhão de cruzados a carta de alforria às contingências pecuniárias da vida moderna. Foi inteligente, foi chistoso, foi humorista, foi fino: sua correspondência aí está para comprovar a quem se não fiar das palavras do biógrafo. Foi útil. Útil? Sim: ensinava aos homens a beleza do corpo e da alma, a alegria e o amor à vida.

Procurava o âmago das coisas, fugindo assim à pecha de diletante que borboleteia pela rama; afundava dentro das ideias e das filosofias e dentro até das religiões, embebendo-se nelas, *convictamente*, de cada uma (não esquece de o declarar seu biógrafo) tirando um acréscimo de substância e em cada uma deixando algo do calor, da energia do seu elemento pensante. Como apodar de inútil a quem assim prestava o concurso de seu valor pessoal ao acréscimo dos tesouros mentais, levando um omnimodo óbolo à ubíqua torre de Spandau do pensamento humano?

Quem como ele possuiu mais apurado o agudo faro da Realidade que faz distinguir no “nevoeiro de Londres” da vida se o vulto informe diluído na bruma é a estátua do herói ou um entulho? Religiosamente, quem mais que Fradique foi melhor sacerdote da, entre todas as verdadeiras religiões, a única religião verdadeira: a Vida Toda Poderosa?

Bisbilhoteiro da bisbilhotice que leva a descobrir a América, enceleirou as melhores noções de todos os conhecimentos sem descambar em um erudito. O erudito pesa como chumbo, cai em uso de óculos aos 30 anos e, ao cabo, encaderna-se em vitela.

Sábio foi e no melhor sentido da palavra, erudito nunca: investigava até em quanto podia extrair das ciências e fatos uma emoção ou surpresa intelectual. O erudito vai além, atinge ao fastio e acaba nas hemorroidas.

Foi um “intelectual”? Essa pecha não calha a uma atividade multiforme corpórea, mental e moral a um tempo, eficiente e construtora ... construtora de que? Do seu *Eu* de exceção, fortíssimo, tão útil a si próprio como a vida circunvolvente em cujo seio atuava como um foco. E por aí além. Não acudiu a Eça vinco ilustre de personalidade que não guindasse em seu herói.

Ora, se assim é (e é assim) em que literatura se nos aponta tipo mais emblemático do homem superior?

Um critério humaníssimo para avaliar de Fradique:

— Se te fosse dado, leitor, amoldar tua vida ao teu jeito, como querias ser?

A esta pergunta responde o leitor e com ele toda a humanidade:

— Rico, belo, inteligente, criador, homem de ação, bondoso, forte, fino, elegante, amável, amado, saúde de aço, tipo 2 de boa torração...

— Ora, isso tudo ainda é ser menos que ser Fradique, no qual tais qualidades se requintavam das sutis cambiantes com que Eça, seu criador, o cumulou em amorosos capricho. Logo, Fradique é um homem superior. Quanto à realidade do tipo isto é outra questão. Está claro que é um tipo imaginário, aglutinativo. A vida real v^{ça}⁸⁴ e vige em ótimos Acacios e Pachecos, nunca em Fradiques.

Nas respostas anteriores vejo que se lhe nega o “tipismo” de homem superior, o que pressupõe nos respondentes uma concepção mais apurada que a de Eça de Queiroz.

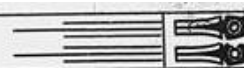
Infelizmente não se diz qual seja, o que me leva a crer de duas uma: ou que o mundo progrediu muito de Eça para cá, ou que tal tipo diante do qual se subalterniza Fradique Mendes seja nem mais nem menos... o Conselheiro Acácio. Eu de mim continuo a admirar Fradique com a mesma parva admiração do seu biógrafo, e, até, não me pejo confessá-lo: invejo-o! E tanto, que bem se me dava trocar o meu cargo de presidente da Comissão de Agricultura de Caçapava por me transfundir nele e viver a sua vida um mês só que fosse.

— Grande pulha!

— Seja. Aqui na terra, cevando porcos, tendo como único enlevo estético o cedro — Fradique vegetal de verde coma — e desconhecedor dos novos e peregrinos ideais de vida humana que florem na Cidade, atrasadão que sou, responderia à Fada que se me brotasse do solo propondo uma metamorfose a Fausto: quero ser Carlos Fradique Mendes, e já!

Caçapava, Março de 1915.

⁸⁴ Palavra não identificada.



A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS ADALGISO PEREIRA

Fradique Mendes?

— Um bocado de Larousse diluido em agua de Colonia!

A formula, se bem me lembra, é de Junqueiro. De Junqueiro ou de Quental. De Quental? Não. Engano-me. É de... esperem lá... é de... Ah! sim, sim: é de Teixeira de Azevedo.

Emfim — de Azevedo, de Quental ou de Junqueiro, pouco importa. O que importa é verificar-lhe a exactidão. E, se me querem vocês ouvir, desde já lhes direi que a tenho por plenamente averiguada. Ainda mais: estou que, nesse particular, não ha que se lhe diga. É precisa. É cabal. É perfeita. Somente — e por descargo de consciencia o faço — confessarei que lhe restringi algum tanto os termos, ampliando lhe, em compensação, a latitude.

Com effeito, no sentir de Azevedo os conhecimentos de Fradique é que não passavam de « bocados do Larousse diluidos em agua de Colonia ». Para mim, porém, conhecimentos e portador dos ditos sem esforço se accommodam sob o rotulo que aos primeiros applicou o sentimental patricio de Fradique.

Escandalisa-os o asserto?

Embora! Nem por isso me demoverei da minha. Tenho — e continuarei a ter — para mim que dois dedos do Larousse macerados em agua de Colonia bastarão a dar-nos o typo — admiravel, sem duvida, mas não representativo de ineditas excellencias — acerca do qual tanto papel e tanta tinta andam vocês a fazer gastar aos nossos plumitivos.

É o que lhes afianço. Se não, ali têm a receita. Experimentem-na. Tomem porém o cuidado de não errar na dosagem dos simplices. Do contrario, sah'r-lhes á o que por ali vemos a cada esquina: Fradiques encharcados em aguas mais ou menos de Colonia e, quanto a Larousse, nem pinga!

Não conclua, todavia, do que deixo dito que me seja antipathica a interessantissima pessoa do afilhado de M.me de Jonarre, ou que eu menospreze — longe de mim! — o autor das « Lapidarias ».

Nada disso!

Apenas o que desejo significar-lhes a respeito desse varão illustre é que elle não representa, aos meus olhos de barbaro que jamais visitou Athenas, o espelho em que deva mirar-se um vertebrado aspirante a super-homem ou cousa equivalente.

As razões por que assim penso? Fóra o-cioso enumeral-as. Seria reeditar conceitos já registrados nestas mesmas columnas, em depoimentos anteriores ao presente. De resto, vamos e venhamos: Fradique, no aso ver-tente, é um pretexto. Fi-ura neste inquerito como Pilatos no Credo — para me servir de uma imagem nova numa quadra de bolorentas velharias. O que lhes interessa a vocês, bem o sei, não é coll gir testemunhos relativos á sua personalidade, senão recolher dados referentes a uma a citavel idealisação de vida autenticamente superior. Assim sendo, trate-mol-o como preceitua Platão que se tratem



aos poetas — tanto mais que Fradique é da confraria: coremol-o de rosas, mas ponha-mol-o fóra de portas... E aproveitemos a que se nos abre á sua sahida para dizer — ou, mais propriamente, para não dizer — em que se cifra, a nosso ver, o typo ideal do b pede rigorosamente capaz de supportar com galhardia a responsabilidade tremenda que implicam as duas syllabas deste malbatadissimo vocabulo — homem!

..

O problema é complicado.

Complicadissimo mesmo, se quizermos encaral-o de perto, buscando esmerilhá-o. Effectivamente, ha dois mil annos, pouco mais, pouco menos, que elle espera por uma solução definitiva. E quem logrou formulal-a? Debalde sobre elle se têm debruçado, a partir de Aristoteles (antes mesmo de Aristoteles, em sua terra e fóra della) gerações e gerações de pensadores — debalde!

A Esphyngue não os devora, mas tambem não consente em revelar-lhes o seu segredo...

Pretenderão vocês acaso que seja eu o Edipo que lh'o arranque!

Espero que não.

Realmente, seria muito exigir de um pobre dia-lo que nunca entendeu de segredos, menos ainda de esphynges, e de esphynges que se prezam de cabeçudas para não mentirem ao sexo.

De sorte que... Mas afinal que necessidade temos nós de remontar ás origens, mergulhando nas entranhas do problema? Não tomemos a cousa tão ao tragico. Sobretudo — não nos mettamos em funduras. Contentem-se, pois, vocês com mais uma solução provisoria a juntar se aos milhares das que até esta data hão sido propostas. E como já agora não se trata de um carrancudo veredito, mas de um simples e modesto parecer, aqui lh'o trago nestas linhas apressadas. Apenas, para lhe dar uma sombrinha de solennidade, o lavro em publico e raso, afirmando-lhes que, no men conceito, o estalão do homem genuinamente representativo da especie se concretisa, nos tempos que correm, naquelle ente apenas concebivel, ultra-terreno, inverosimil mesmo, que... não tem dividas!

Se, não as tendo, esse miraculoso sér tambem não tiver callos, nem dyspepsia — tanto melhor. Bastará, porém, que não tenha dividas.

Já reflectiram vocês no alcance dessa cousa aparentemente secundaria que vem a ser o não ter dividas? Pois reflectam, meus amigos, e verão que, negativa embora, semelhante circumstancia traz no bojo tudo o que ha de mais positivo no planeta. E não só de positivo, mas ainda de nobre, de elevado, de dignificante, de legitimamente super-humano. Attentem só na somma de requisitos necessarios para a consecução de tal desiderato e digam-me lá se é attingivel tão alevantado ideal. Por mim, não o creio. E como trago em preparo, já quasi a pique de entrar para os prelos, uma alentada these em que justamente desenvolvo a theoria do « Não dever » como affirmação maxima de superioridade physica, intellectual, moral e social, não irei adiante por agora, para não precipitar os acontecimentos. Meditem, pois, vocês no que dito fica, enquanto não lhes é dado saborear a obra-prima que lhes prometto — e que, a não ser reclamada por algum sabio Instituto, certamente o será por alguma botica como succedanea do succo de papoulas.

É o mais que lhe póde succeder.

A NOSSA ENQUETE SOBRE FRADIQUE MENDES

Fala-nos Adalgiso Pereira

Fradique Mendes?

- Um bocado de Larousse diluído em água de colônia!

A fórmula, se bem me lembra, é de Junqueiro. De Junqueiro ou de Quental. De Quental? Não. Engano-me. É de...esperem lá.... é de.... Ah! Sim, sim: é de Teixeira de Azevedo.

Enfim – de Azevedo, de Quental ou de Junqueiro, pouco importa. O que importa é verificar lhe a exatidão. E, se me querem vocês ouvir, desde já lhes direi que a tenho por plenamente averiguada. Ainda mais: estou que, neste particular, não há que se lhe diga. É precisa. É cabal. É perfeita. Somente – e por descargo de consciência o faço – confessarei que lhe restringi algum tanto os termos, ampliando lhe, em compensação, a latitude.

Com efeito, no sentir de Azevedo os conhecimentos de Fradique é que não passavam de “bocados de Larousse diluídos em água de Colônia”. Para mim, porém, conhecimentos e portador dos ditos sem esforço se acomodam sob o rótulo que os primeiros aplicou o sentimental patricio de Fradique.

Escandaliza-os o asserto?

Embora! Nem por isso me demoverei da minha. Tenho – e continuarei a ter – para mim que dois dedos de Larousse macerados em água de Colônia bastarão a dar-nos o tipo – admirável, sem dúvida, mas não representativo de inéditas excelências – acerca do qual tanto papel e tanta tinta andam vocês a fazer gastar aos nossos plumitivos.

É o que lhes afianço. Se não, aí têm a receita. Experimentem-na. Tomem porém o cuidado de não errar na dosagem dos símplies. Do contrário, sair-lhes-á o que por aí vemos a cada esquina: Fradiques encharcados em águas mais ou menos de Colônia e, quanto a Larousse, nem pinga!

Não concluem, todavia, do que deixo dito que me seja antipática a interessantíssima pessoa do afilhado de M.me de Jouarre, ou que eu menospreze – longe de mim! – o autor das “Lapidárias”.

Nada disso!

Apenas o que desejo significar-lhes a respeito desse varão ilustre é que ele não representa, aos meus olhos de bárbaro que jamais visitou Athenas, o espelho em que deva mirar-se um vertebrado aspirante a super-homem ou coisa equivalente.

As razões por que assim penso? Fora ocioso enumerá-las. Seria reeditar conceitos já registrados nestas mesmas colunas, em depoimentos anteriores ao presente. De resto, vamos e venhamos: Fradique, no aso vertente, é um pretexto. Figura neste inquérito como Pilatos no

Credo – para me servir de uma imagem nova numa quadra de bolorentas velharias. O que lhes interessa a vocês, bem o sei, não é coligar testemunhos relativos à sua personalidade, se não recolher dados referentes a uma aceitável idealização de vida autenticamente superior. Assim sendo, tratemo-lo como preceitua Platão que se tratem aos poetas – tanto mais que Fradique é da confraria: coroemo-lo de rosas, mas ponhamo-lo fora de portas... E aproveitemos a que se nos abre à sua saída para dizer – ou, mais propriamente, para não dizer - em que se cifra, a nosso ver, o tipo ideal do bípede rigorosamente capaz de suportar com galhardia a responsabilidade tremenda que implicam as duas sílabas deste malbaratadíssimo vocábulo – homem!

O problema é complicado.

Complicadíssimo mesmo, se quisermos encará-lo de perto, buscando esmerilhá-lo. Efetivamente, há dois mil anos, pouco mais, pouco menos, que ele espera por uma solução definitiva. E quem logrou formulá-la? Debalde sobre ele se têm debruçado, a partir de Aristóteles (antes mesmo de Aristóteles, em sua terra e fora dela) gerações e gerações de pensadores – debalde!

A Esfinge não os devora, mas também não consente em revelar-lhes o seu segredo...

Pretenderão vocês a caso que seja eu o Édipo que lhe o arranque!

Espero que não.

Realmente, seria muito exigir de um pobre diabo que nunca entendeu de segredos, menos ainda de esfinges, e de esfinges que se prezam de cabeçudas para não mentirem ao sexo.

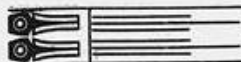
De sorte que...Mas afinal que necessidade temos nós de remontar às origens, mergulhando nas entranhas do problema? Não tomemos a coisa tão ao trágico. Sobretudo – não nos metamos em funduras. Contentem-se, pois, vocês com mais uma solução provisória ao juntar-se aos milhares das que até esta data hão sido propostas. E como já agora não se trata de um carrancudo veredito, mas de um simples e modesto parecer, aqui lhe trago nestas linhas apressadas. Apenas, para lhe dar uma sombrinha de solenidade, o lavro em público e raso, afirmando-lhes que, no meu conceito, o estalão do homem genuinamente representativo da espécie se concretiza, nos tempos que correm, naquele ente apenas concebível, ultraterreno, inverossímil mesmo, que ...não tem dívidas!

Se, não as tendo, esse miraculoso ser também não tiver calos, nem dispepsia – tanto melhor. Bastará, porém, que não tenha dívidas.

Já refletiram vocês no alcance dessa coisa aparentemente secundária que vem a ser o não ter dívidas? Pois reflitam, meus amigos, e verão que, negativa embora, semelhante

circunstância traz no bojo tudo que há de mais positivo no planeta. E não só de positivo, mais ainda de nobre, de elevado, de dignificante, de legitimamente super-humano. Atendem só na soma de requisitos necessários para a consecução de tal desiderato e digam-me lá se é atingível tão alevantado ideal. Por mim, não o creio. E como trago em preparo, já quase a pique para entrar para os prelos, uma alentada tese em que justamente desenvolvo a teoria do “Não dever” como afirmação máxima de superioridade física, intelectual, moral e social, não irei adiante por agora, para não precipitar os acontecimentos. Meditem, pois, vocês no que dito fica, enquanto não lhes é dado saborear a obra prima que lhes prometo – e que, a não ser reclamada por algum sábio Instituto, certamente o será por alguma botica como sucedânea do suco de papoulas.

É o mais que lhe pode suceder.



A NOSSA "ENQUÊTE" SOBRE FRADIQUE MENDES

FALA-NOS JUÓ BANANERE (ALEXANDRE MACHADO)

Será o Frederico Mendese un tipo representativo da vida superior?

A pergunta inzima non stá bé feta, pur causa che si podi intendê di varas maniera.

Podi sê representativo d'aquillo chi rapresenta inzima do tiatro, podi sê representativo d'aquillo chi tê raprepresentaçô sucial i podi sê representativo da quillo chi tê inzistenza reale, arpresentada inzima da a Societá.

Rappresentativo inzima do tiatro non é, che io cunheço tuttos attore i attrice i non tê nisciuno Frederico. Cunheço os miglioires artiste: Titta Ruffo, o Arruda, o Garaso, o Brandó Sobrigno, a Rosina Storechio, a Satanelia, a Beneventi ecc. ecc. ma Frederico non cunheço.

Só si fô o Frederaxi, che stá o «centefóra du Piranga. Ista non sê.

Rappresentativo c'oa representaçô sucial tamê non é, pur causa chi p'ra afazê a representaçô sucial precisa andá di intomobile, cumpanhá os interros dos pissealo impurtante chi morre, sê socio do Intomovel-Club, ecc. Tamê non cunheço nisciuno Frederico nista zona.

Si a prigunta stá nu urtino gaso, intó é asniêra di chi fiz a prigunta. Intó non si vê lógo che illo é un personagio da romanzo? É só a genti lè a «Currispondenza du Frederico Mendese» p'ra vê che non pode sê reale un funzionario come illo. Illo non é né o Duado Prado, né o Eça ne nada, come quere dizê arguns troxa. Andove já si vi un uómo chi cunhece profundamente tuttas riligiô do l'Universimo?

Istu é asniêra! Io che acunheci o Pietro Caporale quano illo vignó qui indo o Brasile, che ajudé o Gristoforo Golombo indiscobri a Ameriga, até oggi só cunheço a riligiô cattolica i assi mesimo inda non sê né os deize mandamente da legge di Gristo! S' imagine si io aóra vó creditá n'un funzionario chi sabe tuttas riligiô intrigna! Penza che io só troxa? Una óva che io só. O Eça dize tamê che illo fui o miglioire poete do l'Universimo, o miglioire jogadore de futebola, che tenia o intomobile maise «xique» i éra o uómo maise inlegante do mundo i tamê che sapeva tuttas cosa. Che garganta! per Baccho!!

P'ra illo sê tuttas istas cōsa saria preico che illo facesse versos tō xique come o Gilio Pignêre, che agiugasse a futebola uguali come o Cesara, que tivesse un intomobile maise gotuba da «baratigna» do Xiquinho, chi fosse maise inlegante do Duado o (Pe-

troleo) i chi sapesse maise do Ri Barboza. Eh! sapé maise do Ri Barboza!! che bobagi! né o Larusse non sabe maise do Ri Barboza, aóra o Frederico é chi á di sapé!!...

O Frederico non passa di un typo indiale: uma criaçô literarima, sê pé né gabeza. Istus nigozio di vivê afazeno verso, tê una piquena chi adora a genti como un anelo, durmi inzima do argodô con agua di colonia i otras robba dista marca, stá uma grandisssima mintira! Inzima da a vida, ma mesimo da vida reale, a genti livanta di manhá



cidigno lava a gara, si vesti, i quano a genti stá si vistino bate na porta, per insempro. Penza chi é a Deusa da Billeza amuntada ingoppa un cisno brango chi vê ti afazê una declaraçô d'amore?

Che speranza! é o friguez da verdura chi vê priguntá p'ra genti si quere acuprá a tumata frisca, o pipino, a bobrigna.... As veiz inda é piôre! é o dono do boteghino da squina chi vê cobrá a genti.

Disposa a genti vai armoçá, ma non vai cumê lingua di begiaflôre insopado con xampagna, né petto di rolinha con prisuntimo! é fijo, arroiz i carne!! si tivê? si non tivê vai cavá un armoço di meia gara nu Zan Bento.

Durante o die, penza chi é p'ra apassá o die intrigno leno puisia, conversáo litteratura, a cavallo inzima das nuvois? una óva! Tê di cavá a vida o die intrigno, atrabagliano chi né un animalo. Atomobile,

taksi, né nada! É alli, inzima do bondi si quize.

Non sendo o Frederico Mendese un tipo representativo da vida superior, quale é na pinio de vostra incellenza o tipo perfetto?

Na migna pinio un nómo p'ra sê perfetto precisa tê cincois qualidadi: 1.) Non sê molhere; 2.) sê xique e inleganti; 3.) tê talentimo; 4.) sabê p'ra burro; 5.) afazê a barba nu migno salô.

A primiêra condiçô é indispensabile pur causa che stá craro che un individo che stá una mulhêre non stá un uómo! i aló disso, só ista gondiçô di non sê molhêre já significa che o gamarata non tê unas porçô di difetto chi tê tuttas molhêre, come a pocrisia, a tratiçô, a pôse, a inguinoranzia, ecc., ecc. Si a genti disi p'ra una molhêre chi ella é banita, ella já penza chi é a maise bunita do l'Universimo! Só tuttas unas cunvençia Di maniera che un nómo, non sendo una molhêre já é una vantagia.

Devi sê xique e inlegante, dico, andá sempre inzima d'a moda. P'ra sê inlegante precisa i tuttas notte nu báro du Municipalo, di tardi tê di tumá o piritivo, indo a città i i s'inhora p'ra a gaza di takisi. P'ra sê xique precisa andá di botigna di vernicia, gollarigno ingomado, tê un granometro Pateco-filippo i afazê o gorso na Vinida tuttos die di tardi ecc. ecc.

A tercera gondiçô é a maise indispensabile do o uómo perfetto. O uómo perfetto segundo a migna pinio, devi tê o talentimo piôre du Ri Barboza! O Hermeze, per insempro, né che illo segia xique e inlegante p'ra burro nunga sará un uómo perfetto, pur causa che o Hermeze non tê talentimo,

Ma non é só talentimo! precisa tamê tê a sapidoria, pur causa che un gamarata chi tê talentimo ma non sabi nada tombê non presta, come o Piedadô per insempro, che tê talentimo p'ra burro, ma non studia; come o Beppino migno figlio chi tê molto maise talentimo do Ri Barboza, ma é un grandisssimo vagabondo. S' imagine che illo apassa inda a livraria do Agarrô, péga un livrio di maise di treis kilo, ispia as fjiura i já fica sabêno o livro intrigno! Ah! che figlio da máia di talentimo!!....

O Ri Barboza non tê tanto talentimo come o Beppino, ma in gonpensaçô sabi p'ra burro: sabi Giografía, intaliano, Midicina, ingreiz, portogheze, africano, turco, e o dott. Gajuada mi disse p'ra mim che illo sabe tamê una lingua xamada «Zan-Christo»

O PIRRALHO

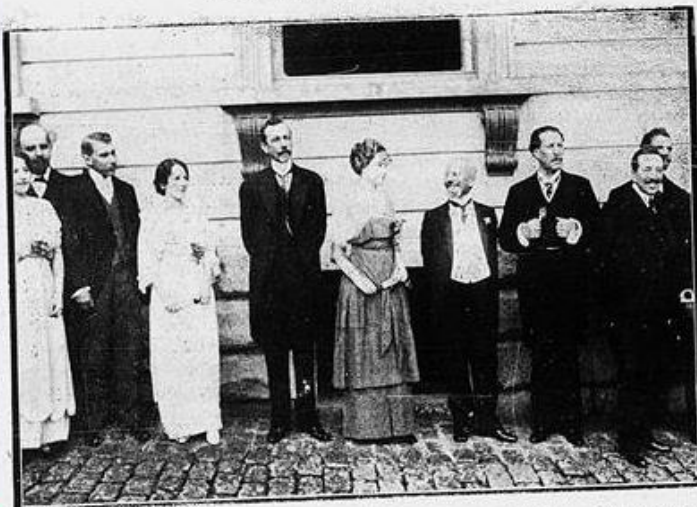
chi dissì chi é una lingua chi già morren. Alé disso illo sabe ainda maisse una purgô di cosa, i sabe afazê també o discorso migliore do Cicero che insugliambô co Catirina nu tempo do impéro romano.

Non vó penzá chi o Cicero che insugliambô co Catirina é aquillo Cicero che gaiu do éreoplano i quibró a perna! Che speranza!

É aquillo Cicero che fui disputado inzima di Roma un tempo che si marrava gaxorro con linguiza, che io parlo! Io acunheci molto elli, pur causa che até fui io chi cavê a inleçô p'ra elli. A urtima gondiçô do nómo perfetto é una gondiçô gapitale perché chi non faiz a barba nu migno salô non é zique, né inleganti, non té talentimo i non sabi nada.

Assi stá poise spricada as gondiçô, segundo a migua balisada pinió, chi devi té un nómo p'ra sê un tipo perfetto. Ma tutta guista robba é asniêra, pur causa que un nómo acussi non podi inzestí: — é una frikô.

Lauro Müller em São Paulo



S. EX.CIA EM COMPANHIA DO PRESIDENTE, VICE-PRESIDENTE E SECRETARIOS DE SÃO PAULO.

O NOSSO CONCURSO

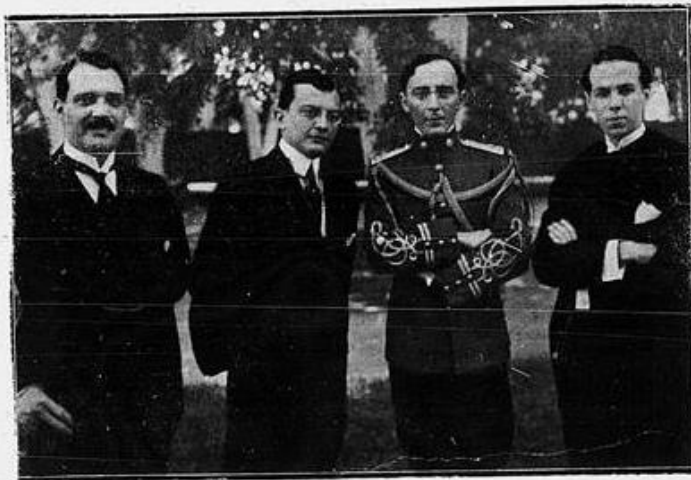
Apuração zuluzenal

N.º 667 — 177 »
» 487 — 168 »
» 3 — 159 »
» 1358 — 158 »
» 979 — 155 »
» 711 — 149 »
» 915 — 145 »
» 509 — 140 »
» 57 — 132 »

N.º 33 — 127 »
» 781 — 130 »
» 1438 — 112 »
» 798 — 110 »
» 88 — 105 »
» 404 — 100 »
» 1009 — 98 »
» 737 — 95 »
» 1370 — 90 »
» 56 — 90 »

N.º 1405 — 87 »
» 400 — 80 »
» 1305 — 78 »
» 1212 — 65 »
» 951 — 60 »
» 1353 — 52 »
» 1510 — 47 »
» 407 — 46 »
» 401 — 39 »
» 1515 — 39 »
» 940 — 34 »
» 953 — 34 »
» 992 — 30 »
» 1449 — 50 »
» 509 — 30 »
» 32 — 28 »
» 29 — 28 »
» 440 — 25 »
» 1083 — 25 »
» 2 — 23 »
» 788 — 23 »
» 820 — 20 »
» 1020 — 20 votos »
» 1472 — 20 »
» 188 — 20 »
» 1012 — 20 »
» 144 — 20 »
» 1029 — 20 »
» 840 — 20 »

Lauro Müller em São Paulo



LAURO MÜLLER FILHO, 1.º TENENTE GENSERICO DE VASCONCELLOS, DR. ARAUJO JORGE E DR. ANTONIO DE S. CLEMENTE, QUE ACOMPANHAM O MINISTRO DO EXTERIOR NA SUA EXCURSÃO ÀS REPUBLICAS PLATINAS.

CONCURSO DO PIRRALHO

Qual é o automovel mais chic que faz o corso na Avenida?

Nº

A NOSSA ENQUETE SOBRE FRADIQUE MENDES

Fala-nos Juó Bananére (Alexandre Machado)

Será Frederico Mendeso um tipo representativo da ita superiore?

A pergunta inzima non stá bê fetta, pur causa che si podi intendê di varas maniéra.

Podi sê rappresentativo d’aquillos chi rappresenta inzima du tiatro, podi sê rappresentativo d’aquillos chi rappresentaçò suciali i podi sê rappresentativo daquillos chi tê inzistenza reale, aripresentada inzima da a sucietá.

Rappresentativo inzima du tiatro non é, che io cunheço tuttoss attore i attrice i non tê nisciuno Frederico. Cunheço os miglioires artiste: Titta Ruffo, o Arruda, o Garuso, o Brandó Sobrigno, a Rosina Storcchio, a Satanelia, a Beneventi ecc. Ecc. ma Frederico non cunheço.

Só si fô o Frederaxi, che stá o “centefóra” du Piranga. Istu non sê.

Rappresentativo c’ao representaçó succiali tambê non é, pur causa chi p’ra afazê a representaçó succiali precisa andá di intomobile, cumpanhá os interros dos pissoalo impurtanto chi morre, sê sócio do Intomovel-club, ecc. Tambê non cunheço nisciuno Frederico nista zona.

Si a prigunta stá nu urtimo gaso, intó é asniéra di chi fiz a prigunta. Intó non si vê logo che illo é un personagio da romanzo? É só a genti lê a “Currispundenza du Frederico Mendeso” p’ra vê che non pode sê reale um funzionario come illo. Illo non é né o Duado Prado, né o Eça né nada, come quere dizé arguns troxa. Andove já si ví un uómo chi cunhece profundamente tuttas religiú do I’Universimo?

Istu é asniéra! Io che aconheci o Pietro Caporale quano illo vignó qui indo o Brasile, che ajudé o Gristoforo Golombo indiscobri a Ameriga, até oggi só cunheço a riligiú cattolica i assí mesimo inda non sê né os deize mandamente da legge de Gristo!? S’imagine si io aóra vó creditá n’un funzionario chi sabe tuttas riligiú intirigna!? Penza che io só troxa? Uma óva che io só. O Eça dize tambê che illo fui o migliori poete do I’Universimo, o migliore jogadore de futebola, che tenia o intomobile maise “xique” i éra o uómo maise inlegante do mundo i tambê che sapeva tuttas cosa. Che garganta! Per Baccho!!

P’ra illo sê tuttas istas cósa saria prciso che illo facesse versos tó xique come Gilio Pignére, che agiugasse a futebola uguali come o Cesara, que tivesse un intomobile maise gotuba da “baratigna” do Xiquinho, chi fosse maise inlegante do Duado (o Petroleo) i chi sapeasse maise do Ri Barboza. Eh! Sapé maise do Ri Barboza!! Che bobagi! né o lariusse non sabe maise do Ri barboza, aóra o Frederico é chi á di sapê!...

O Frederico non passa di un tipo indiale, uma criaçó literarima, sê pé né gabeza. Istus nigozio di vivê afazeno verso, tê una piquena chi adóra a genti como um anelo, durmí inzima do argodó con agua di colonia i otras robba dista marca, stá uma grandississima mintira! Inzima da a vita, ma mesimo da vita reale, a genti livanta di manhá cidigno lava a gara, si vesti, i quano a genti stá si vistino bate na porta, per insempro. Penza chi é a Deusa da Billeza amuntada ingoppa un cisnio brango chi vê ti afazê una diçlaraçó d'amore?

Che speranza! é o frigues da verdura chi vê priguntá p'ra genti si quere acumprá a tumata frisca, o pipino, a bobrigna... As veiz ainda é pióre! É o dono do boteghino da squina chi vê cobrá a genti.

Disposa a genti vai armoçá, ma non vai cumê lingua de begiaflôre insopado com xampagna, né petto di roligna con prisuntimo! É fijó, arroiz i garne!! Si tivé! si non tivé vai cavá un armoço di meia gara nu Zan Bento.

Durante o die, penza chi é p'ra apassá o die intirigno leno puisia, cunversáno litteratura, a cavalo inzima das nuvola? Uma óva! Té di cavá a vida o die intirigno, atrabagliano chi né un animalo. Atomobile, tacsì, né nada! É alli, inzima do bondi si quizê.

Non sendo o Frederico Mendeso un tipo rappresentativo da vida superiore, quale é na pinió de vostra incellenza o tipo perfetto?

Na migna pinió un uómo p'ra sê perfetto precisa tê cincos qualidadi: 1) Non sê molhere; 2) sê xique e inlegante; 3) tê talentimo; 4) sabe p'ra burro; 5) afazê a barba nu migno saló.

A primiera condiçó é indispensabile pur causa che stá craro che un individo che stá una mulhére non stá um uómo! i alé disso, só ista gondiço di non sê molhére já significa che o gamarata non tê unas porçó di diffeto chi tê tuttas molhére come a pocrisia, a traiçó, a pôse, a iguinoranza, ecc., ecc. Si a genti disi p'ra una molhére chi ella é bunita, ella já penza chi é a maise bunita do I'Universimo! Só tuttas unas cunvencida. Di maniera che un uómo, non sendo una molhére já é una vantagia.

Devi sê xique e intelegante, dico, andá sempre inzima d'a moda. P'ra sê inlegante precisa i tuttas notte nu báro du Muncipalo, di tardi tê di tumá o piritivo inda a città i í s'imbora p'ra a gaza di tacsì. P'ra sê xique precisa andá di botigna di vernicia, gollarigno ingomado tê un granometro Pateco-Fillipo i afazê o gorso na Vinida tuttos die di tardi ecc. ecc.

A terceira gondiçó é a maise indispensabile do o uómo perfetto. O uómo perfetto segundo a migna pinió, devi tê o talentimo pióre du Ri Barboza! O Hermeze, per insempro, né che illo segia xique e inlegante p'ra burro nunga sará un uómo perfetto, pur causa che o Hermeze non tê talentimo.

Ma non é só talentimo! Precisa també tê a sapidoria, pur causa che um gamerata chi tê talentimo ma non sabi nada també non presta, come o Piedadó per insempro, che tê talentimo p'ra burro, ma non studia; come Beppino migno figlio chi tê molto maise talentimo do Ri Barboza, ma é un grandississimo vagabondo. S'í imagine che illo apassa inda a livraria do Agarrô, pega um livrio di maise di treis quilo, ispia as figura i já fica sabéno o livro intirigno! Ah! Che figlio da máia di talentimo!!...

O Ri Barboza non tê tanto talentimo come o Beppino, ma in gonpensaço sabi p'ra burro: sabi giograffia, intaliano, midicina, ingreiz, portogheze, africano, turco, e o dott. Gajuada mi dissi p'ra mim che illo sabe també uma lingua xamada "Zan-Cristo" chi dissi chi é una língua chi já morreu. Alé disso illo sabe ainda maise una porço di cosa, i sabe afazê també o discorso migliore do Cicero che insgugliambô co Catirina nu tempo do impéro romano.

Non vó penzá chi o Cicero che insgugliambó co Catirina é aquillo Cicero che gaiu do éreoplano i quibrô a perna!? Che speranza!

É aquillo Cicero che fui disputado inzima di Roma nu tempo che si marrava gaxorro con linguiza, che io parlo! Io acunheci molto elli, pur causa che até fui io chi cavê a inleço p'ra elli. A urtima gondiço do uòmo perfetto é una gondiço gapitale perché chi non faiz a barba nu migno saló non é xique, né inleganti, non tê talentimo e non sabi nada.

Assí stá poise spricada as gondiço, segundo a migna balisada pinió, chi devi tê un uómo p'ra sê un tipo perfetto. Ma tutta guista robba é asniéra, pur causa che un uómo acussí non podi inzesti: é una friccó.